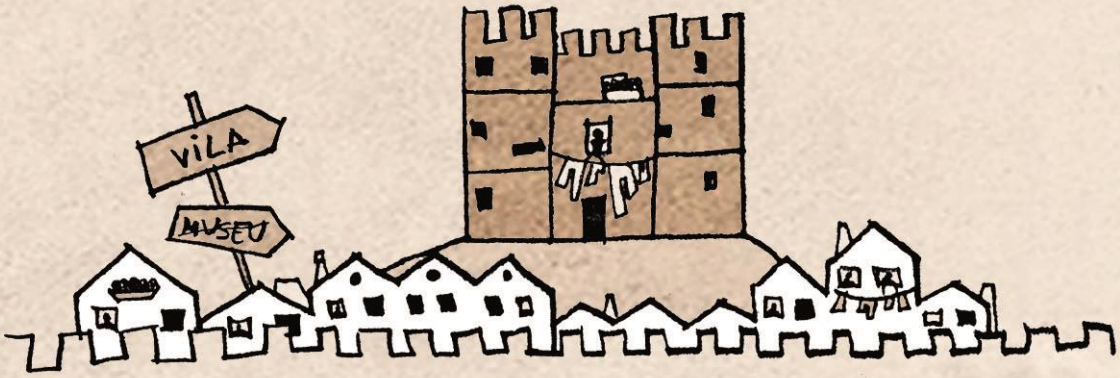


ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL.

Revitalização atípica nas muralhas de Évora Monte

Marta Filipa Teixeira Catalão

(Licenciada em Estudos Arquitectónicos)

Projecto Final de Mestrado para a

Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica

Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

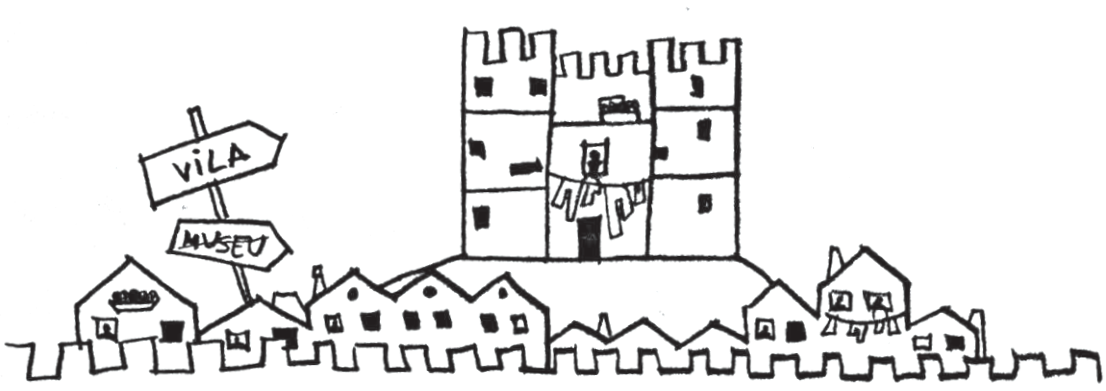
Professora Doutora Maria Manuela Ferreira Mendes

Júri:

Presidente Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Vogal Professor Doutor José António Jacob Martins Cabido

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro, 2021



ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL.

Revitalização atípica nas muralhas de Évora Monte

Marta Filipa Teixeira Catalão

(Licenciada em Estudos Arquitectónicos)

Projecto Final de Mestrado para a
Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica

Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Professora Doutora Maria Manuela Ferreira Mendes

Júri:

Presidente Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Vogal Professor Doutor José António Jacob Martins Cabido

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro, 2021

NOTA: O presente trabalho segue o antigo acordo ortográfico.

RESUMO

TÍTULO

Arquitectura Patrimonial enquanto Suporte Vivencial

Revitalização atípica nas muralhas de Évora Monte

NOME

Marta Filipa Teixeira Catalão

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Professora Doutora Maria Manuela Ferreira Mendes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Lisboa, 2020

O presente trabalho propõe lançar pistas para um discurso crítico, objectivado sobre o caminho seguido na reabilitação reiterada do edificado histórico de valor patrimonial, adoptando uma perspectiva capaz de reverter a tendência museológica que condena lugares do interior de Portugal, como Évora Monte, a tornarem-se espaços turísticos monotemáticos, como receituário exclusivo para redimir os casos em relativa condição de abandono.

Torna-se então pertinente reflectir sobre a possibilidade de regresso a uma vivência plena em contexto rural, convocando a herança patrimonial sobretudo como suporte cultural e social locais, em conjugação com práticas revistas de sustentabilidade.

A revitalização atípica de Évora Monte materializa assim uma hipótese de permanência das pessoas no lugar, através do projecto de um conjunto de tipologias habitacionais de carácter rural e de um dispositivo de apoio comunitário complementar, reclamando a possibilidade de inclusão de uma componente agrícola como catalisador para a produção da arquitectura.

PALAVRAS-CHAVE

Lugar museológico, Lugar habitável,
Ruralidade, Património, Évora Monte.

ABSTRACT

TITLE

Heritage Architecture as Experiential Support

Atypical revitalization on the walls of Évora Monte

NAME

Marta Filipa Teixeira Catalão

ADVISERS

Teacher and Doctor Daniel Maurício Santos de Jesus

Teacher and Doctor Maria Manuela Ferreira Mendes

Integrated Master in Architecture

Lisbon, 2020

The present work proposes to launch evidence for a critic debate, objectified on the path for reiterated rehabilitation of the historic building with patrimonial value, embracing a perspective capable of reverting the museological trend which condemns places, such as Évora Monte, to become monothematic tourism spaces, as exclusive prescription to redeem cases in relative condition of abandonment.

It becomes pertinent to reflect on the possibility of return to a full experience in rural context, summoning patrimonial heritage mainly as cultural and social local support, in conjugation with reviewed sustainable practices.

The atypical revitalization of Évora Monte materializes a hypothesis of people permanence in place, through project of a set of housing typologies with rural character and a device for complementary communitarian support, claiming the possibility of inclusion of an agricultural component as catalyzer for architecture production.

KEYWORDS

Museological Place, Inhabitable Place, Rurality, Heritage, Évora Monte.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores orientadores, Daniel Jesus e Manuela Mendes, pela sensatez e visão do mundo e da arquitectura. Aos meus pais, pelo amor, compreensão e estabilidade da nossa família. Ao meu irmão, pelo companheirismo e encobrimento. Ao Tiago, pelo apoio, paciência e cumplicidade. Aos meus avós, por todo o carinho e sabedoria. Ao meu primo, pela criatividade e ideias fora da caixa. Ao 48, pelas experiências e valores. À Inês e ao João, pela partilha e discordância necessária para chegar até aqui.

Por me manterem os pés na Terra e ao mesmo tempo na Lua,

OBRIGADA.

ÍNDICE GERAL

RESUMO **III**

PALAVRAS-CHAVE **III**

ABSTRACT **V**

KEYWORDS **V**

AGRADECIMENTOS **VII**

ÍNDICE GERAL **IX**

ÍNDICE DE FIGURAS **XI**

ÍNDICE DE TABELAS **XXI**

INTRODUÇÃO **1**

I. O TEMPO MUSEOLÓGICO **9**

I.I. (RE) VISITAR ÉVORA MONTE 13

I.II. O LUGAR MUSEOLÓGICO 29

I.III. O LUGAR IMAGINADO 47

II. O TEMPO PRESENTE **59**

II.I. O LUGAR VIVIDO 63

II.II. O IMAGINÁRIO ALTERNATIVO 91

II.III. O LUGAR DA 2ª RURALIDADE 105

III. O (RE) VERSO DO FUTURO **137**

III.I. O CONFRONTO 141

III.II. O PROJECTO 147

CONSIDERAÇÕES FINAIS **179**

BIBLIOGRAFIA **183**

WEBGRAFIA **189**

ANEXOS **191**

ÍNDICE DE FIGURAS

1 | ÉVORA MONTE: A Vila vista da muralha, observada pelo Paço 15
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

2 | ÉVORA MONTE: início da fuga à condenação I 16
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

3 | ÉVORA MONTE: início da fuga à condenação II 18
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

4 | ÉVORA MONTE: sinais de mudança 20
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

5 | ÉVORA MONTE: ruas caiadas e silenciosas 22
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

6 | ÉVORA MONTE: marcas vivenciais 23
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

7 | ÉVORA MONTE: ruas caiadas e o Paço, ao alto 24
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

8 | ÉVORA MONTE: a torre sineira 26
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

9 | Alicerces do património histórico pré terramoto de 1531 31
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

10 | Chaminés e construção tradicional mediterrânea 32
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

11 | Paço de Évora Monte 34
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

12 | Interior do Paço: abobadamento nervurado e colunas chanfradas 36
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

13 | Interior do Paço: Remates a granito 36
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

14 | Igreja da Misericórdia 38
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

15 | Ermida de Santa Margarida 38
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

16 | Alicerces do património histórico pós-terramoto de 1531 41
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

17 | Baluarte poente e espaço público 42
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

18 | Porta do Freixo 42
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

19 | Postal de Évora Monte I, Cinders 44
Fonte: The Place at Evoramonte.

20 | MONSARAZ: Marcas do tempo 48
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

21 | MONSARAZ: A Rua Museu 50
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

22 | MONSARAZ: Tratamento da fachada 52
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

23 | MONSARAZ: A Vila vista da muralha 54
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

24 | MONSARAZ: uma das Lojas de Artesanato 56
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

25 | ÉVORAMONTE: à espera de compra 66
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

26 | ÉVORAMONTE: memória de alguma casa 66
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

27 | ÉVORAMONTE: casas com duas frentes 68
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

28 | ÉVORAMONTE: espaço exterior de uma casa 68
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

29 | ÉVORAMONTE: rua principal 70
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

30 | ÉVORAMONTE: rua secundária 70
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

31 | ÉVORAMONTE: a ruína de alguma casa em pedra 72
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

32 | ÉVORAMONTE: um pátio pavimentado com tijoleira vermelha 72
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

33 | ÉVORAMONTE: destacamento das paredes I 73
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

34 | ÉVORAMONTE: destacamento das paredes II 73
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

35 | ÉVORAMONTE: o estacionamento e o espaço público 74
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

36 | ÉVORAMONTE: ruas de terra batida 74
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

37 | Percursos: pedonal e viário, 1:2000 80
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

38 | Alojamento local - Postal de Évora Monte II, Cinders 82
Fonte: The Place at Evoramonte.

39 | ÉVORAMONTE: anfiteatro a observar a vista 82
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

40 | Encontro com a história - Postal de Évora Monte III, Cinders 84
Fonte: The Place at Evoramonte.

41 | ÉVORAMONTE: marcas de esperança 84
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

42 | A visitar I- Postal de Évora Monte IV, Cinders 86
Fonte: The Place at Evoramonte.

43 | A visitar II- Postal de Évora Monte V, Cinders 86
Fonte: The Place at Evoramonte.

44 | Despedida - Postal de Évora Monte V, Cinders 89
Fonte: The Place at Evoramonte.

45 | *Desaparecimento da Cidade*, Broadacre City, 92
Frank Lloyd Wright, 1934-1958
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

46 | S. PEDRO DA GAFANHOEIRA: Monte dos Testos 96
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

47 | As Respigadoras, Jean-François Millet, 1857 98
Óleo sobre tela (83,8x111,8), Museu de Orsay, Paris.
Fonte: https://www.thaisslaski.com.br/jean-francois-millet-o-realismo-rural/ (consultado a: 04-12-20)

48 | THE COURSE OF EMPIRE: The Arcadian or Pastoral State, 99
Thomas Cole, 1834.
Óleo sobre tela (100,3x161,2), New York Historical Society.
Fonte: https://highlark.com/thomas-cole-the-course-of-empire-the-arcadian-or-pastoral-state/ (consultado a: 04-12-20).

49 | Desruralização, Álvaro Domingues, 2011 102
Fonte: Domingues, 2011, p. 82-158.

50 | *INCORPORATION*, Sébastien Marot, 2019 109
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

51 | *NEGOCIATION*, Sébastien Marot, 2019 111
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

52 | *INFILTRATION*, Sébastien Marot, 2019 113
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

53 | *SECESSION*, Sébastien Marot, 2019 115
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

54 | Miniatura extraída de Le Livre des prouffitz campestres, Pierre de Crescens, século XV (manuscrito 5064), Biblioteca Nacional de Paris 120
Fonte: Goff, 2007, p.29.

55 | Hortas de operários em Suresnes, 1943 121
Fonte: Goff, 2007, p.29.

56 | NOVA ALQUIMIA,
New Alchemy Intitute, Nancy & John Todd, 1969 124
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

57 | REEDUCAÇÃO PROFISSIONAL, *Déchets*, Julie Nahon, 2019,
a partir da pintura de As Respigadoras, Jean-François Millet, 1857 126
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

58 | ESQUIZOFRENIA, Martin Étienne, 2018 128
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

59 | "Nas grandes cidades, aglomerações que crescem dia após dia com os números de mortos.", São Paulo, 2020. 132
Fonte: https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/07/em-pior-momento-da-covid-19-no-brasil-aglomeracoes-aumentam-tragedia-naturalizada-diz-fiocruz/ (consultado a: 08/01/21).

60 | ÉVORA MONTE: Idealização de compra e venda 144
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

61 | Estratégia urbana, 1:2000 147
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

62 | Agregação da Casa Alentejana, 150
QUINTA DA MALAGUEIRA, Álvaro Siza Vieira, Évora, 1977.
Fonte: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-140004/clasicos-de-arquitectura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza
(consultado a: 20/11/20).

63 | Vivência nas ruas e aparecimento de veículo, QUINTA DA MALAGUEIRA, Álvaro Siza Vieira, Évora1973-77. 151
Fotografia: The Architectural Review
Fonte: https://www.archdaily.com/592436/reflections-on-alvaro-siza-s-quinta-da-malagueira-communist-housing-scheme-in-evora
(consultado a: 8/12/20).

64 | Esquemas das frentes representativas da casa, sem escala 152
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

65 | Corte identificativo de intervenção, sem escala 155
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

66 | Plantas da tipologia de casa grande m2, 1:200 156
Fonte: Elaborado pela autora, 2020

67 | Plantas da tipologia de casa pequena m2), 1:200 157
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

68 | Corte da agregação das duas tipologias habitacionais, 1:200 158
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

69 | Paredes de taipa, Peroguarda, Ferreira do Alentejo 160
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 153-155.

70 | Elevação de paredes com taipal 160
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 153-155.

71 | Ecobuilding, Marrakesh, Simo Bouswir, 2018. 161
Fonte: https://www.instagram.com/simobouswir/ (consultado a: 09/01/21).

72 | Adobe Ecobuilding, Marrakesh, Sino Bouswir, 2018. 161
Fonte: https://www.instagram.com/simobouswir/ (consultado a: 09/01/21).

73 | Habitação em adobe, caiada a branco, com poial e gigantes (contrafortes) em pedra 161
Fonte: Correia, 2002, s.p.

74 | Estrutura mista de betão e taipa, CASA EM BEJA, Bartolomeu da Costa Cabral, 2006-2008. 164
Fotografia: Manuel Botelho, 2014.
Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bartolomeu_Costa_Cabral_Moradia_no_Alentejo_2_img_6870.jpg#filehistory
(consultado a: 8/12/20).

75 | Processo construtivo - estrutura mista de betão e taipa, CASA RAUCH, Martin Rauch, Austria, 2004-2008 165
Fotografia: Beat Bühler
Fonte:http://www.tectonicablog.com/docs/tectonica_boltshauser_casa%20rauch.pdf (consultado a: 8/12/20).

76 | Cobertura em madeira com forro de pinho pintado de branco e caixilharia de madeira de pinho, 166
Fonte: https://www.booking.com/hotel/pt/casas-caiadas-47-whitewashed-houses.pt-pt.html (consultado a: 8/12/20).

77 | As chaminés e o beirado à portuguesa na casa caiada, 166
CASAS CAIADAS, Pereira Miguel Arquitectos, 2014.
Fonte: https://www.booking.com/hotel/pt/casas-caiadas-47-whitewashed-houses.pt-pt.html (consultado a: 8/12/20).

78 | Emprego da cal, Alegrete, Portalegre 168
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 152; 177.

79 | A cal – quase como elemento de símbolo 168
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 152; 177.

80 | Reformulação da casa alentejana: *W House*,
João Cassiano Santos, 2008. 169
Fotografia: Miguel Coelho, s.d.
Fonte: https://www.archdaily.com/110565/w-house-joao-cassiano-santos (consultado a: 29/12/20).

81 | Reabilitação sistema construtivo em pedra, taipa
e adobes e acabamentos em rebocos naturais -
Monte em São Martinho, Odemira, Terra Palha, 2017. 169
Fonte: https://terrapalha.com/projetos/reabilitacao-de-monte-em-odemira/ (consultado a: 8/12/20).

82 | Pavimento de ladrilho sobre estrutura de madeira, Elvas 170
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 161;163.

83 | Forro de cobertura 170
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 161;163.

84 | Pavimento de terracota bege, Renovação de habitação em Castelo de Vide, Terra Palha 2019. 170
Fotografia: Cristina Rodrigues Pinto, 2019.
Fonte: https://www.instagram.com/p/B37me3Mn-Zs/ (consultado a: 8/12/20).

85 | Feira, Alvito 172
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 141.

86 | Mercado de Fusão do Martim Moniz, 2018. 174
Fonte: http://lisboa.convida.pt/poi/see-do/mercado-de-fusao-martim-moniz-7769 (consultado a: 25/11/2020).

87 | Mercado de Santa Maria da Feria, Fernando Távora, 1953. 175
Fonte: https://espacodearquitetura.com/eventos/reclaiming-the-use-of-fernando-tavoras-municipal-market-of-santa-maria-da-feira/ (consultado a: 7/11/20).

88 | Saint Jerome in his Study, Antonello da Messina, 1475 176
Óleo sobre madeira de tília (45,7x36,2)The National Gallery, Londres.
Fonte: https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/sao-jeronimo-em-seu-gabinete-antonello-da-messina/ (consultado a: 25/11/2020).

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 | Guião de observação 65

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Tabela 2 | Algumas características dos/as entrevistados/as 77

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

INTRODUÇÃO

O interior de Portugal encontra-se remetido a uma condição de relativo abandono, assimétrico em relação à ocupação do litoral atlântico, ao mesmo tempo que a vida nas grandes cidades (aí localizadas em esmagadora predominância) se apresenta ameaçada pelo sobre crescimento e pela insustentabilidade económica e social. À medida que avançamos no tempo, à vista de uma perspectiva histórica genérica, os contrastes vivenciais entre os contextos ditos rural e citadino tendiam a aumentar. Não obstante, à luz de uma emergência ambiental latente e das ameaças que se prefiguram à manutenção de um modo de vida exclusivamente urbano, parece agora que a possibilidade de imaginar um futuro a longo prazo implica uma análise sobre o que acontecerá aos lugares remotos do interior, e sobretudo, de como estarão e como viverão as pessoas que povoam ou pensem repovoar um tal contexto.

Como tantas outras povoações históricas, Évora Monte, circunscrita entre muralhas e isolada no topo de uma colina, a 478m de altitude, cristalizou no tempo.

A freguesia conta apenas com 569 habitantes (INE, 2011), sendo que, segundo as contas dos locais, apenas 12 vivem, permanentemente, no interior do perímetro amuralhado, onde cerca de 40 habitações, 2 igrejas, o Paço, um cemitério e uma cisterna, completam o espaço. Trata-se de um local, por um lado, com fácil acesso a Espanha, com vista dominante sobre a paisagem alentejana circundante, entendida pelos instrumentos de salvaguarda como área de interesse público, classificada como património nacional e constrangida a especial protecção. Por outro lado, observa-se aqui um cenário de abandono vivencial e lamenta-se o desperdício de um potencial para gerar e suportar vida, sobre uma base material (tão) qualificada.

Assim, do interesse pela paisagem alentejana e de um sentido afectivo sobre este lugar, uma "pretérita" vila medieval situada no alto da Serra d'Ossa, decide-se indagar sobre as possibilidades da arquitectura contribuir para a hipótese de revitalização de Évora Monte, e de algum modo, reverter a tendência museológica que condena o lugar a um testemunho inerte de outros tempos.

Surge assim a questão de como é que a revitalização de um lugar esquecido pode criar uma nova centralidade ou um novo interesse para a região, e consequentemente tornar o interior num lugar com potencial onde é atractivo não só estar e visitar, mas sobretudo viver?

Para tal, imagina-se que a hipótese da revitalização de Évora Monte possa contribuir para potenciar as dinâmicas sociais e económicas da região, e consequentemente, contribuir para tornar "o interior" num lugar que possa ser novamente habitável. Levanta-se no seguimento a questão sobre que dispositivos arquitectónicos (que tipologia e que configuração) serão susceptíveis de contribuir para suportar a residência permanente em contexto rural, sem comprometer a identidade e a memória do lugar? Introduz-se uma hipótese que reinterpreta a cultura vivencial pretérita e a conjuga com uma renovada aptidão, através da implementação de variantes da tipologia de habitação rural, trazendo complexidade ao lugar e rompendo com a ideia do espaço 'limpo' para a visita museológica, agregando-a à figuração prosaica de um mercado ocasional para escoar uma potencial produção corrente. Isto implicará ainda alguma revitalização ao nível do espaço público e funcional de toda a vila muralhada, para a capacitar melhor ao decurso de uma vida quotidiana sustentável e auto-suficiente. Para isso, são integrados dois dispositivos auxiliares no espaço colectivo, respectivamente em versão permanente e ambulatória: o

primeiro, na vizinhança do Paço de Évora Monte, capaz de sinalizar e infraestruturar a possibilidade de um comércio informal, decorrentes da possibilidade de cultivo rural; o segundo, no interior do edifício patrimonial, trata-se de uma peça de mobiliário, capaz de inaugurar novas variáveis no uso cultural do espaço do edifício do Paço.

De modo a responder às circunstâncias apresentadas, o Projecto Final de Mestrado deverá incluir uma vertente prática e uma vertente teórica naturalmente correlacionadas, através de duas possibilidades de análise, uma via fenomenológica e uma via analítica. À primeira corresponderá uma interpretação assente no domínio da percepção e (da mera) intuição, formadas a partir de uma experiência efectiva e afectiva do lugar, de modo a destilar um sentido e uma compreensão do quotidiano a partir de situações peculiares ali vivenciadas. Esta leitura foi complementada com a observação directa das actividades e modos de estar, assim como as conversas informais, com o objectivo de conhecer a realidade, hábitos e necessidades para dentro das muralhas de Évora Monte. Já a sobre a via analítica – a que corresponde uma interpretação mais objectiva do lugar, recai uma análise aos dados pré-existentes e relativamente factuais, como a leitura histórica – onde foram analisados casos de referência de vilas medievais, morfologicamente semelhantes a Évora Monte, mas que tomaram destinos diferentes – ou as variáveis estatísticas relativas à população e outros artigos documentais, como são caso alguns inquéritos realizados por questionário directo aos intervenientes do local, desde residentes a trabalhadores locais e visitantes, tendo-se coligido este conjunto de dados segundo uma interpretação SWOT, para melhor potenciar o seu valor operativo.

O principal objectivo do trabalho será, enfim, contribuir para reverter a ideia tipificada de que um lugar com peso patrimonial

se tenha que tornar, obrigatoriamente, num "centro museológico". Tecnicamente, para realizar a aproximação ao objectivo conceptual do trabalho, foi necessário estabelecer campos de análise específicos, que distinguem e identificam as semelhanças ou diferenças entre quem vive num ambiente rural e quem vive num ambiente citadino, assim como identificam as semelhanças e diferenças entre quem vive dentro ou fora das muralhas de Évora Monte. Depois, de um ponto de vista projectual, caberá sintetizar toda a interpretação segundo um conjunto de proposições, nomeadamente:

- (Re) pensar o modo de reabilitar um lugar com história, revitalizando-o de maneira a que este possa ser de novo habitado;
- (Re) pensar nas possibilidades para revitalizar um lugar circunscrito por muralhas;
- (Re) activar um lugar esquecido e parado no tempo;

Trata-se ainda de resolver o prévio sem colocar em causa a vontade de:

- Preservar o sentido de identidade e de coesão da população local;
- Preservar a memória e paisagem do mundo rural num local mais desenvolvido e habitável.

O documento inaugura-se com a apresentação do lugar de Évora Monte, seguido de uma delineação de questões, hipóteses, objectivos de trabalho, abordagens de projecto e a contextualização dos capítulos que solidificam o argumento que se quer aqui apresentar.

Avança-se para o primeiro capítulo com uma leitura perceptiva de uma revisita a Évora Monte que tenta colocar em evidência a actual realidade do lugar. Assim, utilizando como referente a abordagem de Marta Prista (2019), à *Vila Medieval*, procuram

apreender-se as alterações e as peculiaridades do lugar. De forma complementar, teve-se em linha de conta os estudos de Paulo Pereira (2004), que apresenta uma leitura mais historicista do lugar, mais precisamente do que se conhece da evolução do património histórico ao longo dos anos. No mesmo contexto, faz-se a comparação a Monsaraz, entendido como um lugar morfologicamente semelhante, mas que se apresenta com acrescida definição vocacional, no que concerne ao seu destino.

O segundo capítulo inicia-se com a admissão de que Évora Monte, devido à condição excepcional do seu passado, estará condenada a um usufruto meramente turístico. Do ponto de vista institucional e das práticas da conservação e do restauro, em recintos patrimoniais que fazem parte de um sistema complexo de rememoração histórica, um lugar como parece exclusivamente vocacionado para uma valência museológica. Não obstante, porque o futuro se apresenta – por definição – em aberto, interrogam-se aqui outra possibilidade, nomeadamente, a de contrariar práticas mais recorrentes ao nível da gestão do património a bem de tornar Évora Monte um lugar livre para habitar, ainda que assente numa base historicista. Tendo Évora Monte suportado e gerado vida noutras épocas, caminhou-se com base nas potencialidades e vulnerabilidades que se encontram ao lugar, de acordo com entrevistas realizadas, assim como com o contacto de diferentes usuários do espaço, enunciando-se a hipótese de voltar a ser habitável.

No sentido de revitalizar Évora Monte na perspectiva de uma vivência quotidiana, a história deverá ser intersectada pelo tempo presente, a montante e a jusante da particularidade daquele lugar. Abordam-se por isso as representações do tempo lento, desde a concepção patrimonial do lugar museu à ideia do

rural imaginado e habitável, baseada na *Vida no Campo*, de Álvaro Domingos (2011).

O capítulo terminará com a antítese à conservação do património, onde serão enunciadas as possibilidades de um regresso ao campo, *A Caminho da 2º Ruralidade* (Covas, 2012), a bem da inclusão da agricultura em complementaridade com a arquitectura. A ideia de reabilitar a cerca medieval estará assente num suporte biofísico que se percebe adequado e caminhará no sentido da auto-suficiência dos recursos endógenos, com base na produção local.

Chega-se ao terceiro capítulo com a materialização do dispositivo arquitectónico adequado à fixação de famílias no lugar, através do desenvolvimento de uma tipologia de habitação rural, desdobrada em número suficiente de variantes, para o adequado ajuste à morfologia urbana e ao declive topográfico. Esta proposta é acompanhada por um esboço de mercado, para sinalização do lugar-comum, entre o âmbito local e o informal, acrescido de uma intervenção minimalista no Paço, capaz de lhe acrescer funcionalidades. Ambas as propostas ganham solidez através da inclusão de materiais locais e naturais, havendo por trás desta decisão um raciocínio mais sustentável e inclusivo, num lugar onde a importância ambiental e cultural é imperativa.

Termina-se sublinhando a ilustração de uma arquitectura produzida em contextos históricos e patrimoniais, susceptível de garantir a liberdade e a possibilidade de revitalização de vilas medievais, como de outros espaços rurais do interior de Portugal, deixando para reflexão um tipo de intervenção que parte da hipótese de regresso ao campo, mais sustentável e menos dependente de uma dicotomia estrita e sectorialmente delimitada entre produção e consumo, assente num estilo de vida saudável e criativo.

I.

O TEMPO MUSEOLÓGICO

“Steven Holl chega a dizer sem nenhum atrevimento.

> “A arquitetura […], mais plenamente que as outras artes, envolve a imediatez de nossas percepções sensoriais. [...] Enquanto o poder emotivo das outras artes, como a pintura, cinema e música, é indisputável, apenas a arquitetura pode despertar simultaneamente todos os sentidos, todas as complexidades da percepção” (Scarso, 2016, p.1054).

No campo da arquitectura, Steven Holl considera o modo de viver o espaço essencialmente corpóreo, nesse sentido compete ao arquitecto encontrar-se com o carácter experiencial do lugar, começando o trabalho de projecto "em primeira pessoa", com várias visitas ao lugar, traduzidas "não apenas em mapas, fotografias e medidas, mas sobretudo em sugestivos desenhos em aquarela" (Scarso, 2016, p.1056). Segundo Pérez-Gomes também citado por Scarso (2016), pretende-se que a arquitectura seja sensível ao carácter da nossa experiência, desenvolvendo-se originalmente não no campo do conhecimento ou técnica, mas sim enquanto uma experiência corpórea e sensorial, considerando assim que a arquitectura consiste na "organização de um espaço vivido em primeiro lugar no plano perceptivo" (Scarso, 2016, p. 1052).

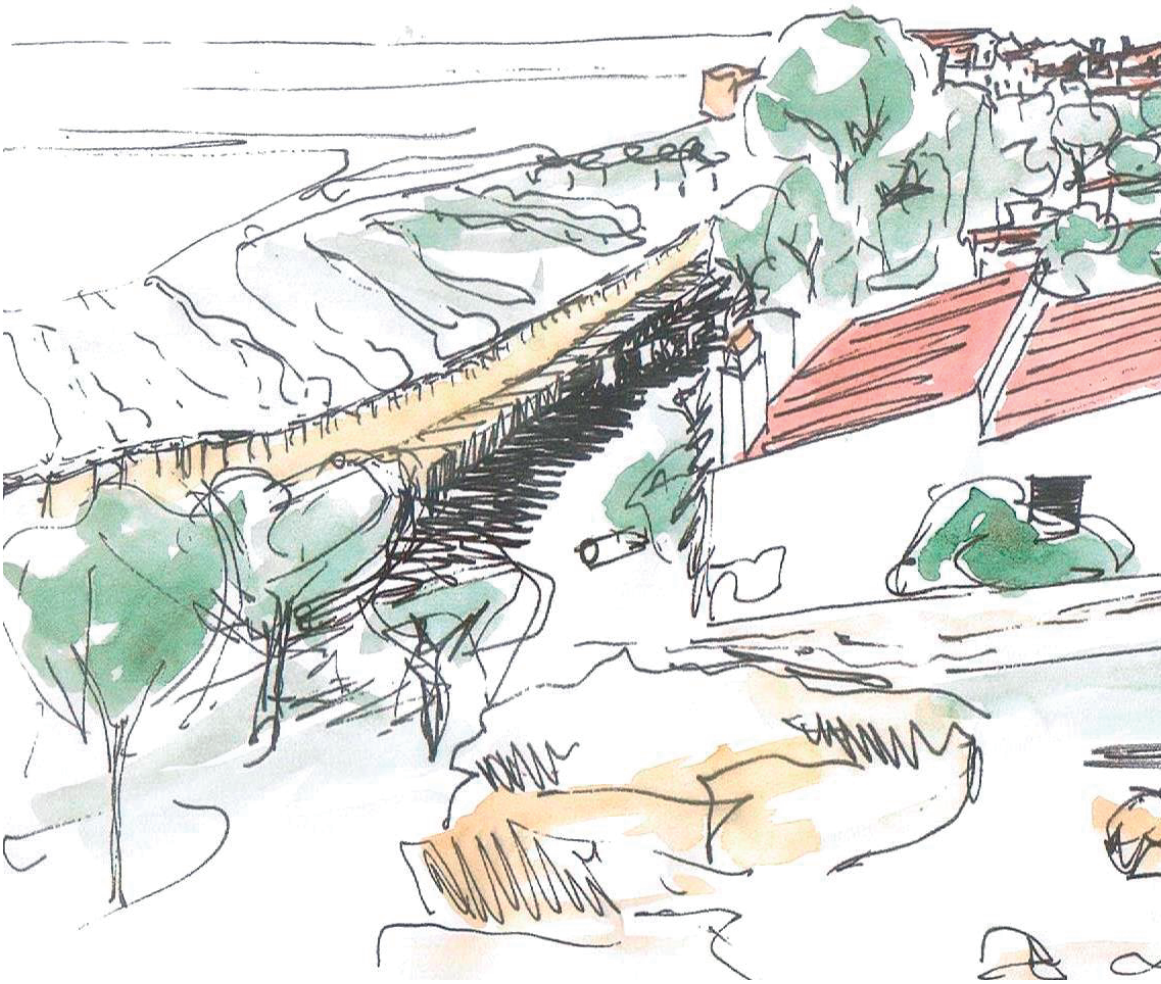
De acordo com o pensamento *husserliano* a essência do conhecimento e a sua validade partem de uma verdade intuitiva, proveniente da percepção, que pode ser entendida como um dado de análise (Costa, 2014).

Compreender o lugar de Évora Monte implica uma leitura perceptiva do seu contexto único, que nos permita partir do mesmo ponto de análise, para mais à frente e melhor equipados, lidar com as variáveis e as invariantes analíticas.

Da interpretação intuitiva primária, baseada na experiência do lugar, parte-se para uma análise do passado histórico-patrimonial de referência que fundamenta uma condição museológica a que está condenada a Vila Medieval de Évora Monte. Faz-se ainda a comparação a uma Vila morfologicamente semelhante a Évora Monte, Monsaraz.

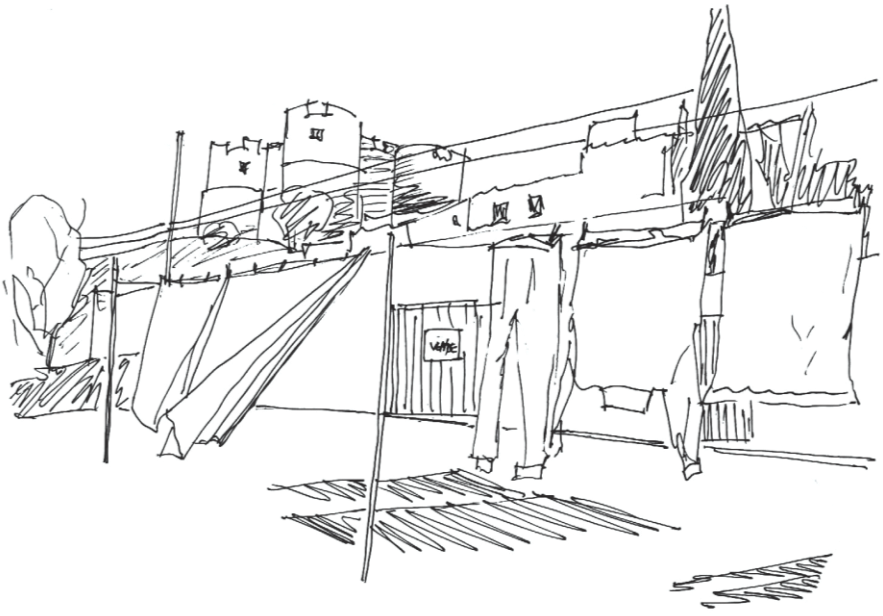
I.I. (Re) visitar Évora Monte

"Em vez de estendais de roupa lavada, agora tinha sinais de trânsito. Nas paredes onde vi miniaturas de janelas em gesso, antes expunham-se chouriços e animais embalsamados. Os fios eléctricos e telefónicos tinham desaparecido, como que numa inversão do tempo. Os canteiros de flores haviam encolhido, talvez devido à passagem insistente de tanta gente. Dos escombros da muralha tinham-se feito ruínas da muralha." (Prista, 2019, p.25)





1 | ÉVORA MONTE: A Vila vista da muralha, observada pelo Paço
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



2 | ÉVORA MONTE: início da fuga à condenação I
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A chegada é feita a pé ou de carro, iniciando na zona baixa da freguesia de Évora Monte, de onde se avista o Castelo, no alto da serra. Sobe-se em direcção ao Castelo por uma estrada a pique. Os carros param pouco depois de cruzar a muralha por uma porta de arco gótico entre torres, numa pequena área de terra batida junto a uma casinha em ruínas.

Depois de olhar à volta já dentro da vila medieval decide-se subir à muralha (Figura 1) por umas estreitas e altas escadas, não estivessem estas ladeando a porta por onde se entrou. Percorrem-se antes de mais as duas torres, e de seguida os baluartes espreitando, meio ao pé-coxinho, tentando perceber o que escondem no seu interior. Apenas vegetação e algumas pedras caídas.

Da muralha avista-se a paisagem, a nova auto-estrada que leva a Espanha e as vilas e aldeias circundantes. Voltados para o interior observam-se os pátios das casas, com pavimentos de tijoleira e videiras ou oliveiras que ensombram os espaços.

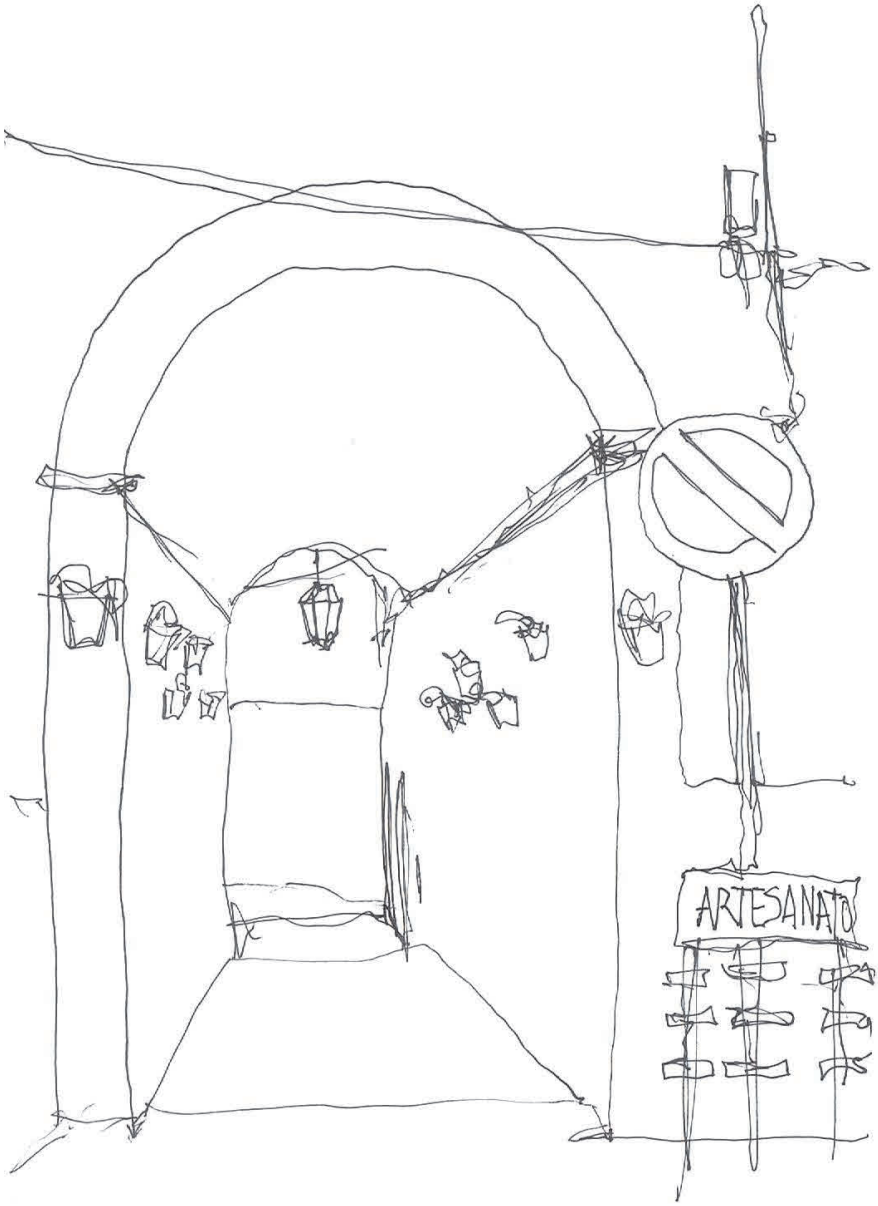
Invade-se uma parte mais baixa da muralha para ver de perto algo que chama a atenção no interior da vila: uma corda de roupa estendida, entre varas, junto a uma casa que anuncia garagem para venda, a coberto do Paço, como monumental pano de fundo (Figura 2).



3 | ÉVORA MONTE: início da fuga à condenação II
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Sobe-se novamente à muralha do lado onde se veem oliveiras desorganizadas entre muros de pedra (Figura 3) e se vai acompanhando a vista da paisagem, e se avista uma ermida, e outras povoações. Encontra-se a descida que leva ao portal de entrada da Vila, também ele gótica. Espreita-se para fora das muralhas e segue-se em direcção a uma igreja no interior da Vila, até ver fechada. Depois da desilusão (da porta, irredutível), ladeada de um espaço vazio de terra batida, avistam-se novos torreões e volta-se a subir à muralha passando ao lado de um cemitério, onde é possível espreitar entre muros para as campas silenciosas.

Ainda a percorrer a muralha, chega-se de nível à cisterna, de onde se vê um banquinho à sombra de uma árvore, num espaço praticamente de terra batida. Mais à frente, num canto, outra igreja, também ela renitente e fechada. Sobe-se uma pequena rua de pedra, passa-se por outro portal gótico de canto, de onde se entrevê outra ermida ao fundo. Vê-se agora de perto o Paço, respeitoso, no cimo da colina no centro da Vila. Para o alcançar, percorrem-se escadas em espaço público "quase" tratado, assentos de pedra a ladear o caminho de terra, de onde se observa a paisagem para lá das muralhas. Contorna-se o castelo para encontrar a porta de entrada. Finalmente, um primeiro encontro: uma simpática moradora da vila, de guarda ao Paço.



4 | ÉVORA MONTE: sinais de mudança
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Visitando primeiro o piso térreo, conhece-se a história através de placares e alguns achados históricos exibidos, que a testemunham. Pelas escadas em caracol chega-se aos pisos seguintes, ambos vazios, espreita-se pelos vãos que convidam a luz a entrar ao fundo das lareiras. Do terraço volta a observar-se a paisagem e, mais altos agora, distinguem-se os telhados vermelhos e os espaços devolutos, e novamente os pátios e os quintais com oliveiras.

Já fora do Paço, desce-se por um pequeno trilho em direcção à rua principal, entre o alojamento turístico e a antiga câmara, agora, a facultar provas de vinhos, onde um túnel atravessa o edifício e conduz a outra rua (Figura 4).

A rua de pedra ainda desce, entre casinhas caiadas de branco, ofuscadas pelo sol (Figura 5). Algumas delas, com portas de molduras calcárias góticas, vasos de flores, e um carro dissonante. Em frente ao carro, uma pequena loja de artesanato com as inevitáveis relíquias: ímanes, cortiças, pano-cru, castelinhos e uma segunda prova de vida pessoa, o negociante optimista.



5 | ÉVORA MONTE: ruas caiadas e silenciosas
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



6 | ÉVORA MONTE: marcas vivenciais
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

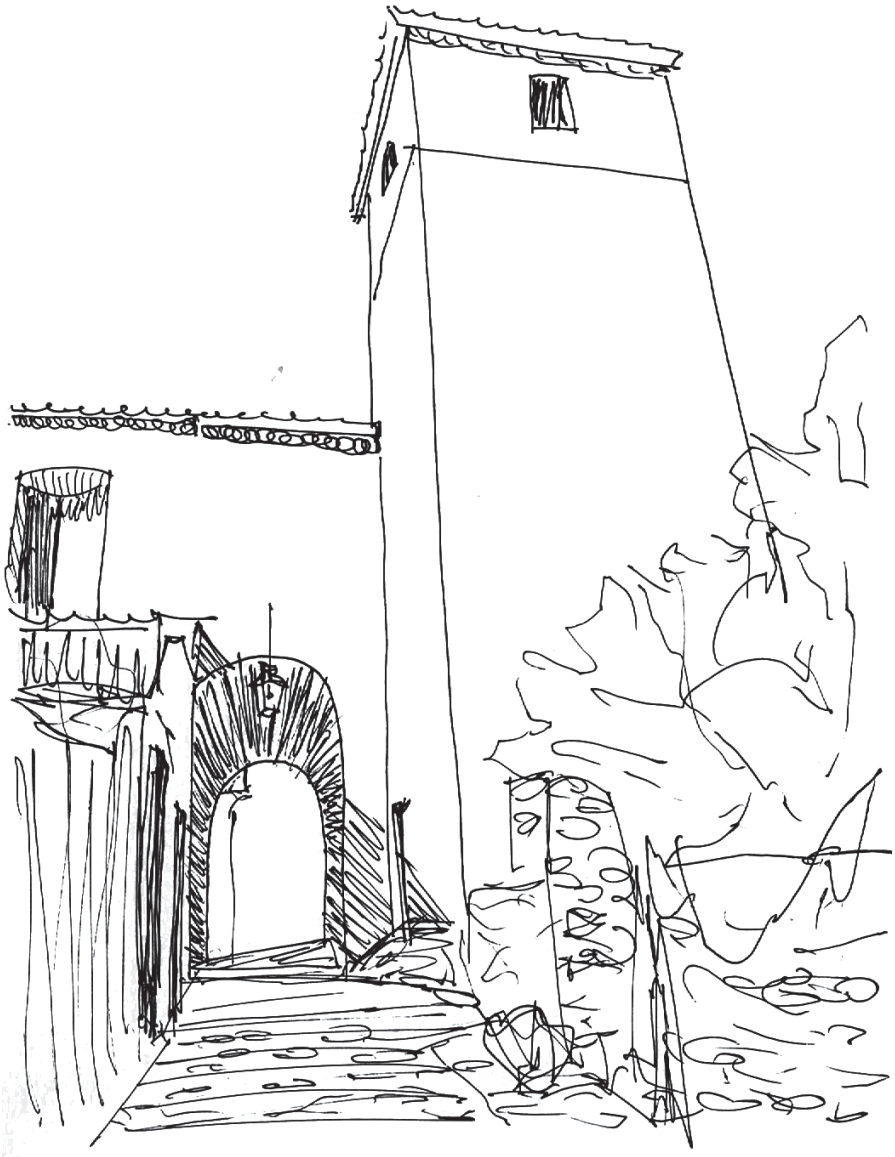


7 | ÉVORA MONTE: ruas caiadas e o Paço, ao alto
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

À beira da igreja principal, com um carro encostado a aproveitar a sombra, enche-se o cantil na fonte da esquina e contorna-se o quarteirão. À esquerda, as traseiras das mesmas casas, e à direita, terreno baldio indefinido.

À medida que se caminha, as casinhas caiadas surgem bem-apresentadas e limpas (Figura 5). Em alguns pontos percebe-se que haverá proprietários da casa e da terra, que até viverão aqui, no entanto, sem se deixar ver (figura 6).

Ao fundo, de novo o Paço erguido (Figura 7).



8 | ÉVORA MONTE: a torre sineira
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Mais à frente torna a encontrar-se o túnel da antiga Câmara, ladeado pela torre sineira e as casas de banho públicas, abertas e higiénicas (Figura 8). Aqui, tal como na *Vila Medieval*, "As paredes eram imaculadas de branco, não havia lixo no chão apesar de quase não ver caixotes, nem vestígios dos cavalos que puxavam as charretes. Até a casa de banho pública cheirava a lavado. Não me lembrava destes pormenores quando a visitei décadas atrás." (Prista, 2019, p.24)

O passeio continua entre uma zona de muros e oliveiras, por cima cruzam cabos eléctricos, de uma rua vê-se a outra, por caminhos de terra batida. E por essa rua se retoma, em direcção ao castelo, percebido e entendido como ponto de referência da Vila. No muro contínuo de pedra que define a rua, mais à frente, à direita, duas portas preservam os arcos góticos, que sobrevivem à passagem do tempo.

Termina-se o percurso no mesmo sítio, lamentando-se o pouco movimento de gentes e a escassez de referências para um quotidiano actual de Évora Monte. Apresenta-se ao visitante como um lugar parado no tempo, assente nesse suporte patrimonial, que parece carregar imóvel, até aos dias de hoje.

Deixa-se a colina para trás, com a ideia reforçada de que um suporte vivencial adequado, respeitador do passado, talvez pudesse imprimir uma renovada vitalidade ao lugar de Évora Monte.

I.II. O lugar museológico

O presente subcapítulo pretende analisar a herança histórico-patrimonial de Évora Monte, seguindo-se de perto o estudo realizado por Paulo Pereira (2004), o qual se considera o mais completo e referenciado neste âmbito.

No alto da Serra da Ossa avista-se *Évoramonte*[1], que desde cedo se consagrou como um ponto estratégico e fortificado. Acredita tratar-se de um antigo povoado árabe conquistado por D. Afonso Henriques em 1166, apoiado pelas forças coordenadas pelo guerreiro Geraldo Sem Pavor. Mais tarde é concedido foral a *Évoramonte* por D. Afonso III em 1248, conferindo-lhe autonomia administrativa apenas a partir de 1271 (Pereira, 2004).

Território passado várias vezes de mãos em mãos, em 1306, é D. Dinis quem manda construir o castelo e implementar um circuito de muralhas medievais de forma triangular, seguindo a morfologia do cabeço de *Évoramonte*, iniciando assim o sistema de fortificação defensivo, tipicamente gótico, da antiga vila, onde dele se conservam ainda as cinco portas (Pereira, 2004).

A partir do século XIV a vila conheceu muitos novos senhores, depois de doada a D. Nuno Alvares Pereira por D. João I, e mais tarde cedida ao Conde de Arraiolos, seu neto, passou a fazer parte do Ducado de Bragança, em 1461 (Pereira, 2004).

[1] O presente subcapítulo: *O lugar museológico,* aborda a Évora Monte historicista, nesse sentido é apresentada com a antiga denominação *Évoramonte*.

1 | Porta do Freixo (portal de volta quebrada com dois torreões cilíndricos)

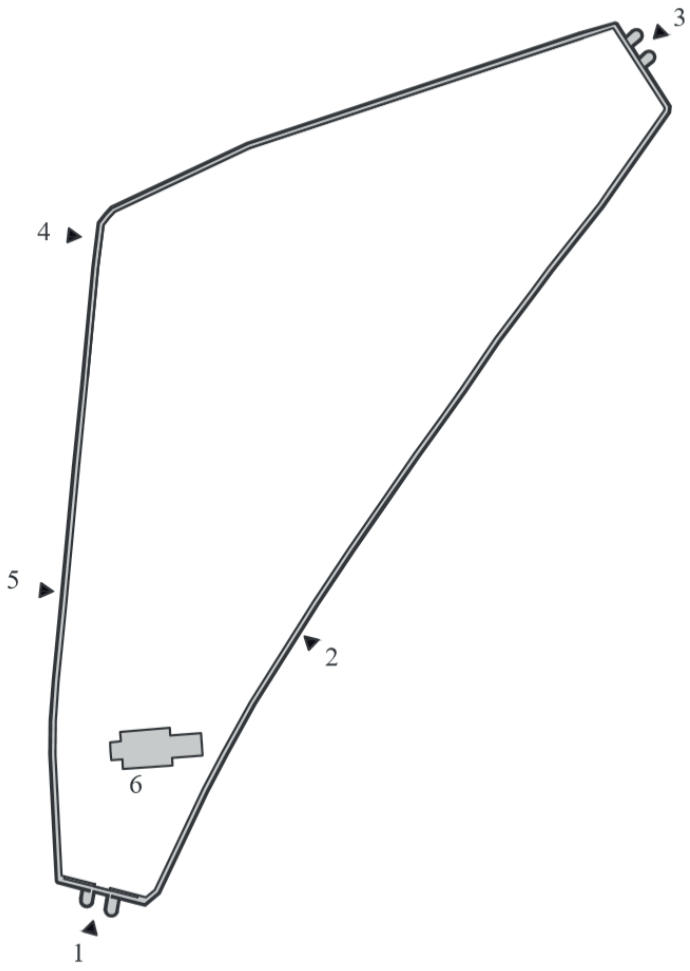
2 | Porta de São Brás (gótica)

3 | Porta do Sol ou Porta da Vila (arco gótico com torres flanqueantes)

4 | Porta de S. Sebastião (portal gótico amplo)

5| Postigo ou porta secundária

6 | Igreja de Nossa Senhora da Conceição, 1271 (traçado tardo-gótico)



9 | Alicerces do património histórico pré terramoto de 1531
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



10 | Chaminés e construção tradicional mediterrânea
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

Em 1531, um forte abalo sísmico destrói a torre de menagem. É D. João III que ordena a reconstrução e restauro da vila, que se encontrava a cargo de D. Jaime I, Duque de Bragança. Évoramonte torna-se zona de experimentação da arquitectura militar moderna: fazem-se erguer estruturas defensivas, tendo agora em conta o uso de armas de fogo. Erguem-se cinco baluartes redondos, desenhados e levantados por Francisco de Arruda, nos ângulos das muralhas medievais e passa-se à construção de uma nova torre, o Paço de Évoramonte (Pereira, 2004).

A reconstrução do povoado de Évoramonte teve como base construtiva a tradicional construção mediterrânea: são utilizados o tijolo vermelho na edificação das paredes, assim como a estrutura em tabique e a cal branca é aplicada no revestimento das paredes, enquanto a abobadilha alentejana completa as diferentes câmaras, sendo recobertas no exterior por telhas redondas (Pereira, 2004).



11 | Paço de Évora Monte
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

A poderosa edificação do Paço de Évoramonte, que substitui conceptualmente a torre de menagem destruída pelo terramoto, ergue-se segundo uma planta centrada, de configuração quadrada, com quatro bastiões que lhe definem os ângulos e que se edificam em três tambores que se estreitam em forma telescópica, de baixo para cima. O edifício é distribuído por quatro pisos: o piso térreo ou loja, o primeiro e segundo sobrados e o terraço com piso de tijoleira, marcado por canhoneiras (Pereira, 2004).

A fachada definindo três pisos é marcada por uma cornija boleada que circunscreve todo o contorno. Entre as torres, vãos rectangulares com moldura granítica ou de alvenaria, de capialço profundo, são utilizados no seguimento dos nós que fazem a continuação da cornija, não apenas como motivos decorativos, mas também de forma a evocar a heráldica do Ducado de Bragança (Pereira, 2004).





12 | Interior do Paço: abobadamento nervurado e colunas chanfradas
13 | Interior do Paço: Remates a granito
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

O Paço de *Évoramonte*, não obstante tratar-se de um edifício notável, não deixa de obedecer, tal como o restante povoado da vila, à cultura construtiva tradicional utilizada no Sul de Portugal (Pereira, 2004).

Foi utilizada a alvenaria de pedra granítica e xistosa local, agregada a pedaços cerâmicos e argamassa de cal, dando consistência ao edifício. No interior das salas do Paço, a tijoleira serve a construção do abobadamento nervurado, oferecendo leveza à estrutura e resolvendo os problemas de tensão mecânica, na descarga nas paredes. À solução estrutural juntam-se as colunas das salas do Paço, torsas e chanfradas, independentes, de onde se enraízam as nervuras e se sustentam os panos da abóbada. Tal como as colunas, também os vãos das portas, janelas e frestas fazem parte de um elaborado trabalho de granito. Para o revestimento exterior do Paço foi utilizada uma cal cinzenta cimentícia, normalmente usada em edifícios militares, oferecendo ao edifício uma superfície lisa, unificada e robusta, digna da ostentação defensiva do fortificado (Pereira, 2004).

O aspecto militar do Paço de *Évoramonte* lembra uma autêntica plataforma de artilharia. No entanto, dada a sua decoração arcaizante e manuelina, o mais certo é que tenha servido de residência de caça e não como dispositivo de guerra, para além da sua presença como símbolo do poder do Ducado e de monumento na paisagem, visível a uma grande distância. (Pereira, 2004).





14 | Igreja da Misericórdia
15 | Ermida de Santa Margarida
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

Recuperada a dignidade da vila, nascem também novas construções religiosas envolvendo a vila medieval. Começando pela Ermida de Santa Margarida do século XVI, de volumetria simples e clara, de influência árabe, respeitando as técnicas construtivas do património mediterrâneo do Sul da Europa e Norte de África, caiada e localizada sobre a paisagem. Também a Ermida de S. Sebastião apresenta as mesmas características, fazendo-se representar com a capela-mor de cúpulas em calote esférica. Com um traçado tardo-gótico surge ainda a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que apesar dos arcos quebrados góticos nas portas principal e lateral Norte, apresenta no seu perfil um carácter mais renascentista, com um alpendre monumental com abóbada de cruzaria provido de dois contrafortes em granito. Ainda a Igreja da Misericórdia, esta já de carácter unicamente renascentista, também com alpendre e com abóbada de berço, assente em colunas de mármore de ordem toscana em bases de granito, provavelmente construída ao mesmo tempo do Paço – apesar de ter, entretanto, sofrido alterações posteriores. Junta-se aos edifícios notáveis da vila a antiga Câmara de *Évoramonte*, de 1787, de tipologia tradicional, de apenas dois pisos, com uma torre sineira, simbólica até ao dia de hoje. (Pereira, 2004).

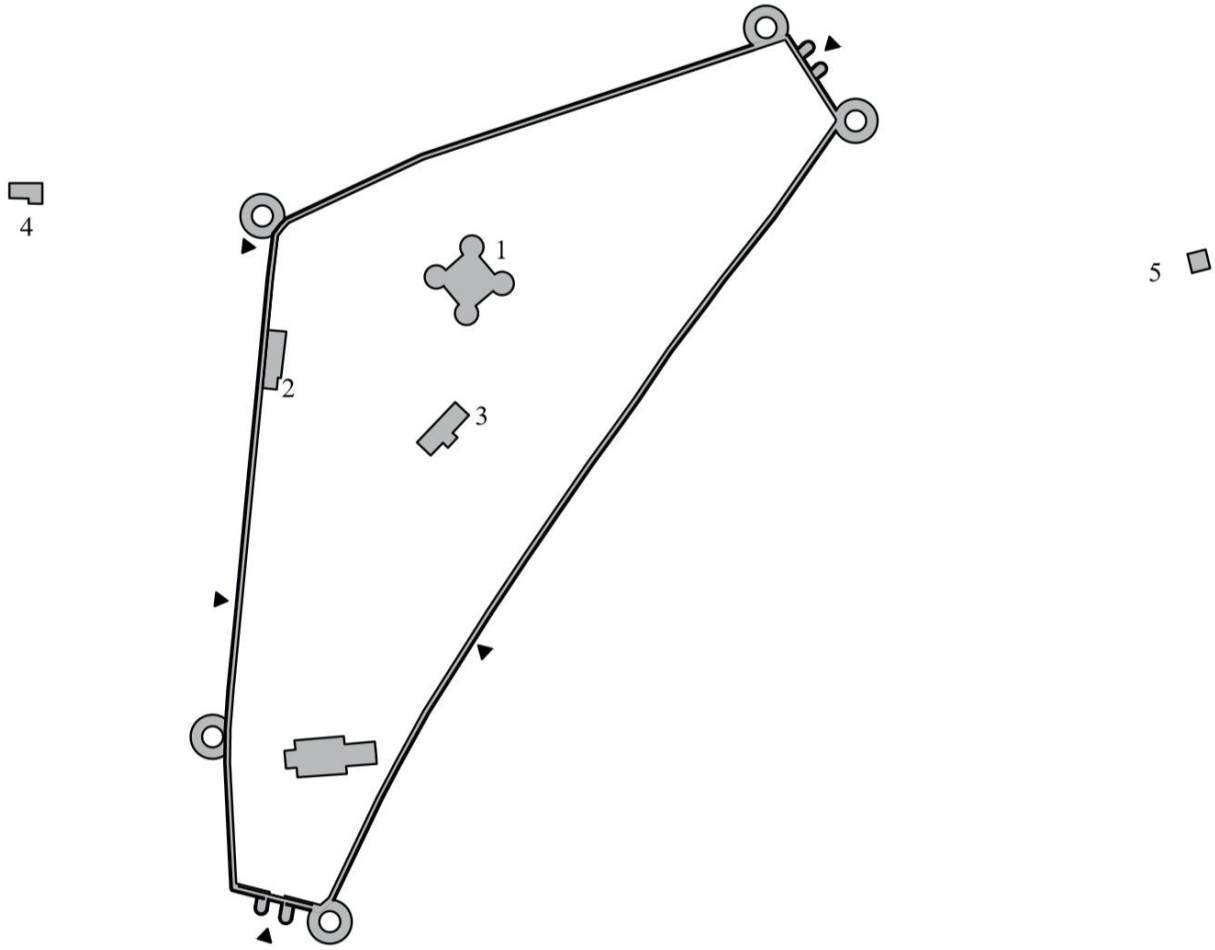
1 | Paço de *Évoramonte*

2 | Igreja da Misericórdia, 2ª metade século XVI

3 | Edifício da antiga Câmara, 1787

4 | Ermida de S. Sebastião

5 | Ermida de Santa Margarida, 2ª metade século XVI



16 | Alicerces do património histórico pós-terramoto de 1531
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



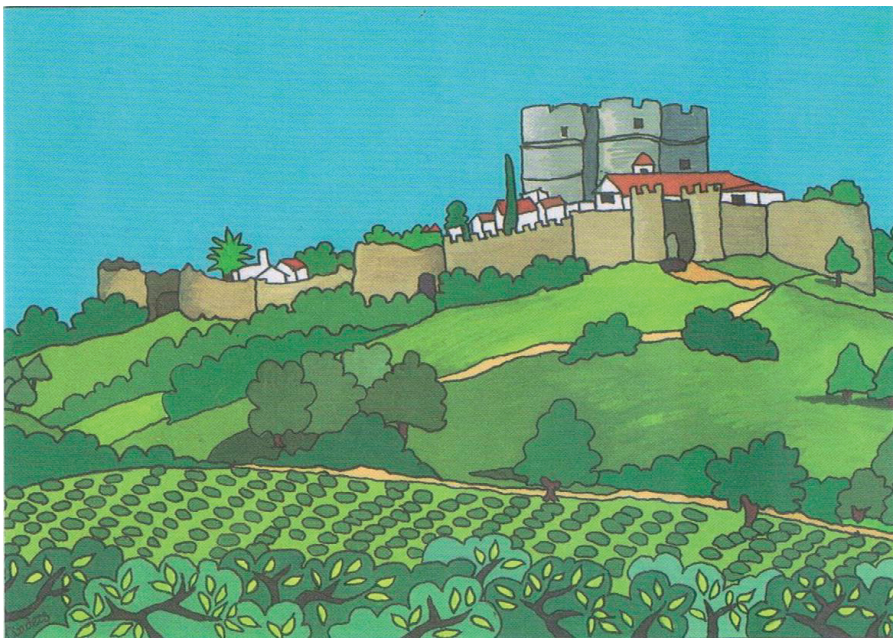


17 | Baluarte poente e espaço público
18 | Porta do Freixo
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

O Terramoto de 1755 vem causar novos danos na vila medieval, danificando uma boa parte da fortaleza, desmoronando as coberturas das torres, o que levou ao seu subsequente abandono. Ainda assim, anos mais tarde, em 1834, é assinada a Convenção de *Évoramonte*, assinalando simbolicamente a paz que conclui a guerra entre absolutistas e liberais.

Entre 1944 a 1973 *Évoramonte* recebe obras de restauro, desta vez por parte da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, a contribuir para uma reabilitação que apenas será definitivamente concluída em 1986.

Actualmente, encontra-se Évora Monte numa situação análoga à *Vila Medieval* ilustrada por Marta Prista (2019): o património fortificado condena-o ao uso museológico, enquanto lugar desprovido de vivência quotidiana significante, mas sobejamente ilustrativo de história e dotado de correspondente valor patrimonial. Pode ser visitada, mais do que habitada: Évora Monte implica o percurso pelas muralhas enquanto se avista a paisagem e sugere a visita do Paço. A sua fruição assenta nas reabilitações patrimoniais que se sucederam e às quais Évora Monte agradece, hoje, a digna existência, persistindo como valor testemunhal da história de antepassados cujas marcas se entrecruzam no local.



19 | Postal de Évora Monte I, Cinders
Fonte: The Place at Evoramonte.

É certo que se reconhece uma ideia poética à possibilidade de habitar um castelo: isso cria um mito em torno de quem lá efectivamente vive, como se de figurantes da história se tratassem: "« Foi a magia de viver num castelo» […] que levou a *Vila Medieval* a fazer parte das primeiras iniciativas no arranque do turismo moderno em Portugal." (Prista, 2019, p.31).

A circunstância de morar nestas Vilas com cicatrizes da passagem do tempo, visíveis em cada esquina de igreja ou troço de muralha, incorpora condicionantes particulares. Compreende-se agora a base histórica e de certa forma monumental e pitoresca em que Vilas como Évora Monte se desenvolveram ao longo dos tempos, e de onde parte a condição museológica.

A possibilidade de "imaginação da História" é o principal produto de comércio na *Vila Medieval*, não é a agricultura nem as vivências que definem o lugar, mas o património ali conservado, bem cuidado, tudo limpo e sem mácula: "Venham e tirem a fotografia.»" (Prista, 2019, p. 31-32).

I.III. O lugar imaginado

> "Nossa experiência de realidade atual está inundada com imagens percebidas, recordadas e imaginadas. A fase atual da indústria cultural é caracterizada diversas vezes como a "cultura das imagens" […] Vivemos em uma cultura que fabrica e produz imagens em série com propósitos de exploração comercial, condicionamento político e ideológico, instrução e entretenimento." (Pallasmaa, 2017, p. 93)

Entra-se num museu de cenografia medieval, rústica e antiga. Parece que nos fala ao ouvido da história do lugar, de tanto quanto aconteceu até à nossa chegada. No entanto, um olhar demorado e atento leva a interrogar a veracidade da moldura pintada e pensada para os visitantes, cristalizada no tempo na época desejada. Como se não tivesse existido história posterior, como se estas pessoas que ainda lá vivem tivessem parado, medievais, num tempo que não é o delas. Não podem ter também elas direito ao seu próprio tempo? - Indaga-se, a bem do argumento.



20 | MONSARAZ: Marcas do tempo
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A cidade-museu não existe para ser habitada por alguém, mas para ser o sonho de outrem. Nas *Cidades Invisíveis* (Calvino, 2015), encontram-se as cidades que cada viajante espera encontrar e que depois de conhecidas expressam a desilusão de não serem o esperado. Existe sempre a expectativa de que seja melhor do que o que já se conhece. E esta expectativa passa sempre pela experiência própria de cada um, imagina-se que responda de forma positiva às lacunas que se associam às próprias cidades reconhecíveis pelos visitantes (Calvino, 2015).

Análoga à *Vila Medieval de* Marta Prista (2019), apresenta-se também a Vila de Monsaraz, outra ou a mesma *Vila Medieval* que partilha a condição da realidade de "salvaguarda do património", regida por um Plano de Regulamento administrativo, ao qual se devem adequar todos os programas e projectos de intervenção. Esta restrição implica condições quanto à ocupação, utilização, protecção e valorização ambiental e patrimonial, com vista a salvaguardar a morfologia medieval, no que diz respeito ao tratamento de edificações, alçados, alinhamentos, modelações de terreno, distribuição volumétrica, entre outros, que se podem encontrar descritos no Plano de Pormenor de Salvaguarda de Monsaraz (2016) elaborado pelo Arquitecto João Luís Carrilho da Graça, enquanto coordenador de uma equipa técnica prolixa, composta por vários profissionais sediados em diferentes áreas científicas.



21 | MONSARAZ: A Rua Museu
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Certo é que Monsaraz, a topejar uma colina destacada na planície sobre o Vale do Guadiana, ocupando uma posição previligiada na paisagem, se viria a tornar ao longo dos anos um lugar de romaria turística e cultural, escolha infalível para um passeio de Domingo, pois quem visita o Alentejo não pode perder a visita ao "berço do concelho", não obstante a vida efectiva (económica, social e política) se ter, entretanto, trasladado para Reguengos de Monsaraz. Morfologicamente semelhante a Évora Monte no que toca à especificidade da existência intra-muros, também Monsaraz, conquistada aos mouros por Geraldo sem Pavor, subsiste como mero testemunho de uma herança histórica semelhante a Évora Monte.

Apesar de se tratar de um município com uma área de implantação inferior a Évora Monte, Monsaraz apresenta uma maior densidade populacional, contando com 782 habitantes (INE, 2011), no entanto, os dados de recenseamento da população de 1991, apontam para 1192 habitantes que residiam na altura no município, e em que apenas 100 habitavam o conjunto intramuros (Amendoeira, 1998). A vila fortificada embrionária esteve anos em deterioração, não só pela perda da sua função defensiva, mas também condenada pela escassez de serviços e pela consequente dificuldade em transformar o interior da cerca de modo a suportar novas práticas e requisitos vivenciais. Com o passar dos anos a população envelheceu, e com essa erosão de vitalidade perderam-se também as atividades ditas tradicionais, que faziam parte do quotidiano e do modo de vida dessa pretérita ocupação.



22 | MONSARAZ: Tratamento da fachada
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Várias intervenções foram ali feitas no âmbito da conservação, onde a fortificação medieval foi reconstruída, respeitando-se os usos materiais e técnicos de (cada) época. Acontece que hoje, de forma a manter a malha urbana medieval, os alinhamentos de alçado previstos pelo Plano de Pormenor de Salvaguarda de Monsaraz (2016), existe, literalmente, uma fachada cristalizada no tempo. Uma fachada, limpa e cuidada, onde sobrevém algo inusitado: a luz natural directa que se avista por baixo das portas de entrada de algumas habitações. Os telhados das casas vão caindo por falta de gente que as habite, mas as fachadas vão sendo remendadas como um cenário. Aqui se encontra a "«invenção» da Vila trazendo o turismo para a conversa" (Prista, 2019, p. 31) e entrando na conversa do turismo, e incontornavelmente obrigados a falar no património e na influência que este tem para que o turismo resulte, pois é a história que alimenta este desígnio de "querer visitar e querer conhecer". Talvez, não só a história enquanto monumento, mas a história vivida passada do lugar, o que leva a crer que "na Vila Medieval, não havia património sem turismo, nem turismo sem património, e com os dois vinham histórias e atores e experiências bem distintas" (Prista, 2019, p. 21).

A ideia das cidades postais descritas por Calvino (2015) traduz a sensação de visitar a *Vila Medieval*, onde também aí existe uma procura pelo parecer do espaço, aquilo que ele oferece não provir de uma dinâmica presente intrínseca, mas de uma hipérbole desconfigurada sobre o que até hoje perdura – neste caso, os marcos do património.



23 | MONSARAZ: A Vila vista da muralha
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

José Saramago, na *Viagem a Portugal* (Saramago, 2018) dirige-se a Monsaraz dizendo:

> "entristece-se de pensar que Monsaraz seja sobretudo uma fachada. Há também injustiça nisto: não falta aí quem tenha criado corpo e espírito entre as muralhas deste castelo, nestas empinadas travessas, na sombra fresca ou gelada das casas sem conforto. Em Monsaraz vive o de fora e o de dentro, o que vem repousar de gostos e maus gostos da cidade, o que de gostos conhece pouco mais que o travo das vidas que só para os olhos tem grandes horizontes." (Saramago, 2018, p.443)

A vila é hoje lugar museu assente num suporte patrimonial, ou não fosse uma das suas principais atividades de animação cultural e turística o festival "Monsaraz, Museu Aberto", que ali decorre desde 1986. O espaço deixa de valer pelo seu carácter vivencial e passa a caracterizar-se por intervenções que sublinham a sua condição representativa de uma pressuposta história. Monsaraz esquece-se de quem a habita (ou poderia habitar…), para responder a quem o visita.



24 | MONSARAZ: uma das Lojas de Artesanato
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

É neste ponto que Évora Monte e Monsaraz se cruzam no projecto, como objectos ou referentes potenciais para uma expectativa de transformação. Ambas as localidades são consideradas "pólo turístico com grandes potencialidades no Alentejo" (Amendoeira, 1998, p.67) e serão facilmente capazes de suscitar ao visitante uma "romântica nostalgia do passado" (Amendoeira, 1998, p.67).

Monsaraz "escolheu" embarcar no destino predestinado, onde a autenticidade foi negligenciada em favor de vários "subjectivismos estéticos." (Amendoeira, 1998, p.124)

Com base na anterior leitura perceptiva do lugar e da representação do seu tempo histórico, a hipótese que aqui se ensaia vem distanciar Évora Monte de Monsaraz, na medida em que, devido eventualmente à dimensão mais reduzida e a uma localização mais isolada, terá estagnado à espera da justa vocação: até ver, não se encontra em condição excessivamente turistificada, dependente da referida assunção patrimonial. No entanto, no ponto em que se encontra hoje, de relativo abandono e deterioração, carece de pressuposta requalificação, desta vez de acordo com outro conjunto de premissas, susceptíveis de valorizar a residência permanente em detrimento da fruição temporária que caracterizam as derivas turísticas. O presente trabalho serve por isso de ensaio para um tipo de intervenção não-conforme com a rendibilidade a curto prazo e pretende-se ilustrativo de uma alternativa (entre outras), para este tipo de contexto.

II.

O TEMPO PRESENTE

Absolvições ao Património

Do ponto de vista institucional e das práticas da conservação e do restauro, em recintos patrimoniais que fazem parte de um sistema de rememoração histórica, um lugar como este é vocacionado à museologia.

Assim, à revelia da importância que se reconhece à valorização do património, não é a sinalização do tempo histórico que se procura aqui, mas a activação de uma possibilidade vivencial alternativa para o tempo presente.

A bem de tornar Évora Monte num lugar aberto, irão contradizer-se as indicações ao património e a ideia do museu como destino. Não se trata, no entanto, de destruir a muralha ou comprometer o castelo, ou qualquer outro marco histórico, pois a memória será respeitada por essa via, mas não se quer que a ideia associada ao lugar recaia apenas no valor historicista.

Deste modo, com base em estratégias de observação directa, na análise de entrevistas feitas no local e na análise de dados estatísticos, a investigação pretende perceber a vivência individualizada e comprometida do lugar que caracteriza o quotidiano, tendo em conta que "o lar é uma expressão da personalidade do morador e de seus padrões de vida únicos." (Pallasmaa, 2017, p. 16)

Tendo em conta o estado actual de Évora Monte, também se ensaia a análise a partir do referencial *Vida no Campo* (Álvaro Domingues, 2011), onde o lugar rural é caricaturado enquanto espaço corrompido e impuro, de certa forma fatalmente urbanizado.

E por fim, reclamar-se-á a favor da inclusão da agricultura como desígnio conceptual, de acordo com um predicamento que deve ser (ali) pensado inseparável e em complementaridade com a arquitectura.

II.I. O lugar vivido

Segundo Durkheim, "partimos do princípio de que o espaço é, tal como o tempo, uma "categoria do entendimento", ou seja, ambos são (…) representações colectivas que exprimem realidades colectivas (…) coisas sociais, produtos do pensamento colectivo" (Durkheim citado por Silvano, 1997, p. 3). O espaço engloba mais do que o próprio território, o espaço é algo que é sentido, e que tem de ter sentido, pois ordena algo que é heterógeneo. Onde tudo é diferente e culmina num todo, que é comum a todos. Pode dizer-se que a vivência de um espaço é sentida de forma diferente por quem o habita diariamente e por quem o visita ocasionalmente, e no entanto, todos esses intervenientes fazem parte da representação colectiva desse espaço.

Para analisar o lugar de forma mais consciente e sintetizada importa perceber que tipo de vivências e que tipos de pessoas usam o espaço de Évora Monte. Como tal, recorreu-se a técnicas de observação directa com recurso a um guião de observação e acompanhadas de conversas informais, a diferentes dias/horas da semana.

Para além das idas a Évora Monte por ocasião de um reconhecimento pessoal, foram programadas deslocações específicas para informar um processo de observação directa, com três sessões de três/quatro horas – a primeira, sábado, 16 de Novembro de 2019, a partir das 10h; a segunda, sexta-feira, 19 de Junho de 2020 a partir das 15h; a terceira, quarta-feira, 12 de Setembro de 2020, a partir das 9h.

Das três sessões de trabalho de campo, apenas a primeira foi realizada antes do início da pandemia do Covid-19, tendo as duas seguintes decorrido durante a pandemia e com as condições e limitações que a situação exigia.

Conversámos informalmente com 14 pessoas, convocando-se para o efeito residentes, empreendedores, outros agentes económicos e visitantes do local. A "amostra qualitativa" foi consideravelmente variada e surpreendente, pois não só abrangeu diferentes idades – entre os 20 e os 70 anos – como também encontrou inusitadas justificações para a residência, trabalho ou visita ao local.

Tabela 1 | Guião de observação

GUIÃO DE OBSERVAÇÃO	
POPULAÇÃO	Tipo de população
	Percursos da população
HABITAÇÃO	Qualidade construtiva
	Tipologias
	Acesso a água potável, electricidade, saneamento, gás
	Materiais
	Patologias
	Espaços exteriores privados
	Singularidades espaciais ou simbólicas
ESPAÇO PÚBLICO	Uso do espaço
	Mobiliário urbano
	Edificado ou presença patrimonial (estado)

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.





25 | ÉVORAMONTE: à espera de compra
26 | ÉVORAMONTE: memória de alguma casa
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

Através da observação directa tentamos focar o nosso olhar em três dimensões primordiais: a população, a habitação e o espaço público, de maneira a melhor caracterizar o lugar de Évora Monte.

Apesar de serem poucas as pessoas que se encontram a viver ou passear por Évora Monte, é curioso (ou expectável) perceber que mais facilmente se encontram visitantes do que habitantes. A actividade principal, que mais se vê acontecer é a visita ao Paço, sendo este o único lugar onde se encontra uma maior densidade de pessoas, se é que se poderá chamar densidade, mas que aparenta terminar com uma certa desilusão por não ter muito para ver. Sendo que as poucas pessoas que passavam na via pública eram turistas, não se encontrando moradores nem se conseguindo apurar hábitos de percurso da população residente Os moradores só se avistam à porta de suas casas, no caminho até ao carro ou nos logradouros privados abertos à rua. Apenas na primeira visita de observação se viu um residente na área de cultivo exterior ao lote de sua casa e uma residente e trabalhadora na bilheteira do Paço. Conclui-se assim que, de uma forma geral, os residentes não dão uso ao espaço público da Vila Medieval.

No que toca à habitação foi possível aferir que a maioria das habitações existentes na Vila não é de residência permanente, estando desabitadas a maior parte do tempo, algumas já em ruínas e sem telhados; outras com fachada arranjadinha, mas diz-se, que ao abandono por dentro; outras servem de segunda habitação; há ainda as alugadas para férias e descanso e as que esperam ser vendidas.





27 | ÉVORAMONTE: casas com duas frentes
28 | ÉVORAMONTE: espaço exterior de uma casa
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

Apurou-se ainda que as casas têm água potável, saneamento, electricidade e /ou gás e dotam de todas as condições essenciais a poderem ser habitadas, pelo menos desde que os actuais proprietários fazem usufruo das mesmas.

Quanto à tipologia das casas, estas são desenvolvidas em dois pisos ou em escada, de modo a vencerem o considerável declive onde se implantam. Das casas que foi possível analisar, as divisões têm na sua generalidade, 2 ou 3 quartos, cozinha, sala e instalação sanitária (1 ou 2). As casas possuem ainda zona exterior, na maioria dos casos, dentro do lote - pátio e/ou terraço, nos restantes casos, as zonas exteriores são adjacentes ao lote. É nestes espaços exteriores que acontece o convívio das famílias, para lazer ou refeições, situando-se estes espaços junto à zona de confecção como é típico na casa rural alentejana assim como na tradição da casa árabe, de onde provém a inspiração.

As habitações possuem dois acessos, um acesso à rua principal (com ligação directa ao Paço, Igreja, Cafetaria e entradas da Vila) e outro acesso às ruas secundárias (a rua a norte onde se pode deixar o carro, e a rua a sul com acesso aos olivais e zonas de cultivo). Apesar de ambas as ruas terem a mesma linguagem não existe uniformidade de vãos e caixilharias, como se encontra em Monsaraz.





29 | ÉVORAMONTE: rua principal
30 | ÉVORAMONTE: rua secundária
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

Tendo em conta a posição das chaminés, existentes tanto do lado da rua principal, a rua limpa, como do lado das ruas secundárias, as traseiras, é possível apurar que algumas casas têm dois momentos de fogo, o fogo para confecção de alimentos, típico no Alentejo, onde antes se cozinhava no chão, e o fogo simbólico, para aquecer, existente na zona de estar. As chaminés vêem-se em muitos casos expressas na fachada apenas a partir do segundo piso como é recorrente nesta região do Alentejo (George, Gomes & Antunes, 2004, p.201). Existe ainda, em alguns casos o forno no exterior das casas, no pátio.

Os materiais utilizados nas habitações são os tradicionais: as paredes de tijolo ou pedra, caiadas ou pintadas; coberturas de telha de canudo ou, nas mais recentemente reabilitadas, telha lusa; as janelas, portas e caixilharias são essencialmente de madeira ou de alumínio, no caso dos menos comprometedores da linguagem alentejana, diferindo na cor; os pátios e terraços são cimentados ou pavimentados com tijoleira vermelha.





31 | ÉVORAMONTE: a ruína de alguma casa em pedra
32 | ÉVORAMONTE: um pátio pavimentado com tijoleira vermelha
Fonte: Fotografias da autora, 2019.





33 | ÉVORAMONTE: destacamento das paredes I
34 | ÉVORAMONTE: destacamento das paredes II
Fonte: Fotografias da autora, 2019.





35 | ÉVORAMONTE: o estacionamento e o espaço público
36 | ÉVORAMONTE: ruas de terra batida
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

Quanto a patologias visíveis do exterior das habitações é possível ver as paredes a destacar, devido ao calor e à diferença sucessiva da temperatura, tendo de ser reparadas, pintadas e caiadas com muita regularidade.

Em relação ao espaço público denota-se a falta de estacionamento e a sua consequente desorganização no espaço, que por não ser organizado causa grande embaraço no lugar, acresce ainda a falta de sinais de trânsito e de sinalização informativa e funcional. Quanto às ruas, apenas a rua principal é calcetada, sendo as restantes de terra batida. Algumas partes da muralha estão em fase de deterioração e percorrê-las em alguns locais pode ser perigoso. A par disso, observa-se a quase inexistência de mobiliário urbano, existindo apenas uma zona de bancos de jardim, junto à cisterna, onde durante as visitas nunca se avistou ninguém, e algumas peças de mármore, na encosta do Paço, que formam um anfiteatro exterior, usado apenas para ver a vista. Quanto à presença patrimonial, como já foi referido anteriormente, são variados os marcos históricos por toda a vila: os arcos quebrados góticos, de entrada para as casas em muito bom estado, onde se nota uma tentativa de serem mantidos; o Paço apesar de vazio no seu interior está em óptimo estado, depreende-se que seja recuperado e pintado com regularidade; as igrejas e ermidas estão aparentemente muito bem cuidadas por fora, no entanto nunca se encontraram abertas; sendo nas muralhas, em especial nos baluartes onde se encontra um maior estado de degradação.

A | Referência da entrevista

B | Sexo

C | Idade (aproximada)

D | Nacionalidade

E | Residência

F | Profissão / Ocupação

G | Relação com Évora Monte (dentro muralhas)

Tabela 2 | Algumas características dos/as entrevistados/as

PERFIL GERAL DOS ENTREVISTADOS						
A	B	C	D	E	F	G
E1	F	70	Portuguesa	Estremoz	Reformado/a	2ªhabitação
E2	M	70	Portuguesa	Estremoz	Reformado/a	2ªhabitação
E3	F	70	Portuguesa	Évora Monte (muralhas)	Trabalha na bilheteira do Paço	Reside e trabalha
E4	M	50	Portuguesa	Évora Monte (zona baixa)	GNR em Évora	2ªhabitação (em fase de remodelação para arrendar)
E5	F	50	Portuguesa	Évora Monte (zona baixa)	Artista de artesanato e lojista	2ªhabitação e proprietária loja artesanato
E6	M	30	Portuguesa	Évora	Escultor	Responsável pelas obras de restauro do Paço
E7	F	50	Escocesa	Évora Monte (muralhas)	Proprietário/a da pousada e do café de Évora Monte	Reside e proprietário/a da pousada e do café de Évora Monte
E8	M	50	Sul-Africana	Évora Monte (muralhas)	Proprietário/a da pousada e do café de Évora Monte	Reside e proprietário/a da pousada e do café de Évora Monte
E9	M	40	Portuguesa	Covilhã	Engenheiro	A trabalhar no projecto das ferrovias para Espanha
E10	F	60	Brasileira	Cascais	Jurista	Visitante
E11	M	20	Portuguesa	Lisboa	Ilustrador e animador	Visitante
E12	M	30	Portuguesa	Lisboa	Van Camper	Visitante
E13	F	50	Portuguesa	Lisboa	Serviços administrativos	Visitante
E14	M	70	Portuguesa	Arraiolos	Reformado/a	Visitante

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Com as entrevistas foi possível confirmar e responder a algumas questões com que nos deparámos através da observação do lugar. E nesse sentido, como se vê na Tabela 2, a relação dos respondentes com o lugar é particularmente variada, sendo que de todos dos 14 entrevistados, apenas três residem permanentemente em Évora Monte, sendo que dos três, dois não são portugueses. Isto permite fazer uma leitura mais alargada do ponto de situação actual, bem como das expectativas de mudança para o local.

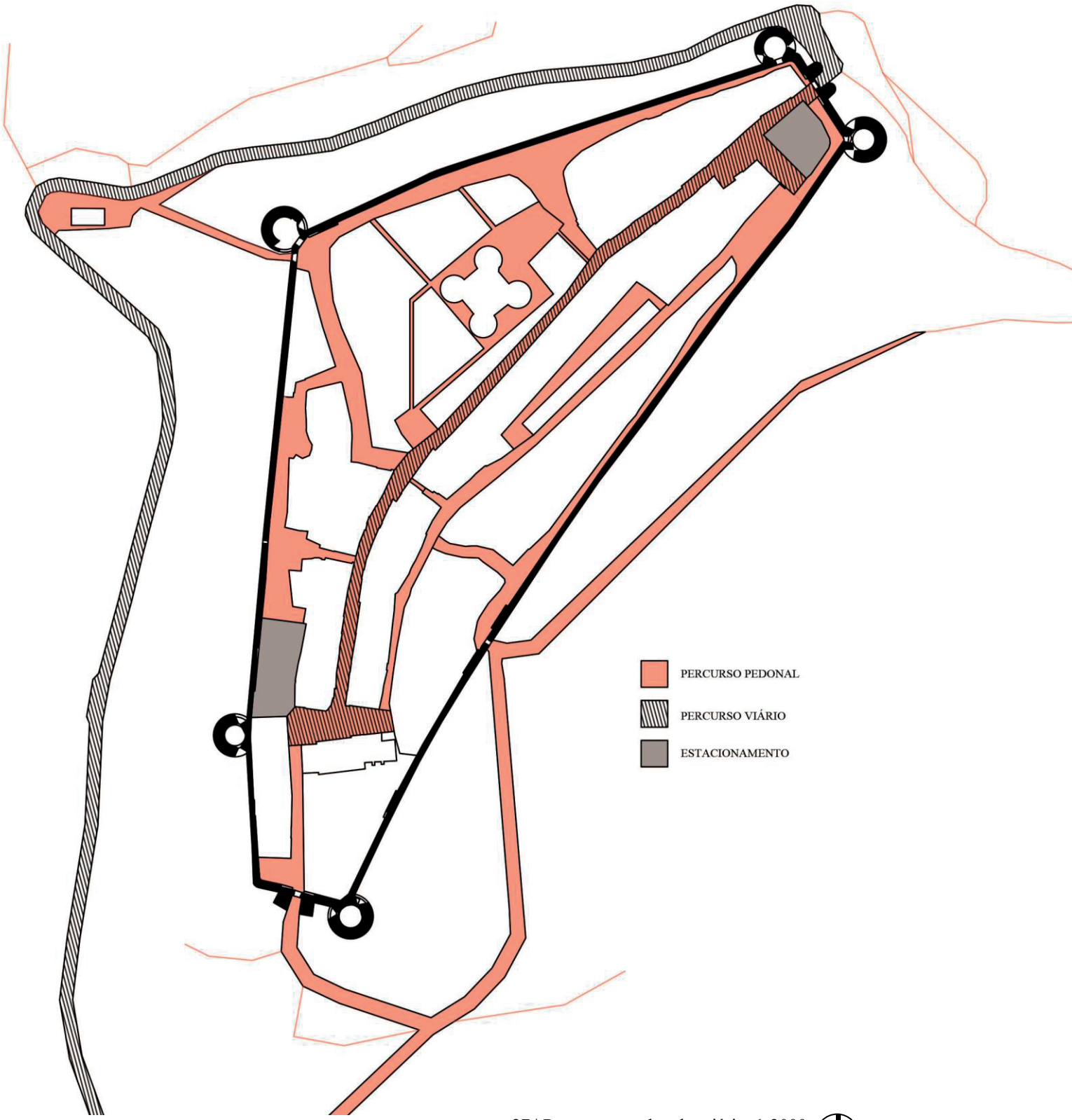
De maneira a entender as diferentes perspectivas sobre Évora Monte, tanto de quem frequenta o local diariamente como de quem visita, segue-se uma síntese de algumas respostas, consideradas mais relevantes e pertinentes, respondidas de forma mais sucinta e aberta por parte de alguns respondentes.

As questões aos residentes e proprietários organizaram-se em torno de sete temas (ver guião de entrevista em anexo II): 1) caracterização do entrevistado; 2) percurso habitacional do entrevistado; 3) caracterização do agregado doméstico; 4) habitação e habitabilidade; 5) quotidiano; 6) turismo; 7) o lugar. No caso dos empreendedores e agentes económicos e visitantes a conversa focalizou-se em quatro temas: 1) caracterização do entrevistado; 2) potencialidades do lugar; 3) turismo; 4) o lugar.

Aos proprietários de habitações no local questionou-se quanto ao Percurso Habitacional e Habitabilidade e ao Quotidiano (ver síntese em anexo III – Tabela ii e iii) e confirmou-se que as casas são normalmente passadas ou herdadas de família, ou no caso de quem vem de fora, compradas. As casas habitadas estão em bom estado actualmente, sendo que necessitaram de obras depois de adquiridas (E1 e E2 – casal de portugueses residentes em Estremoz, reformados, com 2ªhabitação em Évora Monte; E7 – Escocesa, residente e proprietária da pousada e café de Évora Monte; E8 – Sul-africano, residente e proprietário da pousada e café de Évora Monte). No caso das casas transmitidas por herança de família necessitam das obras ocasionais, ou no caso de E4 e E5 (casal residente em Évora Monte com loja e 2ª habitação nas muralhas Évora Monte), para serem alugadas.

Dos inquiridos todos disseram ter espaço exterior privado, e que é aí que se fazem grande parte das refeições (quando está bom tempo), e onde se convive. Confirmou-se que todos têm água potável, saneamento, electricidade e/ou gás, aquecimento e sistema de banho. Quanto a patologias na vertente construtiva da habitação, não se verifica nada específico para além de infiltrações por falta de impermeabilização, no caso E1/E2.

Foram questionados quanto à possibilidade de abandonar o local, concluindo-se que ninguém o pondera fazer, nem mesmo os que pretendem alugar (E4/E5) a casa na muralha, pois continuam a ter negócio local e um grande afecto pelo lugar, tendo sido o de nascimento de E4.



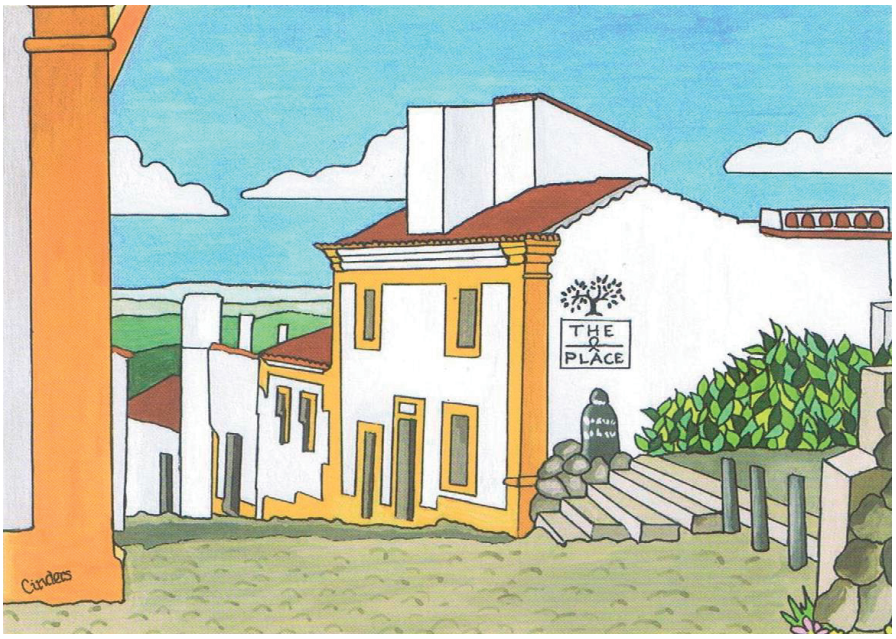
37 | Percursos: pedonal e viário, 1:2000
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Entre os entrevistados, apurou-se que dos sete que usam/vivem o espaço com mais regularidade, têm um negócio local ou trabalham no local (E3 – residente e trabalhadora local; E4; E5; E7; E8 – tendo ainda em conta que todos estes estão de alguma forma relacionados com o turismo – acrescenta-se ainda E6 em trabalho ocasional de reparações na Torre); os restantes dois são reformados e moram em Estremoz, deslocando-se sempre que podem a Évora Monte para passar uma temporada, a descansar (E1/E2).

Através das conversas percebeu-se que as compras podem ser feitas tanto em Évora Monte (baixo), como em Estremoz ou em Évora (por ocasião de passagem); contudo, os alimentos diários como o pão e a fruta são entregues pelos vendedores na muralha.

As saídas da Vila para quem mora não são muitas para além do normal, para passear, compras ou visitar a família, pelo menos da amostra que aqui se analisa. Considera-se assim que encontram o que precisam na Vila. Nesta aproveita-se para descansar; ver a vista; aproveitar o sol; conviver com a família e amigos no pátio e passear pelas muralhas.

A acessibilidade, no geral, é considerada difícil, principalmente a pé, identificando-se ainda problemas provenientes da falta de organização do estacionamento e das ruas não serem calcetadas. Todos os respondentes admitem haver falta de emprego e falta de actividades e dinâmicas culturais, que já existiram no local, mas que se vão perdendo.





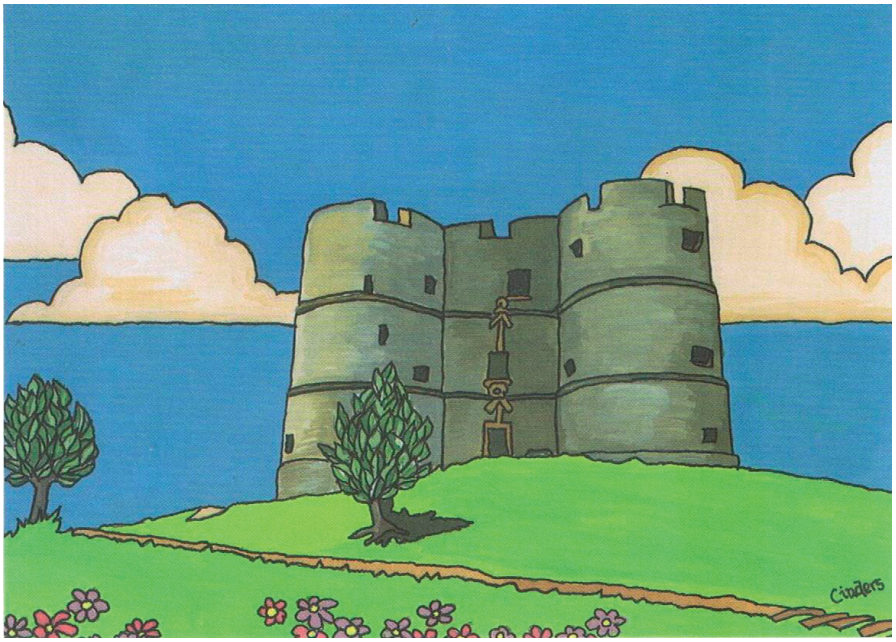
38 | Alojamento local - Postal de Évora Monte II, Cinders
Fonte: The Place at Evoramonte.
39 | ÉVORAMONTE: anfiteatro a observar a vista
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

Como potencialidades do lugar (ver síntese em anexo III – Tabela iv e v) que deveriam ser promovidas de forma a fazer crescer Évora Monte, os entrevistados apontam algumas medidas e intervenções como a requalificação de todo o lugar; a realização de eventos culturais, a implementação de espaços de restauração e bares; mais emprego e benefícios fiscais, que poderiam cativar os jovens.

Consideram o turismo e o alojamento local como um potencial económico à qual acrescentam uma forte aposta no desenvolvimento cultural como mais-valia. Comparando às cidades, os moradores apontam ainda para a qualidade de vida que é possível encontrar em Évora Monte. Assim, desde que com infra-estruturas, seria viável voltar a habitar o lugar.

Apelou-se ainda aos respondentes para apresentarem algumas sugestões, onde se destacam: dar mais uso ao castelo, e mantê-lo mais tempo aberto; apostar em actividades culturais; exposições temporárias; espectáculos de Verão; dar uso ao anfiteatro exterior para eventos, atraindo jovens; apostar num restaurante de gastronomia local; promover passeios pedestres, BTT, actividades radicais (parapente, rappel, escalada); requalificar as azinhagas ao abandono em torno da muralha; promover actividades relacionadas com os ofícios. Sugerem ainda tirar benefício das vistas e da paisagem, formalizando por exemplo passeios pela vila.

Apurou-se através das conversas que é no Verão que existe mais fluxo e que é possível encontrar em Évora Monte gente de todas as idades, desde moradores, a trabalhadores, a naturais que têm ainda familiares no local, visitantes, pessoas com casas no local, alguns deles emigrantes.





40 | Encontro com a história - Postal de Évora Monte III, Cinders
Fonte: The Place at Evoramonte.
41 | ÉVORAMONTE: marcas de esperança
Fonte: Fotografias da autora, 2019.

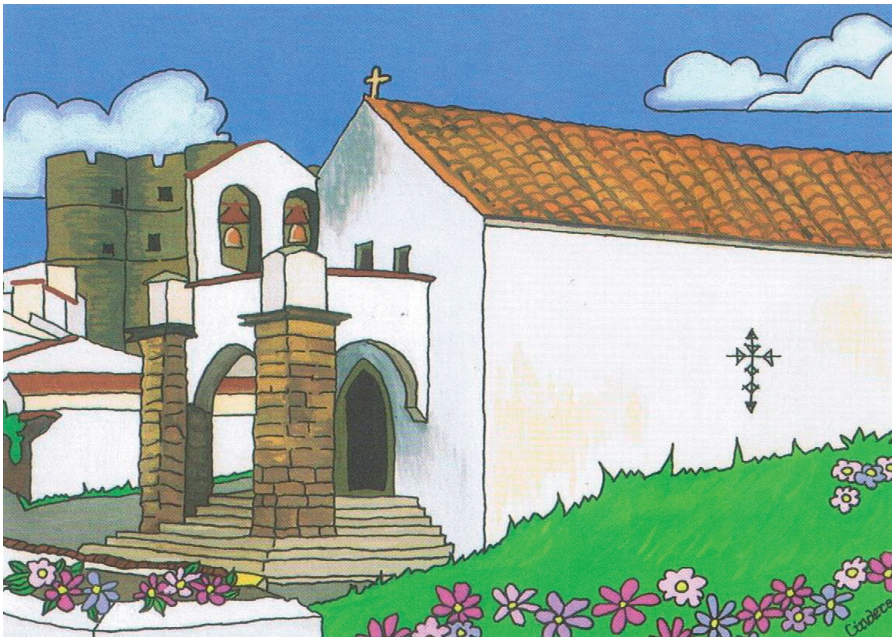
Vem-se em busca de descanso e de paz de espírito, procura-se pela história e pela gastronomia, enquanto se contempla a paisagem.

É consensual o que consideram que falta para que a Vila pudesse ser (novamente) habitada: infra-estruturas, comércio, pessoas e investimento, não havendo expectativas de mudança nem planos para o futuro do lugar, que se conheçam.

Fez-se a pergunta do que mudariam em Évora Monte, os respondentes, se deles dependesse. As respostas foram variadas: E1 traria mais jovens; E4 apostava na criação de um festival de Verão como existe noutras regiões do Alentejo; E6 não fazia nada, deixava tal qual se encontra para que possa ser visitado; contrapondo, E7 "dava-lhe vida".

Quanto às dificuldades encontradas no local, os respondentes apontam a falta de emprego, que exige deslocações a outras regiões (E1); a falta de estacionamento e de investimento na região (E4); o facto do lugar se encontrar numa fase de desertificação e isolado do restante Alentejo (E6 – português, escultor, responsável pelas obras de restauro da torre). Já E7 diz que as dificuldades estão associadas à habitação e à necessidade de pedir autorizações para qualquer alteração mínima nas casas.

Falou-se ainda dos produtos que melhor caracterizam a identidade do lugar, ao qual os entrevistados indicam: o vinho, a cortiça, as oliveiras, o mármore, os bonecos de Estremoz e as pedras pintadas.





42 | A visitar I- Postal de Évora Monte IV, Cinders
43 | A visitar II- Postal de Évora Monte V, Cinders
Fonte: The Place at Evoramonte.

Com base nas conversas chega-se à conclusão que o turismo não é um tema consensual (ver síntese em anexo III – Tabela vi, vii e viii). Em primeiro lugar, percebe-se que os turistas chegam de todo lado, com objectivos diferentes, uns com ideia de descansar, outros para visitar, outros chegam à descoberta, ou "por sorte" (E7), acabando por ficar. O roteiro habitual, de quem vem de longe, passa normalmente por Arraiolos, Estremoz e Évora. Em alguns casos, Évora Monte não está sequer no roteiro, mas ao ver-se um castelo no cume de um monte, a curiosidade desperta.

Percebe-se ainda que quem visita, apesar de não se imaginarem a viver no local, vêem-lhe potencial económico a vários níveis, desde a actividade turística, à restauração, ao comércio, a actividades culturais e outras que tirem partido dos ofícios tradicionais. E14 (visitante português, reformado e residente em Arraiolos) relembra ainda os tempos em que se vivia da terra, e que era a terra que empregava a população.

Compara-se ainda a opinião dos residentes em contraponto à dos visitantes quanto às vulnerabilidades do local. Pelos residentes são apontados problemas ao nível urbano, como já foi referido: o pouco estacionamento e a falta de organização; a falta de sinalização de trânsito e informação; as ruas não calcetadas; o facto de as muralhas serem perigosas, devido deterioração e falta de segurança. Do ponto de vista do visitante da cidade, as falhas são outras, como: a falta de infra-estruturas, supermercados, centros de saúde, escolas, a falta de acessibilidades, a falta de movimento, sendo estes os factores que os impediriam de habitar um lugar como este. O que pode estar relacionado com o facto da maioria dos visitantes inquiridos ser de Lisboa, onde a distância e acessibilidade a estes equipamentos e serviços é mais fácil. Para os residentes

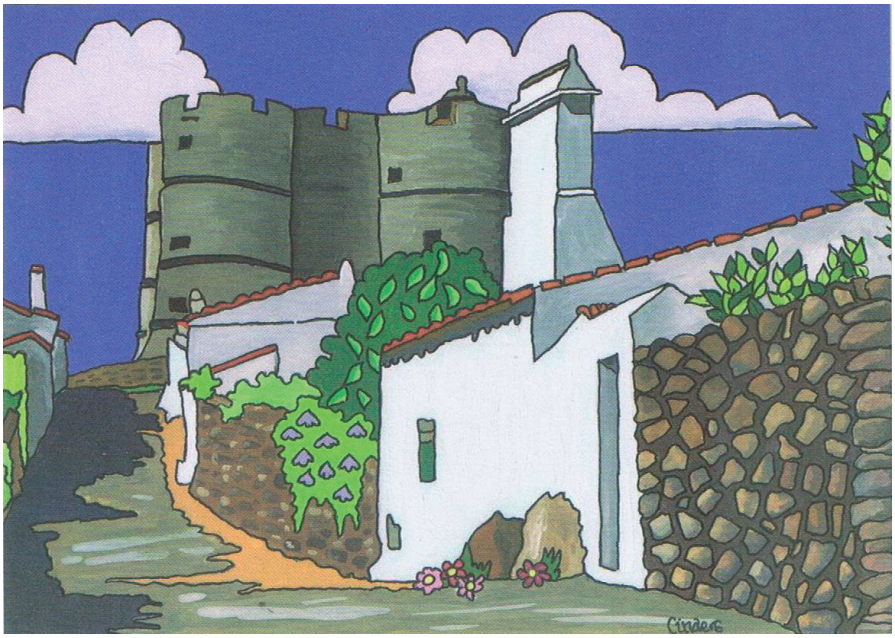
estas carências constituem algo que faz parte do seu quotidiano, nomeadamente, quem vive no Alentejo, já não os considera um incómodo, é normal a deslocação a outras freguesias ou concelhos para ir às compras, escola ou centros de saúde. Aqui acresce apenas a falta de comércio local que obriga o deslocamento à baixa Évora Monte para compras mínimas. Não existem quaisquer dinâmicas ou actividades culturais nem planos para a sua existência.

Ainda da perspectiva dos visitantes todos consideram Évora Monte um lugar para visitar. Ao que o visitante, E12 (lisboeta, *van camper* e por isso viajante regular, a visitar Évora Monte pela primeira vez) acrescenta a falta de informação refente aos pontos turísticos a visitar.

Procura-se pela paz e pelo conhecimento da história do património existente, que também foi possível averiguar não se encontrar sempre aberto. Quem passa leva na memória o património e a paisagem, ambos considerados únicos, quando comparados a outros lugares semelhantes.

Conclui-se que a Vila de Évora Monte não está preparada para receber gente, pois no momento em que se encontra não é um lugar fácil para se viver devido à falta de emprego, mas também não é fácil de visitar por falta de organização do espaço público e apoio ao turismo.

A Vila encontra-se isolada e praticamente ao abandono, o que se pode ver pela quantidade de pessoas que se encontrou no local. No ponto em que se encontra, o espaço tende a ficar cada vez mais vazio, a menos que por sorte, apareçam estrangeiros para aqui se fixarem, como E7 e E8 (escocesa e sul-africano residentes e proprietários de negócio local).

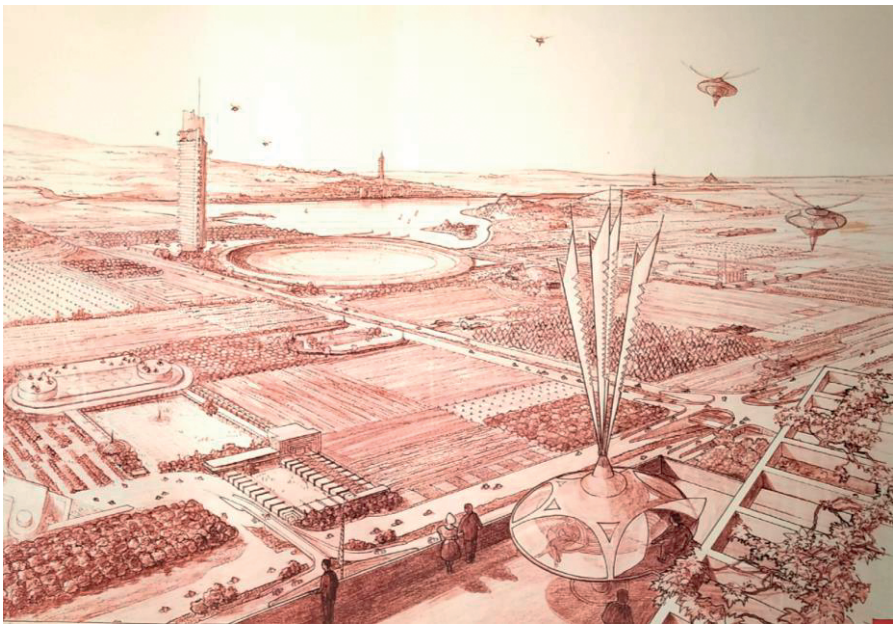


44 | Despedida - Postal de Évora Monte V, Cinders
Fonte: The Place at Evoramonte.

II.II. O imaginário alternativo

Após a representação do tempo histórico e do tempo presente, após a análise resultante das conversas com os residentes e usuários de Évora Monte, deverá admitir-se a tese – como proposição referencial ao desenvolvimento do trabalho – de que um Portugal rural coerente, alheio a contaminações, acabou por desaparecer (se é que não se limitou a existir na imaginação particular e colectiva) ou então, por se transformar. E de acordo com esta proposição, também o lugar específico de Évora Monte parece evoluir para a situação de relativo abandono, entre um legado histórico-turístico não potenciado e o lugar rural progressivamente desertificado, no Alentejo.

Por outro lado, percebe-se após a análise realizada, que o destino de Évora Monte ainda está em aberto, ao contrário de Monsaraz, no sentido em que Évora Monte ainda não embarcou na viagem museológica, não obstante partilhar de um equiparável contexto patrimonial e também rural de clara perda de população.



45 | *Desaparecimento da Cidade,* Broadacre City, Frank Lloyd Wright, 1934-1958
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), “55% da população mundial vive actualmente em áreas urbanas e a expectativa é de que esta proporção aumente para 70% até 2050.” (ONU, 2019, s.p.) No entanto, prevê-se que, em 2050, na Europa, a população urbana ronde os 80%. (Vaz & Nofre, 2017) No caso da Europa, grande parte da população urbana vive em cidades de média ou pequena dimensão. Nesse sentido, importa salientar a importância dos territórios de baixa densidade, não só para um aumento da qualidade de vida, mas de forma a “reverter dinâmicas populacioanais e económicas negativas, que na actualidade representem desafios críticos face ao seu despovoamento." (Vaz & Nofre, 2017, p. 78) Felizmente, territórios como o aqui apresentado são dotados de “motores” potenciais, como os recursos naturais e patrimoniais, históricos e socioculturais, capazes de gerar novas formas de desenvolvimento (Vaz & Nofre, 2017), apresentando-se como identitários do lugar, e desta forma possibilitando a sua valorização.

Assim, a perspectiva do lugar rural ao abandono é desde logo um ponto de vista construído a partir do contexto urbano, que olha para a ruralidade como um anacronismo a redimir: “O rural designaria o lugar de partida do êxodo rural em direcção à urbanização intensa” (Domingues, 2011, p. 70).

> “Hoje, no dizer de muitos as aldeias estão condenadas a ser o recreio das pessoas da cidade e o rural está remetido para uma mitologia que já nada tem a ver com o que de facto se passa no mundo rural convencional.” (Domingues, 2011, p. 146)

A desertificação do interior e a consequente desruralização, no caso específico do interior alentejano, estão baseadas nas migrações, no abandono das terras agrícolas, na perda das tradições, tendências que se iniciaram há muitas décadas atrás. Segundo Álvaro Domingues (2011), esta perda implica duas transformações: "o desaparecimento da agricultura enquanto economia" e a alteração da "cultura rural enquanto modo de vida, visão do mundo, sistema de hábitos, crenças, tradições ou comportamentos". (p. 69)

O quotidiano mudou e agora a família tradicional desestrutura-se, evoluindo de acordo com novas derivadas: viaja-se, estuda-se até mais tarde, com perspectivas de um futuro incerto; entra-se tarde e de forma precária no mercado de trabalho, ao qual se dedica grande parte do tempo, fora do âmbito ou contexto onde se nasce; há uma definição multiforme de propósitos e perspectivas, que dificilmente se encontraria no contexto rural pretérito.

Na vida citadina, em sentido oposto, desenvolve-se uma cultura do lazer e sobram os fins-de-semana onde se figura como apetecível a incursão ou o refúgio no campo, enquanto possibilidade benevolente de suspensão do quotidiano. Essa mesma vida de todos os dias, que os camponeses (por definição) passam no campo, até procurarem além do que podem realizar no meio rural. No entanto, também se aplica o desígnio inverso, onde aqueles que vieram viver as suas vidas para a cidade, regressam à terra (onde foram criados, ou outra) para gozar em circunstâncias mais tranquilas de uma eventual reforma.

Assim, e em suma, os jovens fogem para os locais desenvolvidos à procura de uma vida melhor, estabilidade e emprego. Não existem perspectivas de sucesso e evolução nestes locais. Seguir o sonho implica sair do local onde se plantaram raízes. No interior ficam os que sempre viveram, os protectores da terra. As pessoas envelhecem e os lugares acompanham. Foge-se para onde há evolução e perspectivas de um futuro mais promissor. Trata-se da "urbanização, tomada como processo irreversível de evolução social." (Domingues, 2011, p. 70)

Segundo Gonçalo Ribeiro Telles (Chaves & Aranha, 2004), existem três visões urbanas sobre o mundo rural: uns olham o mundo rural com saudade, por recordação à sua terra; outros, como um local para passear e merendar; os outros como algo miserável.

Desde as primeiras civilizações que a cidade é o centro político e administrativo, onde se encontra o poder. Por outro lado, citando Álvaro Domingues (2011),

> "campo é a vastidão dos territórios onde habitam os súbditos, o vulgo, a plebe, os rústicos…, ou os idiotas, e se produzem alimentos, lenha, carvão, ou outra coisa qualquer, coisas mais próximas das necessidades do corpo do que do espírito." (p.71)



46 | S. PEDRO DA GAFANHOEIRA: Monte dos Testos
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Vagueamos por paisagens como a alentejana e vemo-las distantes, ao fundo, no último plano da nossa vista, a mais turva, aproximamo-nos dela de forma quase bucólica e expectante, não para nós, para outro alguém que lá viva… não se sabe bem como.

Quando visitamos, encontramos paraísos admiráveis, envoltos no fascínio próprio dos pequenos lugares, concedemo-nos o tempo para explorar os recantos e a natureza que suportam estas vidas quotidianas, diferentes e calmas, potenciando-se uma utopia de vivência no campo, da qual já só se tem uma distorcida representação. Para adjectivar tal hipótese, muitos nomes são convocados: "«Aldeias de Montanha», «Aldeias de Xisto», «Aldeias de Água», «Aldeias de Tradição», «Aldeias de Mina», «Aldeias do Castelo», «Aldeias Históricas do Guadiana», «Aldeias do Algarve», «Aldeias da Saudade», «Aldeias Digitais», «Aldeias de Teletrabalho», «Aldeias Turísticas» " (Alves, 2004, p. 59).

Deve-se este entusiasmo, talvez, a uma consciência remota de pertença à natureza, pelo qual o ser humano ainda trepida enquanto projecção de beleza ou deslumbramento. Não se trata apenas do lugar onde desde sempre se extraem recursos, alimentos ou energia, mas a natureza que sentimos ali de forma diferente, enquanto espaço que nos remete para algo que ainda nutre a nossa embotada capacidade de observar e sentir, um lugar que nos devolve algo. Este é então o pano de fundo – a versão bucólica e pitoresca – que envolve a vida no campo, onde se desconfia ainda residir a origem, os costumes, as tradições, o Portugal dos dizeres.



47 | As Respigadoras, Jean-François Millet, 1857
Óleo sobre tela (83,8x111,8), Museu de Orsay, Paris.
Fonte: https://www.thaisslaski.com.br/jean-francois-millet-o-realismo-rural/
(consultado a: 04-12-20)



48 | THE COURSE OF EMPIRE: The Arcadian or Pastoral State,
Thomas Cole, 1834.
Óleo sobre tela (100,3x161,2), New York Historical Society.
Fonte: https://highlark.com/thomas-cole-the-course-of-empire-the-arcadian-or-pastoral-state/ (consultado a: 04-12-20).

The Arcadian or Pastoral State, de Thomas Cole, revela uma visão quase inocente e ingénua da vida. Uma representação da utopia de 1834, relativamente parecida à utopia imaginada do mundo rural de hoje (Ludwig, 2016). Esta representação do rural não trata o rural irrealista e impossível, mas o rural no seu primeiro significado, o rural que já não se conhece da mesma maneira que se conhecia, este meio que se tornou utópico e desconhecido, quase um mito.

Aqui mora então "o passado" de Portugal, das nossas gentes. Talvez o devaneio da natureza e o regresso a um modo de vida tradicional seja o que nos faz voltar (ou simplesmente ir) e explorar. Certo é que não é fácil distinguir locais onde se viva a ruralidade como ela ainda se imagina: "não se percebe ao certo o que objectivamente se perdeu, mas muitos creem que o que realmente se perdeu foi o próprio paraíso, a versão bucólica e pastoral do mundo rural perfeito, como Adão e Eva antes da serpente." (Domingues, 2011, p. 62)

Tal entendimento pressupõe o mundo rural como o local próprio do campo, habitado pelo sujeito camponês, onde a prática da agricultura é (era) sustentáculo referencial. Segundo João Ferrão (2000), a ideologia associada ao mundo rural assentava numa *tetralogia*:

> "-uma função principal: a produção de alimentos;
> -uma actividade económica dominante: a agricultura;
> -um grupo social de referência: a família camponesa, com modos de vida, valores e comportamentos próprios;
> -um tipo de paisagem que reflecte a conquista de equilíbrios entre as características naturais e o tipo de actividades humanas desenvolvidas" (Ferrão, 2000, p. 46).

Por contraponto, observando o estado actual da ocupação dita rural: quanto ao trabalho no campo e à produção de alimentos, estas já não são apenas assegurados por pequenos ou médios agricultores, mas na sua maioria estão dependentes de grandes empresas, uma agroindústria, que produz para distribuição nas grandes superfícies comerciais. Trata-se aqui de uma transformação das práticas seculares a bem da industrialização da agricultura.

Entende-se que "o mundo rural é, hoje, digamos, um jogo de luzes e sombras e uma encruzilhada onde se cruzam percepções e representações de mundo trocados." (Covas & Covas, 2012, p. 121)

> "O rural é um adjectivo que qualifica culturas, visões do mundo, imaginários…e, e por arrastamento, as gentes e a geografia, o território e as paisagens desses imaginários. […] os mundos mais-que-perfeitos como o paraíso e os Campos Elísios, o lirismo romântico e os outros encantamentos pastorais, o comunitarismo poético, a aura das coisas primordiais e sagradas, o *bom povo* das aldeias, os impolidos e ignorantes, os supersticiosos enredados nas crenças e na religião popular, os proletários camponeses explorado, o lugar dos antepassados, os da província, o espaço verde, o turismo rural, […] os velhos camponeses, os pós-rurais, os arrelampamentos dos iluminados, dos fisiocratas e dos tecnocratas, a antítese dos vícios da cidade, o obscurantismo dos rústicos que não se modernizam, a cultura popular, os bons estercos e a sua influência n'agricultura, e o que mais vier." (Domingues, 2011, p. 121



49 | Desruralização, Álvaro Domingues, 2011
Fonte: Domingues, 2011, p. 82-158.

Assim, "perdido o nexo entre a agricultura e a ruralidade, o mundo rural transformou-se num estado de alma, ora apaziguador, ora azedo, ora ficção, ora transfiguração. Entre utopia e realidade, o rural é a perfeita representação de uma relação de amor-ódio" (Domingues, 2011, p. 121), fruto da partida das gentes para outros sítios, mais desenvolvidos, onde já não se acredita como se acreditava.

Percebemos que o nosso interior está a desaparecer não espacialmente, pelo contrário, pois espaço não falta, mas populacionalmente. Os camponeses quase desapareceram, assim como as suas práticas tradicionais, o que implicou um tendencioso desequilíbrio e descaracterização da paisagem. O recuo do mundo rural que se iniciou nos anos 50, é ainda um processo inacabado.

Envelhecem-se os lugares e perdem-se no tempo. Olhando directamente para o Alentejo, um potencial centro económico; perto de Espanha; em Beja até com aeroporto; longos territórios, com capacidade para tanta gente; com oportunidade agrícola; com oportunidade para abrir novos negócios e com oportunidade de expansão… que é desejável. Mas faltam as pessoas. Falta desenvolvimento. Falta investimento. Até lá, coloca-se a questão: qual será o destino destes espaços rurais?

II.III. O lugar da 2ª Ruralidade

> "Os dois temas primordiais do nosso tempo são a crise ecológica e as desigualdades sociais. Junte-se a eles o crescimento da população mundial – provavelmente nove mil milhões até 2050 – e o continuado aumento da esperança de vida dos seres humanos e ficamos num paradoxo insolúvel. Num momento em que temos cada vez mais consciência de que já ultrapassámos os limites do que extraímos quotidianamente dos recursos naturais, a humanidade confronta-se com um momento singular na sua história: poder produzir mais, mas não o fazer. Há quem aceite ter menos e reequacionar o paradigma da satisfação, e quem não veja necessidade de que isso aconteça – ou, noutros casos, não possa pura e simplesmente deixar de produzir incessantemente para sobreviver." (Deusdado, 2019 p. 50).

O aumento escalar da produção e o desenvolvimento massivo da concentração da vida nas grandes cidades que tal aumento parece facilitar, colidem com a perspectiva do esgotamento acelerado dos recursos. O que nos conduz, consequentemente, a conjecturar hipóteses para um decrescimento sustentável, baseadas na possibilidade de (re) habitar o planeta de "forma equilibrada", menos predatória, partindo-se então do pressuposto que a solução se poderá encontrar no regresso à natureza.

Numa entrevista ao Expresso, Julia Steinberger (Azevedo, 2020) diz existir receio por parte da população quanto à imperatividade de reduzir as emissões de CO2 para combater as alterações climáticas. Existe a ideia de que consumir menos vai contra o crescimento económico e o actual padrão de vida da população, pois acredita-se que menos recursos é sinónimo de menos bem-estar e menor qualidade de vida. Na sua perspectiva, a economia de hoje, está assente "na extração de recursos naturais, na destruição de bens comuns, na exploração humana e na desigualdade social." (Azevedo, 2020, s.p.) Por outro lado, é difícil pensar que recorrer a energias renováveis como salvaguarda exige a extracção de recursos minerais e consequentemente danos para o ambiente e (mais) desigualdade social. (Azevedo, 2020) Então, uma alternativa sustentável implicaria um decrescimento da riqueza produzida do Produto Interno Bruto (PIB). Manifesta ainda que:

> "o crescimento vem das pessoas ricas explorarem as pessoas pobres […] e não é destribuído de forma equitativa em nenhum país do Mundo. Precisamos de uma nova economia com uma escala física muito mais pequena, mas também mais equitativa, próspera e com bem-estar para as pessoas." (Azevedo, 2020, s.p.)

Tratar-se-ia de redistribuir e usar a riqueza já criada de modo a "investir na transição para uma economia sustentável, através de financiamento público, e reduzir o uso de recursos." (Idem.)

A Trienal de Arquitectura de Lisboa “mostrou-nos”, no ano de 2019, a Arquitectura apresentada a par com a Agricultura, desta vez com uma leitura complementar do *Lado do Campo*, por Sébastien Marot (2019).

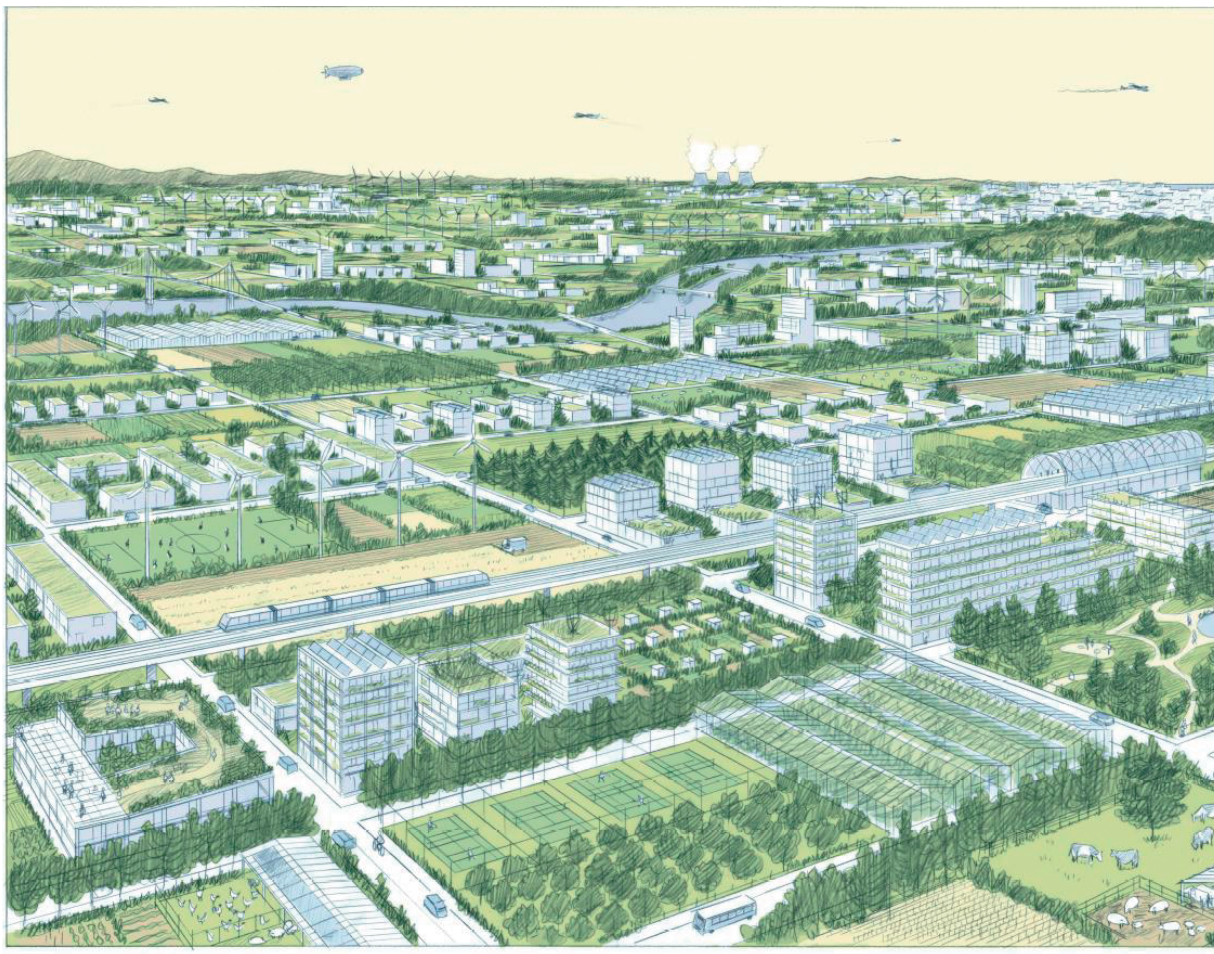
Há muito que estes dois mundos se pensam em separado, perdendo-se consciência da sua complementaridade. Agora, volta-se a olhar o campo não só como uma oportunidade, mas como uma solução.

Sébastien Marot (2019) ilustra quatro cenários de possibilidade, em função de diferentes pontos de vista sobre o tipo de relacionamento entre a cidade e o campo, que designa pelas seguintes expressões anglófilas: *Incorporation*, *Negociation*, *Infiltration* e *Secession*.





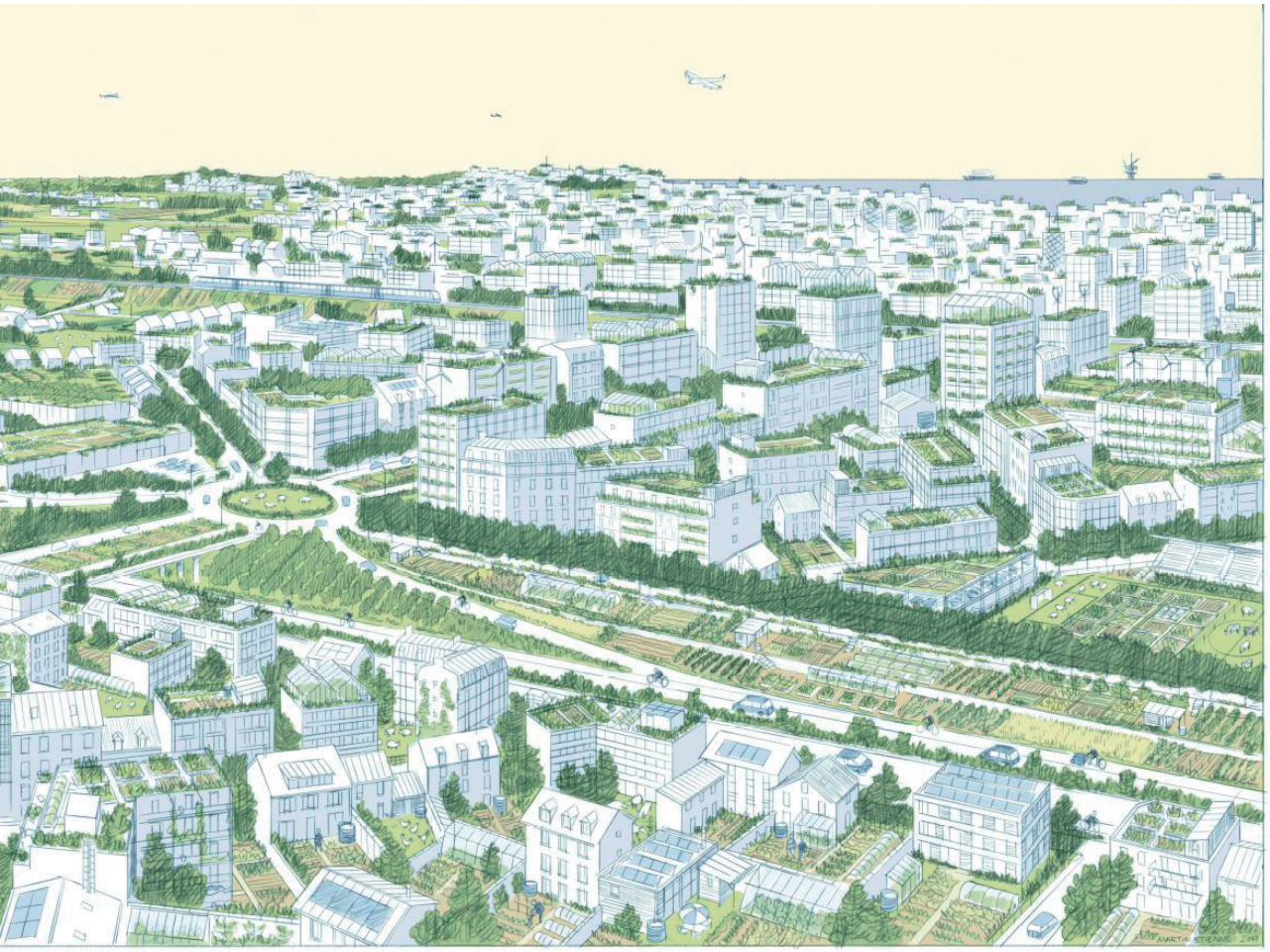
50 | *INCORPORATION*, Sébastien Marot, 2019
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.





51 | *NEGOCIATION*, Sébastien Marot, 2019
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.





52 | *INFILTRATION*, Sébastien Marot, 2019
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.





53 | *SECESSION*, Sébastien Marot, 2019
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

Na *Incorporation*, a *Metropolis* ultra-capitalista incorpora a Agricultura, dominando agora também o campo, traduzindo a ecologia como negócio, robotizado e controlado o máximo possível, um chamado eco-modernismo, onde podemos ver mega estufas, jardins verticais e os arranha-céus, que controlam os campos verdes que se localizam longe "da civilização". Na prática trata-se de um negócio, mas onde também há couves para vender, a agricultura e os seres vivos fazem agora também parte. Este é o olhar de quem acredita que a solução pode estar na intensificação das áreas urbanas dominantes e no caminho tecnológico, desta forma concentra-se a população e o meio-ambiente está seguro. Mas nada se altera do ponto de vista da reorganização social.

Segue-se uma hipótese de *Negociation,* onde a agricultura é pouco-a-pouco levada a integrar o urbanismo. Esta concepção considera inevitável o crescimento das cidades e tenta criar soluções numa vertente de modelo de cidades híbridas, quase com "natureza própria", Sébastien Marot (2019) descreve-a como "metrópole horizontal". A negociação entre práticas urbanas e rurais, quase uma acupunctura urbana, onde não é definida ao certo uma intervenção, negoceia-se as pequenas alterações urbanas como um alibi de defesa ao crescimento ganancioso e implacável da urbanização.

Infiltration, é à partida semelhante à *Negociation*, mas neste caso a agricultura que invade a cidade não como extensão negociada, mas fá-lo sobre o colapso da estrutura de produção. A vegetação começa a infiltrar-se nas fissuras do sistema, floresce aqui e ali como ervas daninhas nos locais abandonados e nas falhas dos territórios urbanos.

O quarto destino imaginado, designado por *Secession*, é por sua vez um apelo às pequenas comunidades, contrariando a ideia de que as cidades são o centro da democracia, questionando, assim a hegemonia da metrópole, mostrando o grau de insustentabilidade representado pelas grandes cidades. Trata-se de uma reconciliação com o lugar pautada por razões evológicas, onde o suporte físico se apresenta em interdependência com o mundo biofísico. Incorpora um apelo à descentralização, voltada para a intervenção de pequena escala, através de meios que possam atingir um grau de autonomia significativo. Para tal, entende-se que é preciso cuidar da paisagem viva, uma comunidade resiliente de seres humanos, plantas e animais.

Podemos ver este último cenário como o que mais defende a ideia de comunidades, cada vez mais dispersas e independentes, mostrando que em outros lugares, fora da cidade, também pode existir vida em comum, com civismo e democracia.

Este acaba por ser o Norte proposto na exposição por Sébastien Marot (2019), defendendo-a como iniciativa que se liberta da vida citadina, com o objectivo de originar locais dotados de resiliência, onde as filosofias, inerentes à permacultura e a agroecologia ultrapassam o excessivo lado urbano dos lugares.

Neste contexto, a Trienal traz-nos ainda uma visão anarquista sobre as pequenas comunidades, dando força à ideia da fuga das cidades. Peter Kropotkin (Marot, 2019), em *Fields, Factories and Workshop*, de 1898, defende a ideia da integração local da agricultura, da indústria e do artesanato em comunidades auto-suficientes. Também Hyde Bailey (Marot, 2019), líder do Movimento da Vida no Campo e defensor do Ruralismo, defende que a agricultura não está somente ligada aos ofícios e ciências aplicadas, mas à cultura da terra, do solo e da natureza.

Mais tarde, com a Grande Depressão de 1929, Ralph Borsodi (Marot, 2019) apela à existência de comunidades modulares, onde o lugar da casa é também o lugar do trabalho, e desta maneira, cada família tornar-se-ia um centro de produção auto-sustentável. Com a 2ª Guerra Mundial, o anarquismo apela ao "fim das cidades" e à "ascensão das comunidades". Na sua expressão excessiva e anarquista, o "fim das cidades" expressa o desejo que hoje de certa forma também se vive. Hoje, podemos ver as pequenas comunidades e consequentemente os pequenos lugares como uma opção sustentável e potencializadora de novas vidas.

Ainda na linha do anarquismo e das suas ligações ao agrarianismo, Murray Bookchin (Marot, 2019) identifica o capitalismo como principal causa de degradação ambiental, fazendo um apelo à construção de eco-comunidades.

Anos passados sobre estes precedentes, descobrimo-los projectados em Benfeita, uma *aldeia de xisto* na Serra do Açor, no Concelho de Arganil: em 2019 foi condecorada com o galardão de *Eco-freguesia;* a distinção visa reconhecer as freguesias que oferecem melhor qualidade de vida aos seus habitantes, contribuindo para o desenvolvimento de eco-comunidades, dando valor aos processos de cidadania participativa através de projectos e contributos à escala local, transformando o local numa comunidade mais sustentável.

Há hoje mais crianças neste lugar do que existiam há 30 anos. Mas para além da estatística demográfica, pensemos então o que muda no desenvolvimento e crescimento das crianças nesta realidade: aprendem sobre as relações humanas e as emoções, sobre a natureza, porque "tudo se resume a isso, olhares para ti, para o outro e para a terra que te rodeia" (Luz, 2019, p. 48).



54 | Miniatura extraída de Le Livre des prouffitz campestres, Pierre de Crescens, século XV (manuscrito 5064), Biblioteca Nacional de Paris
Fonte: Goff, 2007, p.28.



55 | Hortas de operários em Suresnes, 1943
Fonte: Goff, 2007, p.29.

Veio para Portugal à procura de um lugar onde pudesse plantar a própria comida e sentir-se segura. Segundo diz, no Reino Unido não é possível comprar um terreno para viver este tipo de vida, pois todos os pedaços de terra estão destinados a enormes quintas e produções agrícola de escala e carácter industrial (Luz, 2019, p. 47). Em Benfeita voltou a trabalhar-se a terra, a plantar os próprios alimentos e a fazer criação de animais, "não se trata de voltar a uma vida dura de pobreza extrema, mas a uma vida de abundância dentro dos limites naturais, onde o desejo de adquirir cada vez mais desaparece." (Luz, 2019, p. 47).

A permacultura, ou cultura permanente, é a base da vida sustentável da região e caminha para um futuro assente na ética de cuidar da terra, das pessoas, e essencialmente, do futuro, limitando o crescimento e o consumo. Não se trata apenas da compreensão da ecologia, mas de uma leitura da paisagem, do uso correcto da energia e dos recursos naturais, com vista à criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio com a natureza.

No contexto da permacultura, também o voluntariado se encontra na base de uma comunidade participativa e é integrado no projecto desenvolvido em Benfeita. No Verão, Wendy, abre as portas da sua casa a viajantes voluntários, que em troca de alojamento ajudam no campo e na floresta, estes "vêm de todos os cantos do mundo para aprenderem e trabalharem comigo. Eu gostava muito de viajar, mas agora não preciso, o mundo vem ter comigo." (Luz, 2019, p. 47).

Também Laura (Luz, 2019), de 44 anos, encontrou em Benfeita um lugar para ficar. Veio de Inglaterra onde fora activista ambiental e ecologista, "na altura pesquisei na internet por uma vida diferente. Queria viver perto da natureza." (Luz, 2019, p. 48). Nos primeiros anos de chegada a Portugal, viveu numa comunidade espiritual dedicada à permacultura, até que encontrou umas ruínas no meio da floresta, que depois de restauradas por ela e o marido, tornaram-se o seu lar. A eles juntou-se também o seu irmão, David, que também terá encontrado na Serra do Açor a sua felicidade. Mas não foram só os estrangeiros em busca de um novo estilo de vida, também os portugueses, Bárbara e Miguel de Braga e Viseu encontraram 'um cantinho no mundo, no meio da natureza' onde pudessem "tratar e cuidar". (Luz, 2019, p. 48)

Neste cenário de ensaio prático para uma 2ª Ruralidade, consubstancia-se uma nova ideia de campo, onde se confrontam os processos de ruralização da 1ª Ruralidade "espaço-produtor" e os novos actores do "espaço-produzido", os chamados neo-rurais *rurbanus*, provenientes na sua maioria do espaço urbano em constante transformação (Covas & Covas, 2012).



56 | NOVA ALQUIMIA, *New Alchemy Intitute*, Nancy & John Todd, 1969
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

Será este o novo actor potencial de um futuro mundo rural? Para António e Maria das Mercês Covas (2012), o regresso ao "campo" dependerá cada vez mais de "um homem deambulante experienciando" momentos especiais, mas também, cada vez mais dedicado, experimentado e conhecedor dos segredos do mundo natural-rural, cujas fronteiras deseja alargar." (Covas & Covas, 2012, p. 122). Vaz e Nofre, caracterizam estes actores do mundo rural como "classe criativa", trabalhadores por conta própria ou proprietários de microempresas, que procuram estilos de vida alternativos à cidade. Estes impulsionadores de uma nova ruralidade tendem a ter um espírito empreendedor, que culmina no aparecimento de novas empresas culturais e criativas, capazes de promover a criação de emprego e o crescimento económico nos contextos onde se inscrevem. (Vaz & Nofre, 2017) São como viajantes vindos das cidades, que escolhem o mundo rural em diversas alturas da sua vida e por diferentes razões. Existe uma diversidade de actores, dotados das mais diversificadas competências, que projectam sobre o mundo rural novas e variadas perspectivas. Por isso, serão eles a transformar o cânone do mundo rural de espaço-produtor para espaço-produzido, "ou seja, a consideração do campo como construção social de um novo espaço público." (Covas, 2012, p. 27).

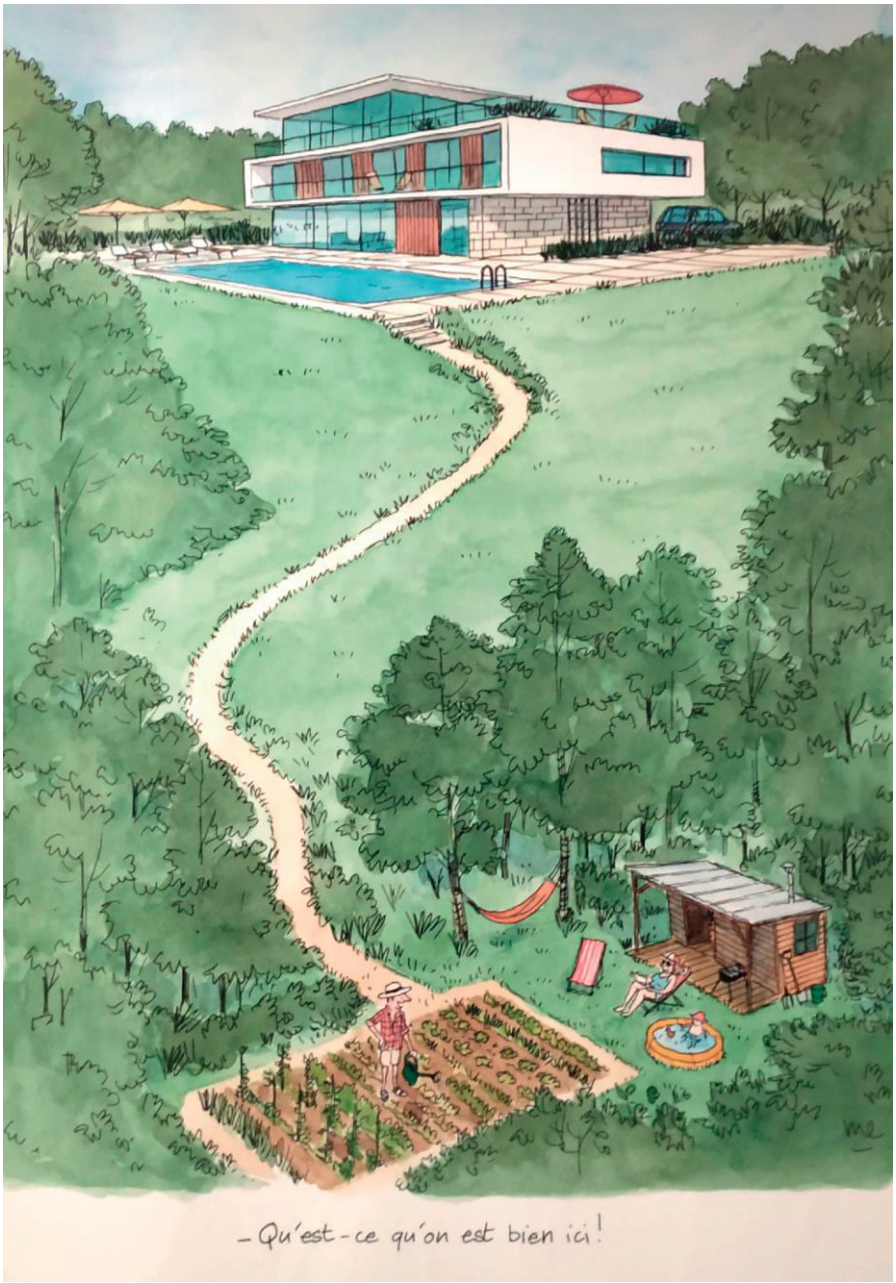


57 | REEDUCAÇÃO PROFISSIONAL*, Déchets,* Julie Nahon, 2019, a partir da pintura de As Respigadoras, Jean-François Millet, 1857
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

Wendy (Luz, 2019) vê as comunidades isoladas do resto da sociedade, dependentes de fundadores carismáticos ou de ideologias próprias, como se tratassem de mosteiros modernos. Porém, não é esse o objectivo que procura em Benfeita, mas sim voltar a um nível de auto-suficiência que não se satisfaz com "ser sustentável, mas regenerativo do ambiente, da comunidade e da economia local" (Luz, 2019, p. 47). A ideia da governança local, numa organização bioregional, em que a economia não tem como objectivo o crescimento, mas a manutenção de uma saudável circulação de recursos, sobretudo naturais,

> "para que todos tenham o que precisam para uma vida feliz e saudável, sem explorar e destruir o nosso ambiente. Isso é criar resiliência e flexibilidade na comunidade com um senso de responsabilidade e autonomia. Esta visão garante também que a riqueza e o poder não se podem concentrar nas mãos de tão poucos." (Luz, 2019, p. 47).

Caminha-se então para a definição de princípios que definem este (redescoberto) estilo de vida, assente nas bases de uma comunidade socialmente activa e sustentável, de acordo com a composição territorial apresentada em *A Caminho da 2ª Ruralidade*: um sistema natural (uma unidade de paisagem), sistema produtivo (a economia multi-local), sistema cultural (os signos e o património) e uma institucionalidade dedicada (uma estrutura de missão ou projecto) (Covas & Covas, 2012, p. 25). Determina-se a necessidade de olhar para os lugares rurais como comunidades territoriais, aceitando a premissa de Gonçalo Ribeiro Telles (numa entrevista ao Jornal *Pessoas e Lugares*) que distingue as identidades geográfica, cultural e histórica da região natural pela cooptação de "uma riqueza de recursos onde não se pode desprezar a agricultura." Nesse sentido, não se poderão apelidar de "comunidades urbanas" (Chaves & Aranha, 2004, p.5).



58 | ESQUIZOFRENIA, Martin Étienne, 2018
Fonte: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

No que a estas últimas concerne, no extremo oposto da escala, será igualmente decisivo repensar o desenho da cidade em conformidade com o mundo biofísico, pois "a cidade monolítica, que cresce à custa da destruição de recursos naturais e de valores culturais, avançando no território sem olhar ao necessário equilíbrio energético e à sustentabilidade ecológica, está condenada." (Covas & Covas, 2012, p. 23).

Nesse caso, os espaços verdes entendidos como ornamentos da cidade não constituem uma resposta viável para as cidades, pois não fazem parte do desenho de uma estrutura verde, mas de um mero aproveitamento das fissuras ou dos espaços residuais das cidades, como é sugerido na *Infiltration* (Marot, 2019). Mais que isto, é necessário que o desenho da estrutura verde seja "um desenho global que se inspire na natureza, na cultura e na paisagem, desenvolvendo forças que permitam a vida e respondam à inquietação estética e às necessidades sociais e culturais da actualidade." (Covas & Covas, 2012, p. 24).

Para a 2ª Ruralidade, imagina-se então um *Plano Verde* de cidade, uma concepção da paisagem global baseada na ideia do *continuum naturale y el continuum culturale* (Cabral, 1980, p. 37), onde deverão coexistir com o mesmo valor, o espaço natural e o espaço edificado. Nesse desenho deverão estar integradas a natureza biofísica e cultural do lugar, assim como a "paisagem viva", os ofícios e o quotidiano.

Deveria este plano estender-se a todo o território, assente numa única política de ordenamento, unindo a biodiversidade, o equilíbrio ecológico, a funcionalidade dos espaços, assim como a identidade do lugar (Covas & Covas, 2012). Também Gonçalo Ribeiro Telles (citado por Covas & Covas, 2012, p.24):

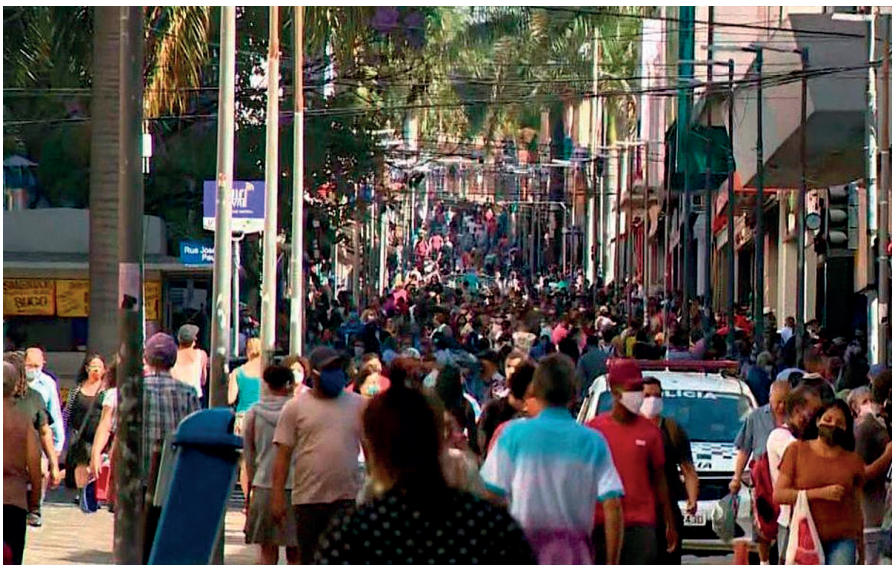
> "a estrutura verde não deverá ser concebida à posteriori concretizada num mero "decorativismo vegetal", em "arranjos paisagísticos", na "vegetalização" e "enquadramento" de infra-estruturas ou em "paisagismos pictóricos", mas sim concebida como uma obra de arte de arquitectura paisagista que se apoia numa participação interdisciplinar."

Estará no êxodo da metrópole a solução para a sobrelotação, uma fuga da urbe em busca do mundo reorganizado e pensado, essencialmente em relação aos recursos naturais? Será que poderemos concluir que o destino manifesto da humanidade não são afinal as grandes cidades? Baseando-nos nos ideais da vida comunitária, auto-suficiência e autonomia, o apelo a que se ocupem as pequenas aldeias e os territórios do mundo rural, que se cultive e se viva a terra, contornando o habitual modo de vida citadino, estaremos hoje mais perto de um novo movimento "back-to-the-Land"? Pese embora a incerteza potencial sobre o futuro, o que sabemos é que o desenvolvimento territorial está ligado a uma economia criativa: para Richard Florida (citado por Vaz & Nofre, 2017), a força motriz por trás do desenvolvimento de uma cidade é a sua capacidade para atrair e reter pessoas criativas" (p. 80). A qualidade de vida e do lugar, o bem-estar, a sustentabilidade (estilos vida baixos em carbono, a eficiência energética e os espaços verdes), e a inclusão social (a proximidade social e o espírito de comunidade), estão na base da atracção e retenção destas pessoas (Vaz & Nofre, 2017).

A presente condição pandémica a nível global não é inaugural nem nas suas causas nem nos seus efeitos, mas permite identificar com clareza aquilo que é disfuncional, quem sofre mais e como se expressam os problemas que precederam a crise. Partindo-se do princípio que haverá algo a aprender com toda a situação, a perspectiva de um mundo pós-pandémico reclama alterações a nível social, económico e ecológico, onde a hipótese de regresso ao campo e a adopção de modos de vida mais orientados para o contacto com a natureza, menos consumistas, menos apressados e mais solidários parece ser uma hipótese vivencial possível.

Koolhas (2020), entrevistado por Luscombe para a TIME, considera que reunir mais de 50% da população mundial em metrópoles que ocupam 2% do espaço terrestre do mundo já era um problema antes de se vulgarizar o conceito de distanciamento social. Na mesma altura em que lança a exposição *Countryside*, no Guggenheim, a respeito do negligente abandono do mundo rural no planeta, devido à pandemia, nas cidades, começa a desejar viver-se num lugar menos concentrado, começando até a questionar-se de onde virá a própria comida. (Luscombe, 2020)

O arquitecto e urbanista Stefano Boeri reflecte acerca de um mundo pós-pandemia, afirmando que não poderão continuar a existir cidades sobrepovoadas, pois as cidades constituem "bombas de contaminação". (Salvador, 2020)



59 | "Nas grandes cidades, aglomerações que crescem dia após dia com os números de mortos.", São Paulo, 2020.
Fonte: https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/07/em-pior-momento-da-covid-19-no-brasil-aglomeracoes-aumentam-tragedia-naturalizada-diz-fiocruz/ (consultado a: 08/01/21).

Percebemos que as cidades são, no actual contexto, locais particularmente perigosos para se viver, onde a possibilidade de distanciamento fica muito comprometido e a perspectiva de confinamento se faz no limite das quatro paredes da habitação. Ao libertar a pressão exercida sobre as zonas urbanas, o regresso ao campo é visto com uma solução para mitigar a propagação do vírus. Acerca do caso específico de Itália, Stefano Boeri (citado por Salvador, 2020, s.p.) defende o regresso às aldeias italianas:

> "A Itália conta com 5.800 aldeias com menos de cinco mil habitantes, incluindo 2.300 quase abandonadas. Se as 14 metrópoles do país 'adoptarem' estes pequenos centros históricos desabitados, dando-lhes vantagens fiscais, meios de transporte, etc… isso seria uma porta de saída. Isto é um futuro".

Devem então ser reavaliadas estas possibilidades, seja como solução à densidade populacional urbana, seja como alternativa ao consequente colapso do nosso modelo social e económico. Trata-se de um desafio que a sociedade actual não esperava vir a enfrentar tão cedo, mas não haverá outra alternativa senão prepararmo-nos para uma 'nova era', mais ecológica e sem energias fósseis. Segundo a arquitecta paisagista, vários artigos científicos aparecem agora a relacionar a desflorestação mundial ao aparecimento de pandemias: a destruição progressiva da paisagem tem sido sistemática, e a jusante da desertificação acelerada encontramos ameaças como os incêndios florestais, o abandono dos campos devido a uma monocultura exaustiva, agregado à poluição dos solos e dos recursos naturais. Depois disto, seguir-se-á o colapso das alterações climáticas. (Severino, 2020)

A pandemia dita-nos assim o caminho a seguir, segundo Severino (2020, s.p.):

> "Diminuição das atividades ligadas às energias fósseis, mas também a preservação dos recursos naturais, pois a sua regeneração não é infinita;
> -Apoio à eco-economia, baseada no 'primado do humano e da ecologia',
> -Recuo na 'especialização' de vastos territórios do país ou do planeta para a produção de bens essenciais."

Tudo isto implica uma alteração no urbanismo, a bem da diminuição de riscos provocados pelas concentrações de pessoas nas grandes cidades, e nesse campo, a ecologia começa a ganhar terreno. (Severino, 2020) Pensar um novo urbanismo revertendo o crescimento das metrópoles, baseando-se numa estrutura verde. Uma nova ecologia urbana com vista a diminuir a pegada ecológica individual e aumentando a área verde por habitante. É ainda importante permitir à população a utilização de recursos de qualidade, para isso é preciso um investimento na eficiência energética das habitações. Para Steinberger, "precisamos de um sistema económico diferente que seja mais forte, seguro e sustentável, que não caia no ciclo vicioso das crises." (Azevedo, 2020, s.p.)

A natureza e os recursos naturais não são infinitos, os ecossistemas não se renovam facilmente e torna-se cada vez mais consciente o facto de que não existe um Planeta B. Está na altura de se pensar e agir por caminhos mais ecológicos, no sentido de um desenvolvimento mais sustentável, estando em causa a sobrevivência.

III.

O (RE) VERSO DO FUTURO

Com o aparente esgotamento do modelo económico do qual depende a concentração da população em cidades, a idealização do projecto que aqui se apresenta objectiva-se sobre a hipótese ou perspectiva de um consequente regresso ao campo. Em particular, baseia-se na detecção de duas questões conceptuais sugeridas pela Vila muralhada de Évora Monte, as mesmas que se poderiam aplicar a outras vilas medievais do interior do nosso País. A primeira seria uma espécie de pré-determinação operativa (a salvaguarda) decorrente uma herança patrimonial e a segunda respeita ao continuado abandono dos espaços rurais do interior de Portugal.

Pretende-se contrariar a desertificação do interior de Portugal e evoluir formas de activar a economia que sustenta a vida do lugar, através de uma proposta de arquitectura que sugere um movimento em sentido oposto. Deste modo, enuncia-se a hipótese da revitalização atípica de Évora Monte, tirando partido da componente cultural, histórica e social do lugar, e recorrendo ao seu contexto alentejano, rural e medieval, no caminho que promova uma acrescida habitabilidade.

Apresenta-se uma solução arquitectónica para fomentar a possibilidade de residência no lugar baseada na vida em comunidade, complementar à consciência da importância da agricultura e das culturas locais.

III.I. O confronto

À vista do legado patrimonial, decorre a constatação de que lugares como Évora Monte (que nestes termos se equivale a Monsaraz, Mértola, Óbidos ou Ávila) se vocacionam para uma determinista musealização, o que dificulta a ocorrência simultânea de vida social e económica que não seja correlativa à potenciação do fenómeno turístico.

Apela-se aos princípios de salvaguarda do património contra ele próprio, considerando-se que "os monumentos [...] Eram património porque falavam de muitas experiências do passado; eram património porque eram o lugar onde se construíam todos esses significados" (Prista, 2019, p. 47). Neste entender, a questão estará em convocar o passado histórico para apoio ao desenvolvimento das gerações seguintes, certamente enquanto contributo para fixar a identidade do lugar, mas de modo a torna-lo dependente dos modos de vida de quem passa a habitar o lugar e não o seu oposto:

> " «Nós podemos ter um património edificado, umas igrejas muito bonitas, mas, se não tivermos pessoas a viver, eu acho que não é um património vivo» […] quem vivia a Vila é que era património […] «um património morto», apesar de ser de «um arquivo vivo.» […] «Não é morto porque não vai lá gente. É morto porque não vive lá gente.» " (Prista, 2019, p. 47)

Projecta-se ainda sobre o lugar a sombra da desertificação e do êxodo rural que deixa lugares como Évora Monte cada vez mais isolados e afastados de possíveis intervenções. Se até aqui temos vivido numa existência entre o rural e o urbano, que condena o rural ao pitoresco e mantém o urbano na dependência das grandes cadeias de distribuição, aponta-se aqui a vantagem na interdependência de duas estratégias: i) reocupação a bem da exploração da função agrícola, defendendo-se a ideia da produção à escala local, em contradição à sobreprodução intensiva baseada em monoculturas; ii) solução de intervenção baseada na hipótese da 2ª Ruralidade, promovendo um conjunto habitável, provocatória e simbolicamente inscrito dentro do perímetro amuralhado de Évora Monte.

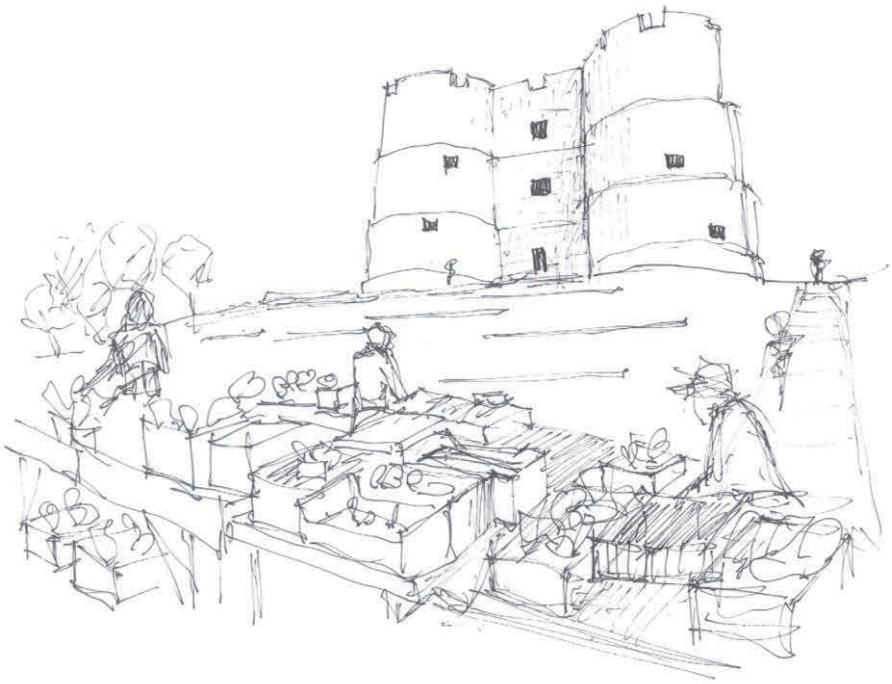
Gonçalo Ribeiro Telles refere numa entrevista que "não podemos separar a paisagem e tratá-la como uma coisa para o turismo ou como um valor apenas de cenário" (Chaves & Aranha, 2004, p.4).

Se já vimos como o lugar de Évora Monte tende, devido ao contexto histórico, a tornar-se num espaço temático, o projecto vem contrariar tal destino e o abandono a que a Vila está sujeita. Propõe-se nesses termos, fundamentar pelo projecto a possibilidade de residir neste lugar, com uma proposta que se apresenta antitética à conservação e à reabilitação museológica do património, alimentando a possibilidade de fuga à cidade em direcção ao campo.

Apresenta-se assim aquilo que se julga ser legítimo entender como uma solução actual e pertinente, à luz do espírito do tempo. A ruralidade é então apresentada como plataforma de resolução para as complicações da vida na cidade. O que é a antítese de potenciar o campo como lugar de visita de fim-de-semana, e ao invés contribuir para abrir caminho a uma 2ª Ruralidade onde se dá valor ao ambiente, aos recursos e a um metabolismo vivencial autóctone.

A proposta materializa tipologias adequadas à permanência de pessoas e agregados familiares no lugar, respondendo ao raciocínio que interpela o problema do património museu, tornando por isso emblemática a intervenção no interior da muralha. A implementação de tipologias habitacionais com carácter rural é inspirada na casa pátio alentejana e compatibiliza-se com a pegada morfológica do casario pré-existente, preenchendo um espaço vazio/baldio que recompõe a continuidade da rua principal.

A habitação parece-nos o programa adequado para conferir complexidade vivencial ao lugar e romper com a ideia do espaço 'limpo' para a visita turística, exclusivamente povoado por figurantes a promover lojas de produtos "típicos". Coexistem a provocação implicada em trazer urbanização contemporânea para o interior da muralha (isto é, para o interior do museu) e a fixação de residência permanente que garanta uma relativa indiferença face ao fenómeno turístico. Começa-se assim a imaginar um espírito de comunidade, capaz de animar o quotidiano de quem habita Évora Monte em cada objecto singular fora da prateleira.



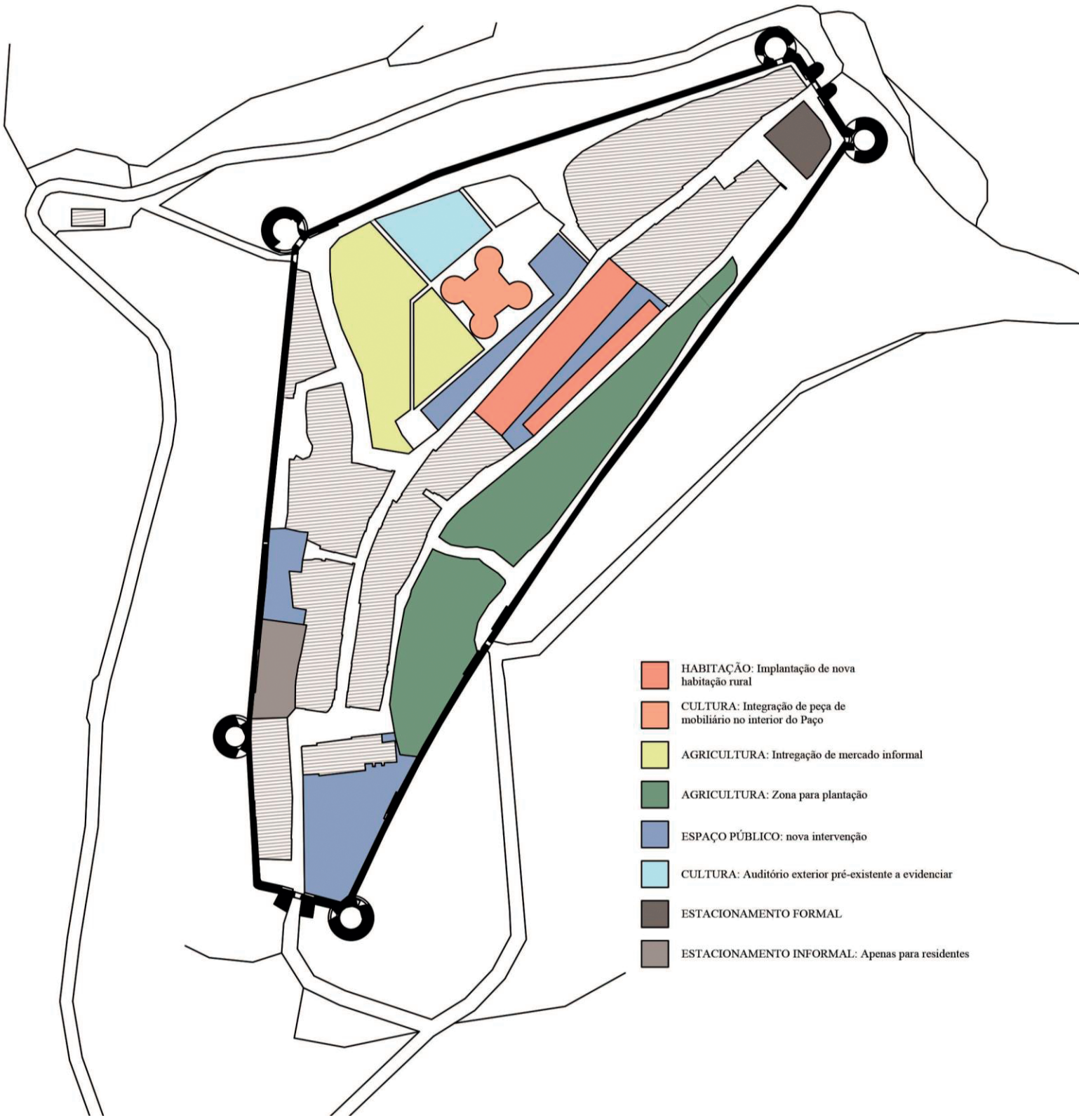
60 | ÉVORA MONTE: Idealização de compra e venda
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

> "A «desruralização» da cidade é um fenómeno do século XIX. Até ao século XIX persiste uma certa actividade rural nas cidades, sempre susceptível de ser retomada em caso de necessidade. Vi isso recentemente na China: a casa familiar com a pequena horta para os legumes, os frutos necessários ao consumo familiar, que se troca com os vizinhos." (Goff, 2007, p.30-31)

Como complemento ao projecto residencial, promove-se a venda e troca de produtos agrícolas do local e no local, num mercado informal que se desenvolve, como em tempos medievais, na encosta do Paço, dando suporte a um possível regresso à terra e à agricultura.

Por outro lado, sem desmerecer a importância do conjunto histórico e o importante papel social e cultural do património histórico de Évora Monte, propõe-se ainda integrar uma peça de mobiliário modular, equipamento polivalente para equipar o interior do Paço e permitir a correlação figurativa da estrutura patrimonial matriz com o mercado adjacente e com o que de novo se poderá voltar a passar em seu redor.

Imagina-se esta intervenção em Évora Monte como contributo para um contexto de uma nova ruralidade, mais sustentável e respondendo às necessidades actuais de uma sociedade criativa e em mudança.



61 | Estratégia urbana, 1:2000
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

O desenho da intervenção na vila apela a uma revitalização atípica para o lugar e premeia a possibilidade da harmonização de três grandes idealizações para aquilo que se imagina o caminho de Évora Monte, são elas: habitar em comunidade, a agricultura e a cultura.

O resgate de Évora Monte a favor da vida no campo e da refundação de uma comunidade rural, conceptualiza-se tomando como exemplo intervenções referenciais, quer do ponto de vista da capacidade evocativa simbólica de uma base histórica e social, quer do ponto de vista de uma adequação tipológica a um contexto regional e ambiental. O projecto base materializa-se numa tipologia de habitação rural, que pretende invocar a vida em comunidade.

O projecto levanta ainda a possibilidade da integração de uma componente dita de equipamento, desdobrado em duas valências, uma permanente – a fundamentar a hipótese de constituição de um mercado no exterior – e um efémero, a equipar o edifício reabilitado do Paço. Opera-se assim de acordo com uma vocação compósita, entre "o regresso ao campo" e um correspondente "suporte cultural".

De forma a complementar a intervenção e respondendo às necessidades dos residentes e usuários da vila, impõe-se a possibilidade de reorganização do espaço público, concretizando-se na inclusão de um novo espaço de mobiliário urbano adjacente ao Paço com vista sobre a Vila a sudeste; a organização do espaço de estacionamento para os residentes a poente da vila, numa zona actualmente pouco enriquecida, complementando-se com as sombras e bancos que existem; junto à Igreja principal imagina-se ainda a inclusão de um espaço com sombras e mobiliário urbano, capaz de receber quem chega à vila a pé.

Como exemplos para a capacidade da arquitectura em produzir o novo sem perder a capacidade evocativa de uma ressonância histórica e antropológica, começamos por destacar a tipologia habitacional da casa-pátio alentejana desenvolvida por Álvaro Siza Vieira para a Malagueira (1977), na periferia de Évora. Não se tratando de uma intervenção análoga ao projecto que se desenvolve, em termos de escala ou contexto de inscrição – trata-se aqui com efeito da construção de "cidade nova" – toma-se como exemplar para o projecto a concepção das tipologias de habitação de inspiração vernacular, reportada aos modelos da casa tradicional do sul, pensada como unidade reprodutiva susceptível de fundar uma unidade urbana coerente e fortemente identitária. A Malagueira resiste, hoje, dignamente à condição do tempo (Frampton, 2016).

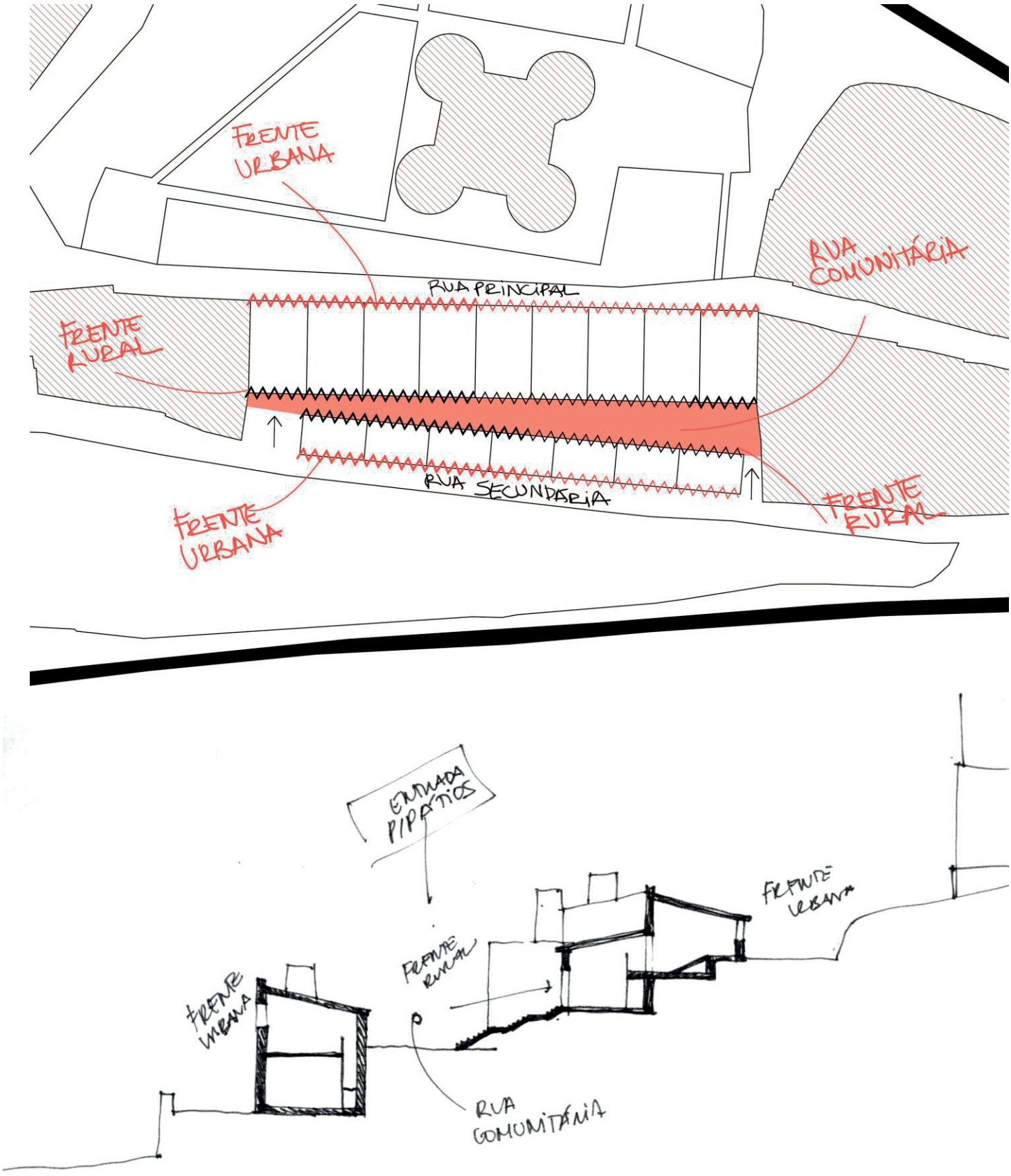
Os tipos projectados na *Quinta da Malagueira* baseiam-se então na reformulação das casas caiadas de branco alentejanas, subprodutos de uma identidade mediterrânica, que neste contexto proporcionam ao espaço urbano um sentido de comunidade fundado na ruralidade, importante para a idealização do projecto de Évora Monte.



62 | Agregação da Casa Alentejana,
QUINTA DA MALAGUEIRA, Álvaro Siza Vieira, Évora, 1977.
Fonte: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-140004/clasicos-de-arquitectura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza
(consultado a: 20/11/20).



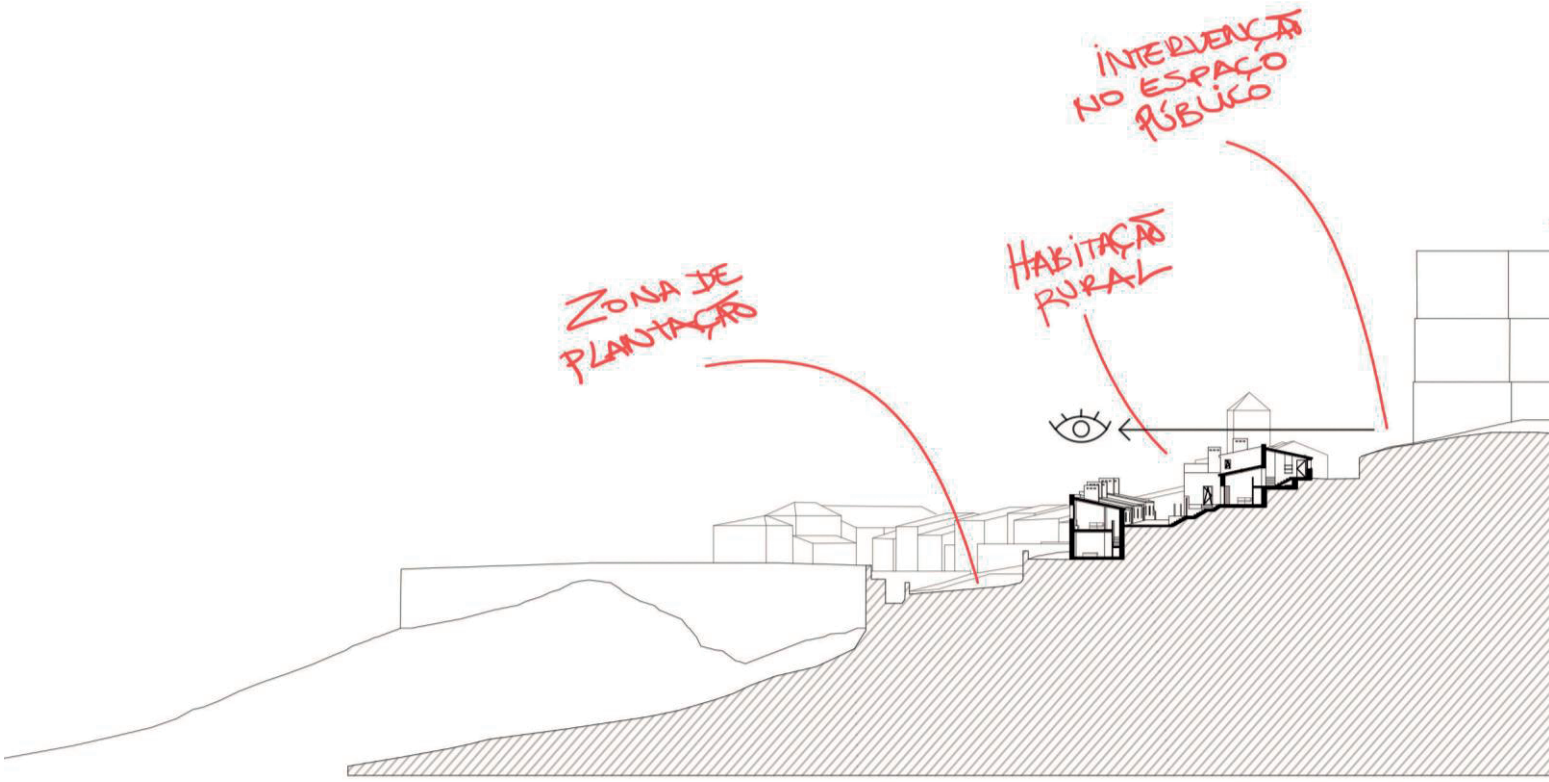
63 | Vivência nas ruas e aparecimento de veículo, QUINTA DA MALAGUEIRA, Álvaro Siza Vieira, Évora1973-77.
Fotografia: The Architectural Review
Fonte: https://www.archdaily.com/592436/reflections-on-alvaro-siza-s-quinta-da-malagueira-communist-housing-scheme-in-evora (consultado a: 8/12/20).

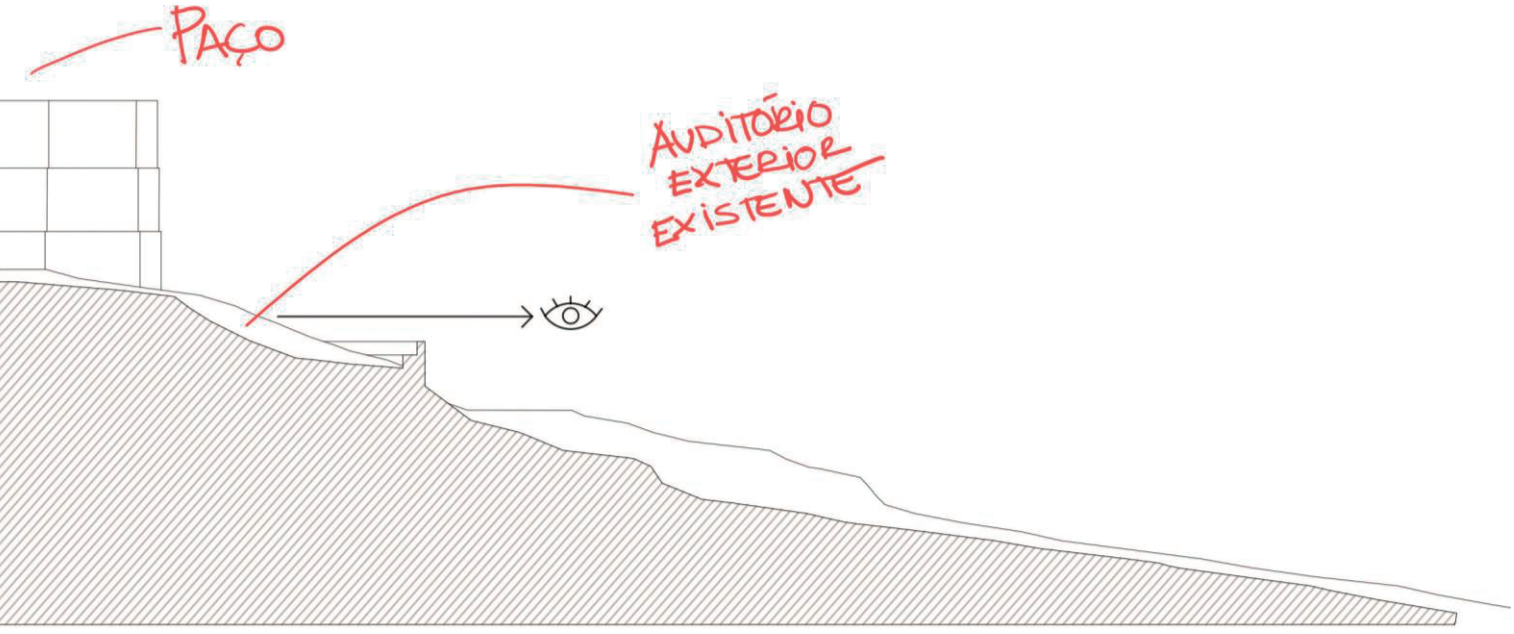


64 | Esquemas das frentes representativas da casa, sem escala
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

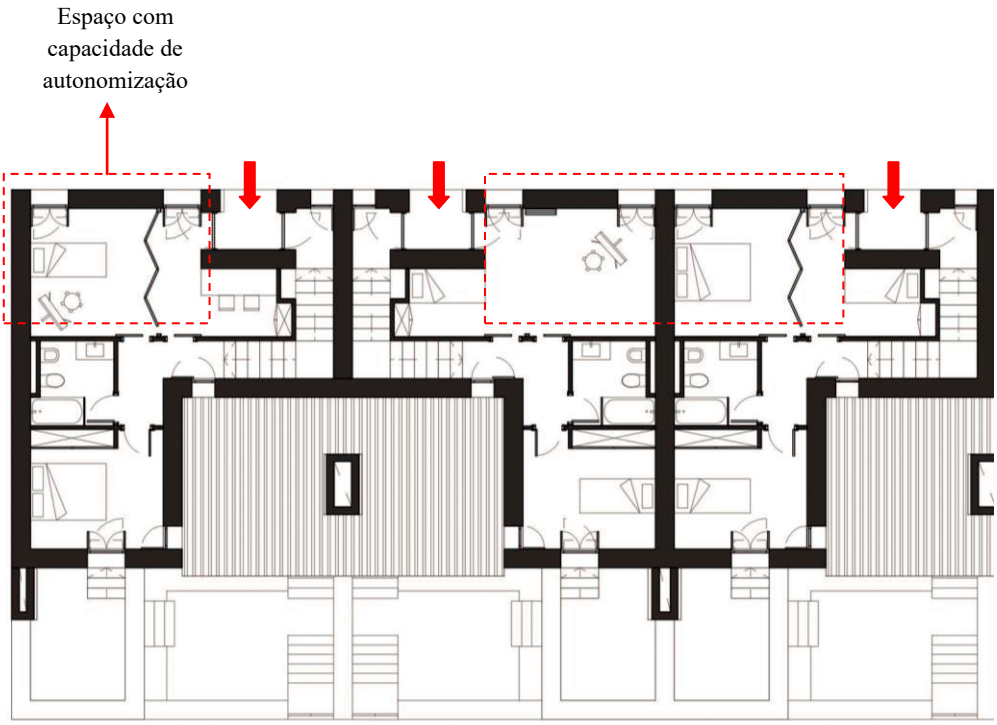
Na prática, a inserção da casa rural no território de Évora Monte pretende marcar a continuidade da rua principal, fazendo-se erguer num grande espaço expectante da Vila. Pretende-se impor uma ligação do espaço cultural do Paço ao espaço agrícola, e será a casa rural a mediadora desse papel. A implantação desenvolve-se e procura resolver uma diferença de cota considerável entre a rua alta e a rua baixa. Nesse sentido, projecta-se uma serventia pública intermédia, acessível a partir da rua baixa, sendo através dela que os habitantes acedem aos pátios das casas e, por consequência, se faz a ligação às áreas de cultivo dispostas abaixo na encosta.

Propõe-se duas tipologias de casa rural com espaço exterior privado, um pátio/logradouro através do qual se acede, por escadas independentes, à rua intermédia. Esta distribuição responde a princípios de vivência em comunidade, servindo a possibilidade de encontro social e dinamizando a vertente rural que se pretende sugerir. Assim, ambas as tipologias são desenvolvidas a partir de uma "frente representativa" que contribui para a definição das ruas alta e baixa, desdobrando-se simetricamente, para baixo e para cima, respectivamente, ao encontro dos pátios em "tardoz rural", que configuram a rua média. Tal como acontecia inicialmente no bairro da Malagueira, deixando a possibilidade aos moradores de desenvolverem de acordo com o próprio desígnio, hábitos de apropriação do espaço do pátio, na transição para o espaço colectivo.

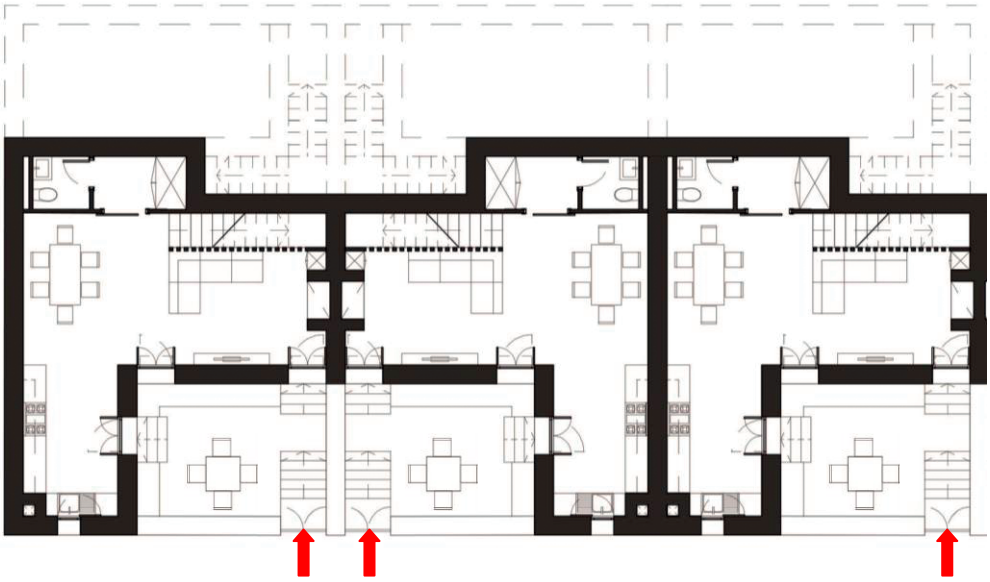

INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO
HABITAÇÃO RURAL
ZONA DE PLANTAÇÃO



65 | Corte identificativo de intervenção, sem escala
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

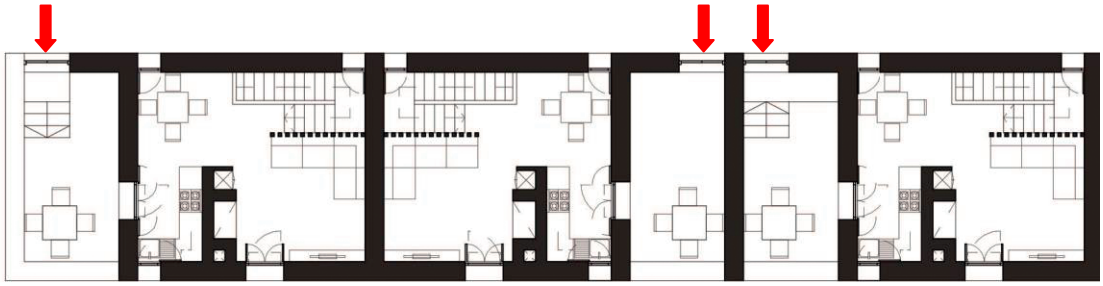


PLANTA SUPERIOR – frente representativa urbana c/ acesso à rua principal

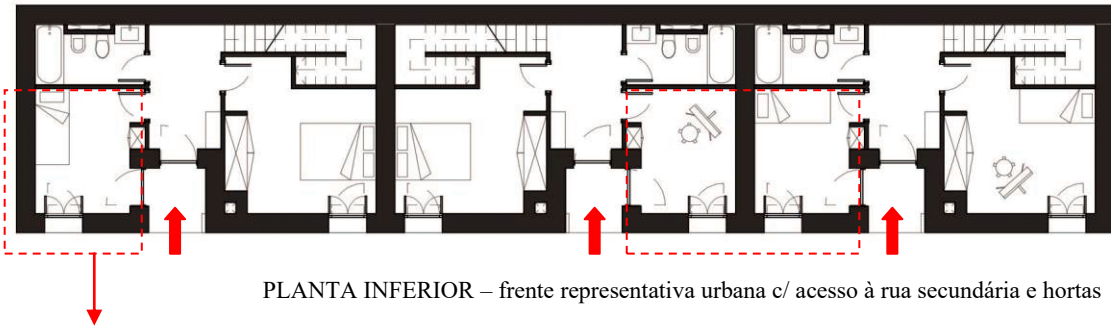


PLANTA INFERIOR – frente representativa rural c/ acesso pelo pátio à rua comunitária e hortas

66 | Plantas da tipologia de casa grande, 1:200
Fonte: Elaborado pela autora, 2020



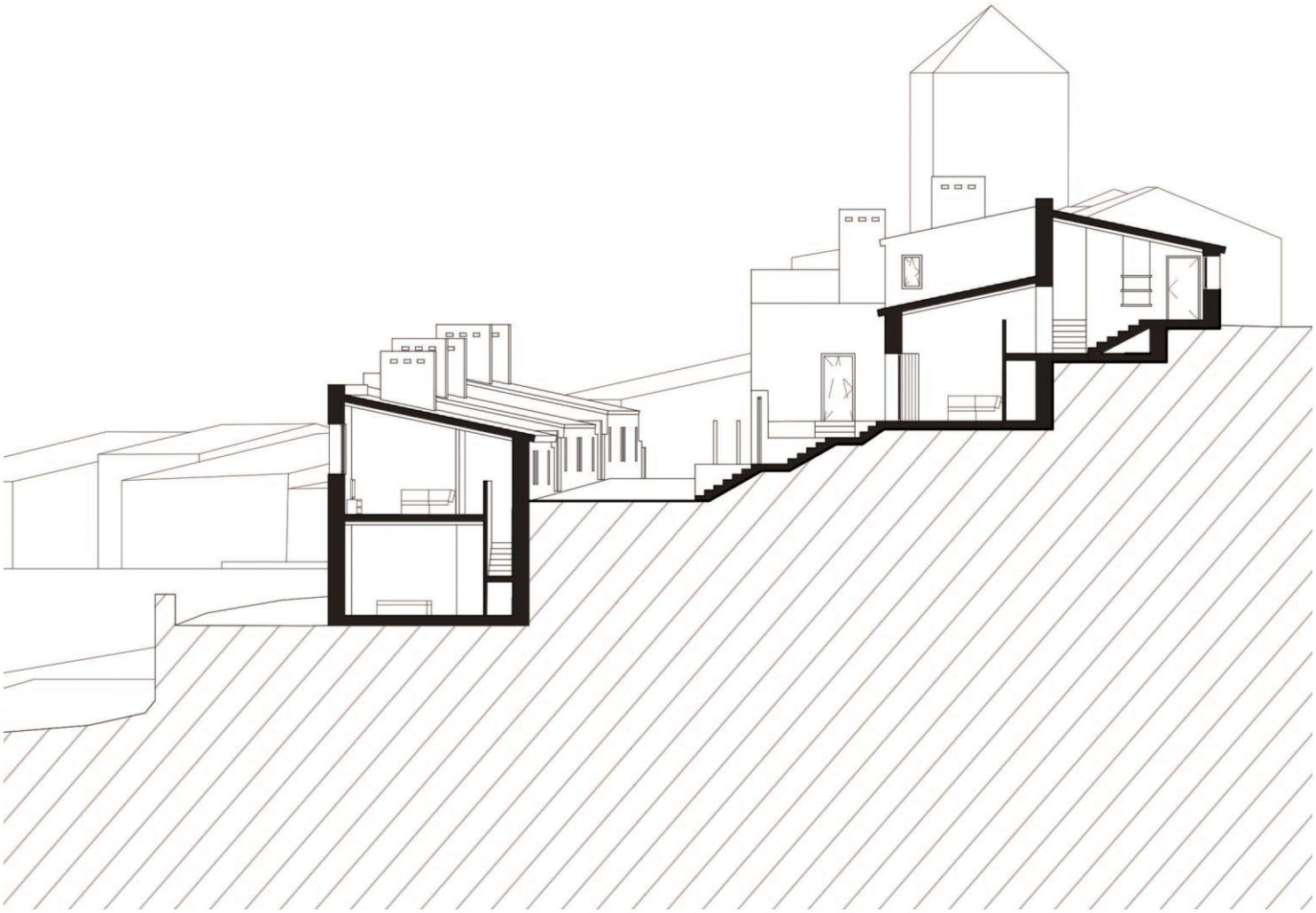
PLANTA SUPERIOR – frente representativa rural c/ acesso pelo terraço à rua comunitária



PLANTA INFERIOR – frente representativa urbana c/ acesso à rua secundária e hortas

Espaço com capacidade de autonomização

67 | Plantas da tipologia de casa pequena, 1:200
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



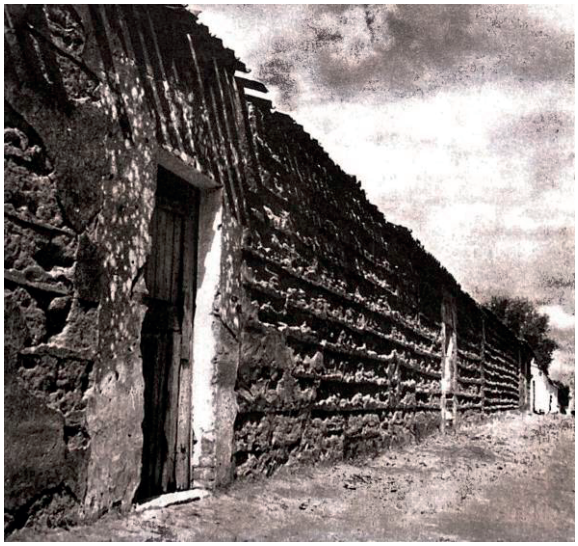
68 | Corte da agregação das duas tipologias habitacionais, 1:200
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

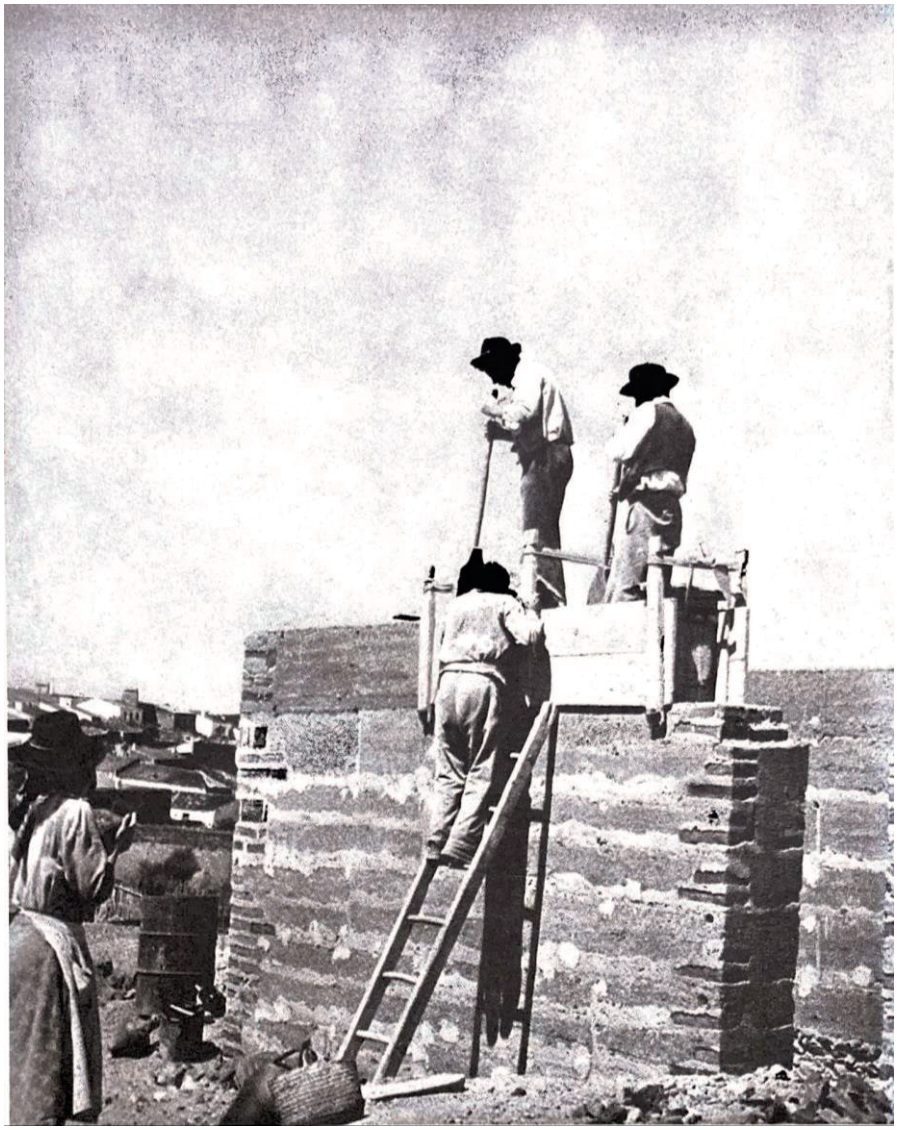
A casa maior desenvolve-se a partir da rua principal, a descer, desdobrando-se em três níveis sucessivos que se ajustam ao declive do terreno. Na sua "frente representativa", beneficia de um espaço com capacidade de autonomização em relação ao resto da casa, adaptando-se assim a diferentes usos. Sendo também neste nível que se encontra a zona mais íntima da casa. A casa vai descendo pela encosta e vai-se encontrando os espaços sociais que terminam num pátio com acesso à via comunitária, que por sua vez facilita o acesso às zonas de cultivo.

À segunda tipologia, mais pequena, acede-se inversamente de baixo para cima, pela frente representativa. Ou seja, este segundo tipo desenvolve-se entre a rua baixa, evoluindo a casa até à rua média. Define-se em dois pisos, sendo que também aqui o mais baixo possui igual capacidade de se destacar, autónomo. Esta tipologia, ao invés do pátio, usufrui de um terraço com ligação à zona social da casa e com a mesma condição de acesso à rua média de serviço.

Sintetizando o conceito, as duas tipologias de casa, desenvolvem-se a partir de uma frente representativa para um tardoz utilitário, incorporam um espaço acessível às ruas primárias com possibilidade de autonomização. As casas espelham-se e repetem-se paralelas às ruas pré-existentes, até às empenas a montante e a jusante, que delimitem a continuidade da unidade morfológica.

Como a casa típica Alentejana, procura integrar-se o espaço do fogo de dois modos complementares: o fogo funcional, associado à confecção alimentar e o fogo simbólico de aquecimento e ambiência, vocacionado para celebrar a vivência colectiva do espaço doméstico, ambos expressos em volumosas chaminés que se destacam na figuração da correnteza de casas.





69 | Paredes de taipa, Peroguarda, Ferreira do Alentejo
70 | Elevação de paredes com taipal
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 153-155.







71 | Ecobuilding, Marrakesh, Simo Bouswir, 2018.
72 | Adobe Ecobuilding, Marrakesh, Sino Bouswir, 2018.
Fonte: https://www.instagram.com/simobouswir/ (consultado a: 09/01/21).
73 | Habitação em adobe, caiada a branco, com poial e gigantes (contrafortes) em pedra
Fonte: Correia, 2002, s.p.

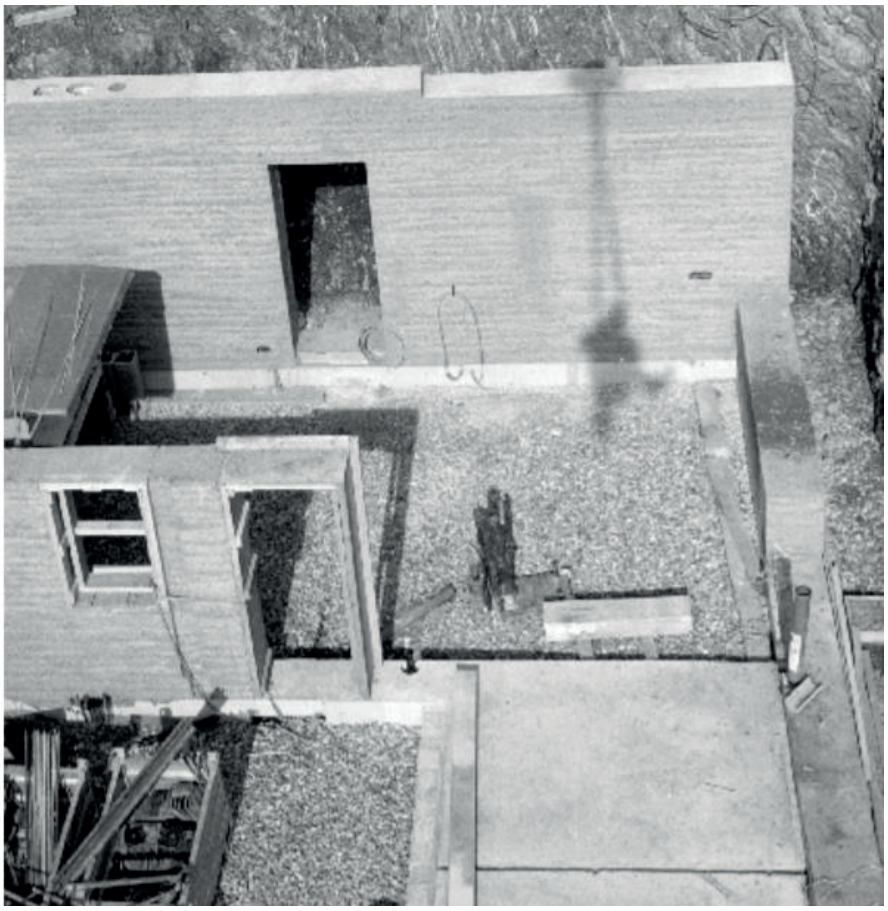
“o camponês construiu a sua casa com terra, ou com tijolos, de terra, que tirou do solo e deixou secar ao sol. […] E ali, em cada casebre, em cada casa em ruínas encontrava-se a resposta ao meu problema” (Fathy, 2009, p.15).

À luz da tradição construtiva da Casa Alentejana, a hipótese de construção em taipa tira proveito da possibilidade do uso para a construção da terra retirada a partir do próprio terreno (ou pelo menos, a partir de uma disponibilidade a caucionar uma lógica de proximidade). Para além de se tratar de um material natural, e por isso com um menor impacto ambiental, a taipa proporciona um excelente isolamento térmico e acústico, assim como uma forte durabilidade e resistência ao fogo.

Utiliza-se aqui, não obstante, um sistema misto entre a construção de natureza antropológica e a tecnologias corrente da estrutura em betão armado, cuja racionalidade se explica aqui pela necessidade de implantação das casas num lote de acentuado declive. O betão armado, capaz de garantir estabilidade, estabelece os muros de fundação e suporte que estratificam o declive em níveis sucessivos, enquanto as paredes de taipa se lançam na direcção oposta, sem imperativo estrutural e apenas de conformação espacial. Por sua vez, os muros de suporte, são revestidos pelo interior com tijolos de adobe, proporcionando a mesma materialidade e homogeneidade à casa. Entre as vantagens desta opção compósita entre a construção corrente e a terra compactada em taipal tradicional e tijolo de adobe, ressalva-se que a fundação em betão armado, para além da garantia estrutural, dificulta a subida da água por capilaridade e a degradação da taipa, assegurando a durabilidade do composto.



74 | Estrutura mista de betão e taipa, CASA EM BEJA,
Bartolomeu da Costa Cabral, 2006-2008.
Fotografia: Manuel Botelho, 2014.
Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bartolomeu_Costa_Cabral_Moradia_no_Alentejo_2_img_6870.jpg#filehistory
(consultado a: 8/12/20).



75 | Processo construtivo - estrutura mista de betão e taipa, CASA RAUCH, Martin Rauch, Austria, 2004-2008
Fotografia: Beat Bühler
Fonte:http://www.tectonicablog.com/docs/tectonica_boltshauser_casa%20rauch.pdf (consultado a: 8/12/20).

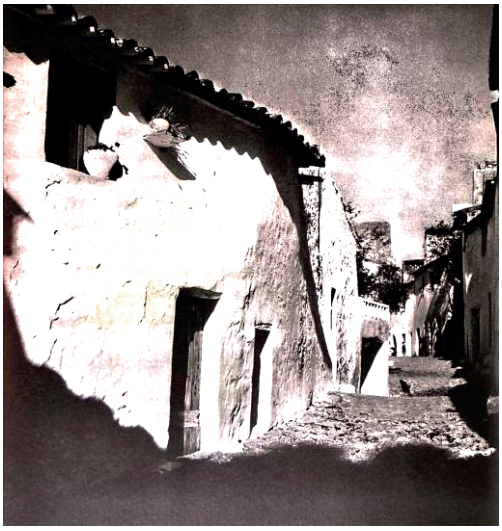




76 | Cobertura em madeira com forro de pinho pintado de branco e caixilharia de madeira de pinho,
77 | As chaminés e o beirado à portuguesa na casa caiada, CASAS CAIADAS, Pereira Miguel Arquitectos, 2014.
Fonte: https://www.booking.com/hotel/pt/casas-caiadas-47-whitewashed-houses.pt-pt.html (consultado a: 8/12/20).

Os paramentos em taipa caiada, hidrófuga, reflectindo o calor, aplicam-se apenas ao exterior, com 50 cm de espessura, sendo as suas arestas amaciadas, de modo a facilitar a relação expressiva com o imaginário da arquitectura mediterrânica.

A cobertura em telha lusa assenta em ripas de madeira, por sua vez apoiadas em barrotes que descansam no pau de fileira, na zona mais alta (abaixo da cumeeira), e na zona mais baixa encastram na parede de terra. Entre as ripas e barrotes, o isolamento térmico e o forro dos telhados, que se faz em madeira de pinho, pintado de branco compactuando com o ambiente cromático dos interiores. A execução do telhado termina na fachada com beirado à portuguesa, realçando a filiação a uma origem tradicional da construção habitacional naquele contexto. Como acontece nas *Casas Caiadas,* no Sabugueiro, dos Pereira Miguel Arquitectos (2014), as janelas e as portas exteriores, com postigo, são igualmente imaginadas em madeira de pinho, com portadas e colocação em grade, inserindo-se em vãos sem aduelas, marcando a expressão da espessura da parede de terra. As portas interiores perspetivam-se em madeira pintada de branco, combinando com o ambiente interior do espaço, cuja compartimentação se faz à custa de paredes em tabique, com enchimento em terra e argamassa de cal. O revestimento faz-se em conformidade, recorrendo-se a um reboco de cal, o que contribui para uma definição clara dos volumes (George, Gomes & Antunes, 2004).





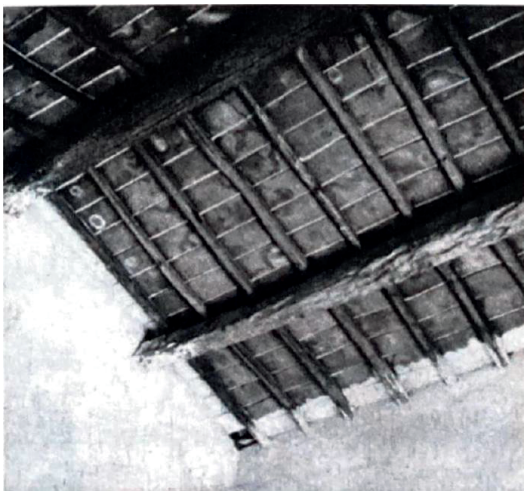
78 | Emprego da cal, Alegrete, Portalegre
79 | A cal – quase como elemento de símbolo
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 152; 177.





80 | Reformulação da casa alentejana: *W House*, João Cassiano Santos, 2008. Fotografia: Miguel Coelho, s.d.
Fonte: https://www.archdaily.com/110565/w-house-joao-cassiano-santos (consultado a: 29/12/20).

81 | Reabilitação sistema construtivo em pedra, taipa e adobes e acabamentos em rebocos naturais - *Monte em São Martinho*, Odemira, Terra Palha, 2017.
Fonte: https://terrapalha.com/projetos/reabilitacao-de-monte-em-odemira/ (consultado a: 8/12/20).







82 | Pavimento de ladrilho sobre estrutura de madeira, Elvas
83 | Forro de cobertura
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 161;163.
84 | Pavimento de terracota bege, Renovação de habitação em Castelo de Vide, Terra Palha 2019.
Fotografia: Cristina Rodrigues Pinto, 2019.
Fonte: https://www.instagram.com/p/B37me3Mn-Zs/ (consultado a: 8/12/20).

O piso superior obtém-se pela inscrição de uma estrutura em madeira, assente sobre tarocos. Os pavimentos, em soalho de pinho nas zonas secas e sociais, alternam com revestimento de ladrilhos de terracota bege quadrangular, nas zonas húmidas, proporcionando maior durabilidade e facilidade de manutenção. Na mesma linguagem, os remates interiores decorativos fazem-se com madeira de pinho, nas zonas sociais e de dormir, e em mármore branco de Estremoz nas zonas húmidas. Atenta-se assim ao uso de materiais naturais e disponíveis localmente, procurando assim contribuir-se para um processo de construção mais sustentável, quer a nível da operacionalidade tecnológica, quer a nível dos materiais empregues.



85 | Feira, Alvito
Fonte: George, Gomes & Antunes, 2004, p. 141.

Para sedimentar uma proposta vivencial assente na actividade agrícola de proximidade, que aqui se apresenta, surge a hipótese de implementação de um mercado informal e apropriável, desenvolvido nas imediações do Paço de Évora Monte.

Implantado na encosta poente do Paço e então na intersecção da rua principal com a rua secundária que acede pela Porta de S. Sebastião.

Trata-se de um dispositivo fixo, todavia ocupável na ocasião de mercado ou compra e venda de produtos mais informal. Tal como acontece no *Mercado de Fusão do Martim Moniz*, o local pode ser apropriado livremente, ocupando os espaços de banca para a venda de produtos das plantações ou outros, pois poderá também adaptar-se à venda e divulgação de artesanato local. Por outro lado, as bancas de venda materializam-se com a solidez e imposição necessária do *Mercado Municipal de Santa Maria da Feira*, de Fernando Távora (1953), mas neste caso mantendo o apelo aos materiais locais e naturais, utilizando a pedra mármore, proporcionando grande resistência e uma fácil lavagem.

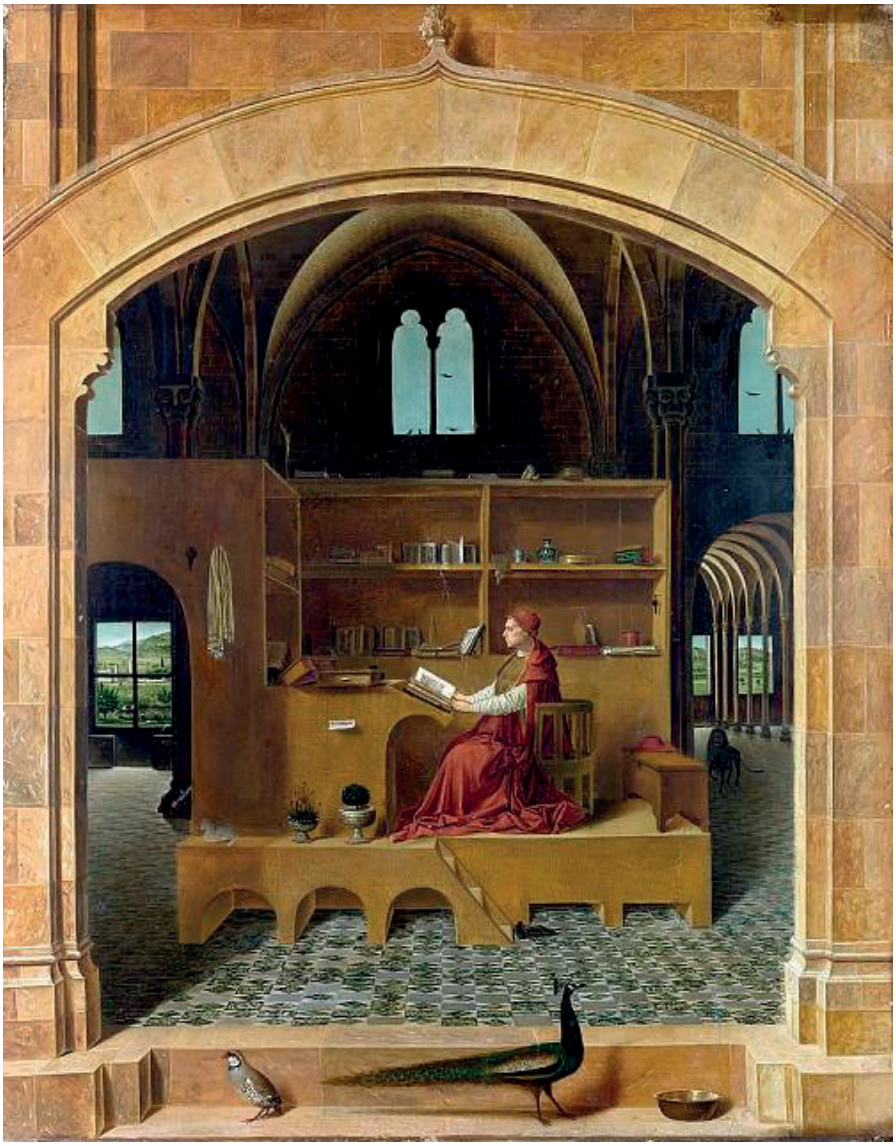
O espaço destinado à venda dota ainda de pontos de águas ocasionais e telheiros assentes numa estrutura de madeira, o que possibilita outras interpretações do espaço. Quando não há mercado ou ocasião de compra/venda, ou mostra de produtos, a peça de mármore funciona como mobiliário urbano (ou rural), complementando o espaço público da Vila, podendo ser usado pelos moradores ou visitantes.



86 | Mercado de Fusão do Martim Moniz, 2018.
Fonte: http://lisboa.convida.pt/poi/see-do/mercado-de-fusao-martim-moniz-7769 (consultado a: 25/11/2020).



87 | Mercado de Santa Maria da Feria, Fernando Távora, 1953.
Fonte: https://espacodearquitetura.com/eventos/reclaiming-the-use-of-fernando-tavoras-municipal-market-of-santa-maria-da-feira/ (consultado a: 7/11/20).



88 | Saint Jerome in his Study, Antonello da Messina, 1475
Óleo sobre madeira de tília (45,7x36,2)The National Gallery, Londres.
Fonte: https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/sao-jeronimo-em-seu-gabinete-antonello-da-messina/ (consultado a: 25/11/2020).

INTERVENÇÃO NO PAÇO DE ÉVORA MONTE

Para o Paço de Évora Monte, imagina-se como intervenção máxima, um protótipo como o da gravura de Antonello da Messina, uma peça móvel, desmontável e de fácil arrumação, capaz de se adaptar às apropriações ocasionais, temporárias ou permanentes do espaço.

Idealiza-se uma peça de madeira, com quatro painéis principais de duas folhas cada, de onde se rebatem prateleiras de diferentes tamanhos e alturas, que se articulam através de dobradiças, consoante o uso que se pretende fazer do espaço. Assim, abrindo e fechando tais painéis obtém-se o suporte para exposições temporárias, permanentes, bancas de mostra artesanal, projecções de vídeos, enfim, capacita-se o Paço para receber eventos sociais e culturais, ou delimitar de forma mais afirmativa zonas de estar ou espera, onde é possível sentar e apreciar a robustez do Paço. Com o móvel fechado pode ainda tirar-se partido da arrumação própria da peça.

A conceptualização deste protótipo possibilita a existência de vários do mesmo tipo. Os dispositivos podem a qualquer momento ser deslocados através de rolamentos que se desbloqueiam e arrumados em conjunto, uma vez que se encerram em volumes simples e compactos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idealização da problemática apresentada partiu da percepção de que lugares como Évora Monte, similares a Monsaraz, Óbidos ou Marvão, tendem a seguir um destino museológico, que os condena à reabilitação como figuração testemunhal de outros tempos.

No entanto, em Évora Monte, para além desta condição baseada na sua concepção morfológica medieval e histórica, encontramos um lugar quase ao abandono, em consequência da desertificação do interior e no caso do Alentejo, em direcção às cidades.

O Tempo Museológico permitiu, assim, sensibilizar para o pensamento que limita e inibe lugares como Évora Monte a serem vividos num tempo presente, revertendo a ideia tipificada de que a intervenção neste contexto se esgote na determinação museológica, direccionada à visita e ao papel de simulacro historicista.

No *Tempo Presente*, e com base no contacto directo com o lugar de Évora Monte, assim como com os residentes (e resistentes) do lugar, aferiram-se dificuldades, essencialmente consequentes da desertificação e do êxodo do rural, e potencialidades, assentes na cultura, na disponibilidade de técnicas e materiais locais e a valorização de todo o contexto natural que envolve Évora Monte. Indagou-se ainda sobre os processos da 2ª ruralidade e consequentes perspectivas, tanto com base num suporte agrícola como assentes em gerações criativas.

O (Re)verso do Futuro pretende conceptualizar a hipótese idealizada inicialmente, levantando como tema e possível programa, a pertinência da fuga da cidade em direcção ao campo, assumindo como premissa o respeito pelo espírito local assim como pelo seu contexto natural e patrimonial.

Por sua vez, o projecto materializa na possibilidade de voltar a habitar o lugar devoluto e abandonado, e nesse sentido desenvolvem-se duas tipologias de habitação rural, a constituir em sistema compósito de betão armado e taipa caiada, que comunicam tanto com o enquadramento rural como com o cultural, sugerindo uma proposta de vida em comunidade, com um contido impacto ambiental. Completa-se a proposta com uma intervenção global nível da organização do espaço público da vila e com dois dispositivos minimalistas, um fixo, a disciplinar uma possível ocupação do espaço exterior público, e um outro, efémero, a equipar o edifício patrimonial que é símbolo do lugar. Ambas as intervenções se limitam aqui a representar uma dimensão comunitária e partilhada desta hipótese de "regresso ao campo", e nesse sentido, simbolizam a importância de reactivar dinâmicas culturais há muito perdidas.

A arquitectura, mais do que mero fenómeno de disposição material, adquire não obstante um papel fundamental no desenvolvimento da paisagem, pois ao seu tempo longo de realização e permanência corresponde uma duradoura impressão no tempo vivido. Porém, cada lugar é portador do seu próprio espírito, que merece ser preservado, tornando impraticável o pensamento da arquitectura sem o entendimento desta como parte integrante desse lugar e contribuinte para um tempo que se entende contínuo.

É também responsabilidade da arquitectura, hoje mais do que em tempos pretéritos, repensar a sua pegada a nível ambiental. E tentar informar a sua metodologia conceptual e pertinência de requisitos que a obriguem a responder às fragilidades de um mundo insustentavelmente saturado e em mudança.

Apela-se, por fim, a uma reflexão crítica acerca do destino destes lugares, assim como ao tipo de apropriação que se faz, hoje, das Vilas Medievais e dos espaços rurais do interior do nosso País. Como resultado do estudo desenvolvido, concluímos (provisoriamente) que se impõem às presentes condições operativas da arquitectura a necessidade de equacionar uma revisão ao nosso modo de vida, a partir do qual se desenvolve o processo de urbanização moderno. As grandes cidades estão saturadas, e a sua vocação consumidora prenuncia um esgotamento próximo dos recursos naturais. Pensar em (novas) soluções estratégicas, que dêem respostas aceitáveis às gerações futuras, implica uma responsabilização particular: no âmbito da produção da arquitectura, esse pensamento acarreta uma ponderação sustentável e reveladora de novas dinâmicas económicas e sociais, assentes tanto na matéria patrimonial como na vivência cultural, clarificando-se aqui a identidade do lugar como matriz donde podem emanar as linhas condutoras e as condições propiciatórias à mudança. Entretanto, Évora Monte permanece expectante, merecedora da esperança de quem a possa, um dia, voltar a habitar.

BIBLIOGRAFIA

Alves, J. (2002). *Património Rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais. O programa Revitalização de Aldeias e Vilas Históricas da Região Alentejo.* Lisboa: Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa - Departamento de Sociologia.

Alves, J. E. (2007). As «aldeias históricas» entendidas como «património rural»: Relação entre o discurso institucional e as dinâmicas locais a propódito de uma experiência no Alentejo. *Actas do V Congresso Português de Sociologia*, Sociedades Contemporâneas. Reflexividade e Acção, Braga: APS.

Amendoeira, A. P. (1998). *Monsaraz: Análise do processo de conservação e transformação urbana do seculo XX - Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico.* Évora: Universidade de Évora.

Azevedo, V. (27 de novembro de 2020). Julia Steinberger: "Com a economia a decrescer podemos viver bem e ao mesmo tempo consumir menos". *Expresso*, s.p.

Barbosa, R. B. (janeiro-julho de 2014). A Ideia Husserliana de Fenomenologia. *Inconfidentia: Revista Elêtronica de Filosofia, 2*, 21-40. Obtido de Revista Inconfidentia.

Cabral, F. C. (1980). O 'Continuum naturale' e a Conservação da Natureza. *Seminário Conservação da natureza* (pp. 35-44). Lisboa: Serviço de Estudos do Ambiente, 18-19 Abril.

Calvino, I. (2015). *As Cidades Invisíveis* (5ª ed.). Alfragide: Dom Quixote.

Chaves, L., & Aranha, M. d. (Janeiro/ Fevereiro de 2004). Gonçalo Ribeiro Telles: "A Paisagem é Tudo". *Pessoas e Lugares: Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER +*, 4-5.

Correia, M. (Maio de 2002). A Habitação Vernácula Rural no Alentejo, Sul de Portugal. (L. U. Chile, Ed.) *Artigo publicado 4º Seminario y 4º Taller Iberoamericano sobre Vivienda Rural y Calidad de Vida en los Asentamientos Rurales*. L. U. Chile, Ed..

Correia, M. (2010). Arquitectura de Terra em Portugal: Abordagem às Técnicas Construtivas. *AS IDADES DA CONSTRUÇÃO: Técnicas e saberes da construção tradicional e a sua aplicação à arquitectura contemporânea*, 61-71. Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Costa, M. E. (2020). *A Atitude dos Residentes Locias perante o Desenvolvimento Sustentável do Turismo Rural: O Caso de Évora Monte. Dissertação de Mestrado em Gestão do Turismo e da Hotelaria.* Lisboa: Universidade Europeia.

Costa, M. H. (janeiro-julho de 2014). Resenha de "A ideia da fenomenologia" de Edmund Husserl (1º e 2º capítulos). *Inconfidentia: Revista Eletrônica de Filosofia, 2*, 96-99.

Covas, A., & Covas, M. d. (2012). *A Caminho da 2º Ruralidade - Uma Introdução à Temática dos Sistemas Territoriais.* Lisboa: Edições Colibri.

Deusdado, D. (Dezembro de 2019). "O futuro tem de ser isto: regressar à natureza". *Diário de Notícias, Edição de Aniversário - 155 anos*, 50.

Domingues, Á. (2011). *A Vida no Campo* (1ª ed.). Porto: Dafne Editora.

Fathy, H. (2009). *Arquitectura para os pobres: Uma Experiência no Egipto Rural.* Lisboa: Argumentum e Dinalivro.

Ferrão, J. (2000). Relações entre o mundo rural e mundo urbano: Evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. *Sociologia, Problemas e Práticas, 33*, 45-54.

Figueiredo, E. (2003). *Um Rural para viver outro para visitar - o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais.* Universidade de Aveiro: Departamento de Ambiente e Ordenamento.

Fontana, V. F. (9 de janeiro-julho de 2007). Intuição de essências na fenomenologia de Husserl. *Revista Faz Ciência, 9*, 167-184. Obtido de Revista Faz Ciência.

Forleo, E. (2020). *Habitar o Limiar: Proposta para um Habitar Partilhado - com Base no Estudo da Casa Pátio no Portugal Islâmico - a Pretexto da Musealização da Alcáçova de Mértola. Projecto Final de Mestrado em Arquitectura com Especialização em Interiores e Reabilitação.* Faculdade de Arquitectura de Lisboa.

Frampton, K. (Março de 2016). *Typology and Participation: The Architecture of Álvaro Siza.* Obtido de ARTFORUM: https://www.artforum.com/print/201603/typology-and-participation-the-architecture-of-alvaro-siza-58115

French, H. (2018). *Key Urban Housing of the Twentieth Century: Plans, Sections and Elevations.* London: Laurence King Publishing Ltd.

George, F., Gomes, A. A. & Antunes, A. M. (2004). Zona 5. In *Arquitectura Popular em Portugal* (Vol. 2, 121-238). Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Goff, J. L. (2007). *Por amor das cidades: Conversas com Jean Lebrun.* (T. Costa, Trad.) Lisboa: Editorial Teorema.

Gomes, S. R. (2018). *Projectar para a chegada: Protótipo de habitação para a integração de imigrantes islmâmicos. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.* Lisboa: Faculdade de Arquitectura de Lisboa.

Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo* (15 ed.). (M. S. Schuback, Trad.) Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Laubstein, F. C. (2011). A Ruralidade ontem e hoje: Uma análise do rural na contemporaneidade. *Revista Aurora, 4*, 92-102.

Ludwig. (1 de Outubro de 2016). *Highlark*. Obtido em 04 de Dezembro de 2020, de https://highlark.com/thomas-cole-the-course-of-empire-the-arcadian-or-pastoral-state/

Lusa. (2018). Rede Aldeias Históricas de Portugal com fraca dinâmica e quase estagnada. *Público*, s.p.

Luscombe, B. (25 de Maio de 2020). Architect Rem Koolhaas Says Redesigning Public Spaces Was Necessary Before the Pandemic. *Time*, s.p.

Luz, P. S. (Dezembro de 2019). "O futuro tem de ser isto:regressar à natureza". *Diário de Notícias, Edição de Aniversário - 155 anos*, 46-50.

Marot, S. (2019). Agricultura e Arquitectura: Do Lado do Campo. *A Poética da Razão*, s.p. Lisboa - CCB/Garagem Sul: Trienal de Arquitectura de Lisboa.

ONU. (19 de Fevereiro de 2019). ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050. *ONU NEWS: Perspectiva Global Reportagens Humanas*, s.p.

Pallasmaa, J. (2017). *Habitar.* Barcelona: Gustavo Gili.

Pereira, P. (2004). *Fortaleza Evoramonte.* Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

Pereira, P. B. (2019). *Um percurso pela ruralidade: Revitalização da aldeia Casal do Rei, Serra da Estrela. Projecto Final de Mestrado em Arquitectura.* Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Prista, M. L. (2019). *A Vila Medieval.* Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Salvador, J. M. (6 de Maio de 2020). Aquiteto italiano anuncia "nova era" pós-pandemia: no campo, mais ecológica e sem combustíveis fósseis. *Expresso*, s.p.

Saramago, J. (2018). *Viagem a Portugal* (26 ed.). Porto: Porto Editora.

Scarso, D. (set./dez. de 2016). História e percepção: notas sobre arquitetura e fenomenologia. *Revista de Filosofia Aurora, 45*, 1049-1068.

Severino, E. (18 de Maio de 2020). Pós-pandemia do coronavírus (covid-19): o regresso à ecologia, o grande desafio do séc. XXI. *Sol*, s.p.

Silvano, F. (1997). *Territórios da Identidade.* Oeiras: Celta Editora, Lda.

Valadares, M. T. (2019). *(Re)pensar a aldeia. Projecto Final de Mestrado em Arquitectura.* Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Vaz, D., & Nofre, J. (25 de Novembro de 2017). Conhecimento, Criatividade e Novas Dinâmicas Urbanas: Repensar os Territórios de Baixa Densidade em Portugal. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 77-88.

WEBGRAFIA

https://www.vortexmag.net/o-mais-estranho-dos-castelos-de-portugal/?fbclid=IwAR2E_DzQZM04XyVgfVtXZI8J8fBI3clXuQD7B39eh7nl8y8NvzT7m4r-RUU
(consultado a: 08/04/20)

https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/
(consultado a: 20/05/20)

http://www.permaculturinginportugal.net/
(consultado a: 20/05/20)

http://volumeproject.org/taking-the-countrys-side-sebastien-marot-christophe-catsaros/
(consultado a: 20/05/20)

https://www.thaisslaski.com.br/jean-francois-millet-o-realismo-rural/
(consultado a: 4/12/20)

http://www.betaoetaipa.pt/index.html
(consultado a: 8/12/20)

https://www.architonic.com/es/project/boltshauser-architekten-rammed-earth-house-rauch-family-home/5100620
(consultado a: 8/12/20)

https://terrapalha.com/
(consultado a: 8/12/20)

https://highlark.com/thomas-cole-the-course-of-empire-the-arcadian-or-pastoral-state/
(consultado a: 4/12/20)

https://www.artforum.com/print/201603/typology-and-participation-the-architecture-of-alvaro-siza-58115
(consultado a: 8/12/20)

ANEXOS

Anexo I - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO **193**

Anexo II - GUIÃO DE ENTREVISTAS **197**

Anexo III - TABELAS **203**

Anexo IV - PROCESSO DE TRABALHO **217**

Anexo VI - ELEMENTOS FINAIS **254**

Anexo I - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO





F1 | Baluarte a norte
F2 | Baluarte poente e espaço público
Fotografias da autora, 2019.

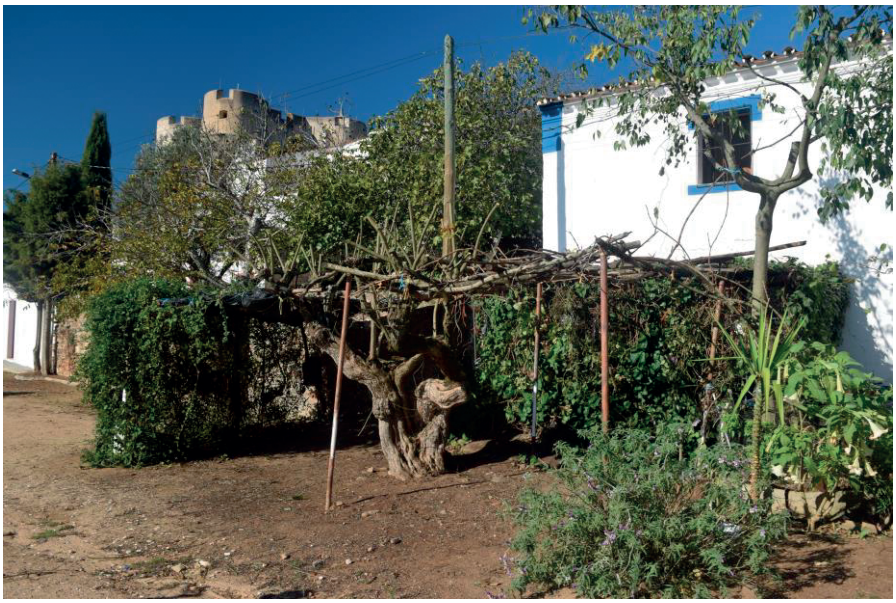




F3 | A auto-estrada vista de Évora Monte
F4 | A Vila vista do Paço
Fotografias da autora, 2019.



F5 | Cemitério (primeiro plano) e
Igreja de Nossa Senhora da Conceição (segundo plano)
Fotografias da autora, 2019.





F6 | Marcações de um rural habitado
F7 | Roupa estendida frente às muralhas

Anexo II - GUIÃO DE ENTREVISTAS

GUIÃO ENTREVISTA | RESIDENTES DE ÉVORA MONTE

1. Caracterização do entrevistado

a) Idade:

b) Sexo:

c) Nacionalidade:

d) Onde nasceu:

e) Estado Civil:

f) Profissão:

g) Nível de escolaridade mais alto que completou:

2. Percurso habitacional do entrevistado

- Há quanto tempo vive em Évora Monte?

a) Sempre aqui viveu?

b) O que o levou a residir aqui?

c) Gosta de aqui viver?

d) Porque não escolheu sair?

e) Porque saiu? (Para antigos moradores – Évora Monte fora/ Estremoz)

3. Caracterização do agregado doméstico

- Com quem vive?

- Sempre viveram todos?

a) Se não, quem já saiu? Quais as razões?

4. Habitação e habitabilidade

- Comprou ou construiu a sua casa?

a) Porque comprou?

b) Como construiu?

- Porque escolheu este lugar?

- É proprietário ou arrendatário? Herdou?

a) A quem comprou? Há quanto tempo?

- Gosta da casa?

- Que divisões tem a casa?

- Tem quintal/ pátio? Se sim, que uso lhe dá?
- Tem acesso a água potável, electricidade, gás, saneamento? Desde quando/ sempre teve?
- Tem aquecimento?
    a) Com sistema de banho dentro de casa? Desde quando? Sempre teve?
-Tem problemas associados a patologias dentro de casa?
    a)Precisa de obras? Quais? Está disposto a fazê-las?

5. Quotidiano
- Onde trabalha? Porquê? Qual a distância casa-trabalho?
- Onde faz as compras? Porquê? Qual a distância casa-local de compras?
- Com que regularidade sai da muralha? / Com que regularidade vai à muralha?
- O que faz nos tempos livres? Para onde vai?
- Para onde se vai?
- É fácil ou chegar a Évora Monte? Considera a acessibilidade um factor de dificuldade?
- Aqui encontra tudo o que precisa? Porquê?
- Há oferta de trabalho e actividades económicas? Em que áreas?
- Existem actividades e dinâmicas culturais em Évora Monte? Quais e porquê?

6. Turismo
- Recebem habitualmente turistas em Évora Monte? Quem são?
- De onde vêem? Por onde passam?
- O que procuram? Quanto tempo permanecem?
- Como vê o turismo e o alojamento local em Évora Monte?
- Poderia ser uma solução de aumento populacional? Porquê?
- Quais os pontos turísticos que devem ser visitados em Évora Monte?
- Como avalia o grau de preservação do património cultural e arquitectónico deste local? Porquê?

- Há equipamentos e serviços de apoio ao turismo? A população local beneficia com a implantação destes equipamentos? Se sim, de que forma? Se não, indique as razões.

7. O lugar

- Quem são as pessoas que podemos encontrar em Évora Monte?
- Quando há mais fluxo?
- O que leva as pessoas a visitar, estar ou permanecer?
- O que precisava este lugar para que fosse viável habitá-lo?
- Se pudesse e se dependesse de si, o que mudaria neste local?
- Principais problemas e dificuldades de Évora Monte?
- O que faz mais falta neste local?
- O que pensa de Évora Monte?
- Quais as principais potencialidades do local e o que deveria ser promovido?
- Que produtos e actividades melhor caracterizam a identidade e memória deste local?
- Évora Monte é um lugar para visitar ou viver? Porquê?

GUIÃO ENTREVISTA | AOS EMPREENDEDORES E AGENTES CULTURAIS E ECONÓMICOS

1. Caracterização do entrevistado

Idade:
Sexo:
Nacionalidade:
Estado Civil:
Profissão (Categoria/ Local de trabalho/ Há quanto tempo trabalha neste local):

2. Potencialidades
- O que faria Évora Monte crescer?
- O que poderia trazer jovens?
- Seria possível voltar a habitar Évora Monte?
- Que potencial económico poderá ter?
- Apostar no desenvolvimento cultural poderia ser uma mais-valia?
- Considera o espaço público delineado e funcional?

3. Turismo
- Como vê o turismo e o alojamento local em Évora Monte?
- De onde vêem? Por onde passam?
- O que procuram?
- Poderia ser uma solução de aumento populacional?
- Existe actividade cultural em Évora Monte?

4. O lugar
- Quem são as pessoas que podemos encontrar em Évora Monte?
- Quando há mais fluxo?
- O que leva as pessoas a visitar, estar ou permanecer?
- O que precisava este lugar para que fosse viável habitá-lo?
- O que pensa de Évora Monte?
- Évora Monte é um lugar para visitar ou viver?
- Em que medida Évora Monte pode ser um potencial lugar para negócio?
- Há expectativas de mudança?
- Existem planos estratégicos para o futuro de Évora Monte?
- Se pudesse e se dependesse de si, o que mudaria neste local?
- Principais problemas e dificuldades de Évora Monte?
- O que faz mais falta neste local?
- Quais as principais potencialidades do local e o que deveria ser promovido?
- Que produtos e actividades melhor caracterizam a identidade e memória deste local?
- Évora Monte é um lugar para visitar ou viver? Porquê?

GUIÃO ENTREVISTA | VISITANTE

1. Caracterização do entrevistado
Idade:
Sexo:
Nacionalidade:
Estado Civil:
Profissão (Categoria/ Local de trabalho/ Há quanto tempo trabalha neste local):

2. Potencialidades
- O que faria Évora Monte crescer?
- O que poderia trazer jovens?
- Seria possível voltar a habitar Évora Monte?
- Que potencial económico poderá ter?
- Apostar no desenvolvimento cultural poderia ser uma mais-valia?
- Considera o espaço público delineado e funcional?

3. Turismo
- De onde vêem? Por onde passam?
- O que procuram?
- Poderia ser uma solução de aumento populacional?

4. O lugar
- O que precisava este lugar para que fosse viável habitá-lo?
- O que pensa de Évora Monte?
- Évora Monte é um lugar para visitar ou viver?
- Em que medida Évora Monte pode ser um potencial lugar para negócio?
- Principais problemas e dificuldades de Évora Monte?
- Quais as principais potencialidades do local e o que deveria ser promovido?
- O que leva na memória de Évora Monte?

Tabela i | Análise SWOT de Évora Monte

ANÁLISE SWOT	
PONTOS POSITIVOS	**PONTOS NEGATIVOS**
FORÇAS (STRENGHTS)	**FRAQUEZAS** (WEAKNESSES)
-Potencial social, cultural, histórica e agrícola; -Paisagem; -Património arquitectónico Árabe e Medieval; -Enquadramento ambiental; -Auditório exterior; -Gastronomia; -Materiais locais: cortiça e mármore.	-Falta de emprego; -Falta de infra-estruturas (no interior da muralha); -Falta de sinalização; -Falta de estacionamento; -Difícil acessibilidade.
OPORTUNIDADES (OPPORTUNITIES)	**AMEAÇAS** (THREATS)
-Espaço para novas actividades desportivas, radicais, culturais; -Passeios pedestres e btt; -Espaço para novos negócios; -Aumento do aparecimento de pessoas criativas e que procuram modos de vida e valores alternativos.	-Tendência para reabilitações museológicas, a bem (apenas) do património; -Tendência para a desertificação e esquecimento.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A | É proprietário (1) ou arrendatário (2)?

B | Modo como adquiriu a casa?

C | O que o levou a escolher este local?

D | Já sofreu alterações?

E | Tem água potável, saneamento, gás e/ou electricidade? Com aquecimento e sistema de banho?

F | Uso actual da casa?

G | Tem espaço exterior privado?

H | Patologias da construção? Precisa de obras?

I | Pondera deixar Évora Monte ou vender a casa? Porquê?

Tabela ii | Percurso habitacional e habitabilidade

Síntese: PERCURSO HABITACIONAL E HABITABILIDADE (proprietários de habitações)				
	E1 | E2 (casal)	**E3**	**E4 | E5 (casal)**	**E7 | E8 (casal)**
A	1	1	1	1
B	Comprou à família (2007)	De família	De família	Comprou (2015)
C	A família de E2 era de Évora Monte, sempre gostaram e decidiram comprar a casa	Sempre viveu em Évora Monte	E4 - Nasceu e sempre viveu; E5 – De Estremoz, veio viver com marido	E7 - "Sorte" estavam de férias, foram descer a Costa Vicentina e conhecer o Alentejo, gostaram tanto de Évora Monte que voltar para viver e abrir negócio
D	Depois da compra	Ocasionais	Em fase de remodelações para alugar	Depois da compra
E	Sim	Sim	Sim	Sim
F	2ª Habitação	Habitação Permanente	2ª Habitação	Habitação Permanente
G	Sim	Sim	Sim	Sim
H	Infiltrações pelo terraço, a ser reparado	Fachadas descascam com facilidade	As normais de uma casa velha	Muito degradada quando comprada, já reparada
I	"Não, gostamos muito de vir para aqui, é calmo e toda a família gosta"	Não	Vivem em Évora Monte (baixo), vão alugar a casa na muralha, mas não tencionam abandonar o local, têm negócio local.	"Encontrámos o lugar para viver e trabalhar"

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A | Local de trabalho?

B | Onde faz compras?

C | Com que regularidade sai da muralha?

D | O que se faz nos tempos livres dentro da muralha?

E | É fácil chegar ou considera a acessibilidade um factor de dificuldade?

F | Encontra tudo o que precisa no interior das muralhas?

G | Há oferta de trabalho e actividade económica? Em que áreas?

H | Existem actividades e dinâmicas culturais?

Tabela iii | Quotidiano

Síntese: QUOTIDIANO (proprietários de habitações)							
	E1	**E2**	**E3**	**E4**	**E5**	**E7**	**E8**
A	Reformada	Reformado	Recepção do Paço de Évora Monte	GNR em Évora (30 min) + loja artesanato da esposa (E5)	Loja de Artesanato de Évora Monte	Pousada e café de Évora Monte	Pousada e café de Évora Monte
B	Traz de Estremoz quando vem; "o pão e a fruta vêm trazer cá a cima"	Traz de Estremoz quando vem	Estremoz ou Évora Monte (baixo), pão e fruta na muralha	Estremoz, Évora Monte (baixo) ou Évora	Estremoz, Évora Monte (baixo) ou Évora	Estremoz, Évora Monte (baixo) ou Évora	Estremoz, Évora Monte (baixo) ou Évora
C	Quando vem não sai, vem para descansar	Quando vem não sai, vem para descanso	Para fazer compras ou visitar família de Estremoz	Não mora na muralha	Não mora na muralha	Compras ou passeios	Semanalmente para compras
D	Descansar, aproveitar o sol no pátio	Descansar e ir para a horta	Descansar e aproveitar a vista	Passeia-se pela muralha, aproveita-se o pátio para lazer	Passeia-se, vê-se a vista, aproveita-se o pátio	"Aproveitar a vista que é magnífica"	Aproveitar a paisagem, passear pelas muralhas
E	"É fácil de carro, a pé é mais difícil"	De carro	É difícil a pé, mas "de vez em quando ainda subo a pé"	"No verão é complicado porque há muita gente e pouco estacionamento e não há sinalização, para além de que as ruas não são todas calcetadas"	-	-	Sim
F	O que se precisa para passar uns dias traz-se, por isso sim	-	"Sim, o pão e a fruta até vem cá a cima, senão vai-se ali a baixo"	Sim, "há tudo relativamente perto, para quem sempre aqui viveu é mais fácil"	-	O suficiente	O que não há vai buscar-se a Évora Monte (baixo)
G	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
H	"Agora não, mas já houve feiras medievais, caminhadas e passeios de btt, excursões, organizados pelo "Évora a Monte" e pela Junta"	Não	"Fazia-se um presépio no Natal, e umas caminhadas"	"Neste momento não existe nada"	Não	Não	"Havia o Évora a Monte"

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A | O que faria Évora Monte crescer?

B | O que poderia trazer jovens?

C | Seria possível voltar a habitar Évora Monte?

D | Que potencial económico tem?

E | Apostar no desenvolvimento cultural poderia ser uma mais-valia?

F | Considera o espaço público delineado e funcional?

G | O que deveria ser promovido?

Tabela iv | Potencialidades

Síntese: POTENCIALIDADES (trabalhadores e agentes económicos locais)			
	E4	**E6**	**E7**
A	Voltar a ter feira medieval, espectáculos de verão	Aposta no turismo	Apostar na requalificação de todo este lugar
B	Eventos culturais, restaurantes, bares	Mais emprego	Benefícios fiscais e condições
C	Claro que sim	Sim, mas precisava de mais infra-estruturas	Sim
D	Relacionado com o turismo	Relacionado com o turismo, restaurantes, alojamento local	Restauração, hotelaria e turismo
E	Sim	Sem dúvida, seria um chamariz para jovens	Sim, apesar de existir um auditório exterior e não ser usado
F	É preciso restaurar, calcetar, melhorar a sinalização de trânsito e placas indicativas, ampliar parque de estacionamento	Está tratado o suficiente para a dimensão da vila	As estradas deviam ser recuperadas, haver uma maior manutenção, mais estacionamento, falta de sinais de trânsito e falta de organização
G	Passeios pedestres, actividades radicais (rappel, slide, btt, parapente), requalificar azinhagas, mais sinalização, tirar partido da vila e história, dar funcionalidade à torre, a Casa da Convenção estar sempre aberta	Apostar no património material e imaterial, tirar partido das vistas, valorizar ofícios	Comparado com as cidades, aqui há uma maior qualidade de vida

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A | Quem são as pessoas que podemos encontrar em Évora Monte?

B | Quando há mais fluxo?

C | O que leva as pessoas a visitar, estar ou permanecer?

D | O que precisava este lugar para que fosse viável mais pessoas habitarem-no?

E | Há expectativas de mudança?

F | Existem planos estratégicos para o futuro de Évora Monte?

G | Se dependesse de si o que mudaria neste local?

H | Principais problemas e dificuldades? O que faz falta?

I| Que produtos melhor caracterizam a identidade e memória do local?

J | Évora Monte é um lugar para viver ou visitar?

Tabela v | Potencialidades

Síntese: LUGAR (Proprietários de habitações e trabalhadores locais)				
	E1	**E4**	**E6**	**E7**
A	Moradores, naturais, visitantes, emigrantes	Moradores, trabalhadores locais, visitante	Habitantes locais, turistas, trabalhadores, pessoas que têm casa aqui	Há novos e velhos, de todo o lado
B	Verão	Verão	Verão	Verão
C	Descanso e a Vista	A paisagem e a diferença em relação aos lugares semelhantes	História, gastronomia, paisagem	A paz, tranquilidade, o sossego, não há barulho nem a confusão das cidades
D	Mais trabalho e infra-estruturas	Mais movimento	Infra-estruturas e comércio, mais condições	Mais investimento e infra-estruturas
E	-	Não	Não	Diz-se que sim
F	Não	Que se conheça não	Não	Não
G	Traria mais pessoas, mais jovens	Criava um festival de verão	Deixava como está só para visitar	Dava-lhe vida
H	Falta de trabalho e problemas de deslocação	Falta de estacionamento e aposta na terra	Desertificação e o isolamento	Necessidade sucessiva de autorizações para fazer obras de alteração das casas
I	Vinho, cortiça, mármore, azeitona	Artesanato, bonecos de Estremoz, pedras pintadas, vinho	Não há nada, que conheça, que seja só daqui	As oliveiras, a cortiça
J	Sem dúvida para viver	Para viver	Para visitar, não se imagina a viver neste sítio sem infra-estruturas e comércio	"Para ambos, chega muita gente para visitar que acaba por procurar casas para comprar, foi o que nos aconteceu"

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A | De onde vêm os turistas?

B | O que procuram?

C | Como vê o turismo em Évora Monte?

D | Poderia ser uma solução de aumento populacional?

E | Quais os pontos turísticos que não dispensam ser visitados em Évora Monte?

F | Como avalia o grau de preservação do património cultural e arquitectónico deste local?

G | Há esquipamentos e serviços de apoio ao turismo?

H | A população local beneficia com a implantação destes equipamentos?

Tabela vi | Turismo

Síntese: TURISMO (Proprietários de habitações e trabalhadores locais)				
	E1	**E3**	**E4**	**E7**
A	Das terras de perto	De todo o mundo	De todo o lado	De todo o lado
B	Paz e descanso	Conhecer a vila	Instalarem-se num lugar calmo, sem ruído, onde podem descansar e sem confusão; e a qualidade da gastronomia	A calma e tranquilidade deste lugar
C	Positivo para a região	Muito bem	Está a melhorar e é positivo economicamente	Como um factor positivo, desde que haja uma balança e não seja em demasia
D	Sim, traria mais movimento	Sim	Sim, pois muitos dos que vêm gostam do lugar e voltam	Sim desde que moderada
E	Castelo, muralhas e Igreja	Castelo, muralhas, a vila, as Igrejas	Castelo, muralhas, passeios pela Vila e Igrejas	O Castelo, as muralhas
F	Conservado pelas pessoas que cá vivem e pela Junta	Podia ser melhor	O castelo está arranjado, mas as muralhas estão a degradar-se	As muralhas estão degradadas
G	Loja, a pousada e o "Évora a Monte"	No castelo há informação	Loja, o castelo e a pousada	A pousada e o castelo
H	"Dão mais exposição à terra, mas não traz benefícios directos aos moradores"	Sim, traz mais pessoas	Não directamente, no nosso caso sim, porque temos um negócio local	Não directamente

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A | De onde vem? Por onde passa?

B | O que procuram?

C | Como souberam da existência do local?

D | O que precisava este lugar para ser viável habitá-lo?

E | O que pensa de Évora Monte?

F | Em que medida Évora Monte pode ser um potencial para negócio?

G | Principais problemas e dificuldades?

H | Quais as principais potencialidades do lugar?

I | Évora Monte é um lugar para visitar ou viver?

J | O que leva na memória de Évora Monte?

Tabela vii | Turismo e o Lugar

Síntese: TURISMO e o LUGAR (Visitantes) –parte A			
	E9	**E10**	**E11**
A	Da Covilhã, passou em trabalho	De Cascais; foi ao museu de Estremoz e a Évora	De Lisboa; Arraiolos, Estremoz e Évora
B	"No meu caso, sombra para estacionar o carro e almoçar"	Procuram a história de alguns lugares	Passear, mudar de ares
C	Não conhecia, viu o monte com um castelo ao fundo e veio ver	"Íamos de passagem e vimos o castelo no alto do monte"	Tem casa em Arraiolos, conhece a zona
D	Tudo, infra-estruturas, "não tem nada"	Um programa de recuperação para as casas e uma intervenção que respeitasse o património	Mais investimento, infra-estruturas e melhores acessos ao interior
E	Tem uma vista espectacular, mas não se passa nada	"Maravilhoso, tem uma vista fora do normal"	Um bom lugar, mas parado no tempo, sem dinâmica
F	Não sei	Turismo, economicamente traria vantagens	Desde restauração a actividades temáticas
G	Falta de infra-estruturas, o acesso é mau, não há nada para fazer	A habitação, a maior parte está ao abandono; a falta de sinalização	Parece abandonado, há falta de estima de quem tem casas aqui e deixa ao abandono
H	A vista	"Para quem vive no local é possível, o próprio lugar tem muito para dar"	Vista, paisagem, história, localização, calma
I	Visitar	"Viver, se estivesse reformada vinha para cá"	Visitar
J	"O Castelo é diferente do habitual, mas nem sei se gosto"	A paz, as vistas, o património tão diferente	A vista

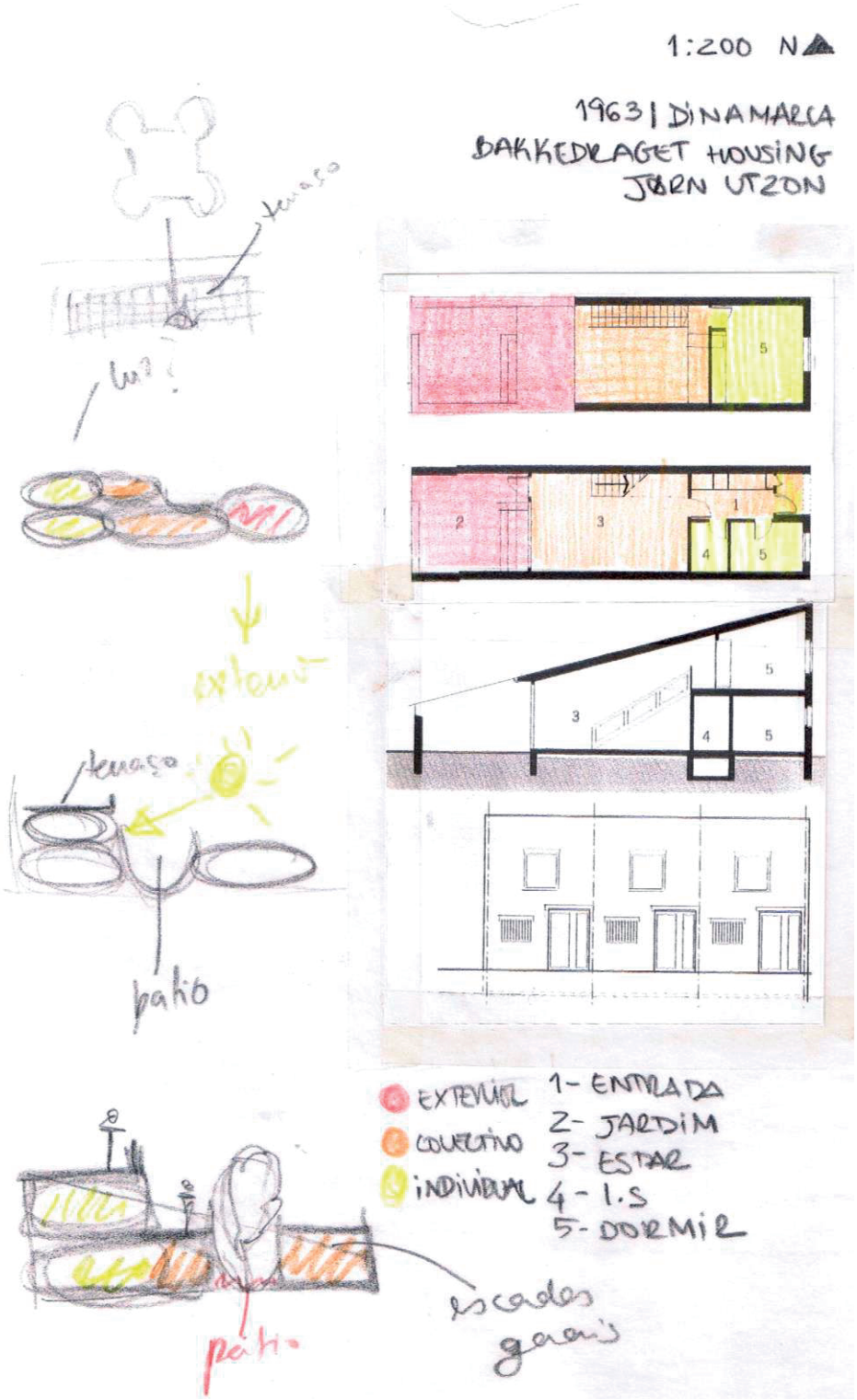
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

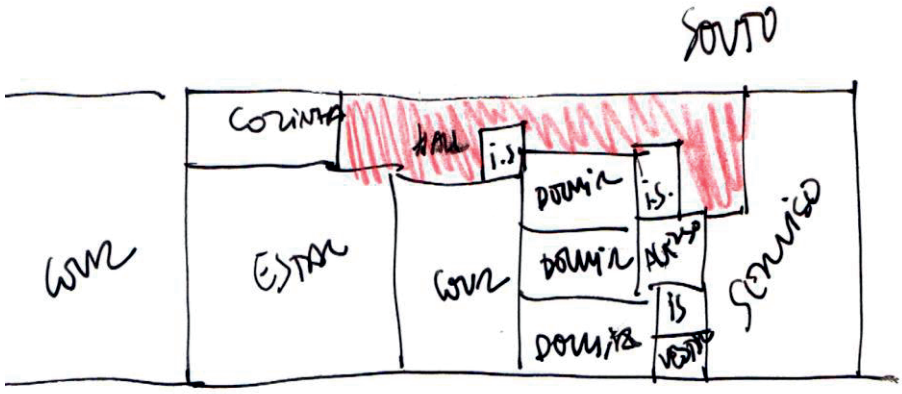
Tabela viii | Turismo e o Lugar

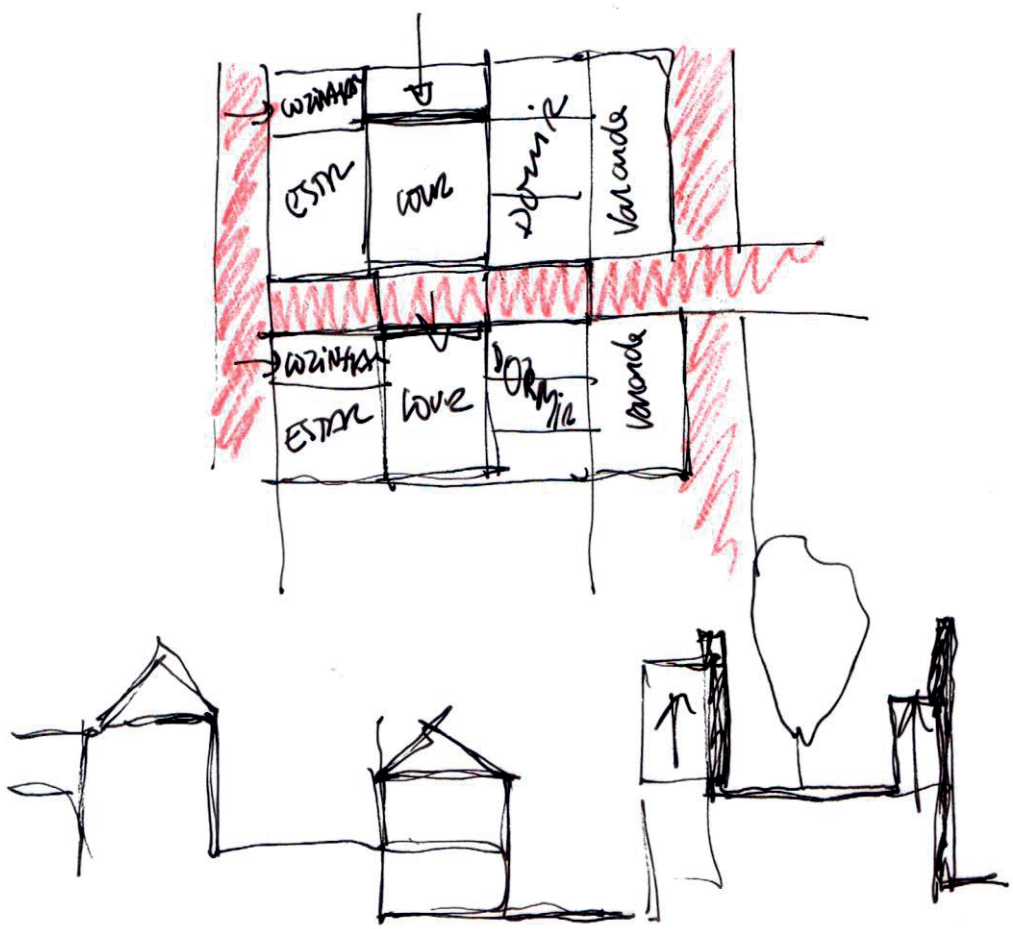
Síntese: TURISMO e o LUGAR (Visitantes) –parte B			
	E12	**E13**	**E14**
A	De Lisboa; Alentejo no geral	De Lisboa; Arraiolos, Estremoz e Évora	Arraiolos; vim aqui passear
B	Conhecer o Alentejo, com uma identidade diferente do resto do país	Passear	"Vim passear, esticar as pernas, há muito que cá não vinha"
C	Através da Internet	Tem família no Alentejo, vem muitas vezes	Reside na região
D	Infra-estruturas, mais condições e comércio	Emprego, infra-estruturas, melhores condições, incentivos fiscais para jovens, centros de saúde, comércio	"Era preciso pessoas, comércio ou uma fábrica ou oficina perto como fizeram nas Ilhas para dar emprego"
E	Comparando com a parte de baixo, nas muralhas há muito menos coisas	"Tem uma vista espectacular, é calmo, mas é muito quente para mim"	Bonito mas precisa de muita coisa
F	Com actividades baseadas nos ofícios e aposta na cultura	Com actividades ligadas ao comércio e cultura	"Antes trabalhava-se nas terras, agora ninguém quer fazer nada disso, só se for alojamentos locais"
G	Falta de infra-estruturas e de informação dos pontos a visitar	O abandono e a falta de infra-estruturas	É muito longe de tudo e não há trabalho
H	O património e a paisagem	O castelo e o auditório, que não é usado convenientemente	A paisagem ou o artesanato local
I	Visitar, viver implicava mais infra-estruturas	Da maneira que está, só para visitar	Assim, para visitar
J	O Castelo, que é diferente do habitual	O Castelo	O Castelo

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Anexo IV - PROCESSO DE TRABALHO




SOUTO
COZINHA
HALL
i.s
DORMIR
i.s.
COUR
ESTAR
COUR
DORMIR
ALPISO
SERVIÇO
DORMIR
IS
VESTIR

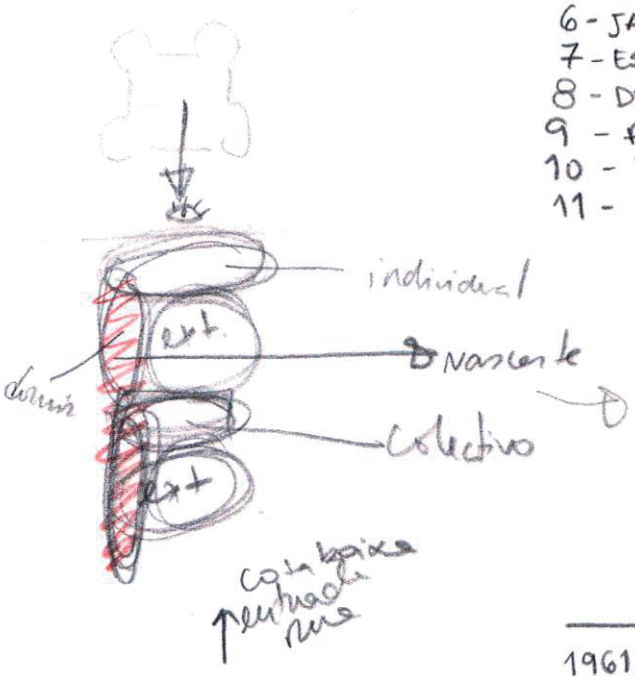

COZINHA
ESTAR
COUR
DORMIR
Varanda
COZINHA
ESTAR
COUR
DORMIR
Varanda

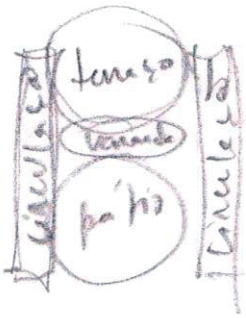
1:200 N



- CIRCULAÇÃO
- PÁTIO
- ARRUMAÇÃO

1 - ESTACIONAMENTO
2 - ENTRADA
3 - CORREDOR
4 - COZINHA
5 - ARMÁRIO
6 - JANTAR
7 - ESTAR
8 - DORMIR
9 - PÁTIO
10 - I.S
11 - DESPENSA

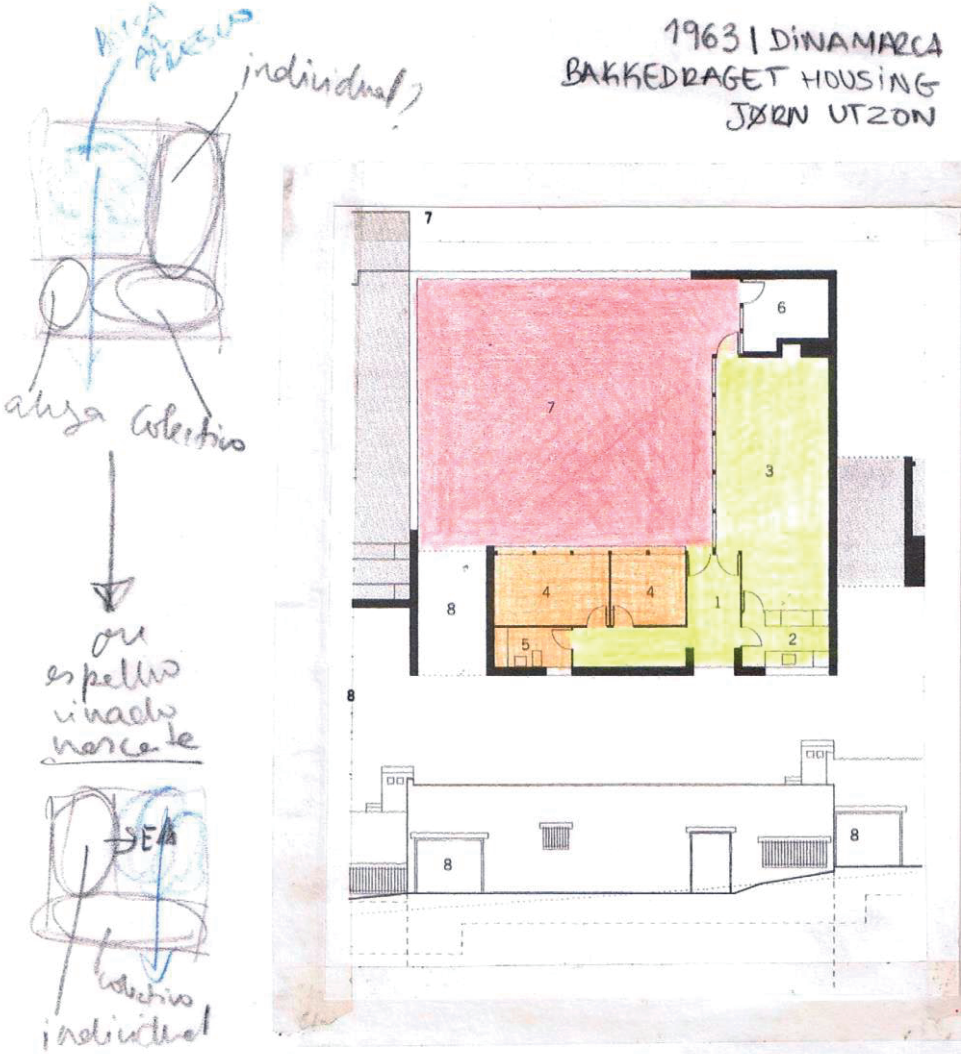




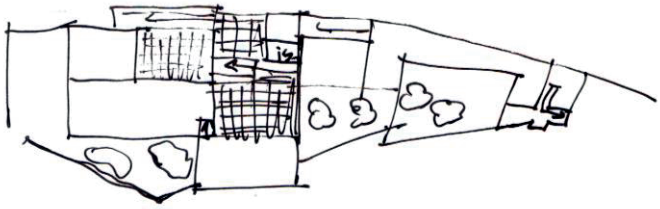
1961 | DINAMARCA
BELLEVUE BAY FLATS AND HOUSES
ARNE JACOBSEN

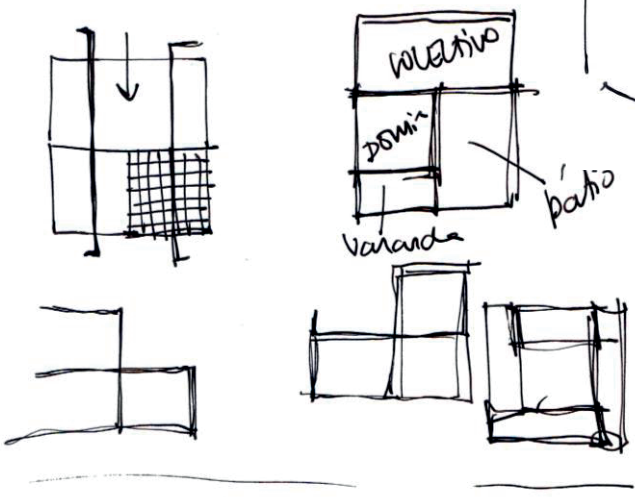
1:200 N

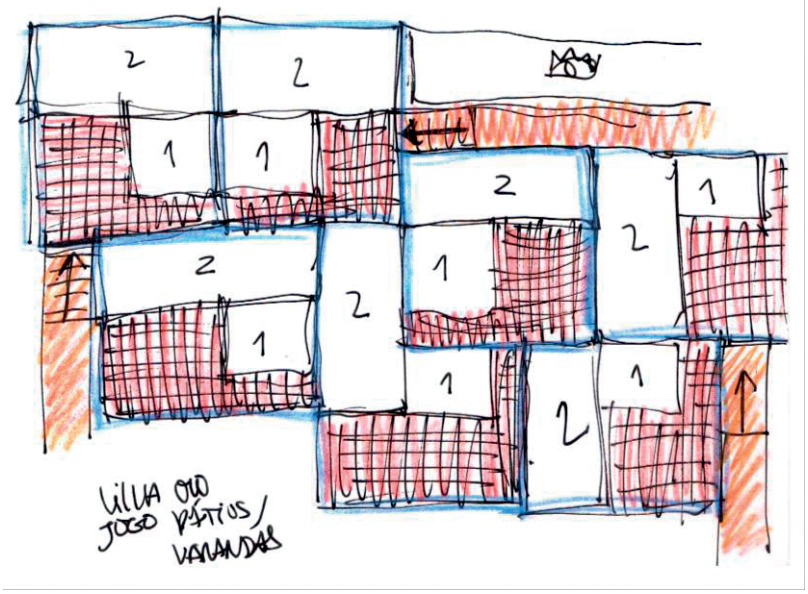
1963 | DINAMARCA
BAKKEDRAGET HOUSING
JØRN UTZON




VILLA ORO




COLECTIVO
DOMIN
pátio
Varanda

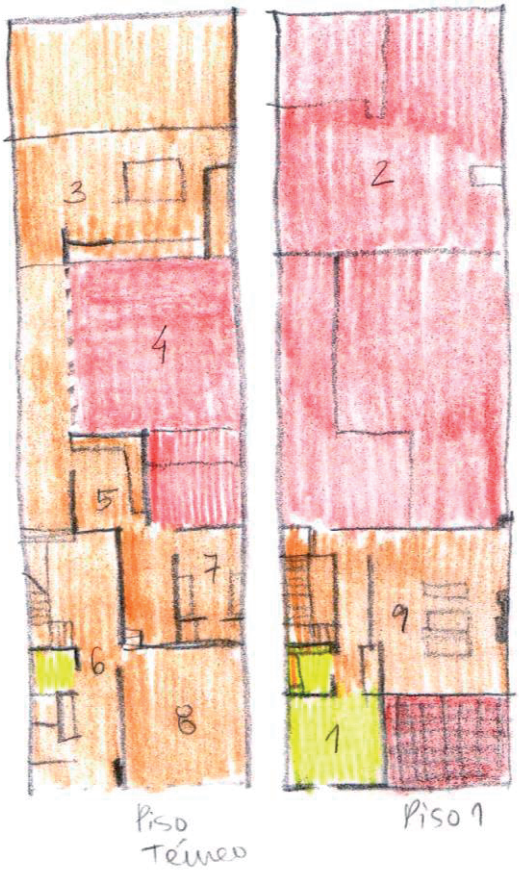

VILLA ORO
JOGO PÁTIOS/
VARANDAS

Casa Gilardi, Barragan

1- Dormir
2- Terraço cobertura
3- Comer
4- Pátio
5- Cozinha
6- Entrada
7- Serviço
8- Garagem
9- Sala estar
10- terraço

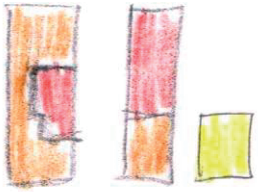


Piso 2 Cobertura



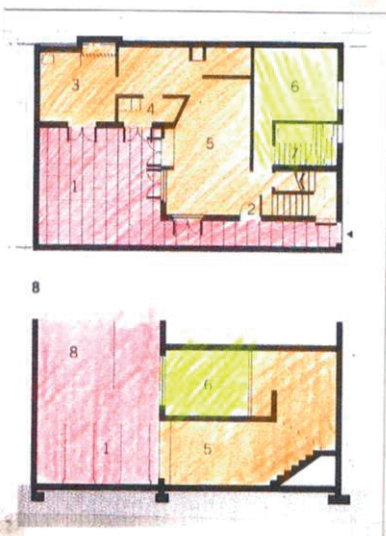
Piso Térreo Piso 1

exterior
coletivo
individual



1:200 N

1977 | ÉVORA
QUINTA DA MALAGUEIRA
SIZA VIEIRA
TIPO B - PÁTIO P/ MASSAMÁ



PLANTA PISO TÉRREO
CORTE

1- PÁTIO
2- ENTRADA
3- COZINHA
4- LAVANDARIA
5- ESTAR
6- DORMIR
7- I.S
8- TERRAÇO

EXTERIOR
COLECTIVO
INDIVIDUAL



3 VARIAÇÕES PISO 1



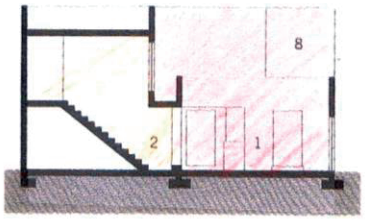
PISO TERRAÇO (PISO 2)

1:200 N

1977/ÉVORA
QUINTA DA MALAGUEIRA
SIZA VIEIRA

TIPO A – PÁTIO À FRENTE

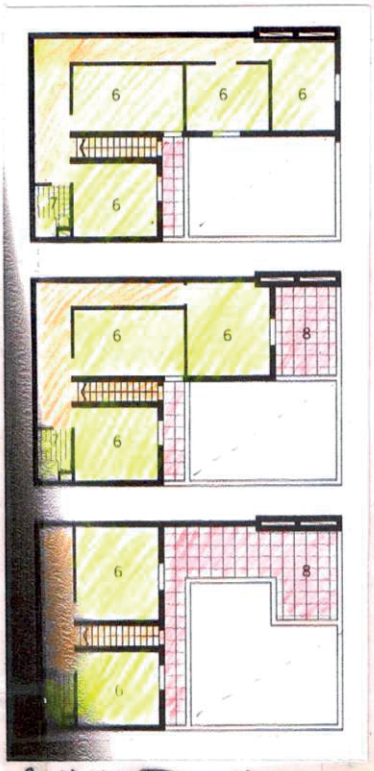




PLANTA PISO TÉRREO
CORTE

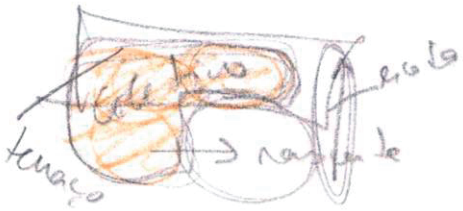
1-PÁTIO
2-ENTRADA
3-COZINHA
4-LAVANDARIA
5-ESTAR
6-DORMIR
7-I.S
8-TERRAÇO

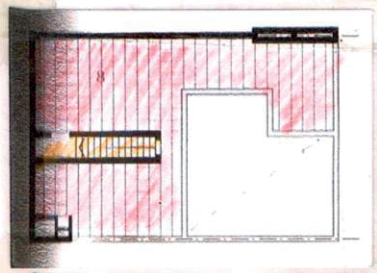




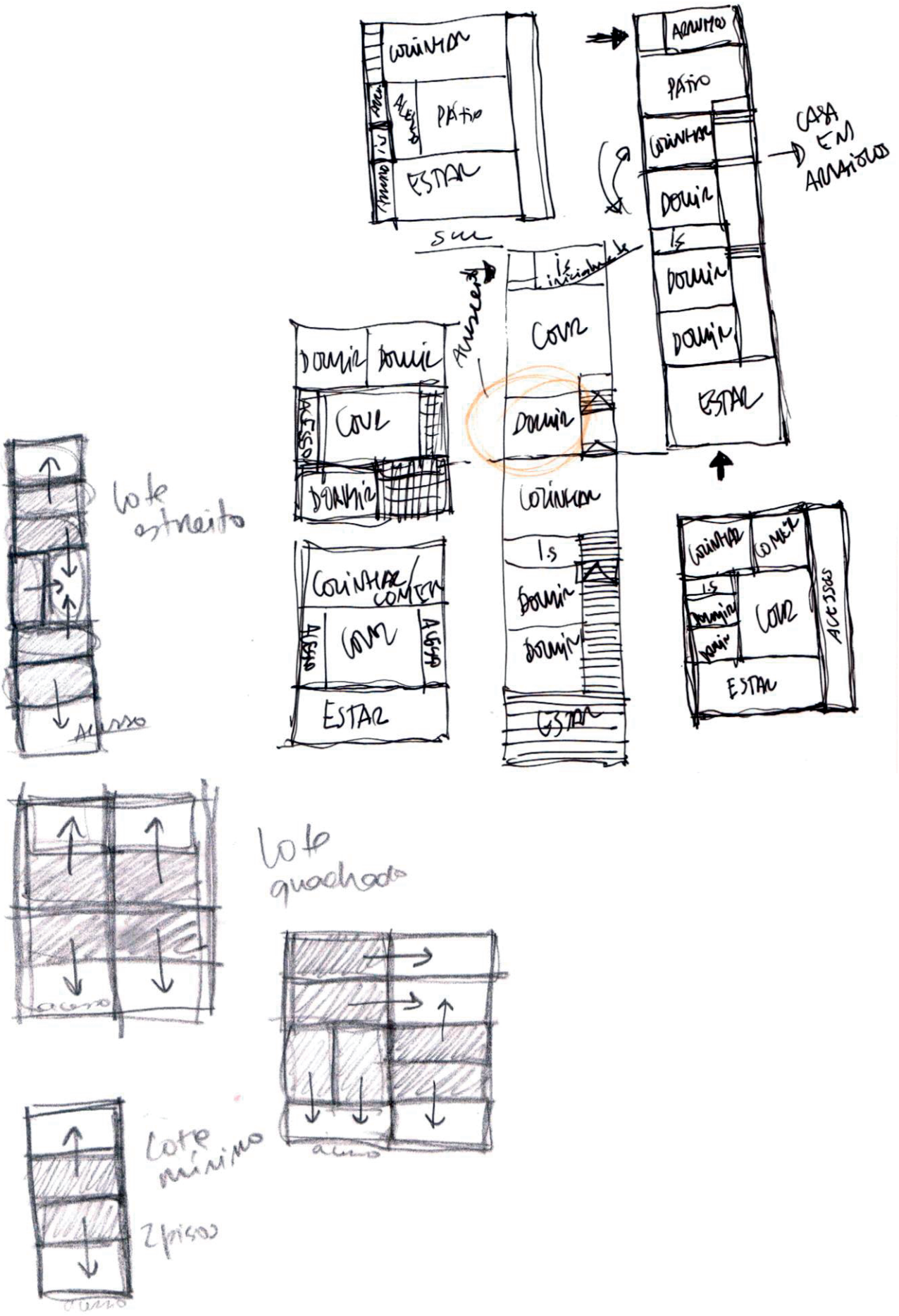
3 VARIAÇÕES PISO 1

EXTERIOR
COLECTIVO
INDIVIDUAL

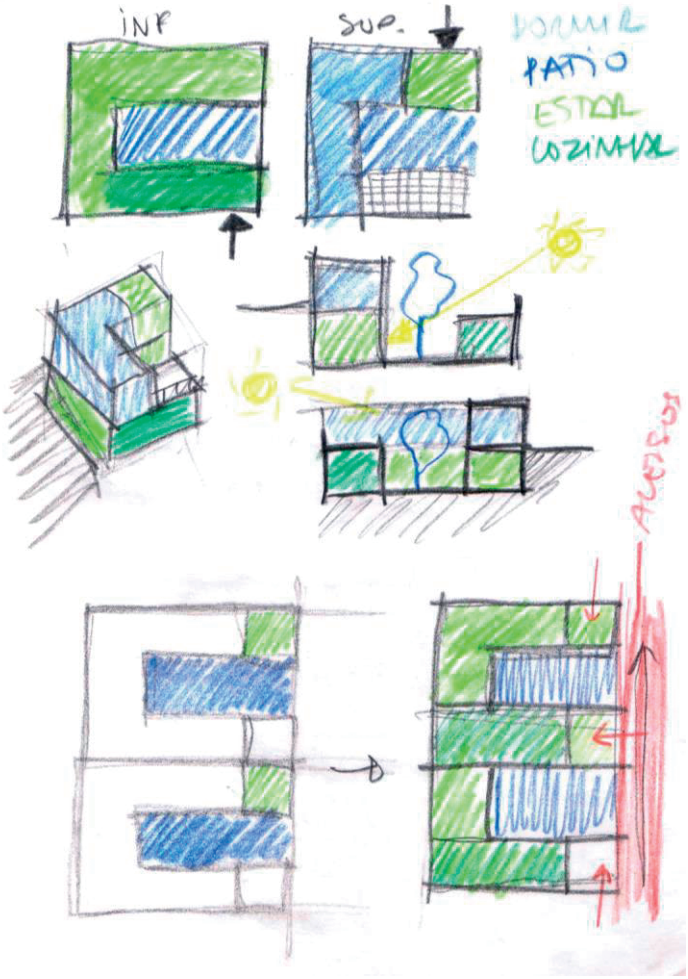


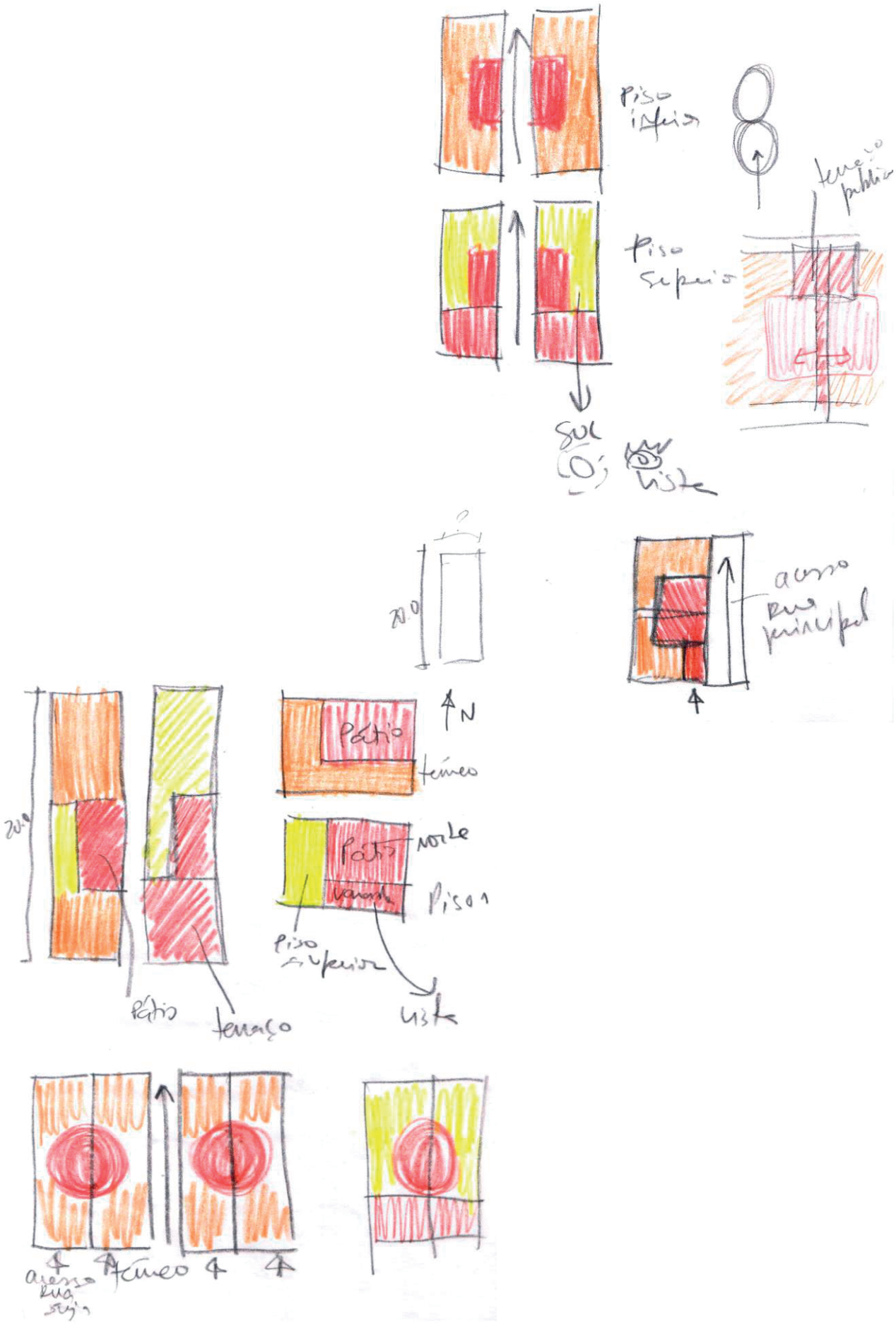


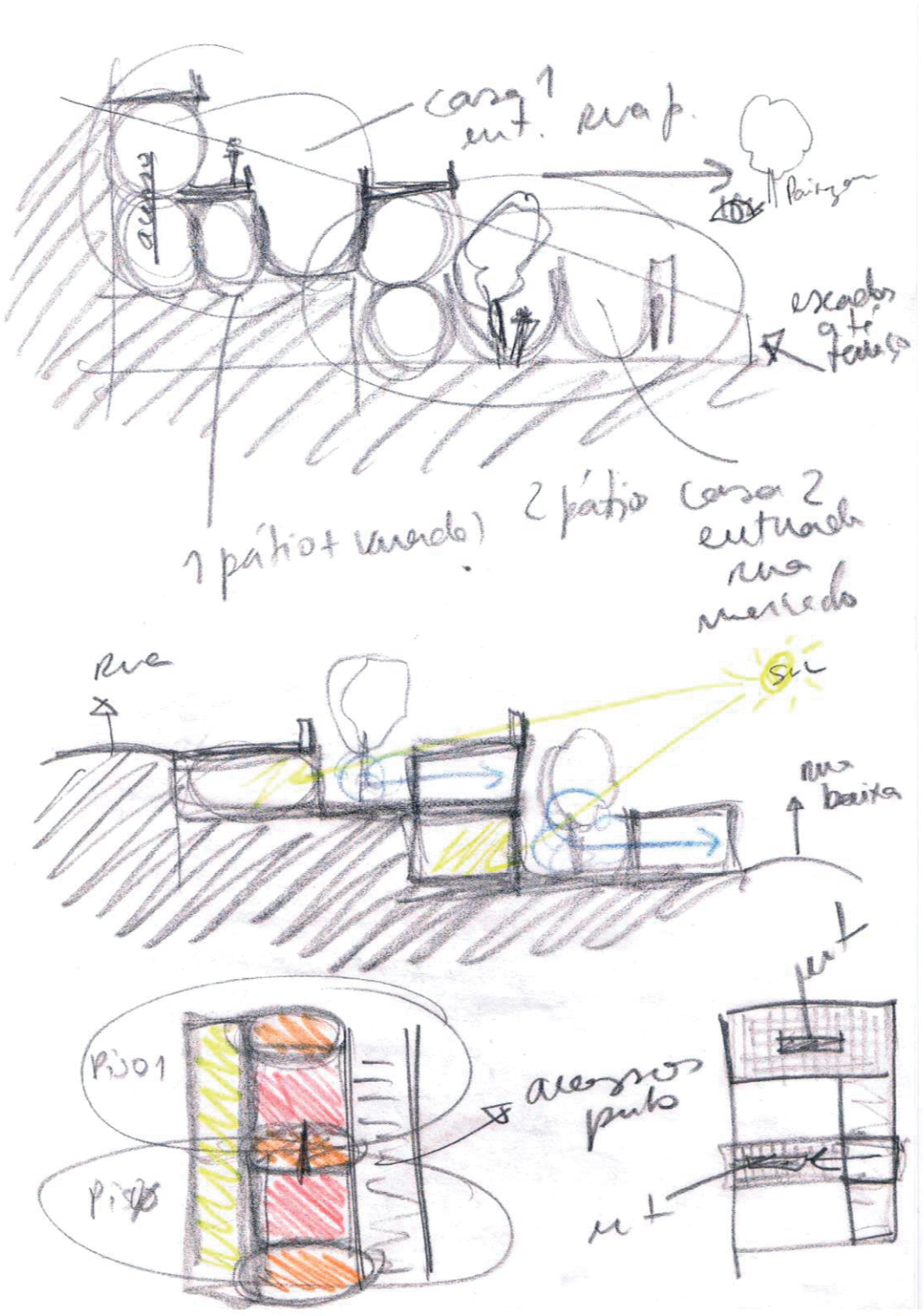
PISO TERRAÇO (PISO 2)

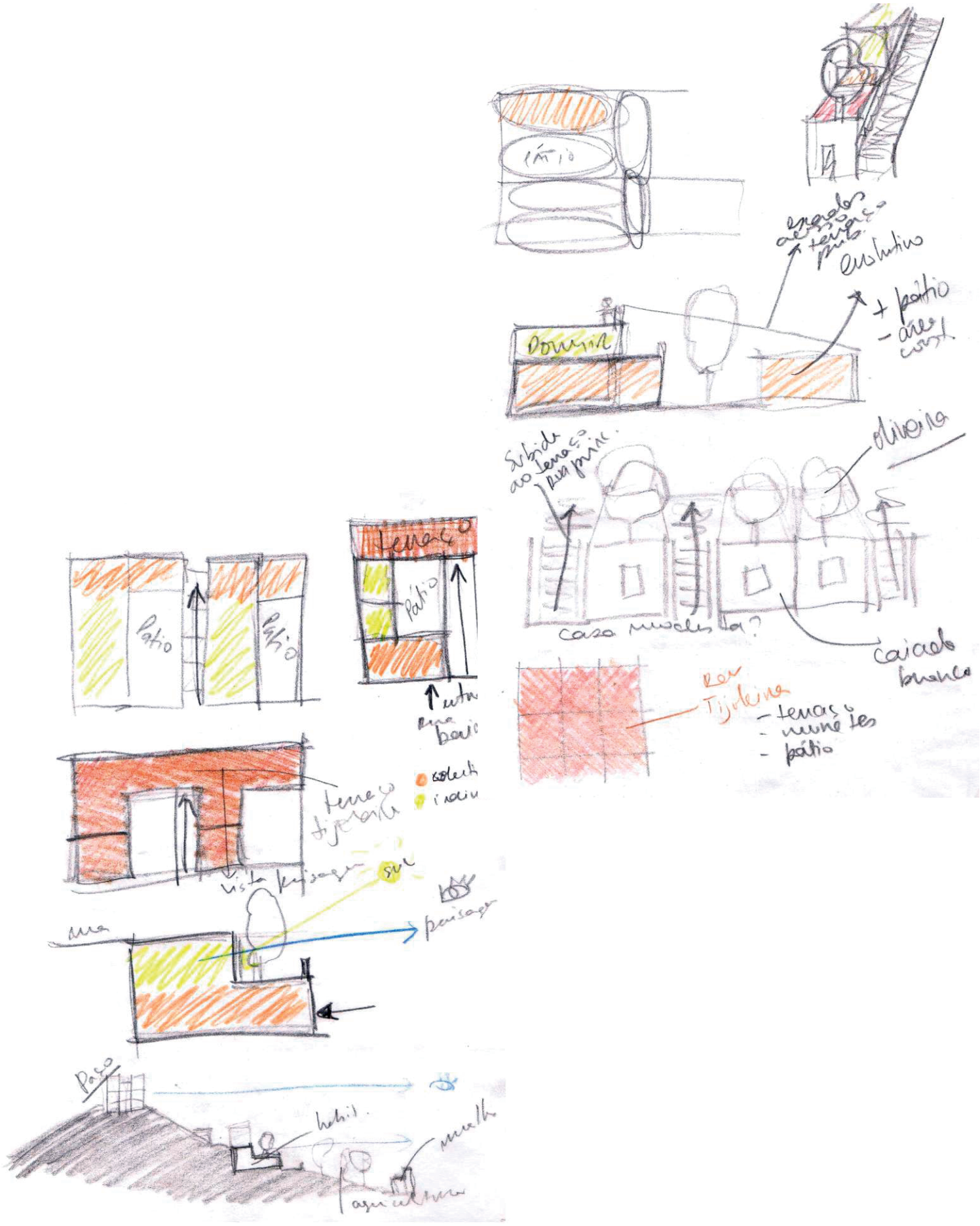

Lote estreito
Lote quadrado
Lote mínimo
2 pisos
CASA EM ANDARES
ESTAR
DORMIR
COZINHA
PÁTIO
ACESSO


ALE
ALE
ALE
INF
ALE
ALE
SUP

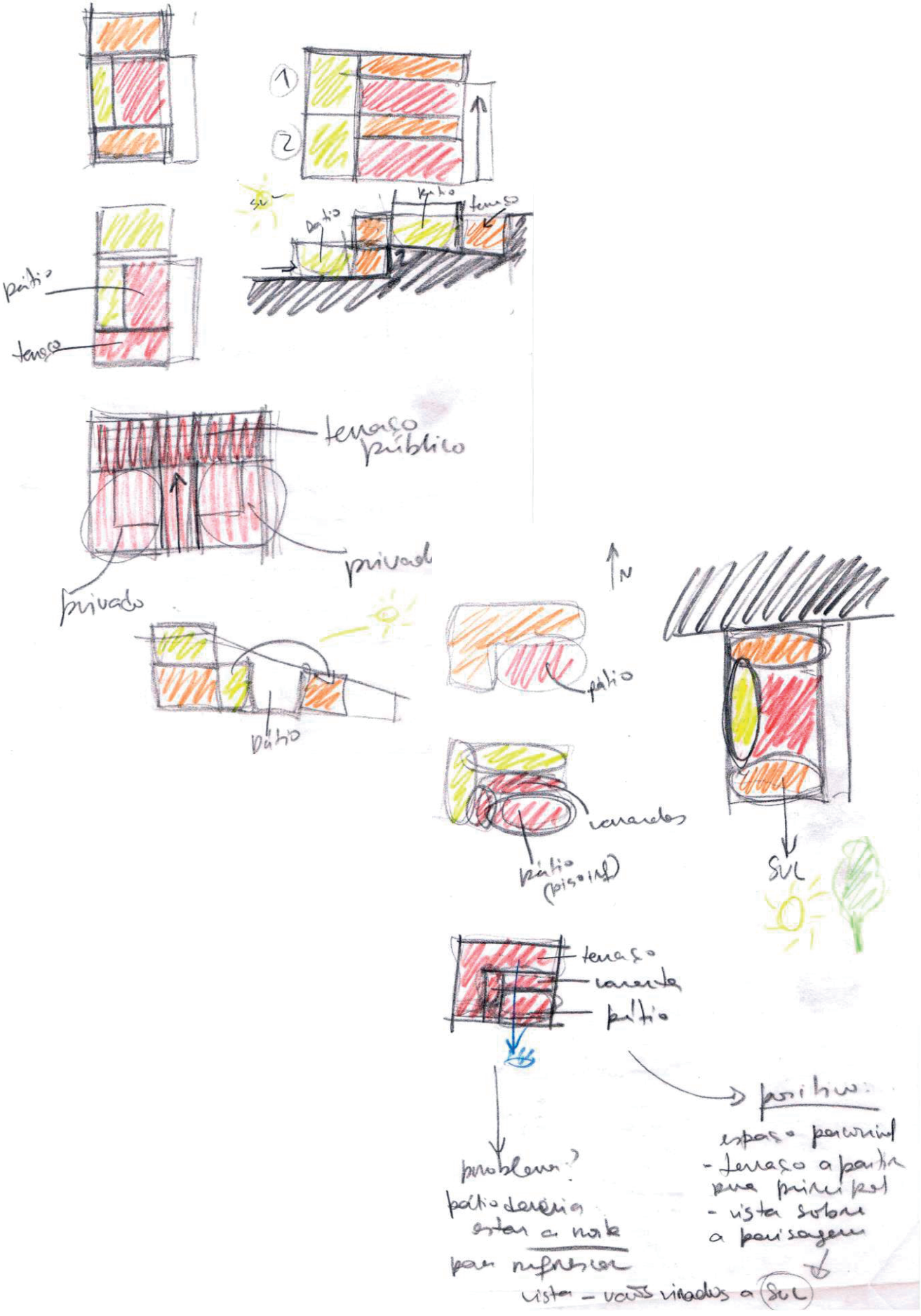

INF
SUP.
DORMIR
PATIO
ESTAR
COZINHAR
ACESSO

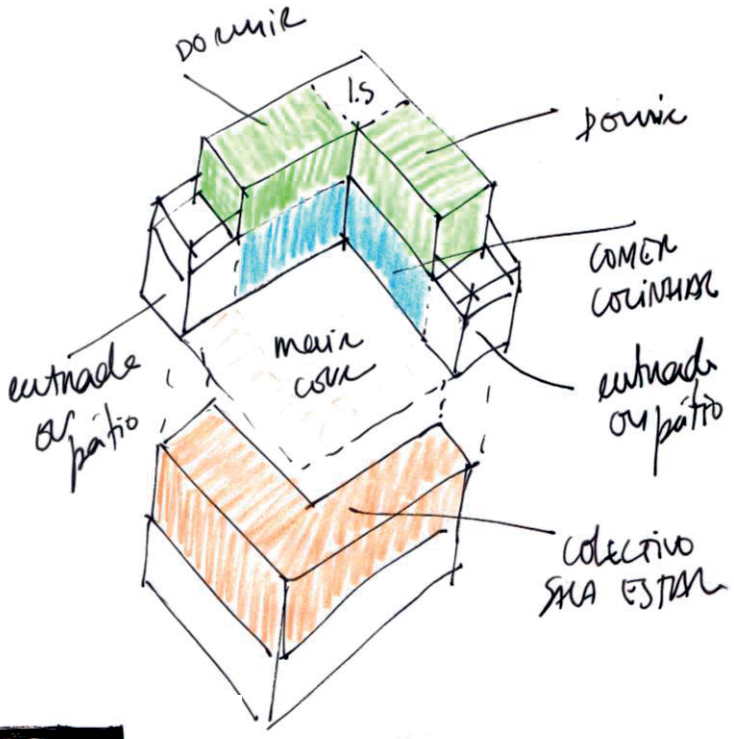

Piso inferior
Piso superior
terraço público
SUL
vista
20.0
acesso rua principal
N
Pátio
térreo
Pátio
norte
Pisos
Piso superior
vista
20.0
Pátio
terraço
acesso rua sujeita
térreo

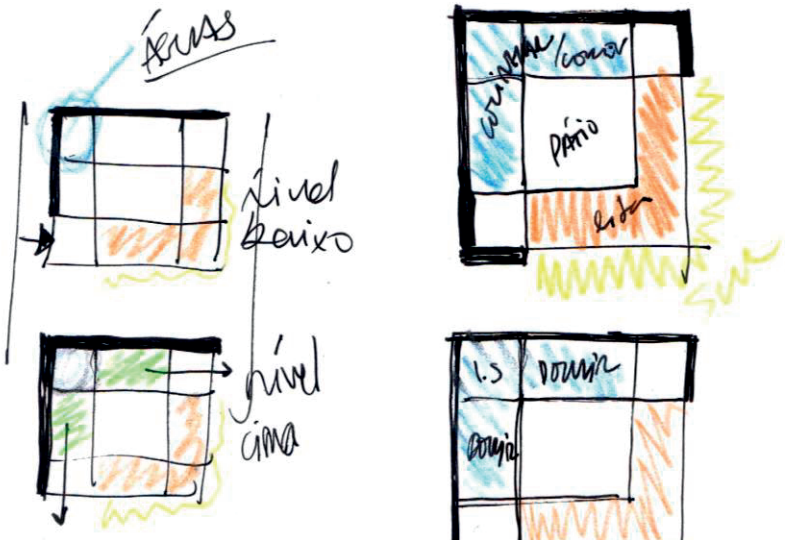

casa 1
ent. rua p.
Paisagem
escados até terraço
1 pátio + varanda)
2 pátio
casa 2
entrada
rua
mercado
rua
sul
rua baixa
Piso 1
Piso
acessos
pub
ent
ent

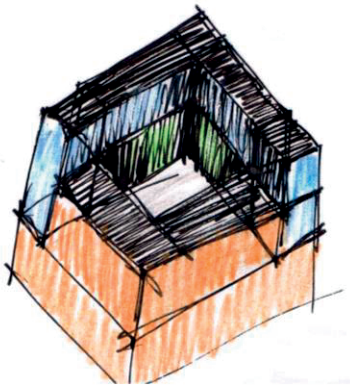


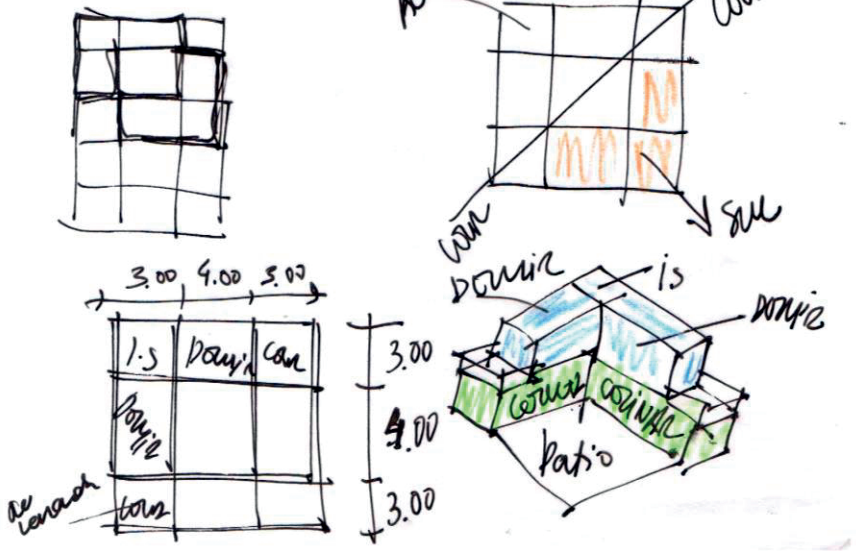
Pátio
Dormir
+ pátio
- área const.
oliveira
casa modesta?
caiado branco
Rev Tijoleira
- terraço
- muretes
- pátio
terraço
Pátio
Pátio
Pátio
terraço tijoleira
vista paisagem
sul
paisagem
Paço
habit.

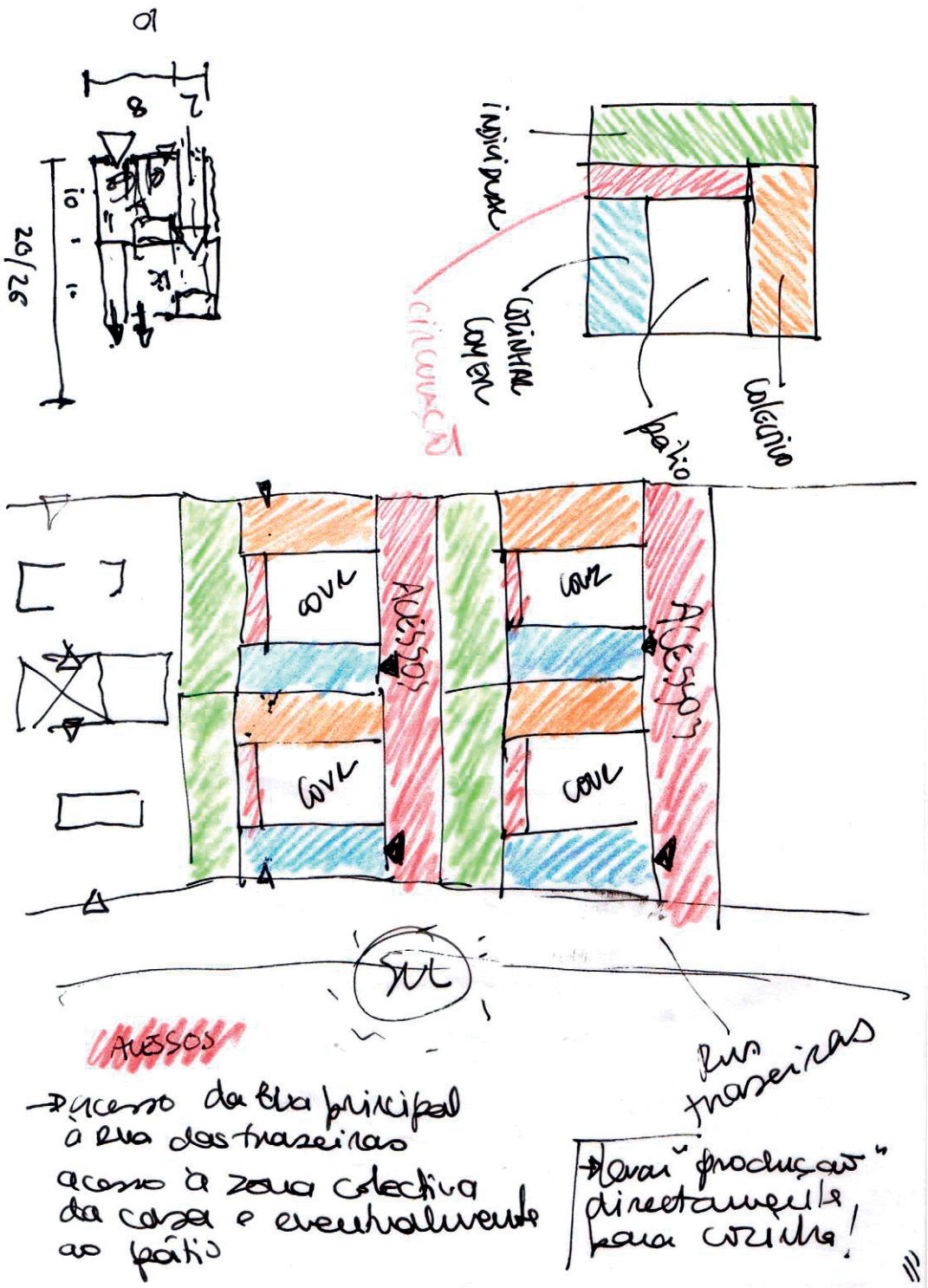

1
2
sul
pátio
terraço
pátio
terraço
terraço público
privado
privado
pátio
N
pátio
varandas
pátio (piso inf)
SUL
terraço
varanda
pátio
problema?
pátio demasia estar a norte
para refrescar
positivo:
espaço panorâmico
- terraço a partir sua principal
- vista sobre a paisagem
vista - vãos virados a (SUL)


dormir
I.S
dormir
comer
cozinhar
entrada
ou pátio
entrada
ou pátio
colectivo

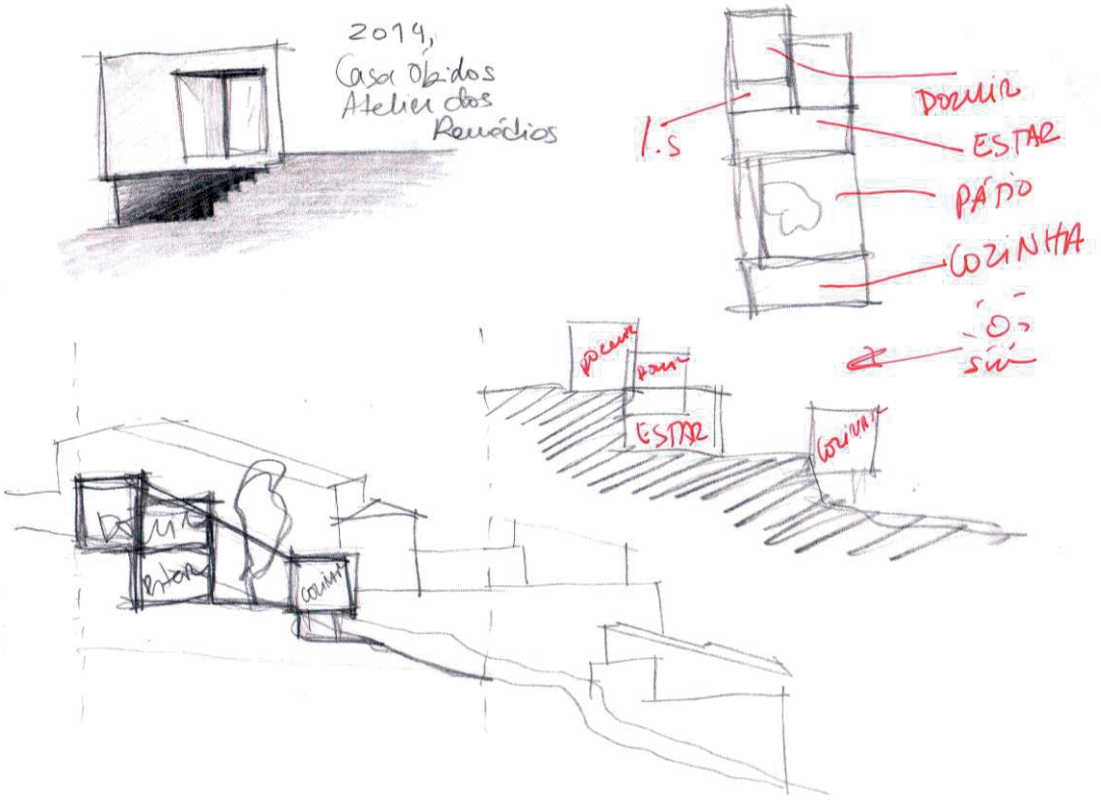

nível
baixo
nível
cima
pátio

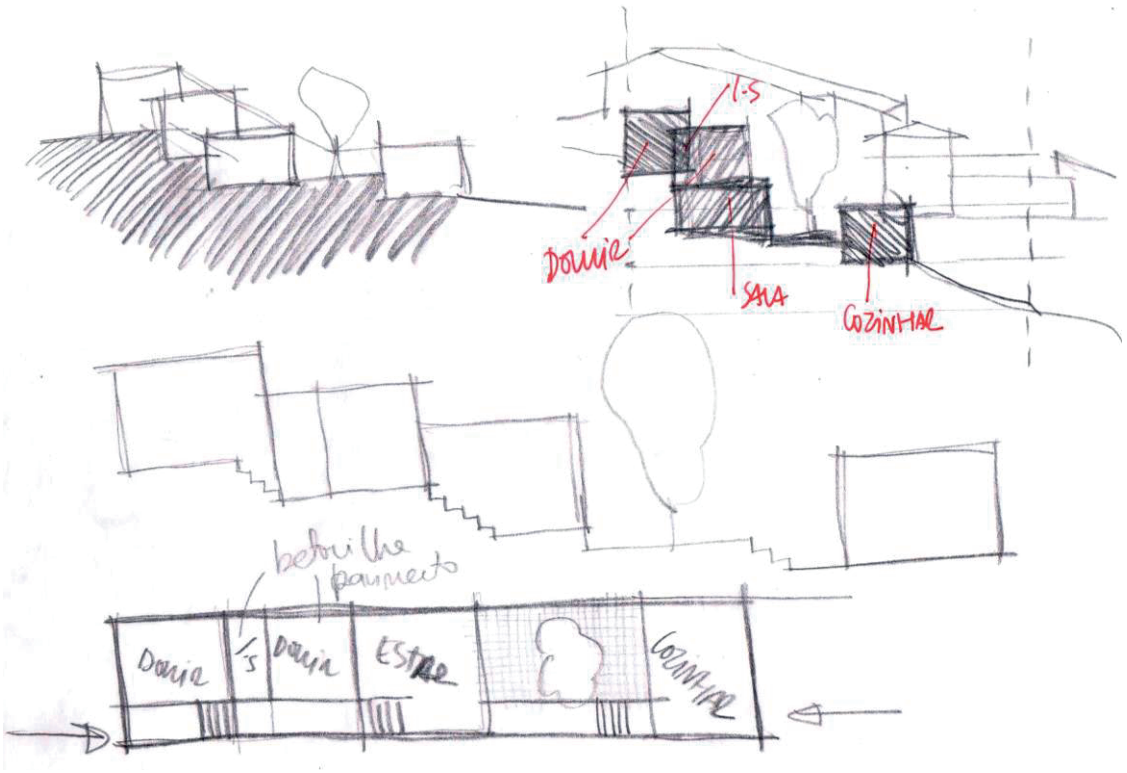


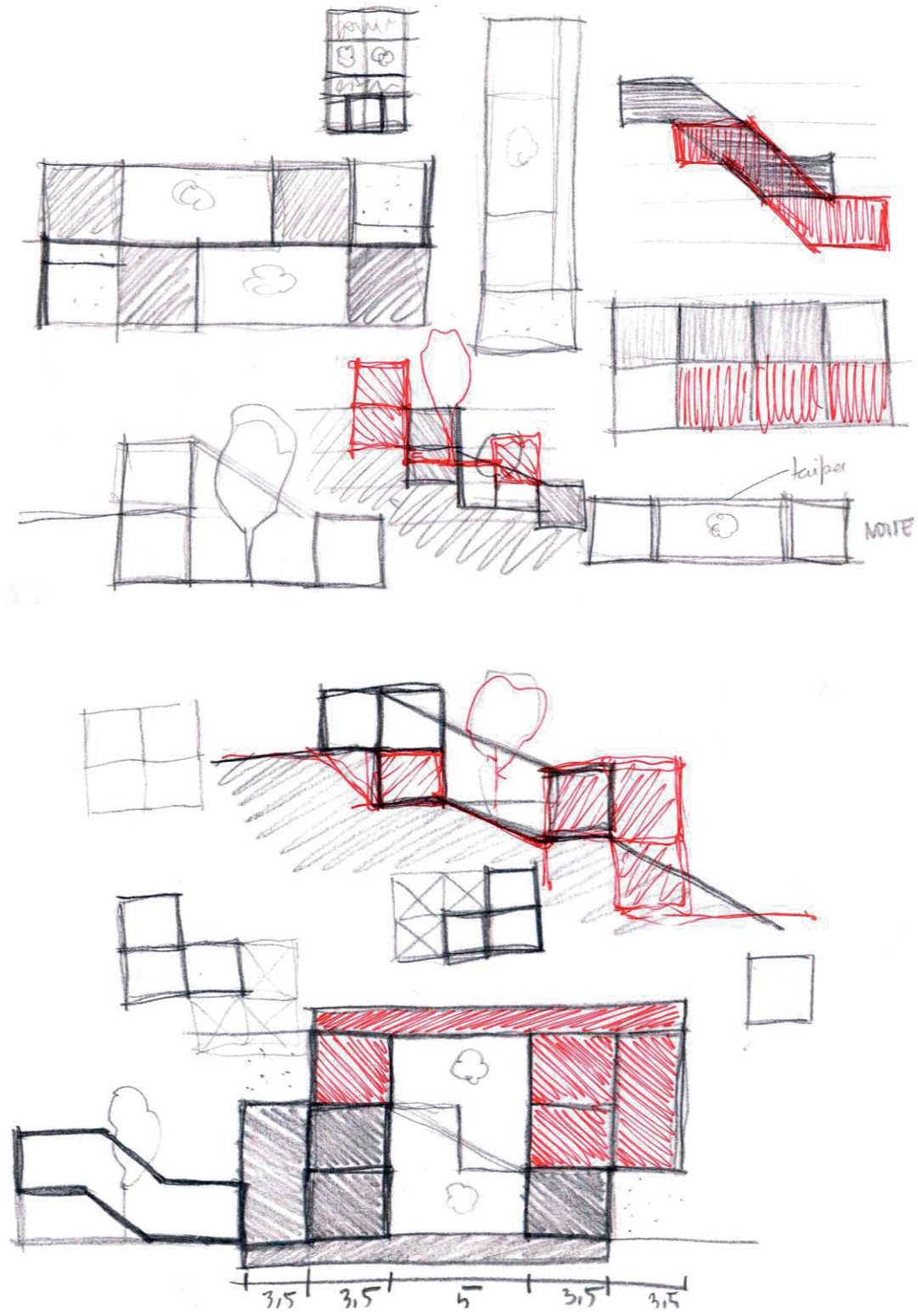

3.00
4.00
5.00
I.S
dormir
3.00
4.00
3.00
dormir
I.S
dormir
cozinhar
pátio

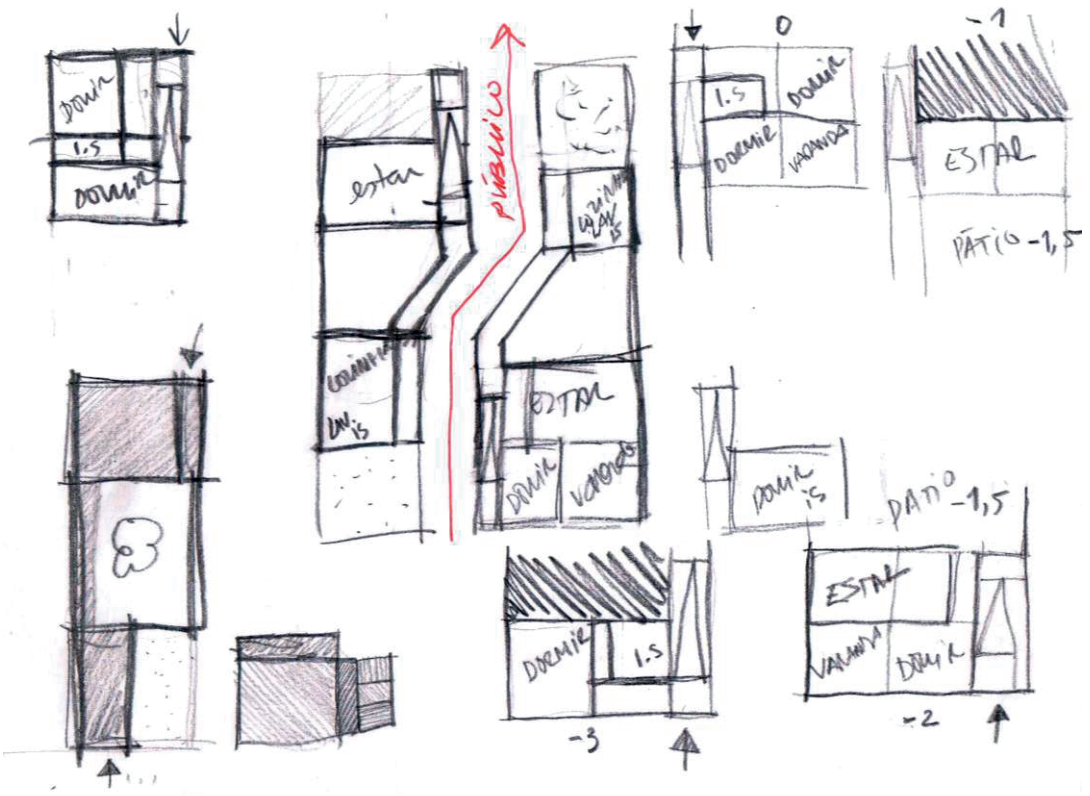


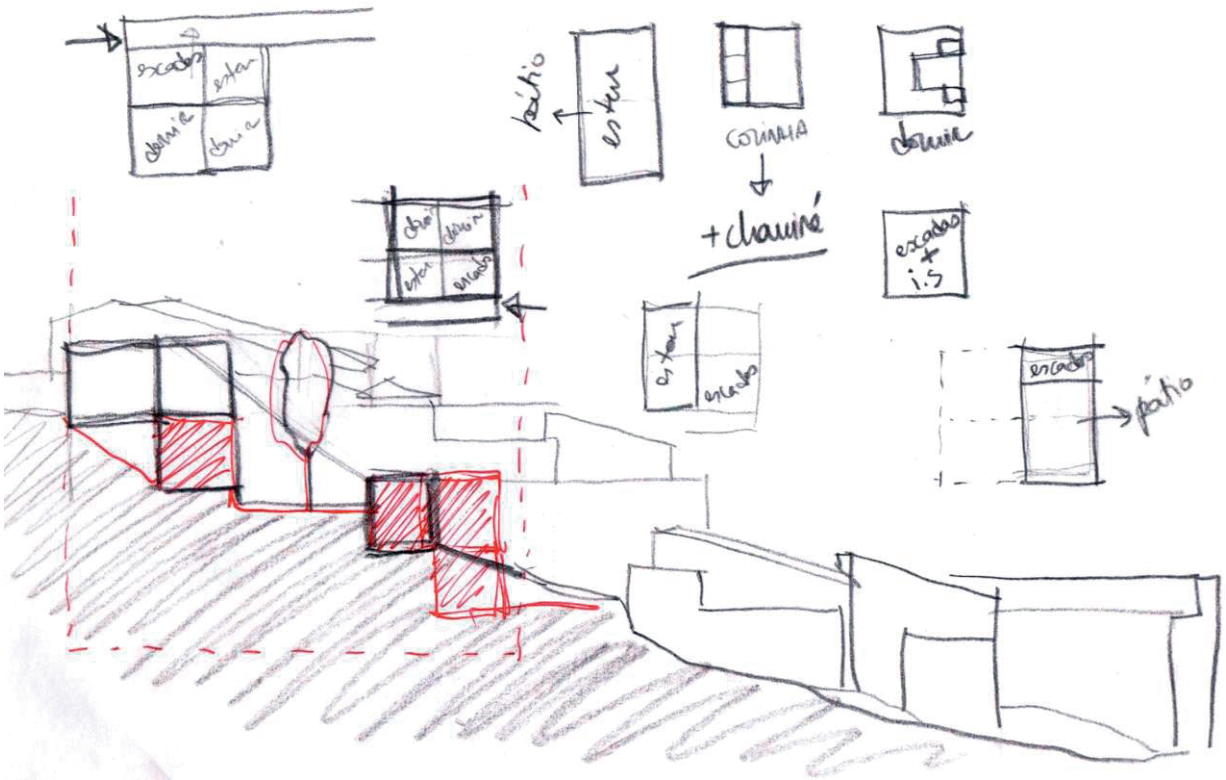
individual
cozinhar
comer
circulação
pátio
colectivo
cour
acessos
sul
Rua traseiras
acesso da Rua principal à Rua das traseiras
acesso à zona colectiva da casa e eventualmente ao pátio
levar "produção" directamente para cozinha!

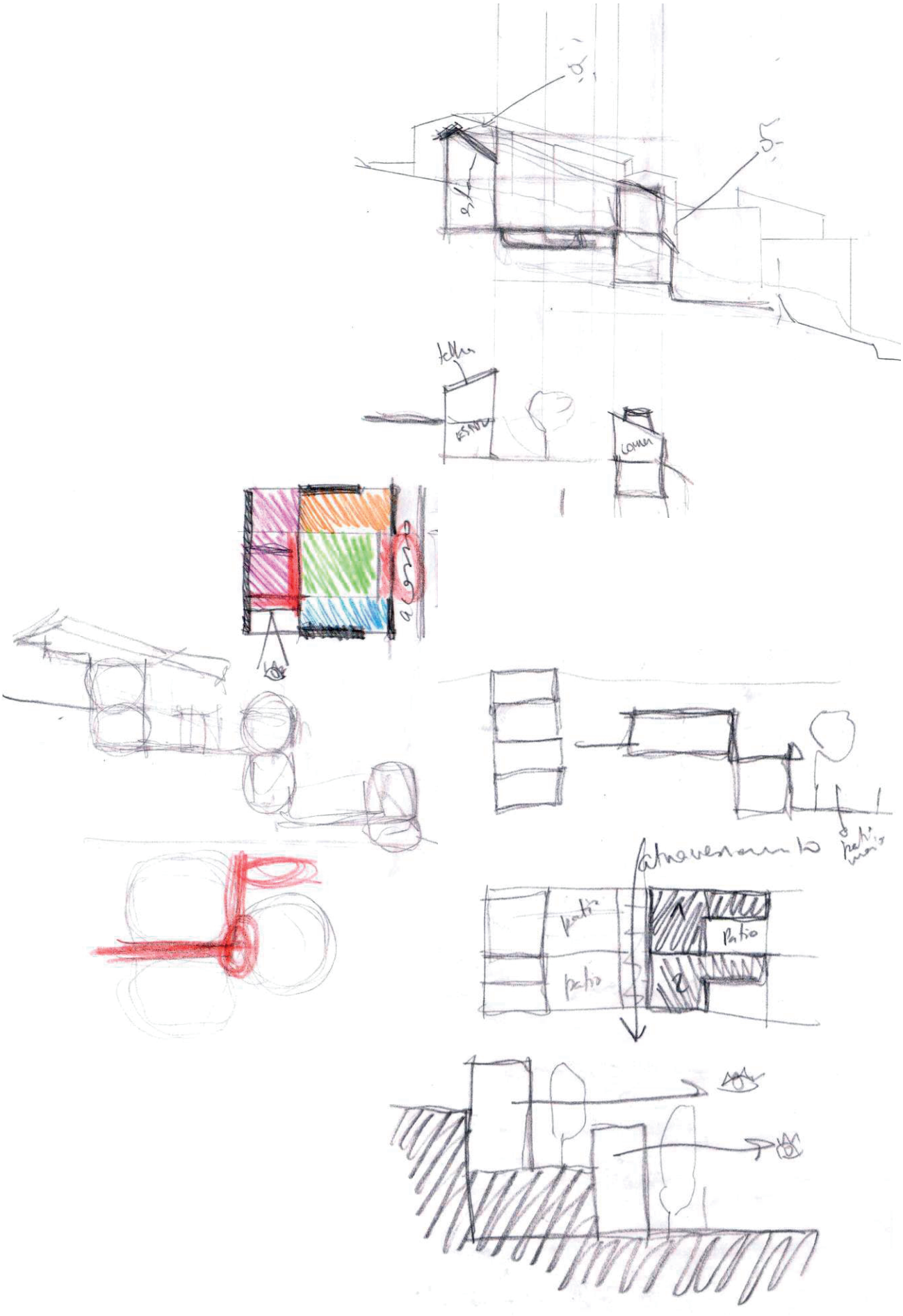

2014,
Casa Óbidos
Atelier dos
Remédios
DORMIR
ESTAR
PÁTIO
COZINHA
SÍM
ESTAR

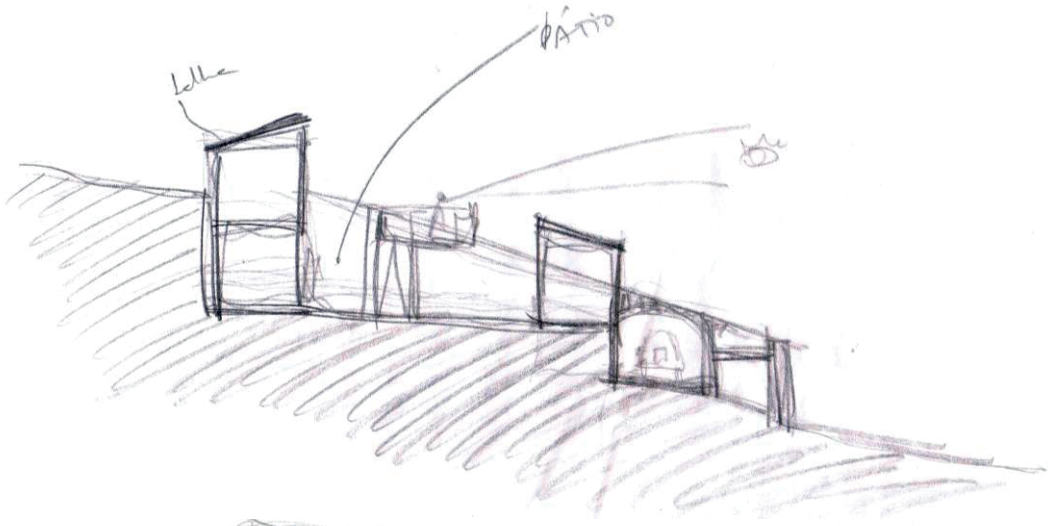

DORMIR
SALA
COZINHAR
betonilha
pavimento
DORMIR
DORMIR
ESTAR
COZINHAR

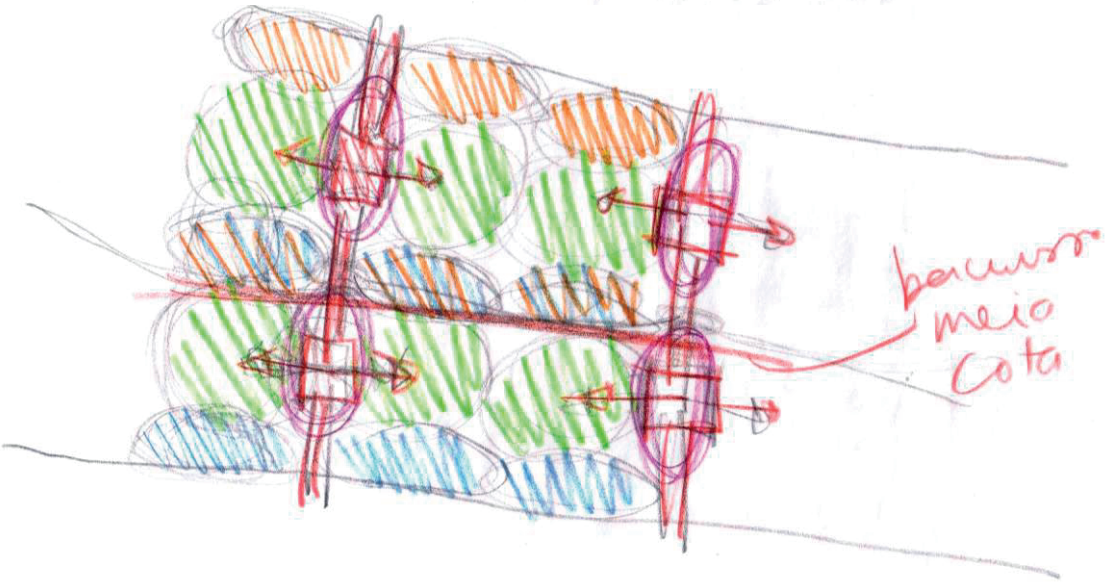

taipei
3,5
3,5
5
3,5
3,5

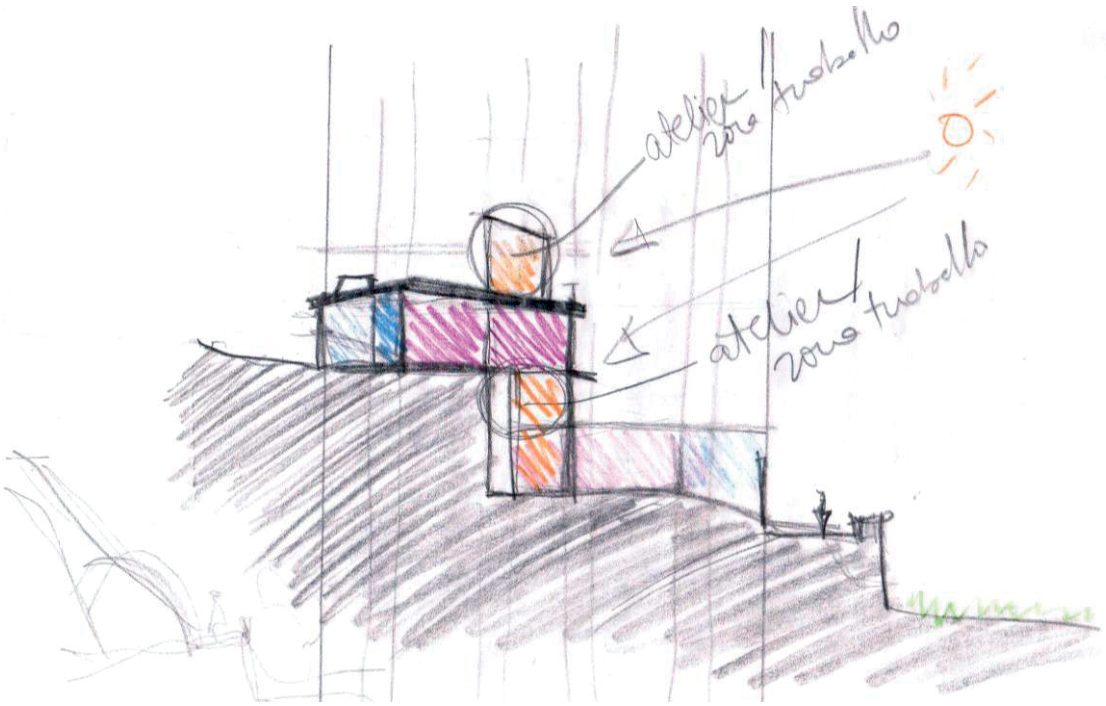

DORMIR
I.S
DORMIR
estar
PÚBLICO
COZINHA
LAV IS
ESTAR
DORMIR
VARANDA
0
I.S
DORMIR
DORMIR
VARANDA
-1
ESTAR
PÁTIO -1,5
DORMIR IS
PÁTIO -1,5
ESTAR
VARANDA
DORMIR
DORMIR
I.S
-3
-2

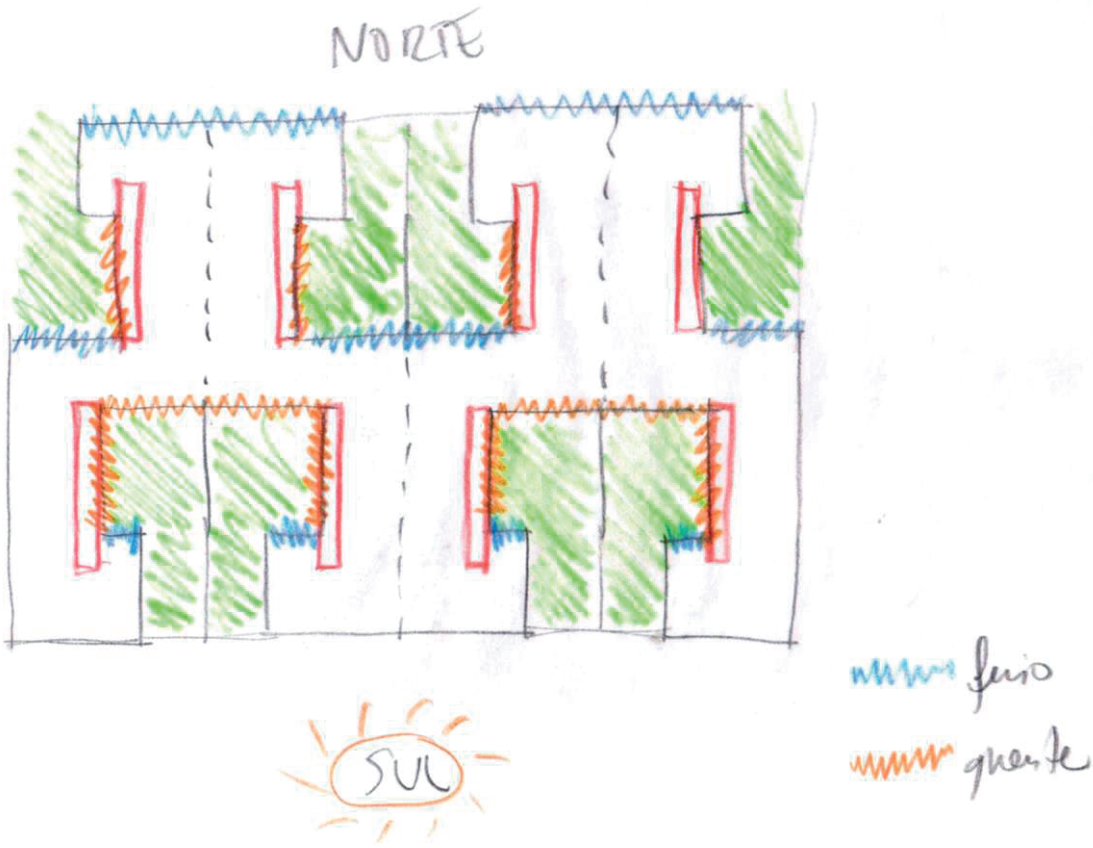

escadas
estar
dormir
dormir
pátio
estar
COZINHA
dormir
+ chaminé
escadas + i.S
estar
escadas
escadas
pátio

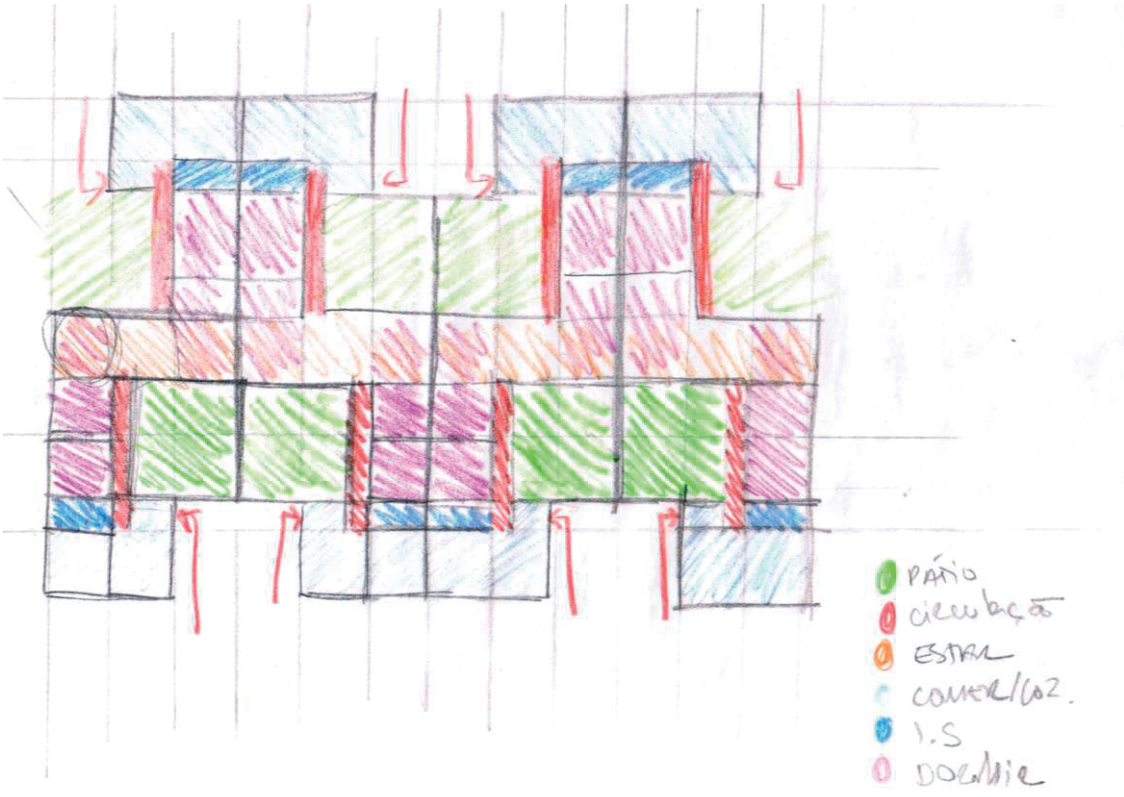

patio
Patio
patio

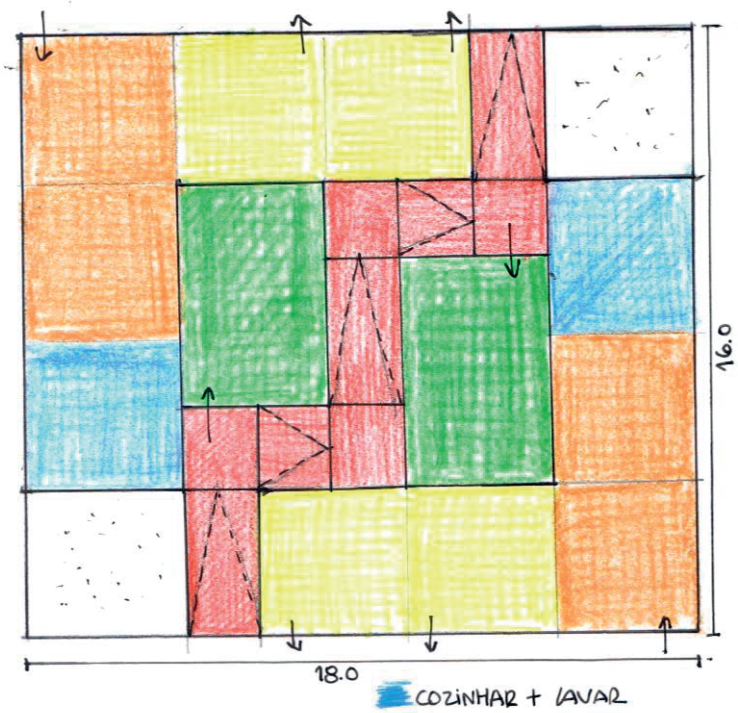

PÁTIO

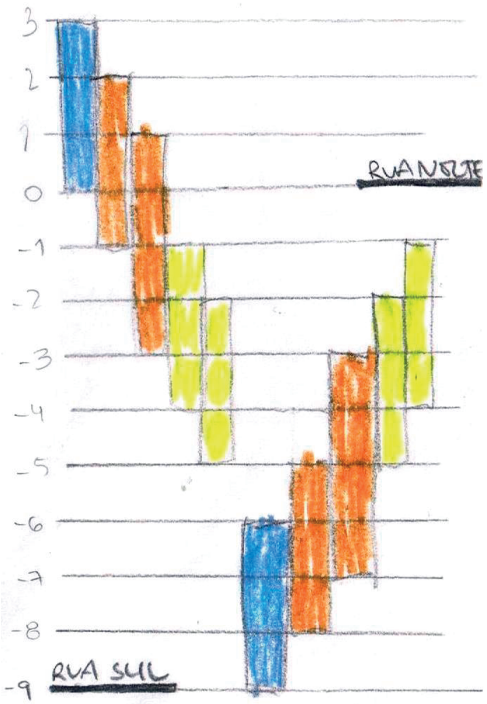

percurso
meio
cota


atelier
zona trabalho
atelier
zona trabalho


NORTE
SUL
frio
quente

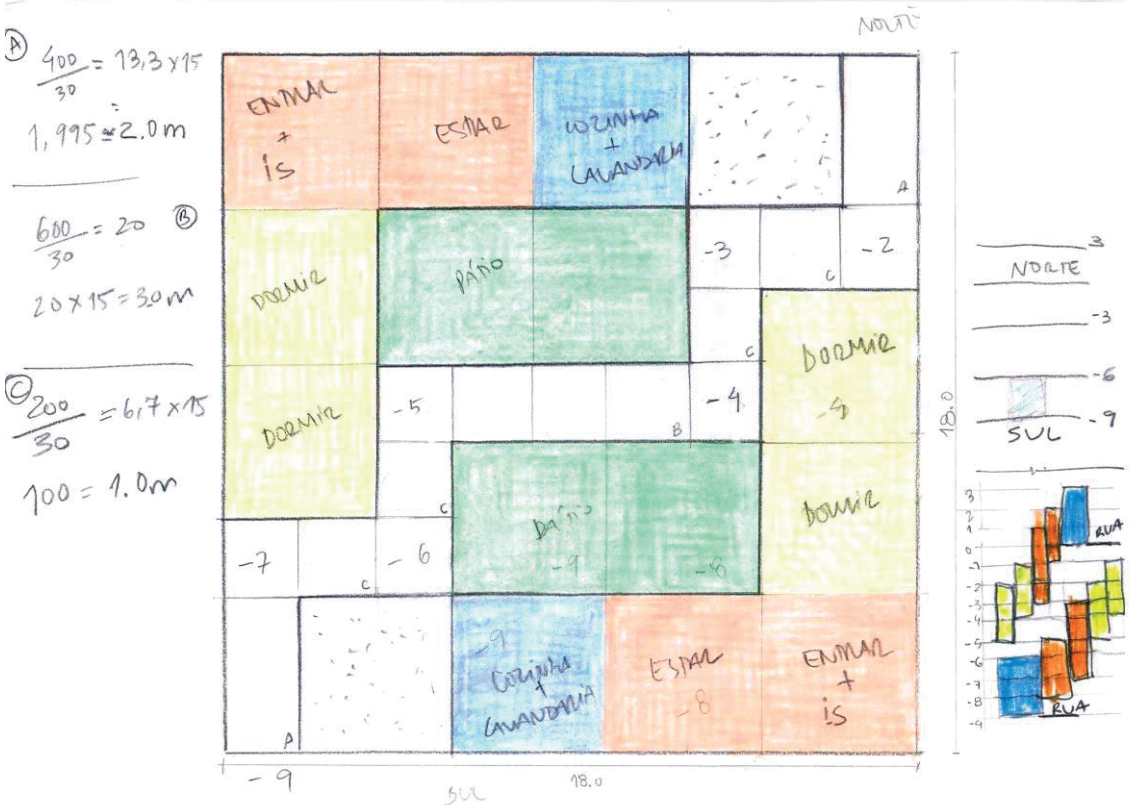

PÁTIO
circulação
ESTAR
COMER/CO2.
I.S
DORMIR

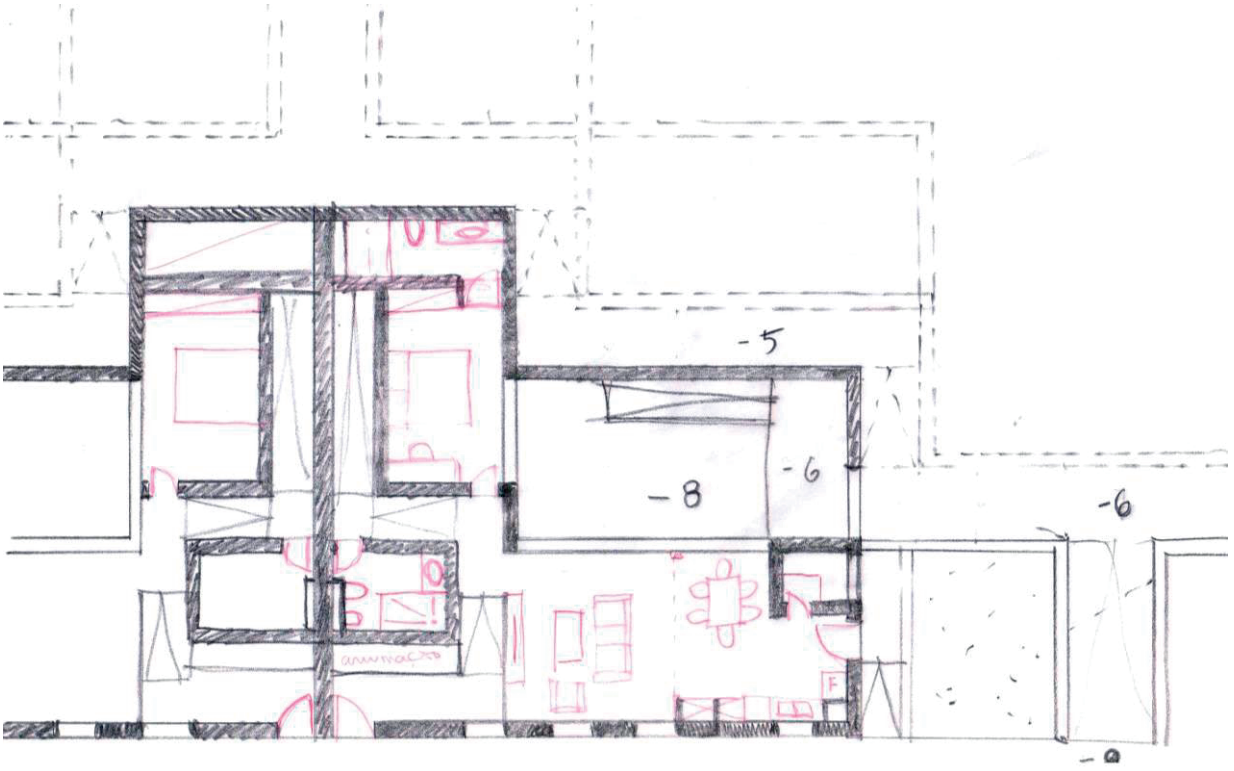


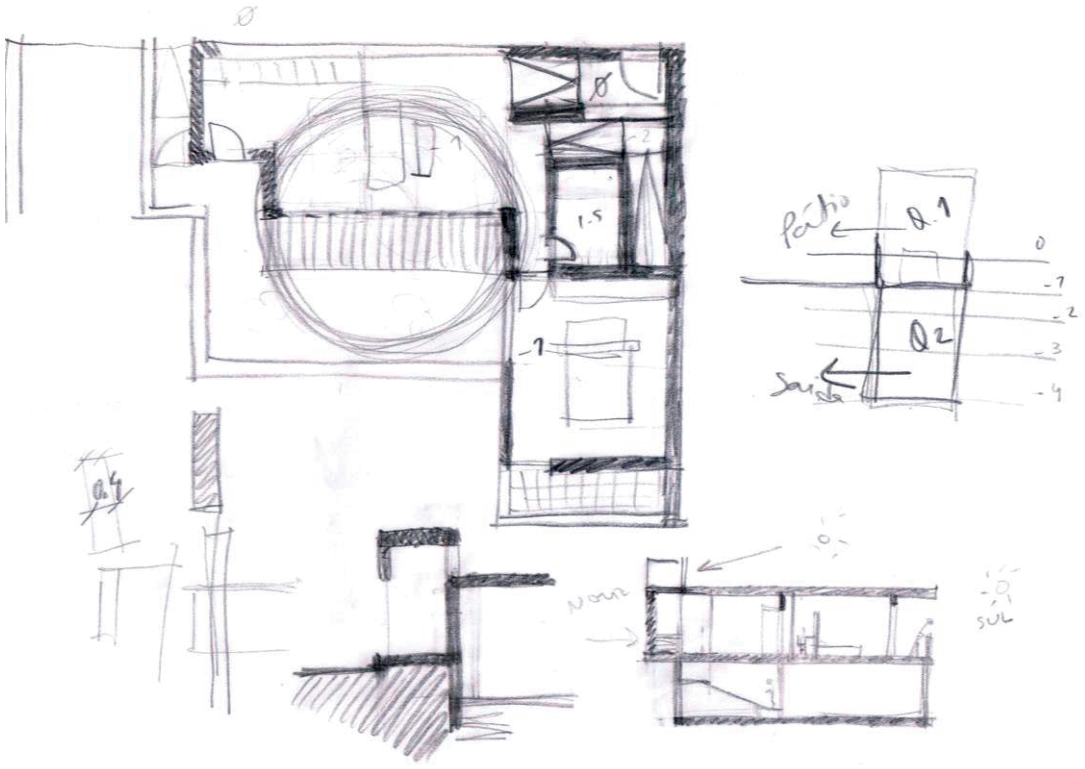


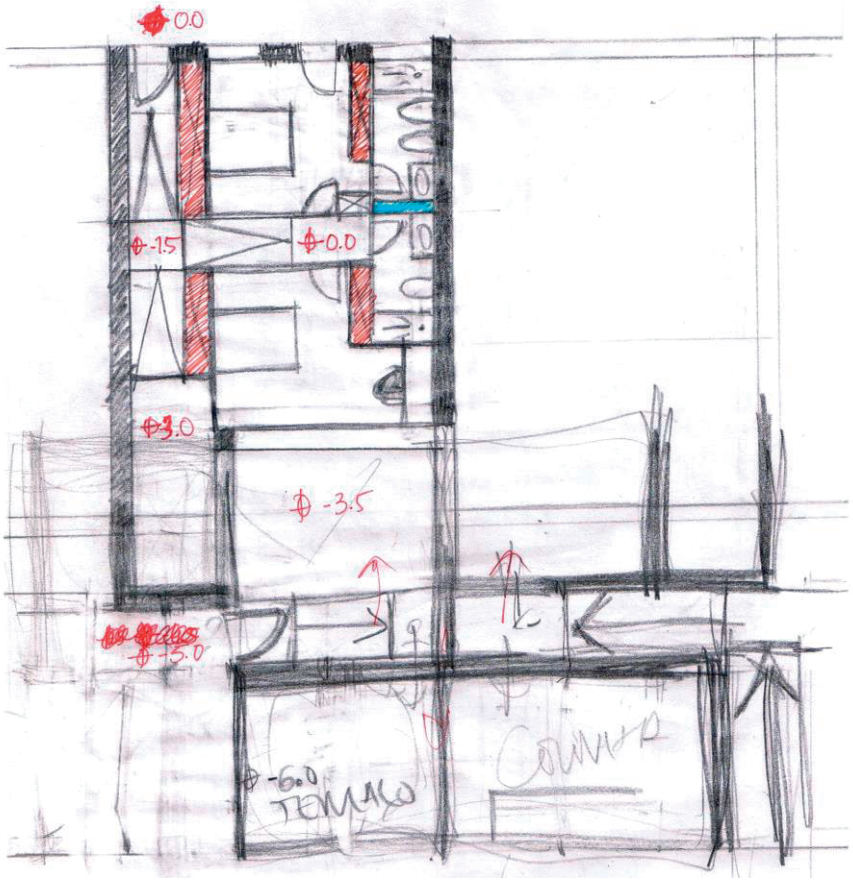
4x4

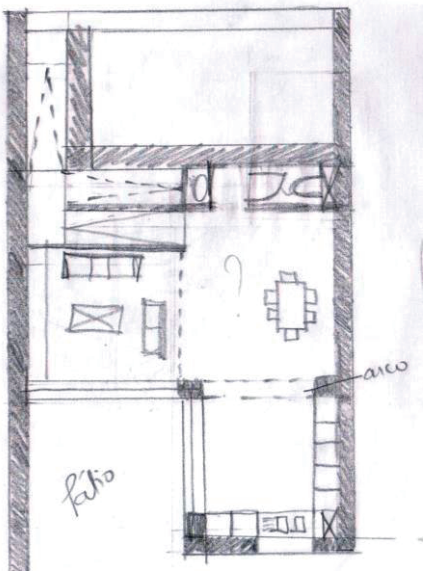
COZINHAR + LAVAR
ESTAR + ENTRAR
DORMIR COM is
PÁTIO
ACESSO PÚBLICO
→ ENTRADAS E SAÍDAS
TERRENO

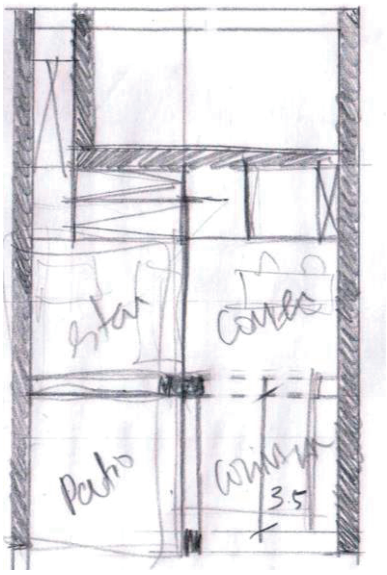


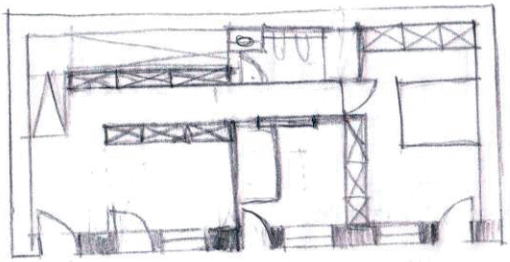

-5
-8
-6
-6

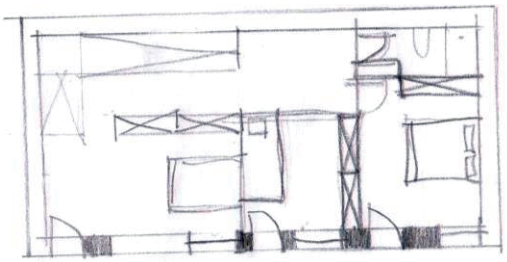

Ø
Ø
1.5
-1
Pátio
Q.1
Q2
Saída
0
-1
-2
-3
-4
Nour
SUL

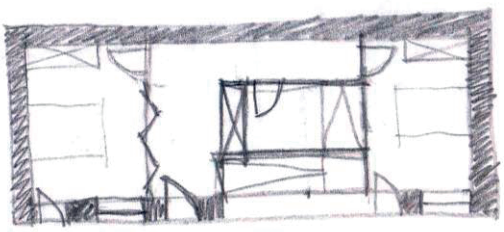

0.0
-1.5
0.0
-3.0
-3.5
-6.0

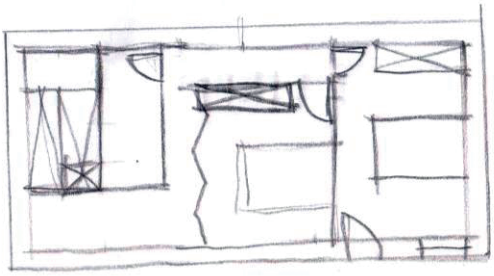

arco
Patio

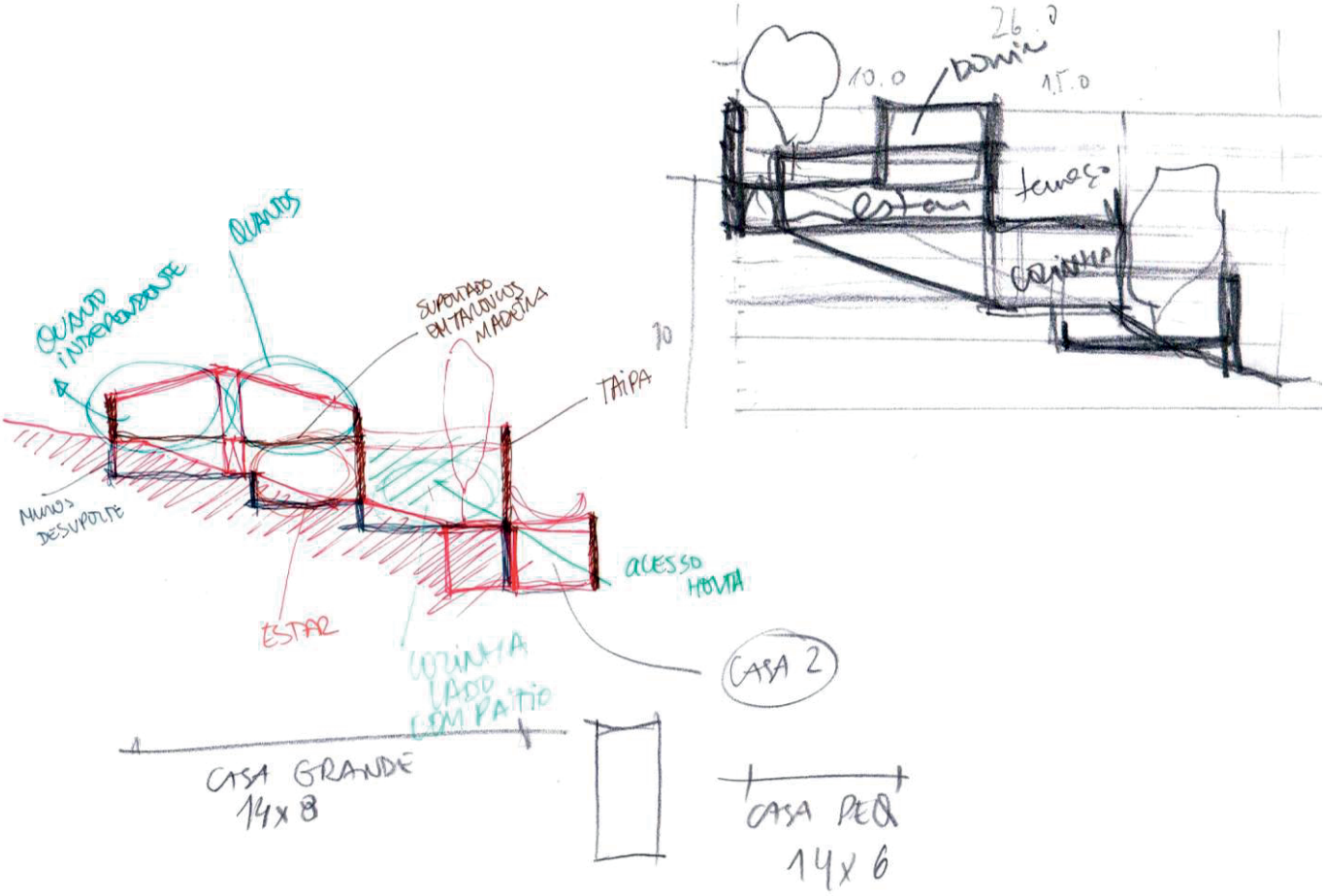

Patio
3.5

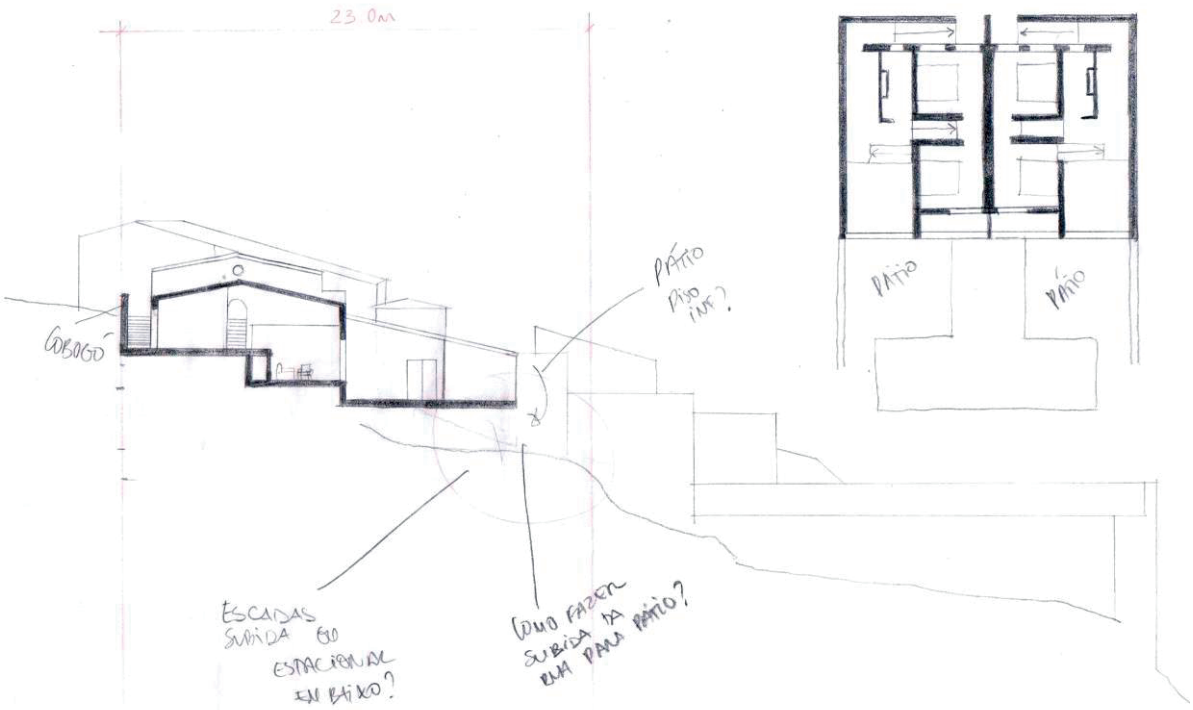


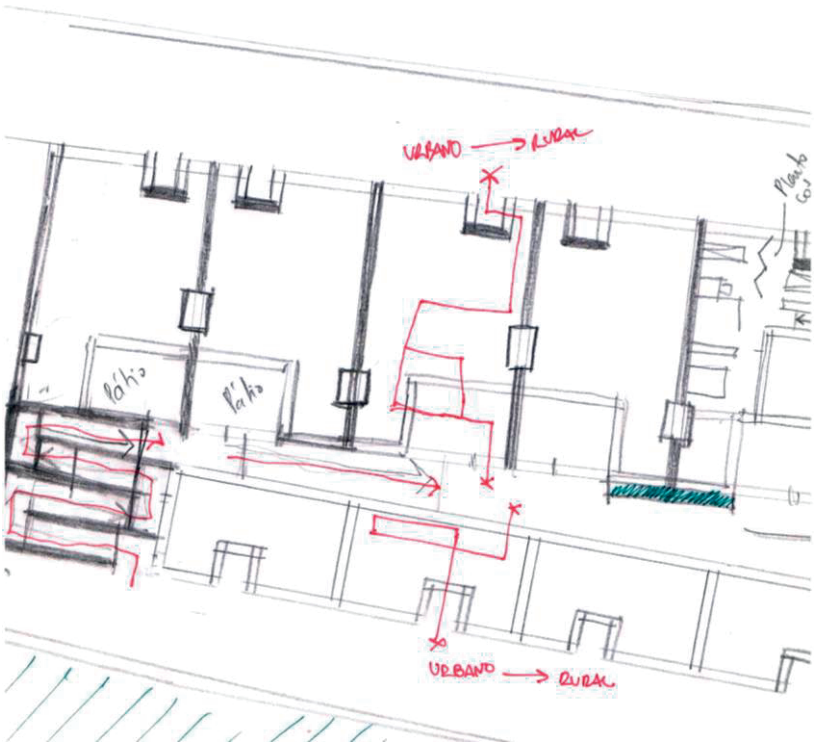


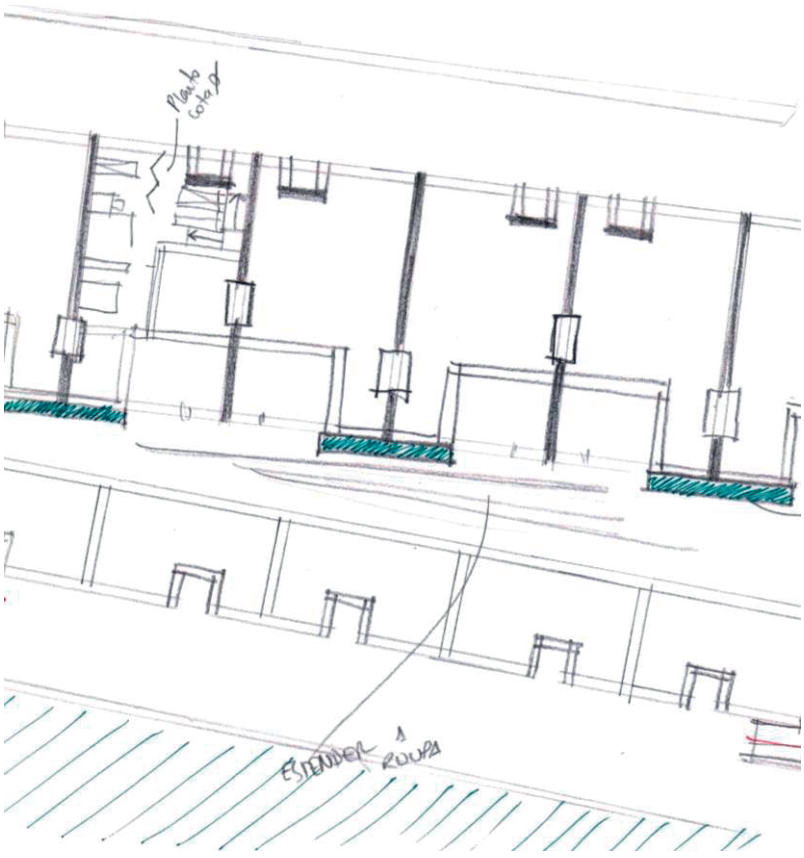


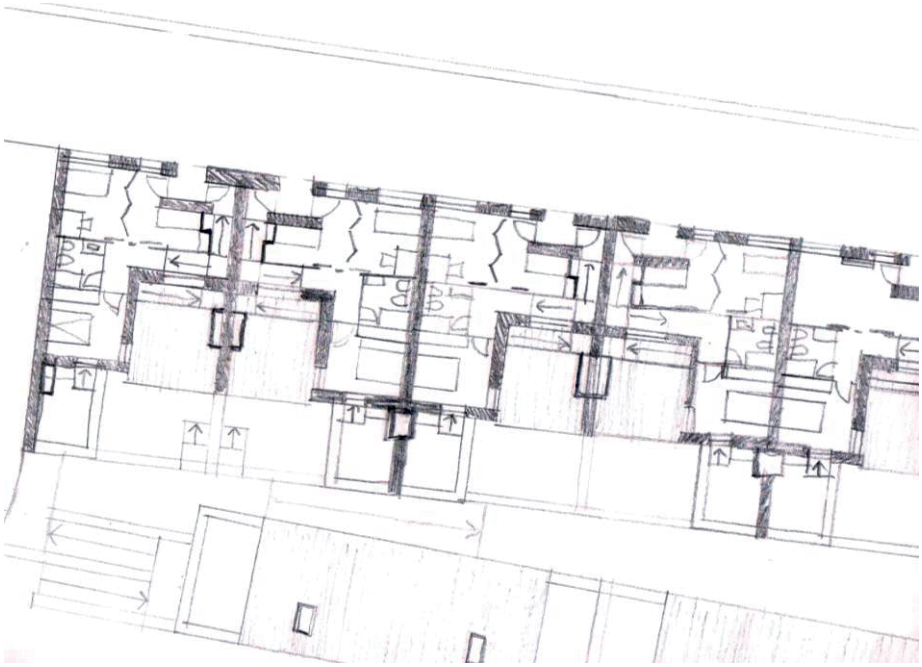


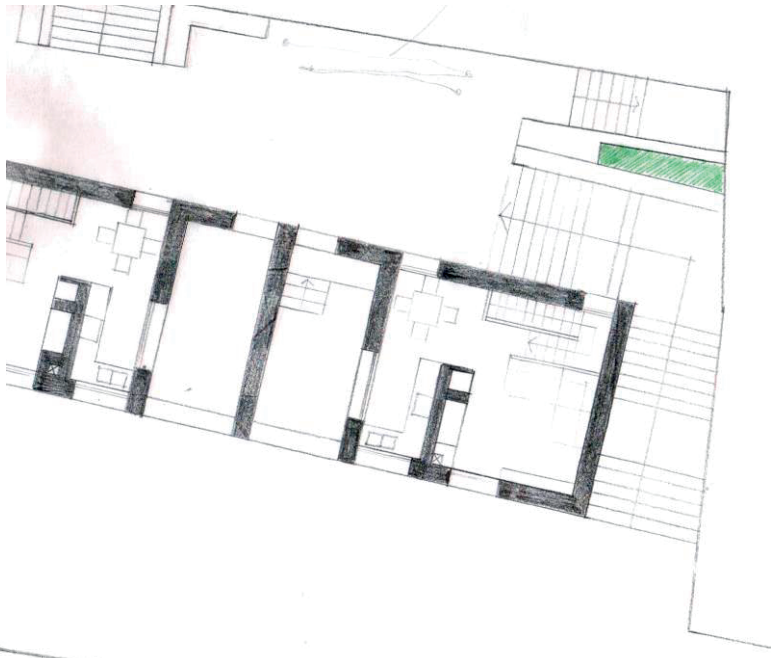

QUANTO INDEPENDENTE
QUANTOS
SUPORTADO EM TARUCOS MADEIRA
TAIPA
MUROS DE SUPORTE
ESTAR
ACESSO HORTA
COZINHA LADO COM PÁTIO
CASA 2
CASA GRANDE 14x8
CASA PEQ 14x6
26.0
10.0
DORMIR
15.0
estar
terraço
COZINHA

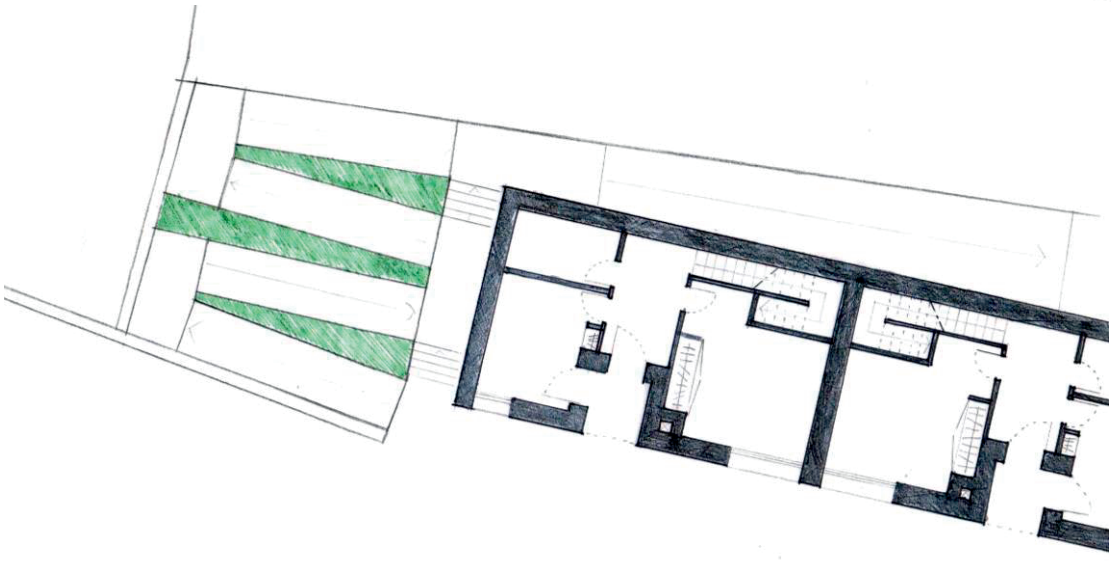

23.0m
COBOGÓ
PÁTIO PISO INF?
PÁTIO
PÁTIO
ESCADAS SUBIDA EM ESTACIONAL EM BAIXO?
COMO FAZER SUBIDA DA RUA PARA PÁTIO?

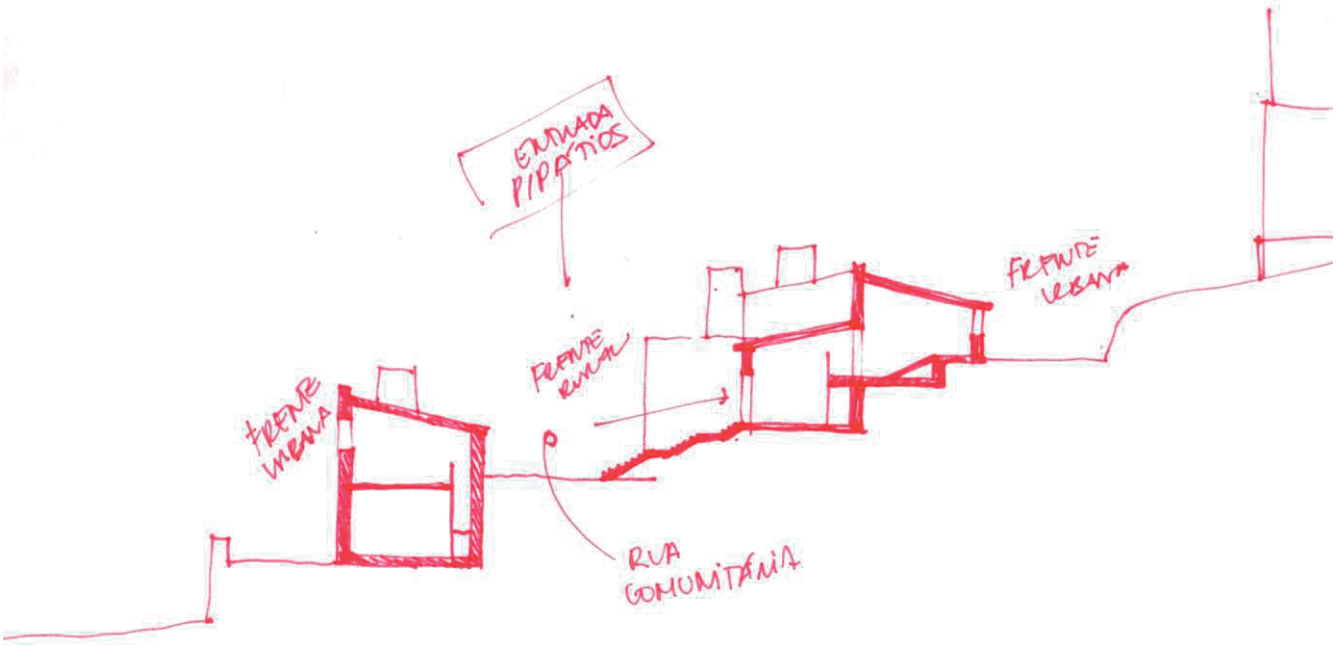

URBANO → RURAL
Planta cobertura
Patio
Patio
URBANO → RURAL

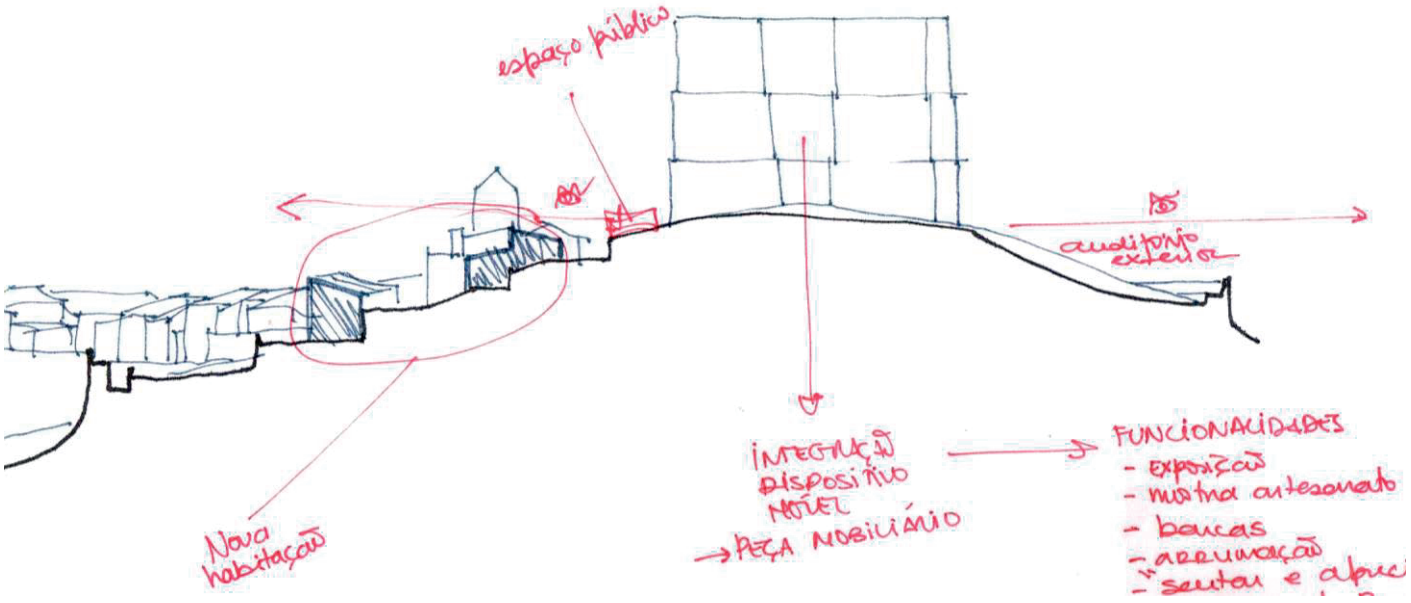

Planta cobertura
ESTENDER A RUDA

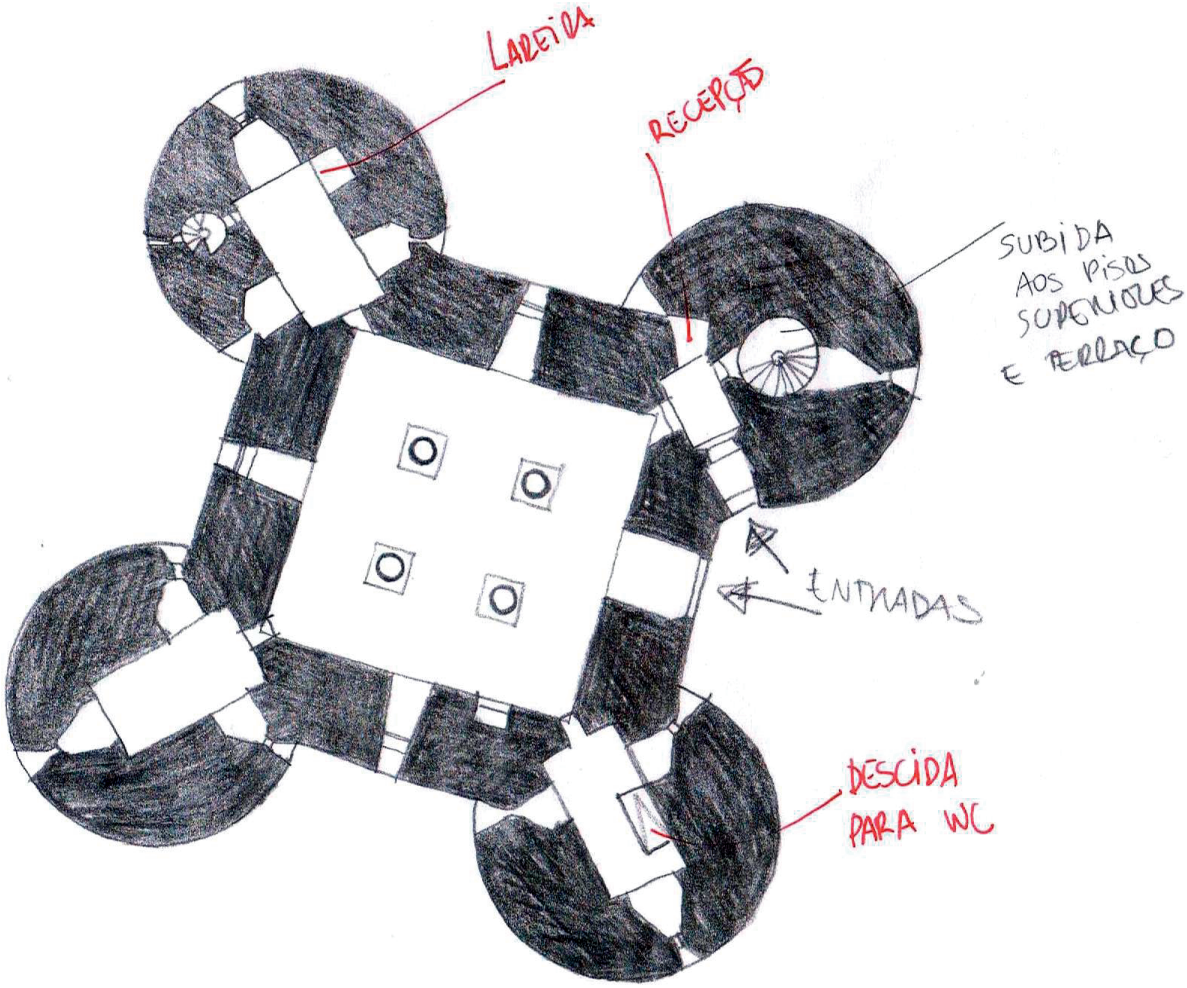


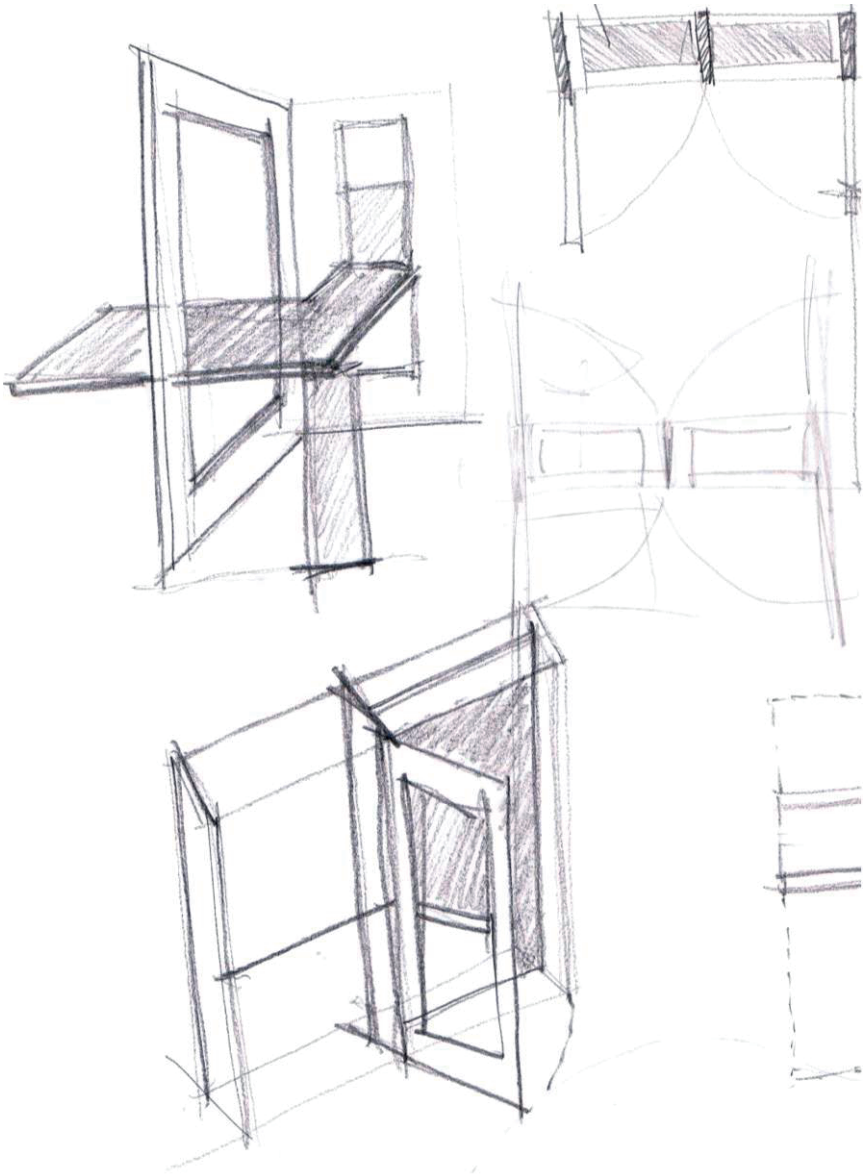


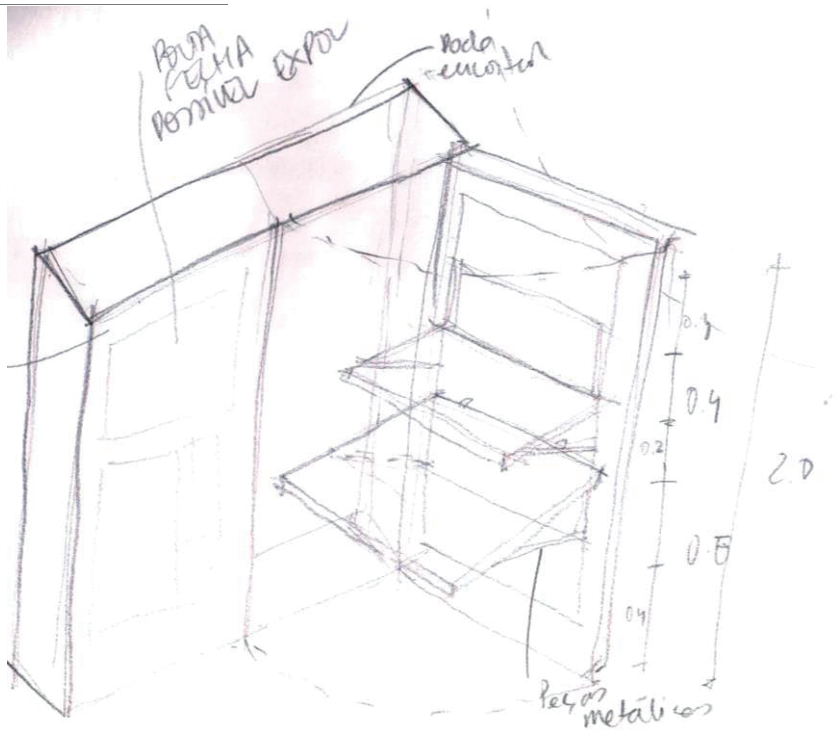


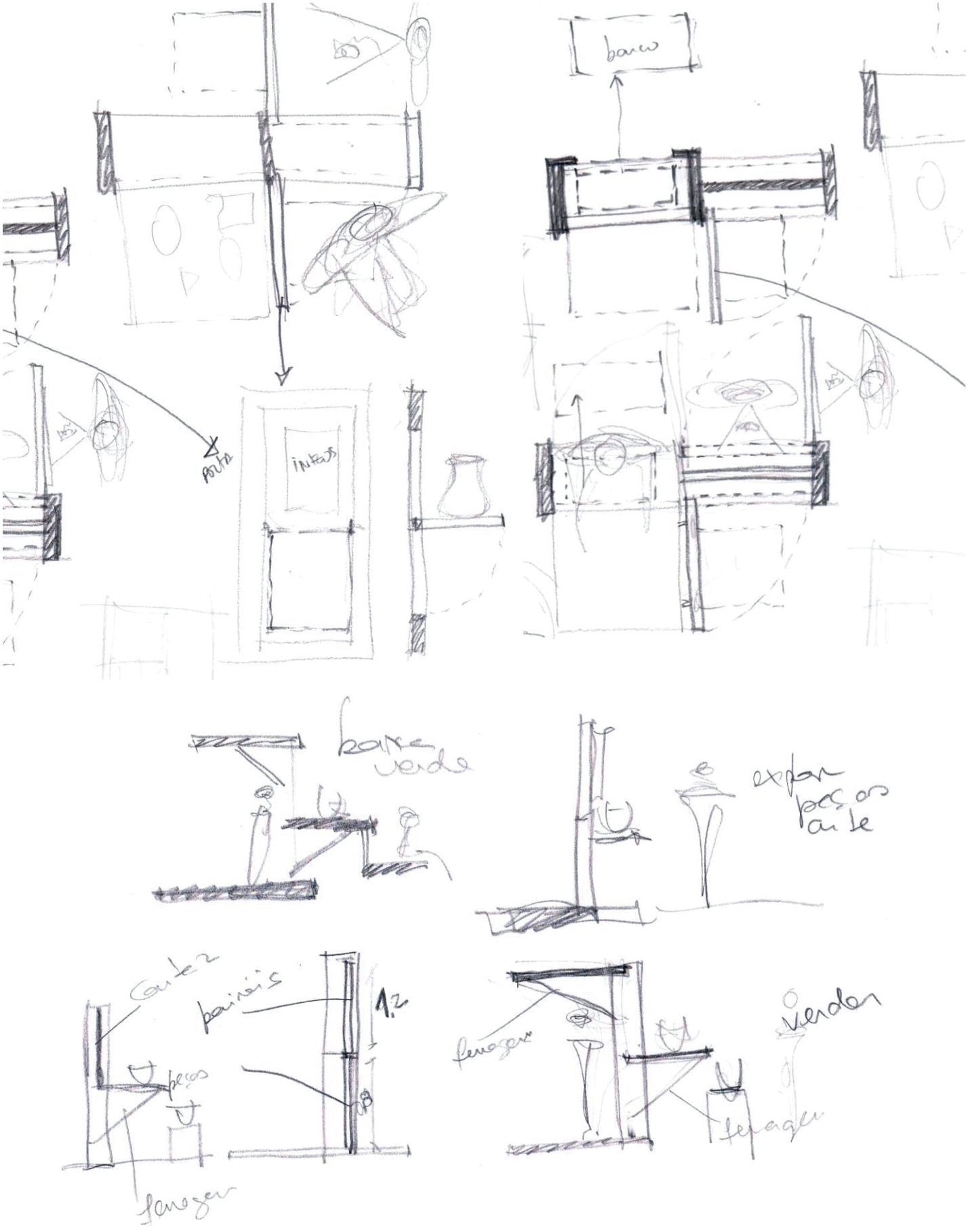

ENTRADA P/PÁTIOS
FRENTE URBANA
FRENTE RURAL
FRENTE URBANA
RUA COMUNITÁRIA

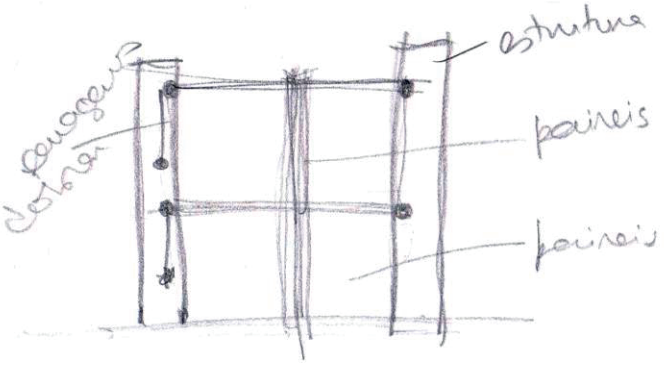

espaço público
auditório exterior
Nova habitação
INTEGRAÇÃO DISPOSITIVO MÓVEL
→ PEÇA MOBILIÁRIO
FUNCIONALIDADES
- exposição
- mostra artesanato
- barcas
- arrumação
- sentar e apre

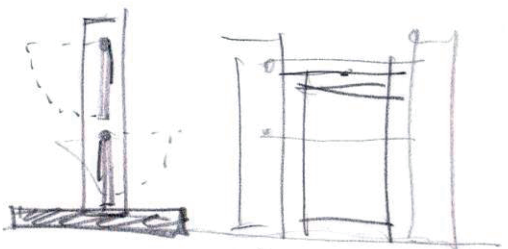

LAREIRA
RECEPÇÃO
SUBIDA
AOS PISOS
SUPERIORES
E TERRAÇO
ENTRADAS
DESCIDA
PARA WC



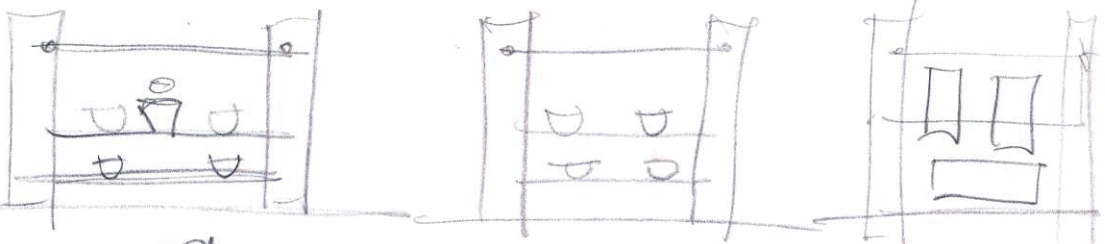

BOLSA FECHA POSSÍVEL EXPOL
Poda encontrar
0.4
0.2
2.0
0.8
0.4
Peças metálicas


banco
porta
intens
barra verde
explan peças arte
cantar
painéis
1,2
peças
fenagem
fenagem
verdor
fenagem





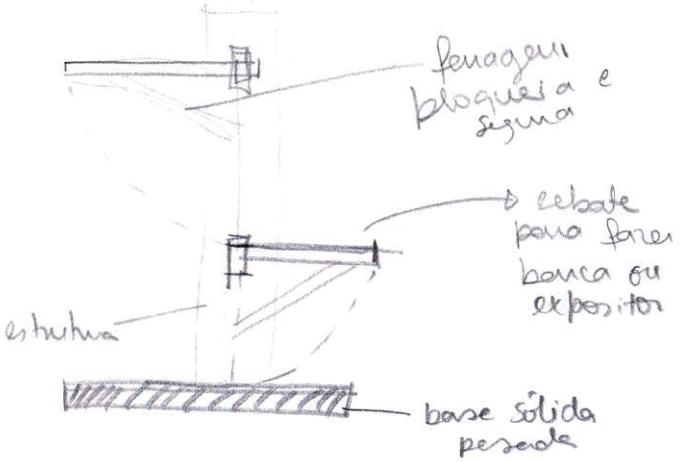
PROJECTAR

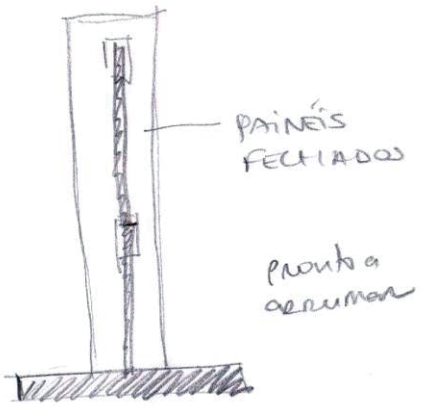


VENDER

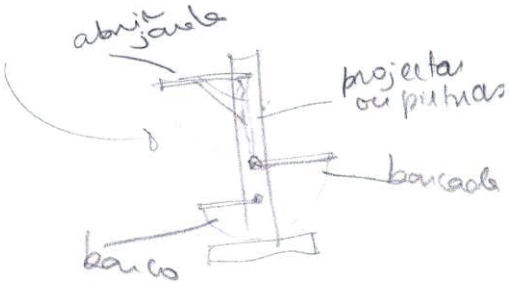
EXPOR PEÇAS ARTESANATO OU MUSEU

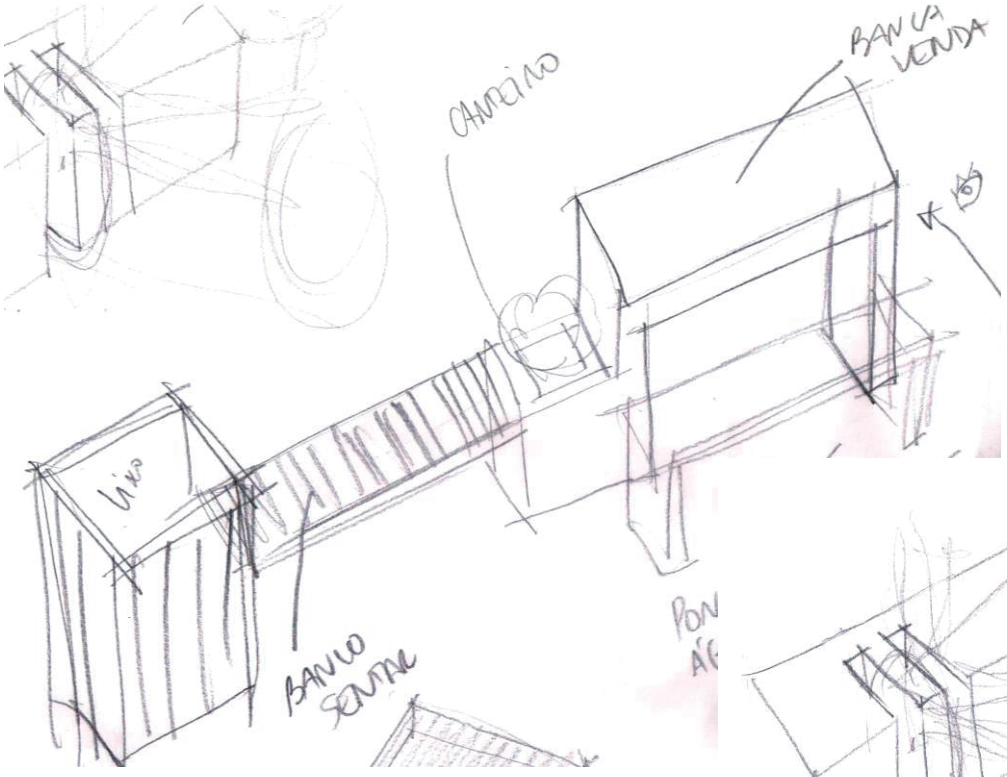
EXPOR QUADROS OU CARTAZES

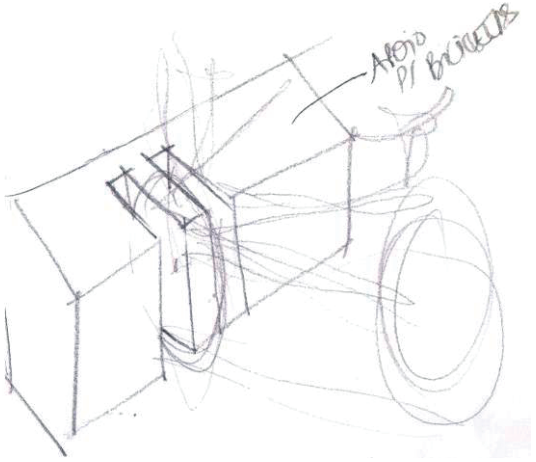


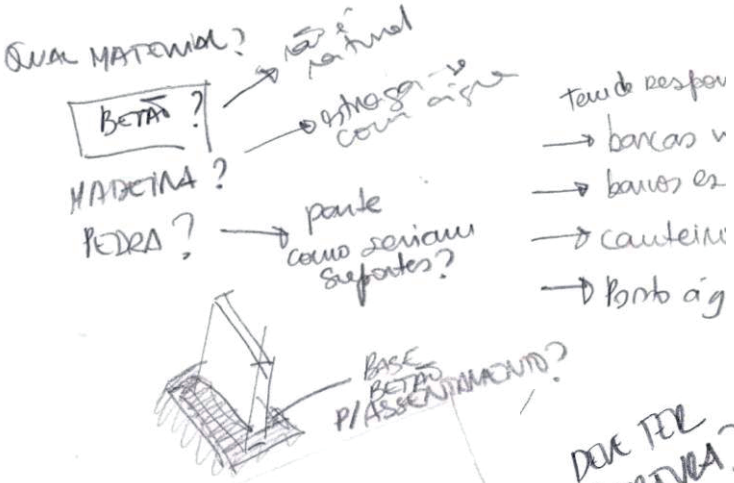


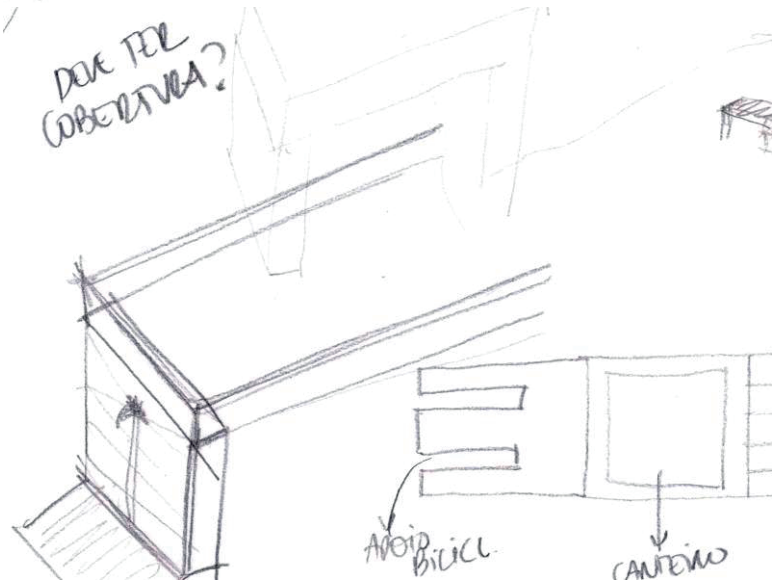
- venda de produtos (encontros/feiras artesanato)
- expositor de peças - museu
- exposições de pintura
- projeções

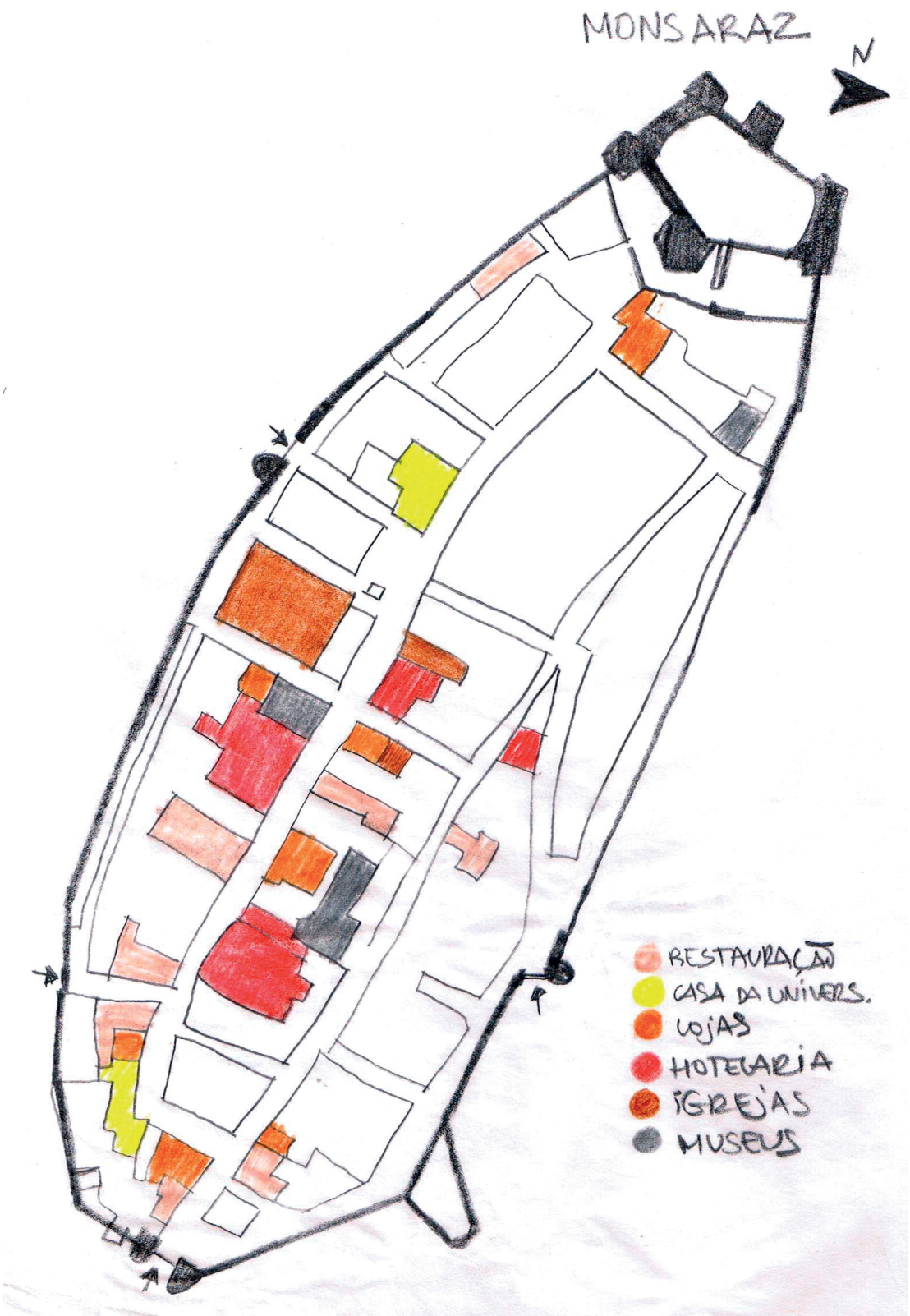


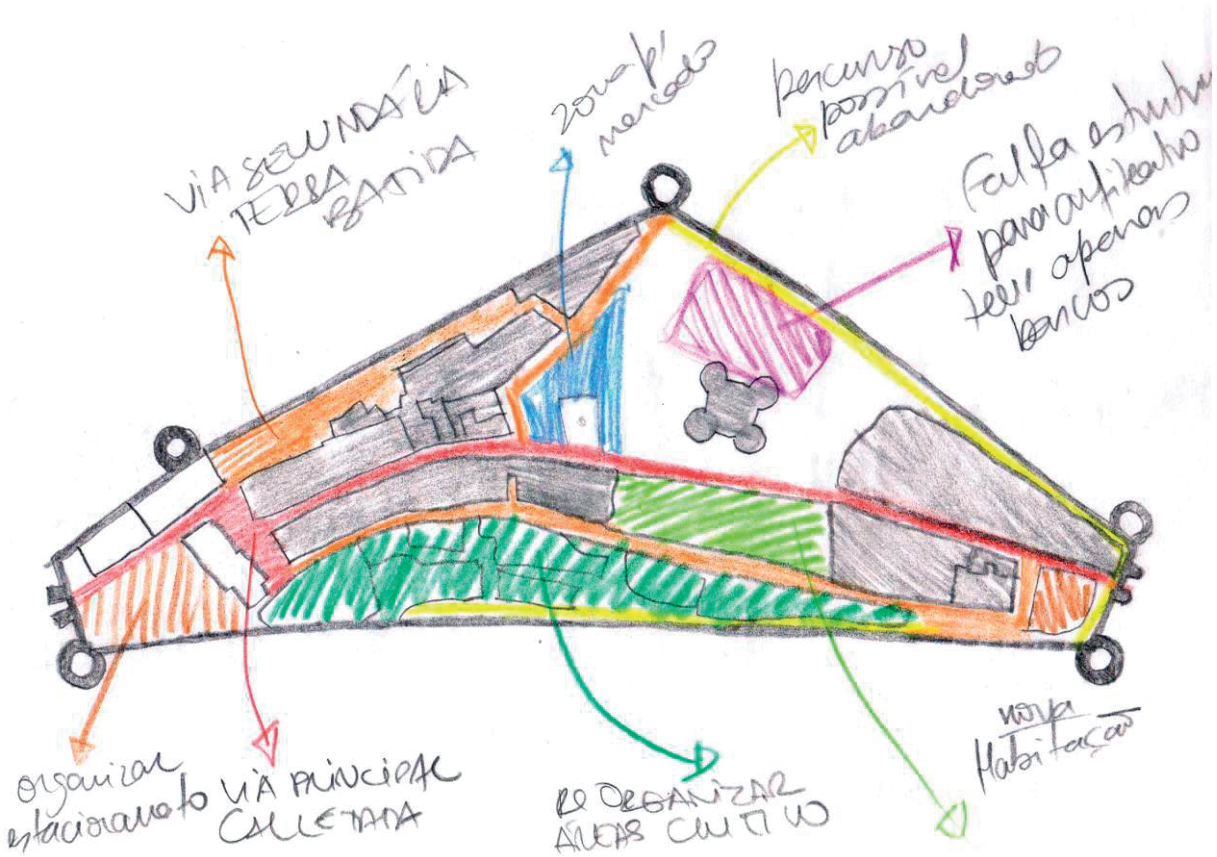

CANTEIRO
BANCA VENDA
VIVO
BANCO SENTADO

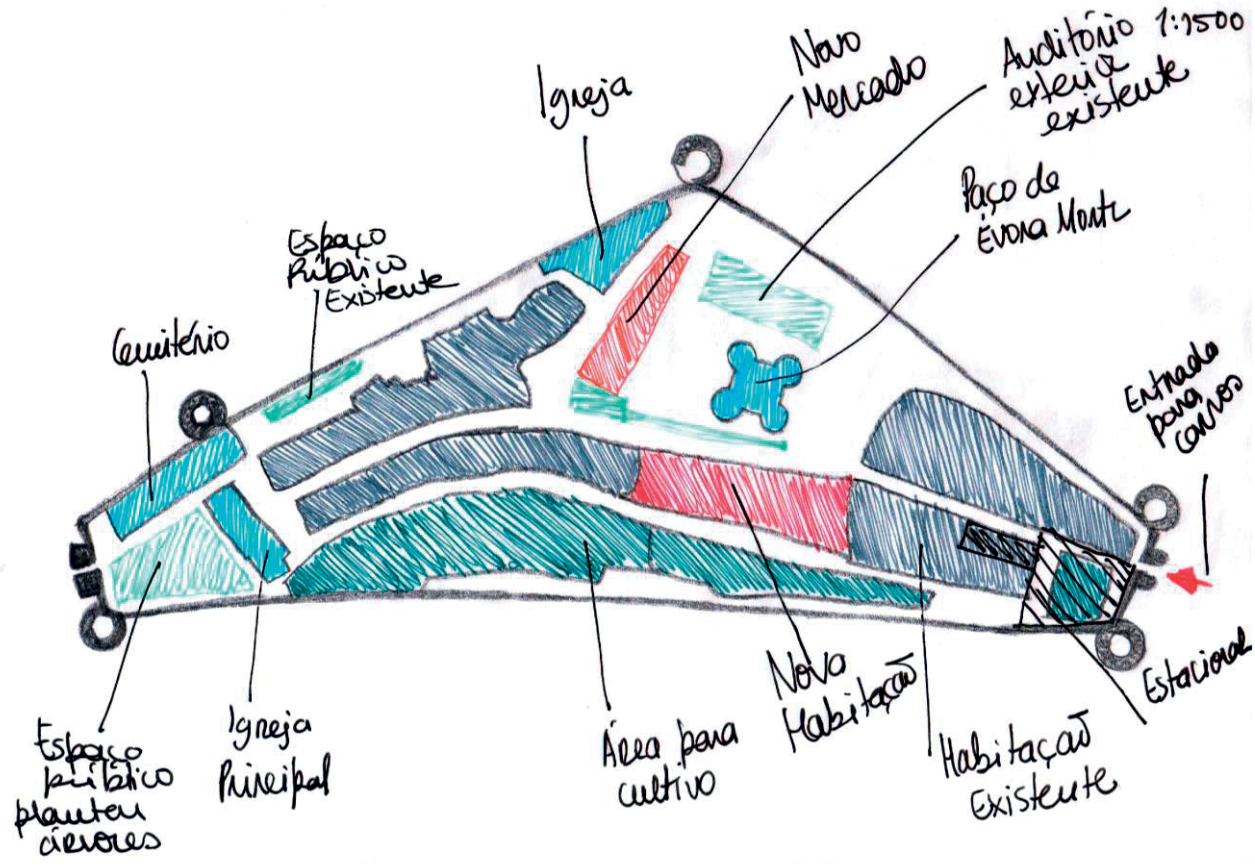

APOIO P/ BICICLETAS

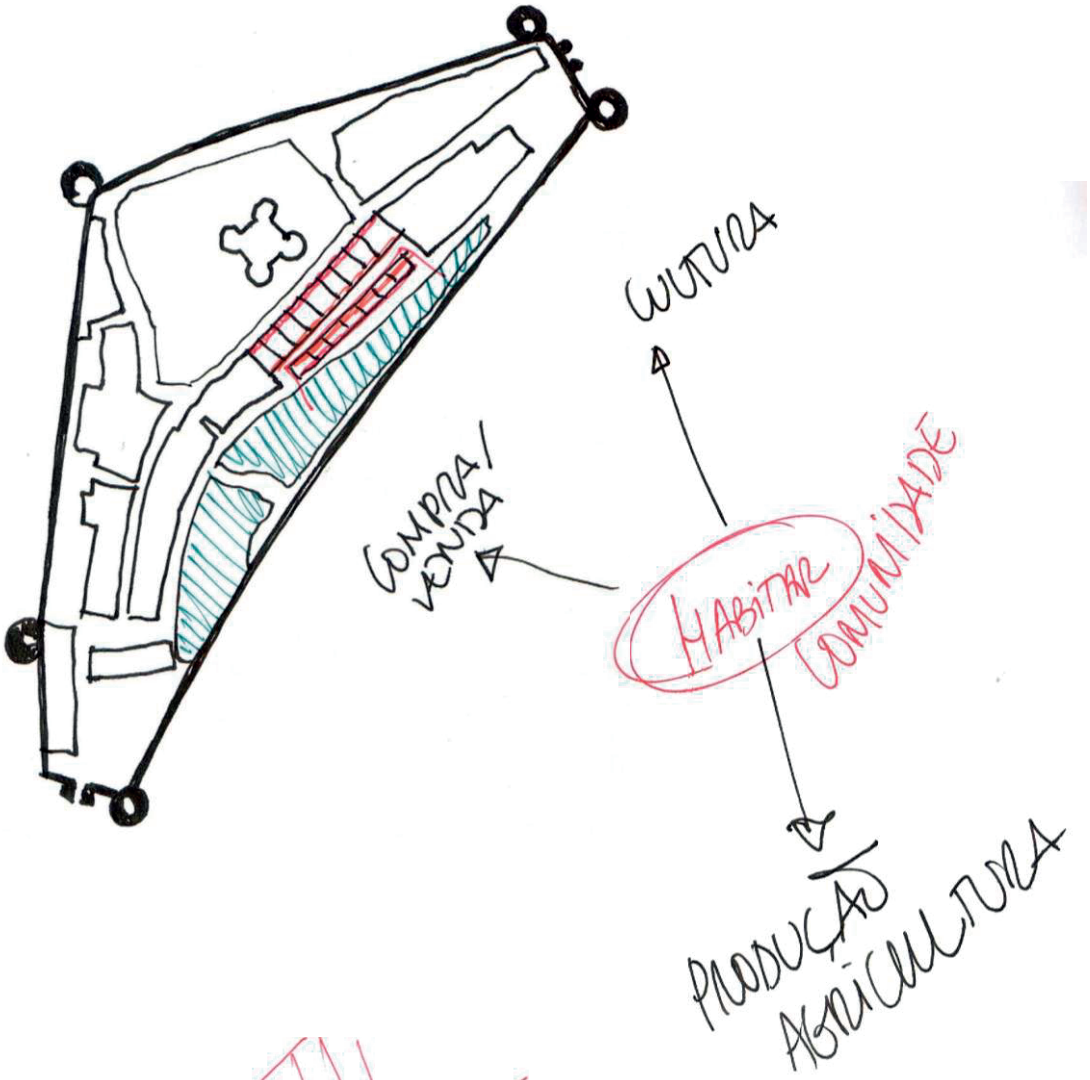

QUAL MATERIAL?
BETÃO ?
MADEIRA ?
PEDRA ?
parte
como seriam
suportes?
BASE
BETÃO
P/ ASSENTAMENTO?

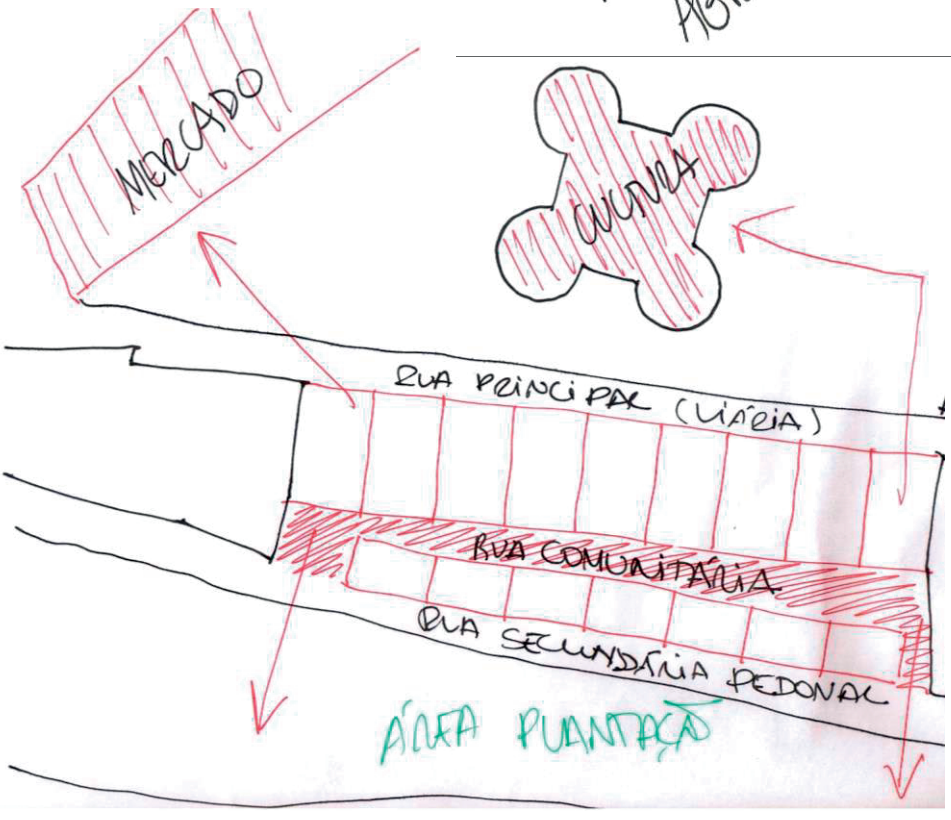

DOIS TIPOS
COBERTURA?
APOIO BICICL.
CANTEIRO

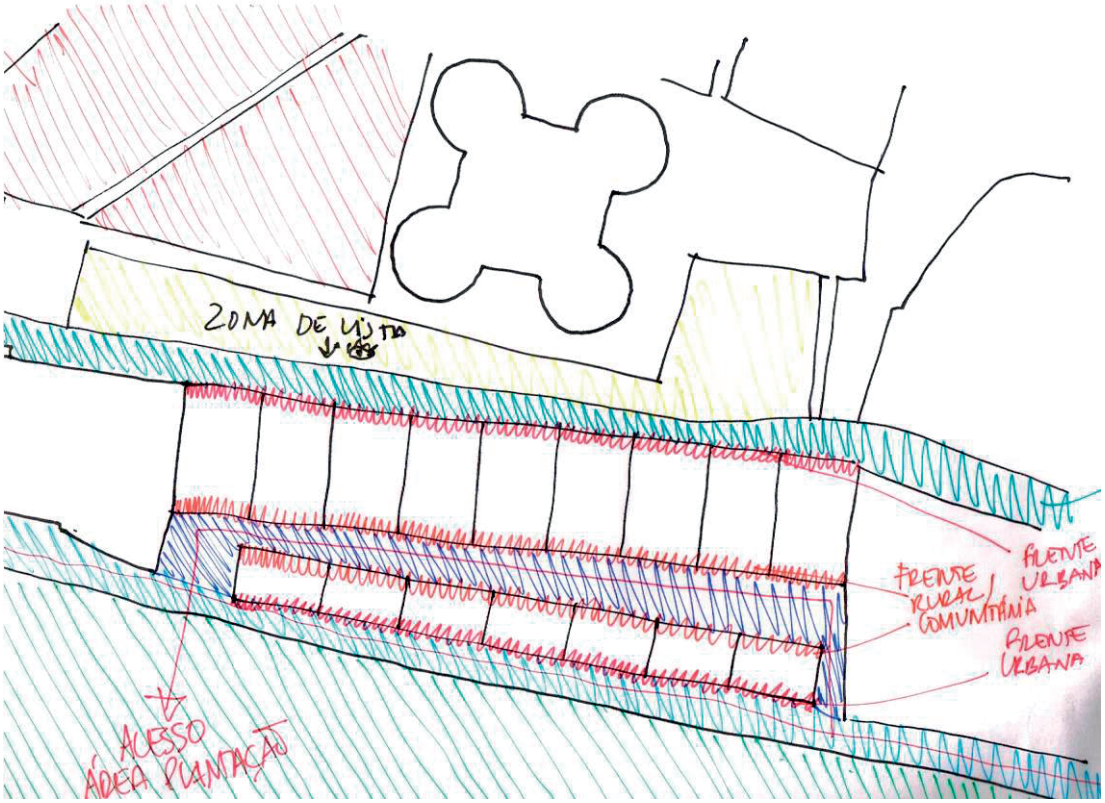

MONSARAZ
N
RESTAURAÇÃO
CASA DA UNIVERS.
LOJAS
HOTELARIA
IGREJAS
MUSEUS

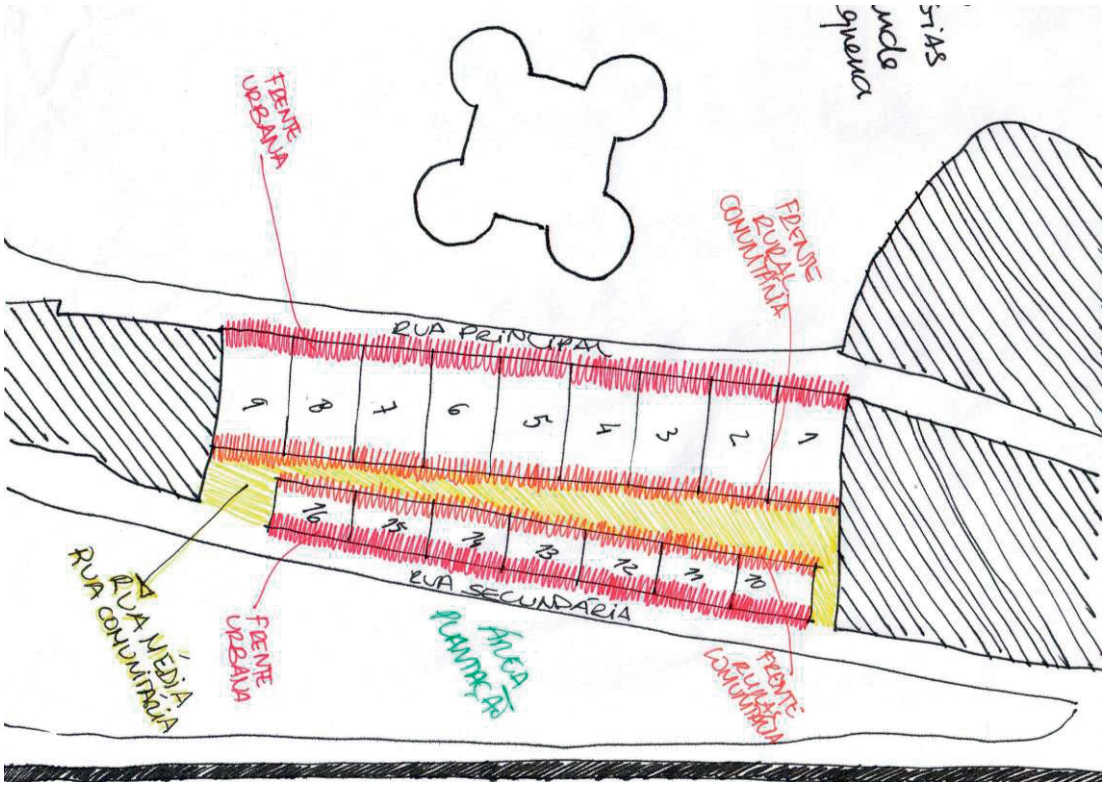

VIA SECUNDÁRIA TERRA BATIDA
zona p/ mercado
percurso possível abandonado
Falta estrutura para anfiteatro tem apenas bancos
organizar estacionamento
VIA PRINCIPAL CALCETADA
RE ORGANIZAR ÁREAS CULTIVO
nova Habitação


Igreja
Novo Mercado
Auditório exterior existente 1:1500
Paço de Évora Montz
Espaço Público Existente
Cemitério
Entrada para carros
Espaço público plantar árvores
Igreja Principal
Área para cultivo
Nova Habitação
Habitação Existente
Estacionar

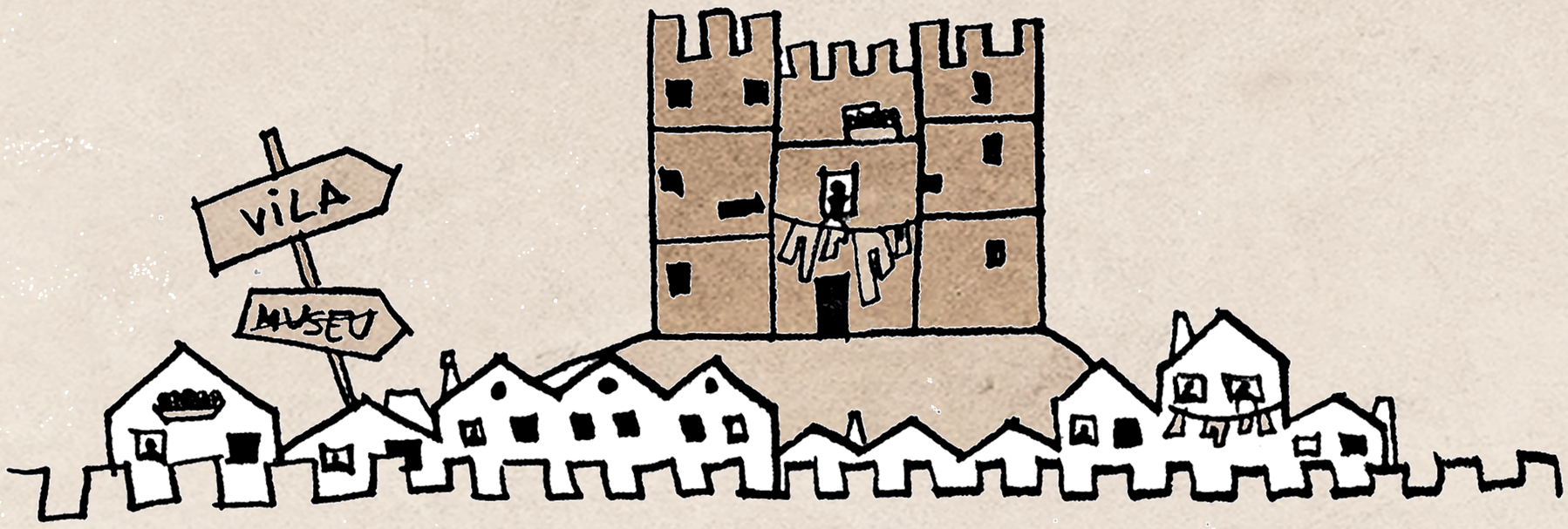

CULTURA
COMPRA/
VENDA
HABITAR
COMUNIDADE
PRODUÇÃO
AGRICULTURA


MERCADO
CULTURA
RUA PRINCIPAL (VIÁRIA)
RUA COMUNITÁRIA
RUA SECUNDÁRIA PEDONAL
ÁREA PLANTAÇÃO


ZONA DE VISTA
FRENTE URBANA
FRENTE RURAL COMUNITÁRIA
FRENTE URBANA
ACESSO ÁREA PLANTAÇÃO


FRENTE URBANA
FRENTE RURAL COMUNITÁRIA
RUA PRINCIPAL
9 8 7 6 5 4 3 2 1
16 15 14 13 12 11 10
RUA SECUNDÁRIA
RUA MÉDIA COMUNITÁRIA
FRENTE URBANA
ÁREA PLANTAÇÃO
FRENTE RURAL COMUNITÁRIA

Anexo VI - ELEMENTOS FINAIS
(Adaptação para apresentação online)



ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL

REVITALIZAÇÃO ATÍPICA NAS MURALHAS DE ÉVORA MONTE

U LISBOA





VILA MEDIEVAL DE MONSARAZ



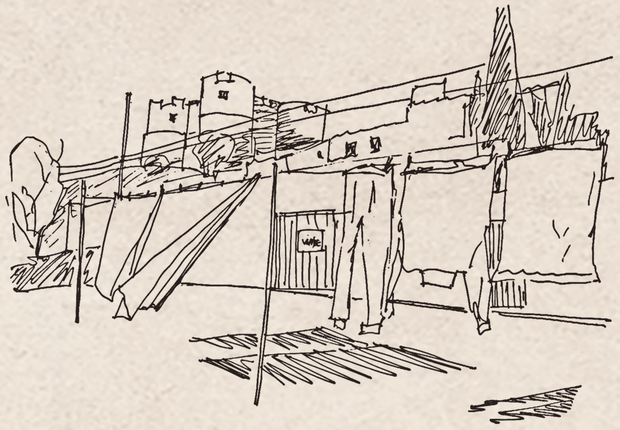


VILA MEDIEVAL DE ÉVORA MONTE













CASAS CAIADAS
Pereira Miguel Arquitectos (Sabugueiro)



QUINTA DA MALAGUEIRA
Álvaro Siza Vieira (Évora)



MERCADO MUNICIPAL STA MARIA DA FEIRA
Fernando Távora

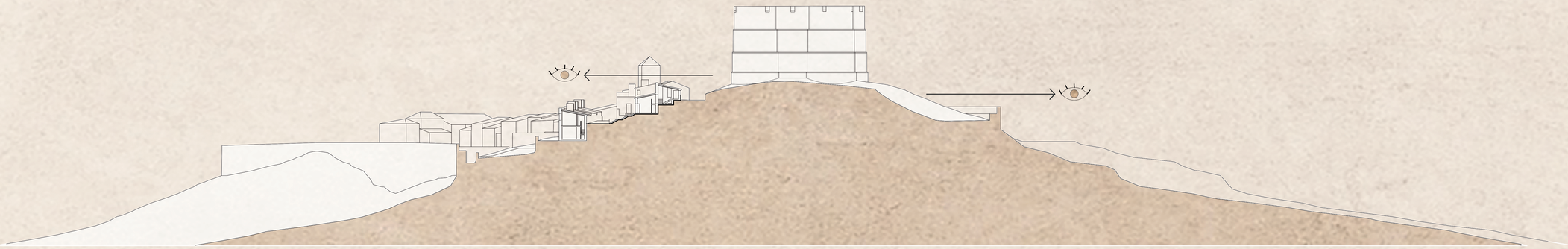


VILA MEDIEVAL DE MONSARAZ



A

PLANTA COBERTURA



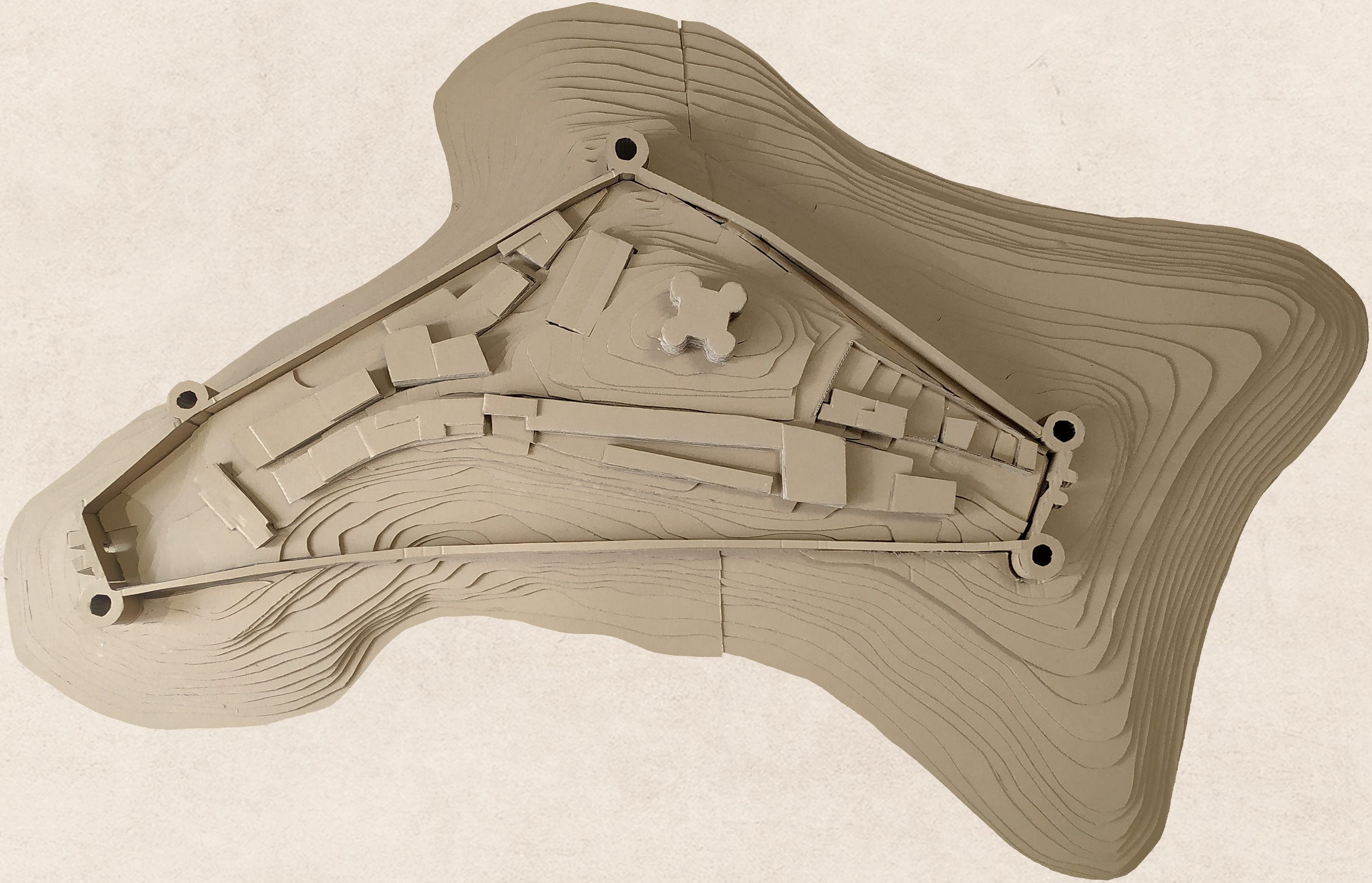
CORTE A

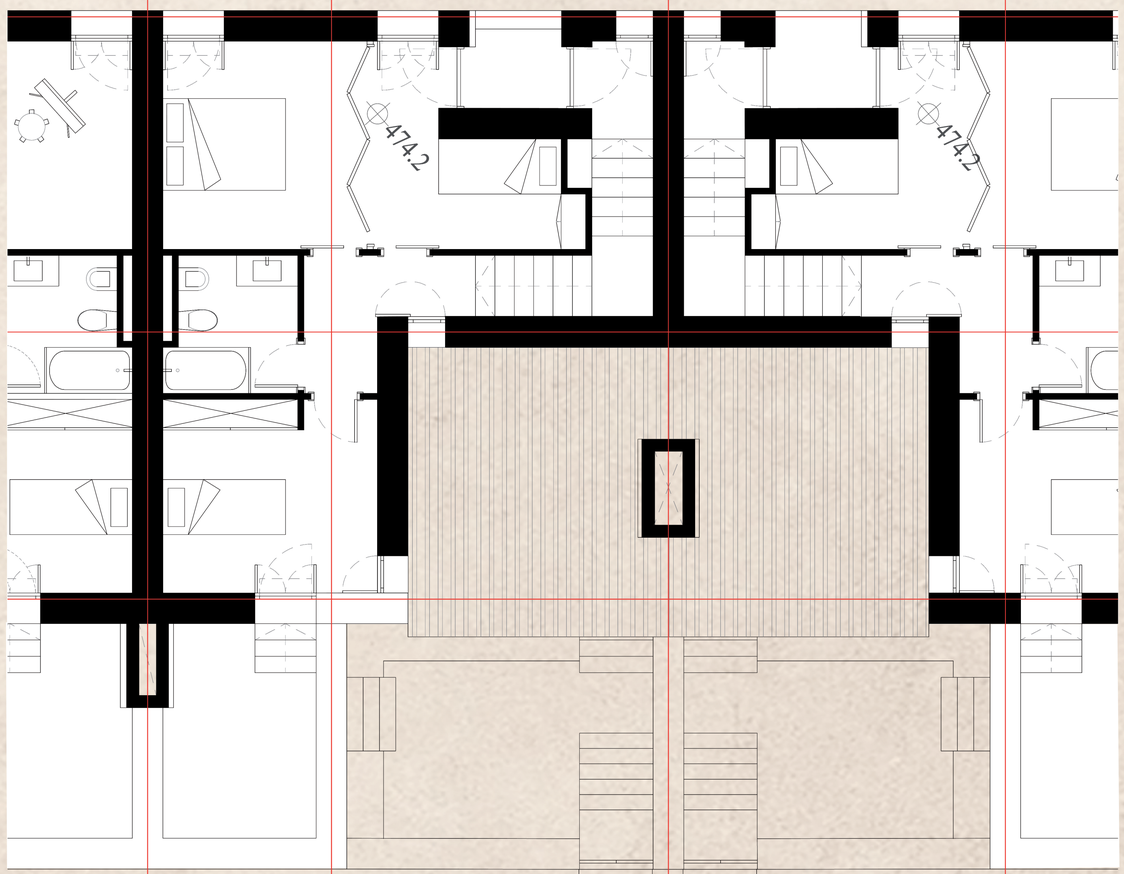
U LISBOA

MARTA FILIPA TEIXEIRA CATALÃO | 20151078
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
PROF. DR. DANIEL JESUS | PROF. DRA. MANUELA MENDES

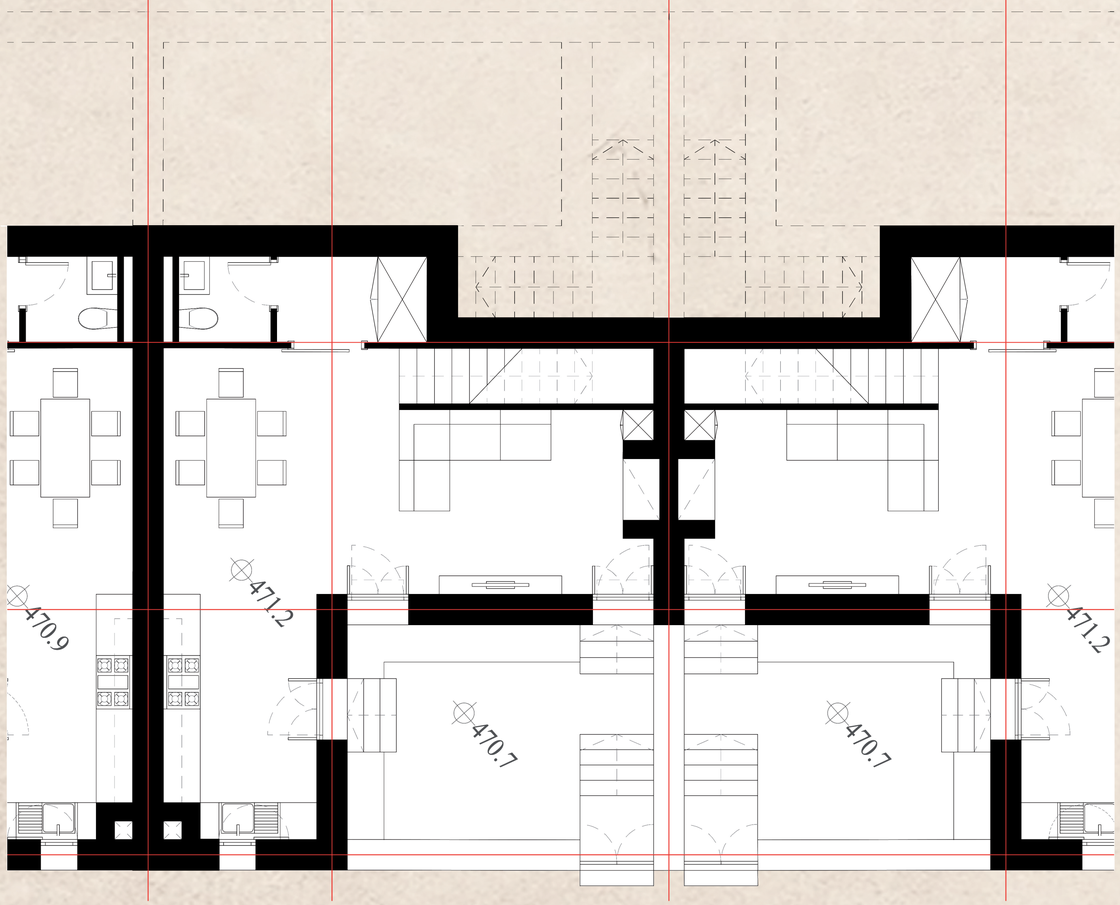
ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL
REVITALIZAÇÃO ATÍPICA NAS MURALHAS DE ÉVORA MONTE

LOCALIZAÇÃO 1:500

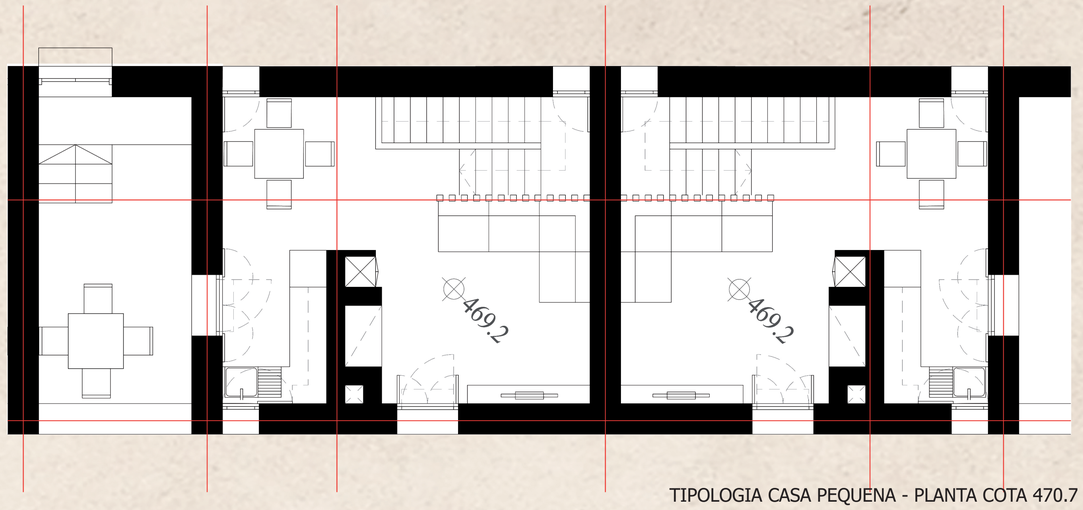




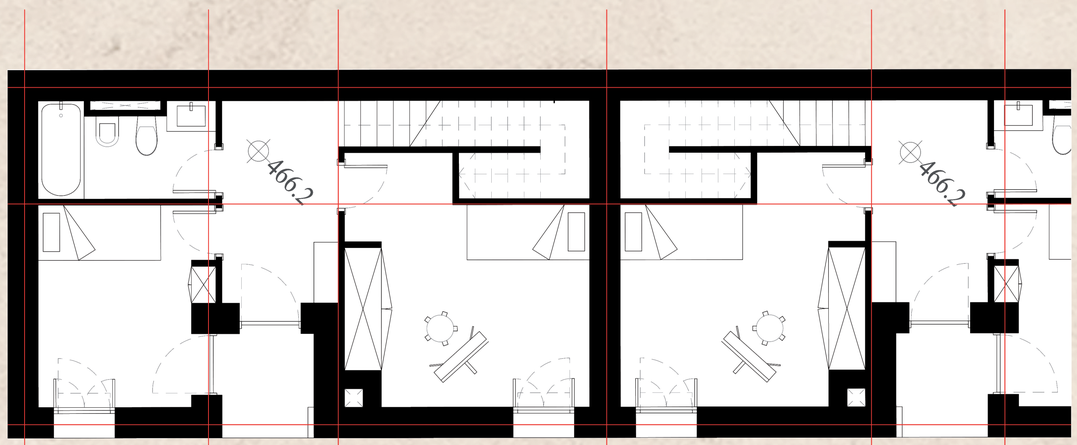
TIPOLOGIA CASA GRANDE - PLANTA COTA 475.5



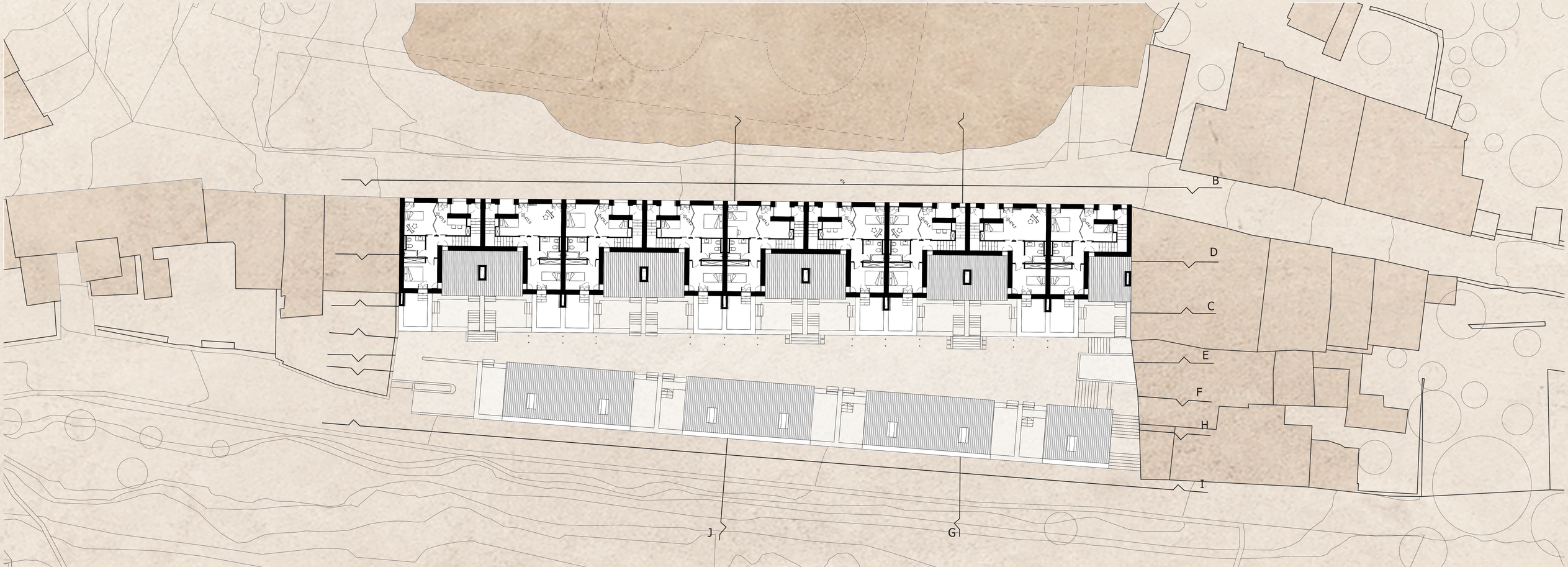
TIPOLOGIA CASA GRANDE - PLANTA COTA 472.5



TIPOLOGIA CASA PEQUENA - PLANTA COTA 470.7



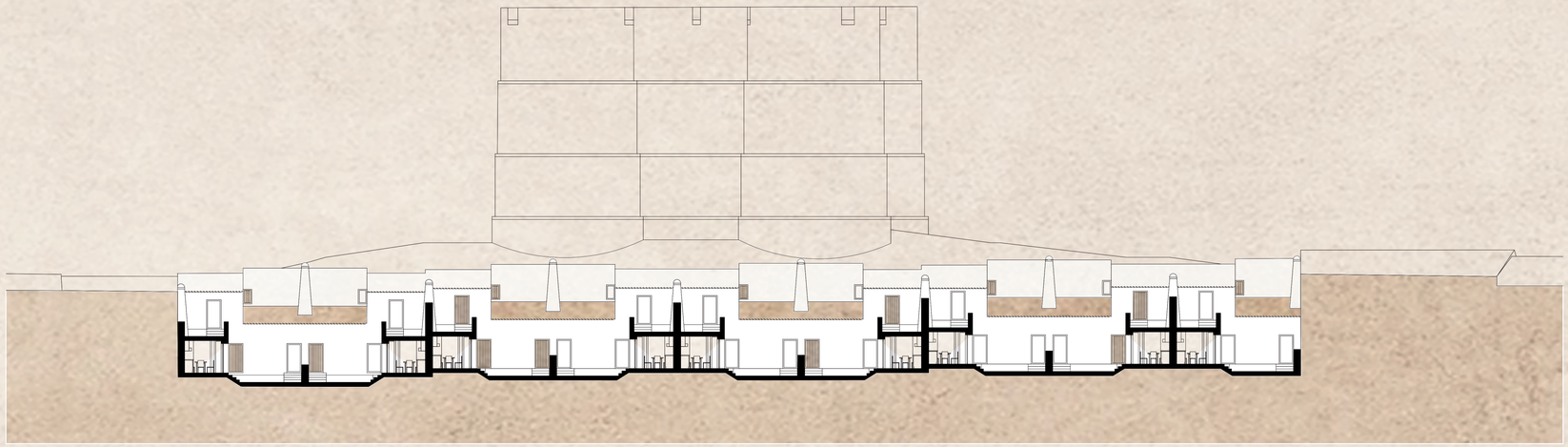
TIPOLOGIA CASA PEQUENA - PLANTA COTA 467.7



PLANTA COTA 475.5



CORTE B



CORTE C

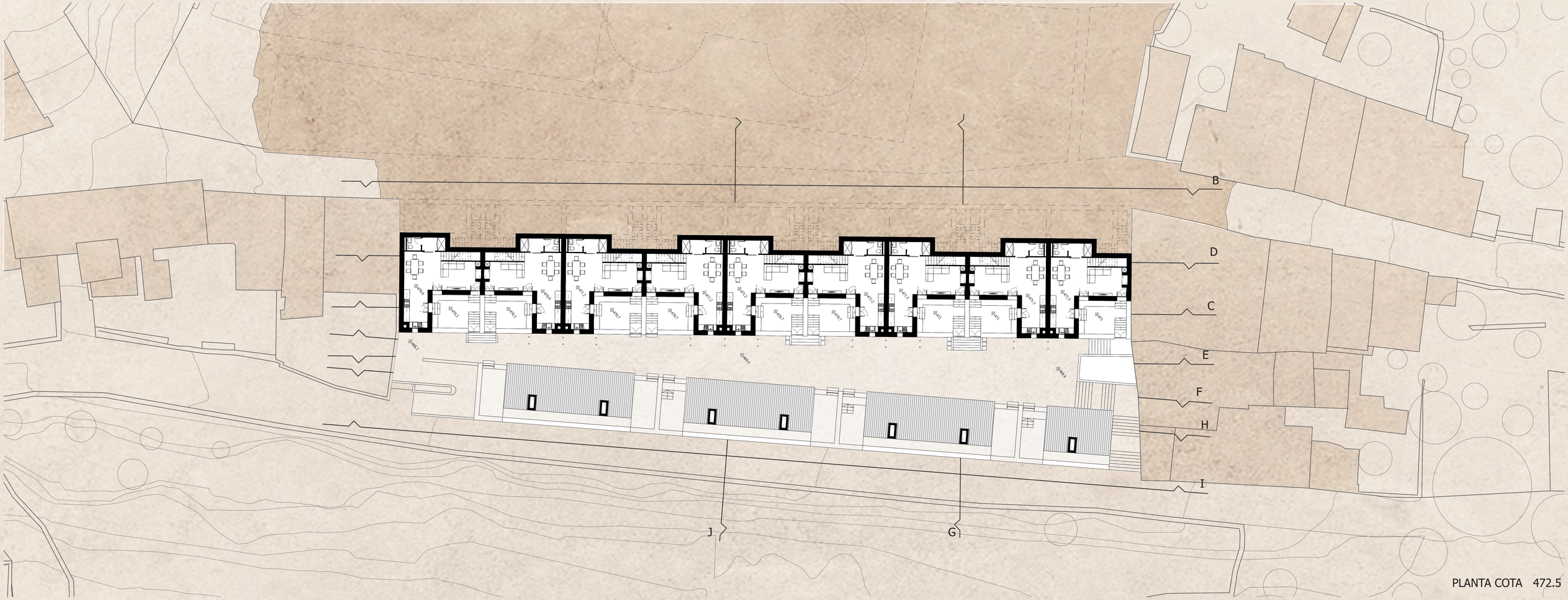
U LISBOA

MARTA FILIPA TEIXEIRA CATALÃO | 20151078
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
PROF. DR. DANIEL JESUS | PROF. DRA. MANUELA MENDES

ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL
REVITALIZAÇÃO ATÍPICA NAS MURALHAS DE ÉVORA MONTE

HABITAÇÃO
1:200

06



PLANTA COTA 472.5



CORTE D



CORTE E

U LISBOA

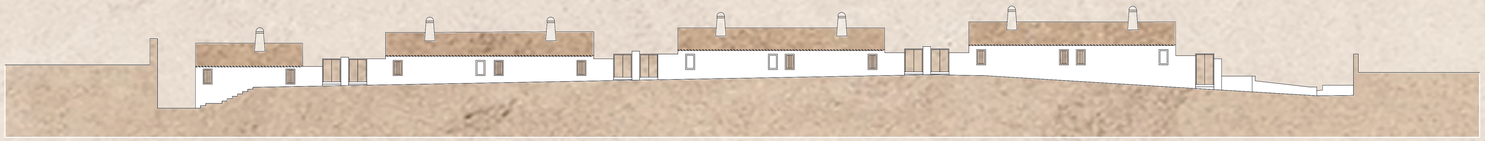
MARTA FILIPA TEIXEIRA CATALÃO | 20151078
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
PROF. DR. DANIEL JESUS | PROF. DRA. MANUELA MENDES

ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL
REVITALIZAÇÃO ATÍPICA NAS MURALHAS DE ÉVORA MONTE

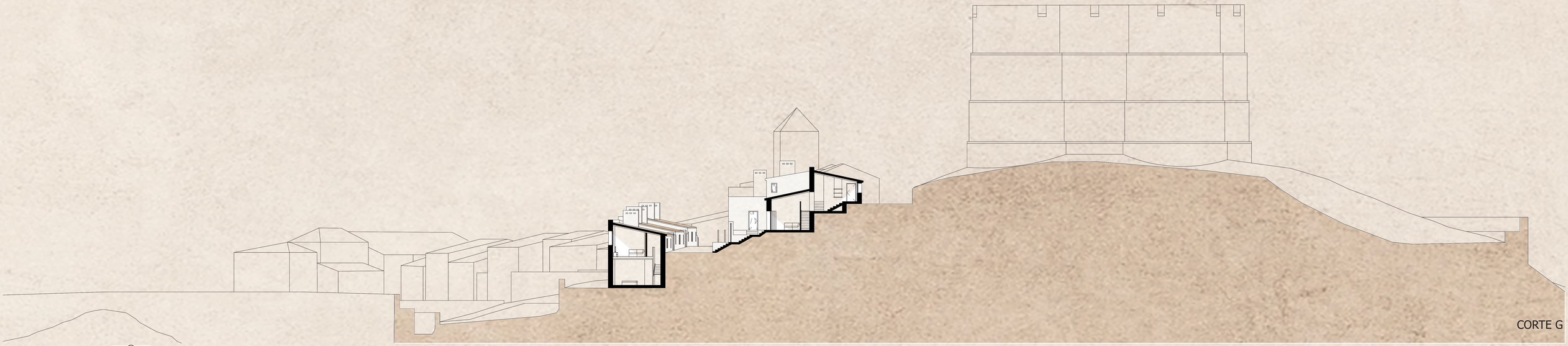
HABITAÇÃO
1:200



PLANTA COTA 470.7



CORTE F



CORTE G

U LISBOA

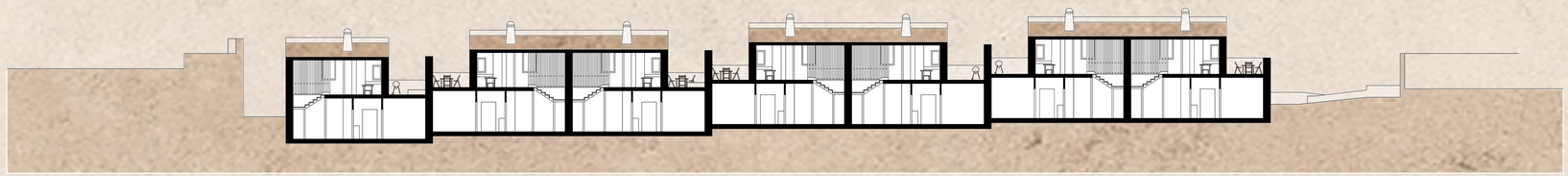
MARTA FILIPA TEIXEIRA CATALÃO | 20151078
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
PROF. DR. DANIEL JESUS | PROF. DRA. MANUELA MENDES

ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL
REVITALIZAÇÃO ATIPICA NAS MURALHAS DE ÉVORA MONTE

HABITAÇÃO
1:200



PLANTA COTA 467.7



CORTE H



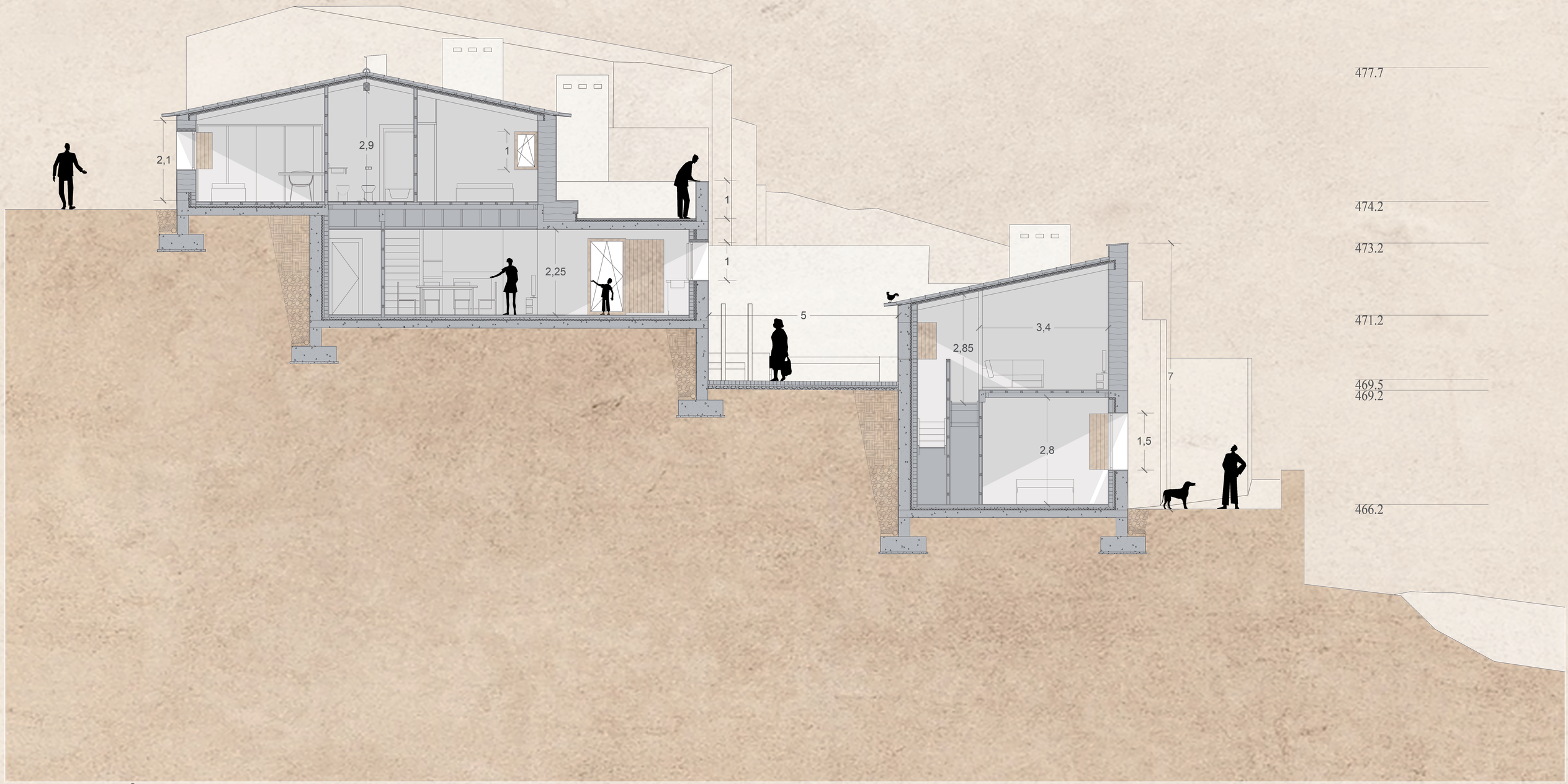
CORTE I

U LISBOA

MARTA FILIPA TEIXEIRA CATALÃO | 20151078
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
PROF. DR. DANIEL JESUS | PROF. DRA. MANUELA MENDES

ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL
REVITALIZAÇÃO ATÍPICA NAS MURALHAS DE ÉVORA MONTE

HABITAÇÃO
1:200



MARTA FILIPA TEIXEIRA CATALÃO | 20151078
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
PROF. DR. DANIEL JESUS | PROF. DRA. MANUELA MENDES

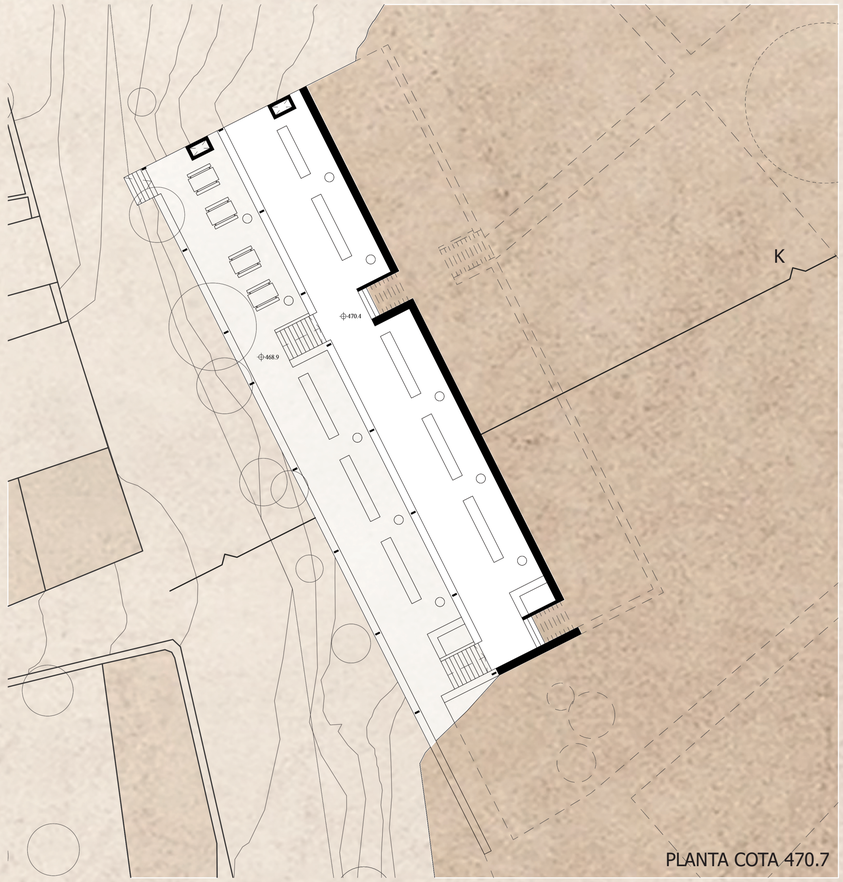
ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL
REVITALIZAÇÃO ATÍPICA NAS MURALHAS DE ÉVORA MONTE

HABITAÇÃO: CORTE J
1:50

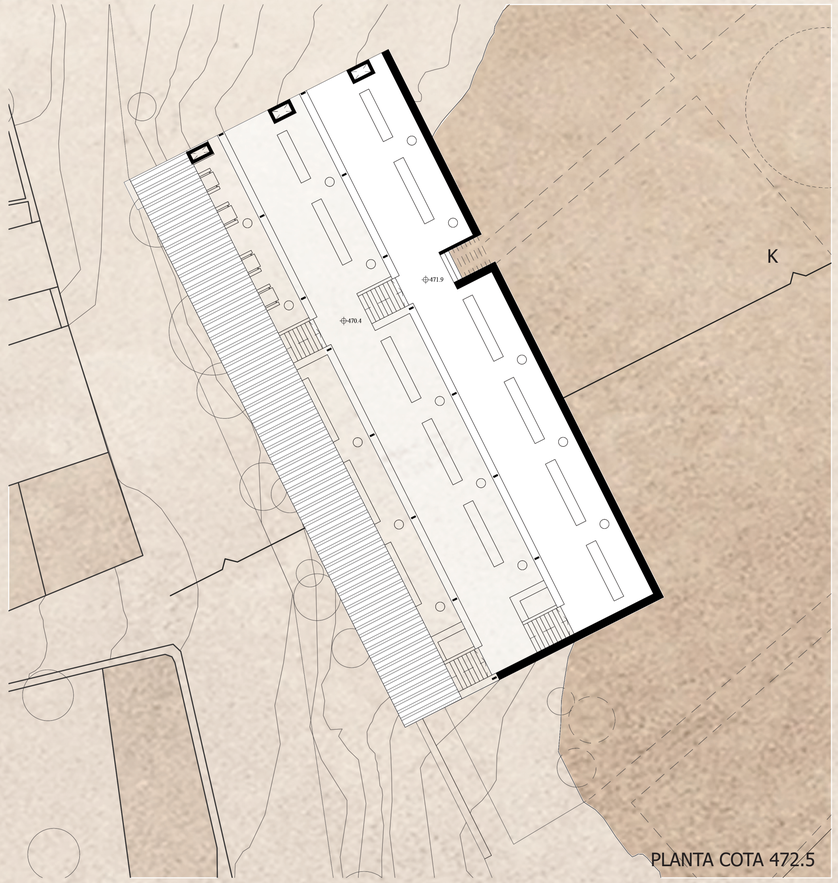




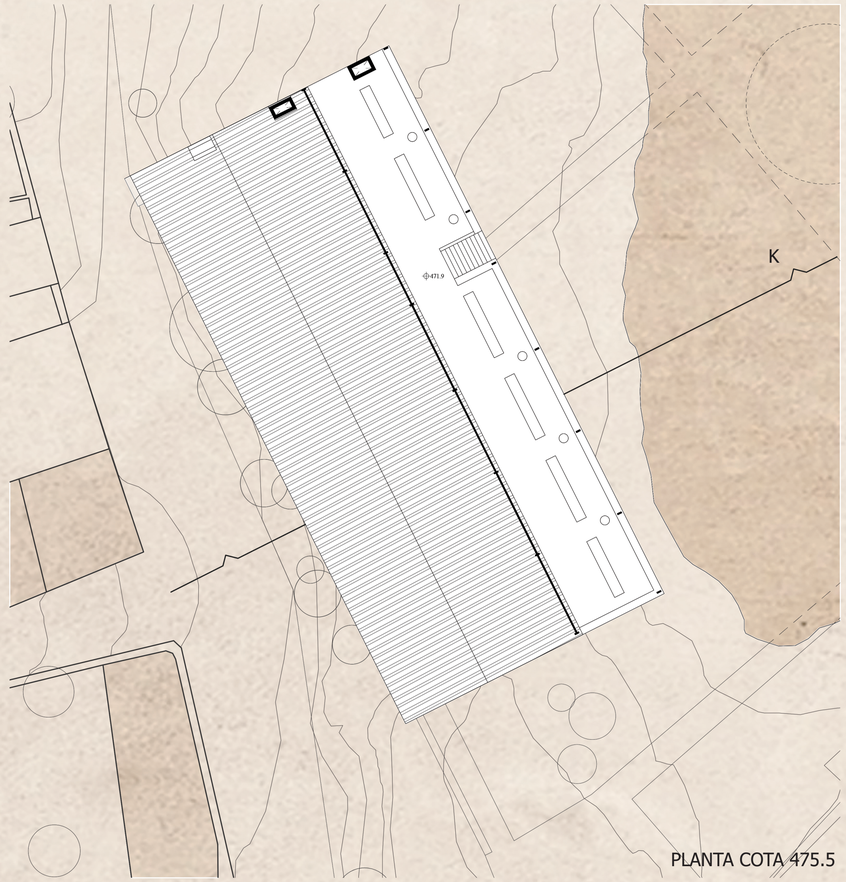




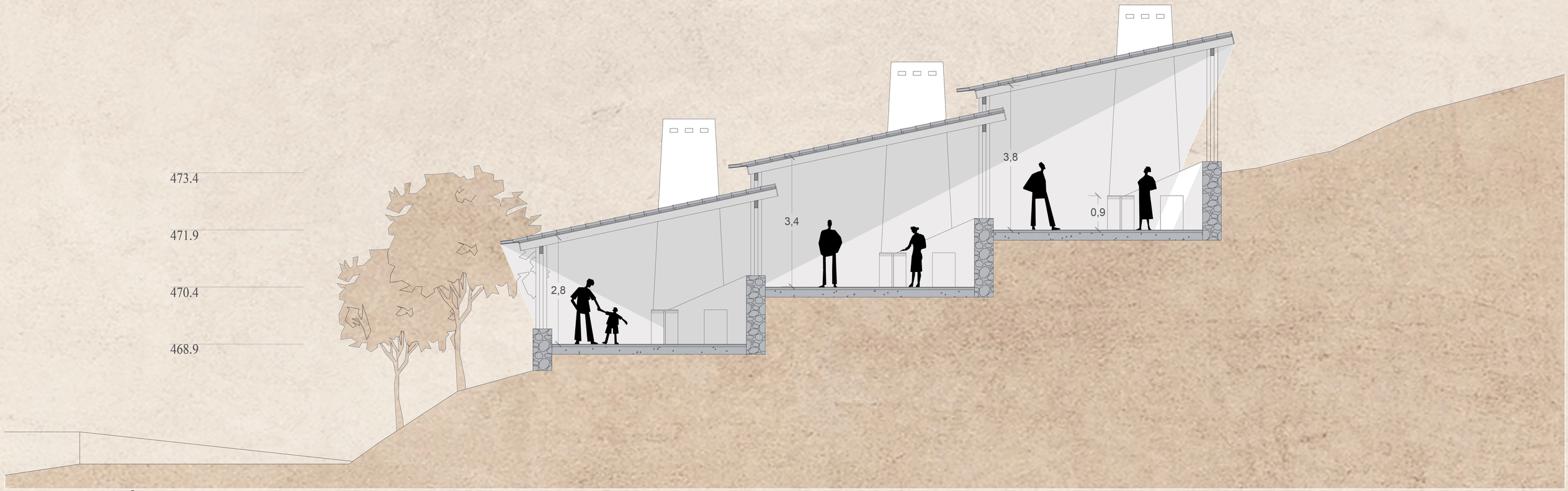
PLANTA COTA 470.7



PLANTA COTA 472.5



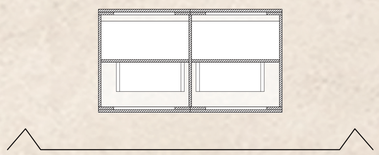
PLANTA COTA 475.5

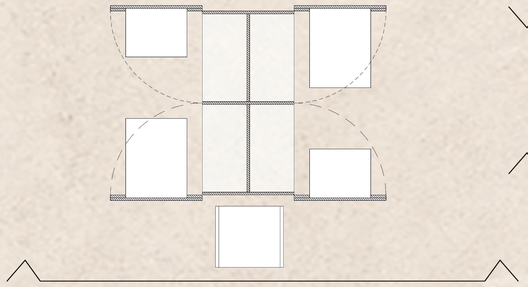


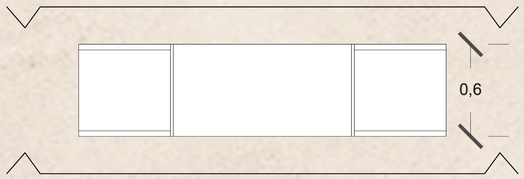
MARTA FILIPA TEIXEIRA CATALÃO | 20151078
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
PROF. DR. DANIEL JESUS | PROF. DRA. MANUELA MENDES

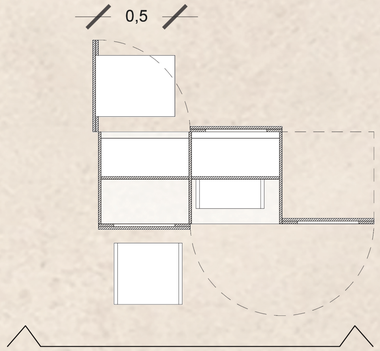
ARQUITECTURA PATRIMONIAL ENQUANTO SUPORTE VIVENCIAL
REVITALIZAÇÃO ATIPICA NAS MURALHAS DE EVORA MONTE

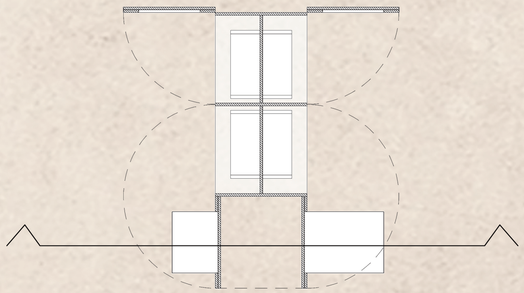
AGRICULTURA: MERCADO
PLANTAS 1:200 | CORTE K 1:50

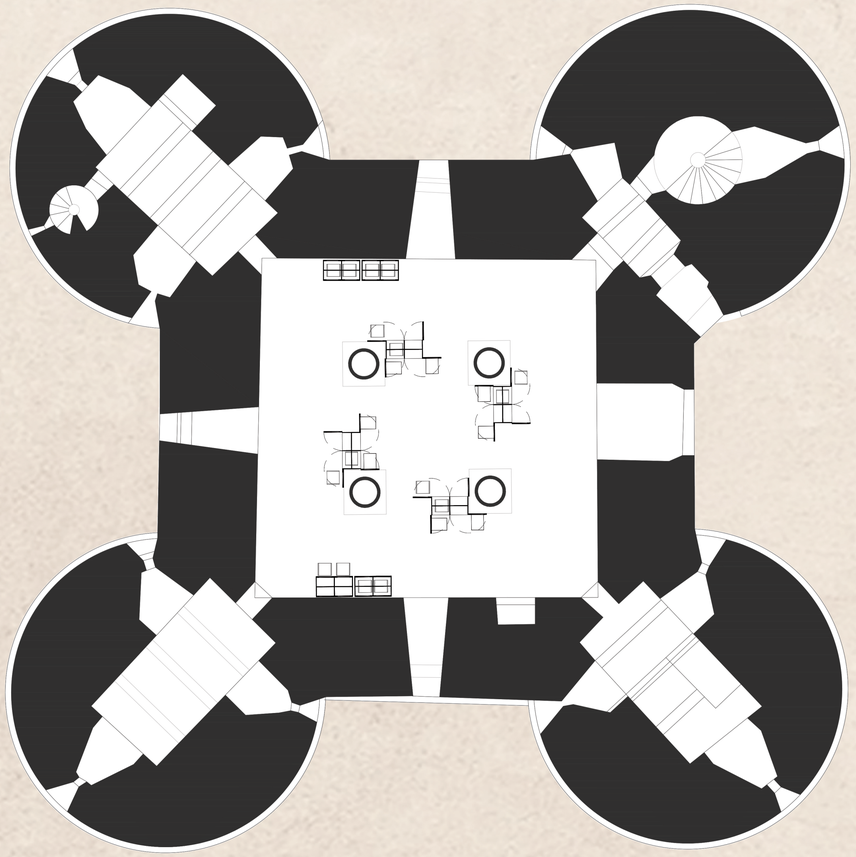


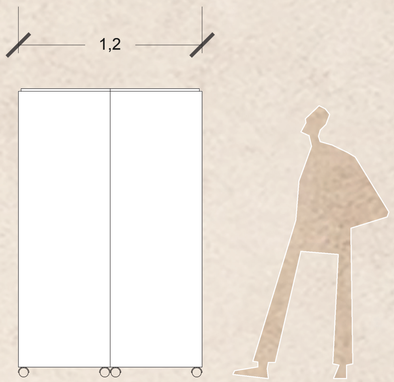


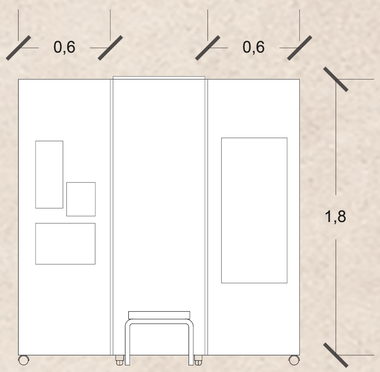

0,6

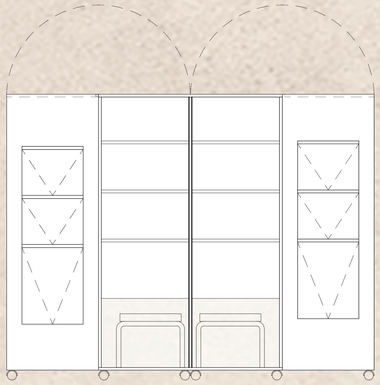

0,5

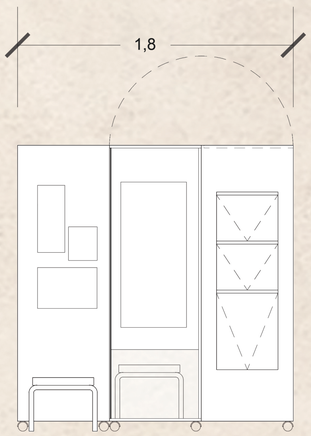


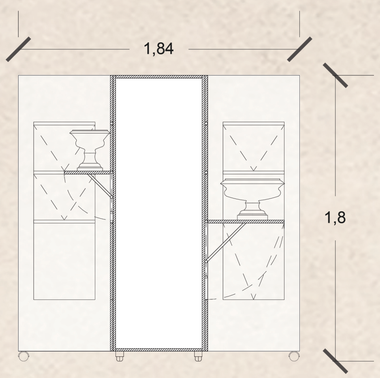


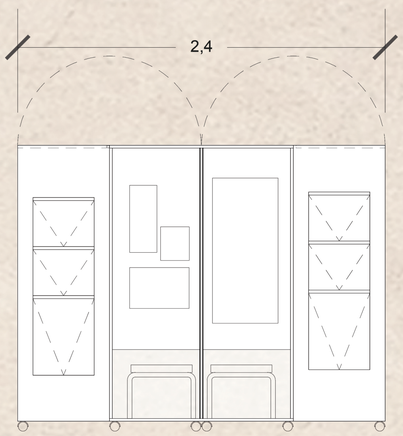

1,2

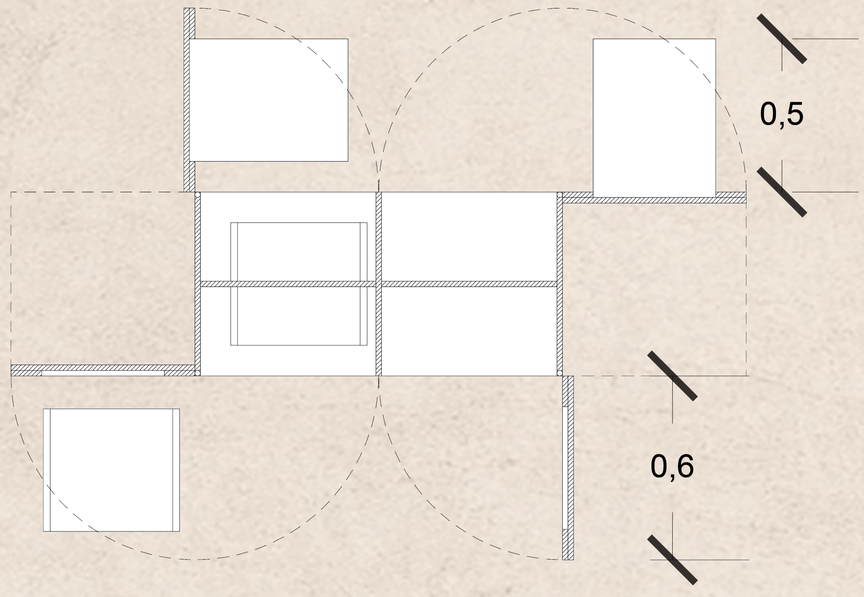

0,6
0,6
1,8

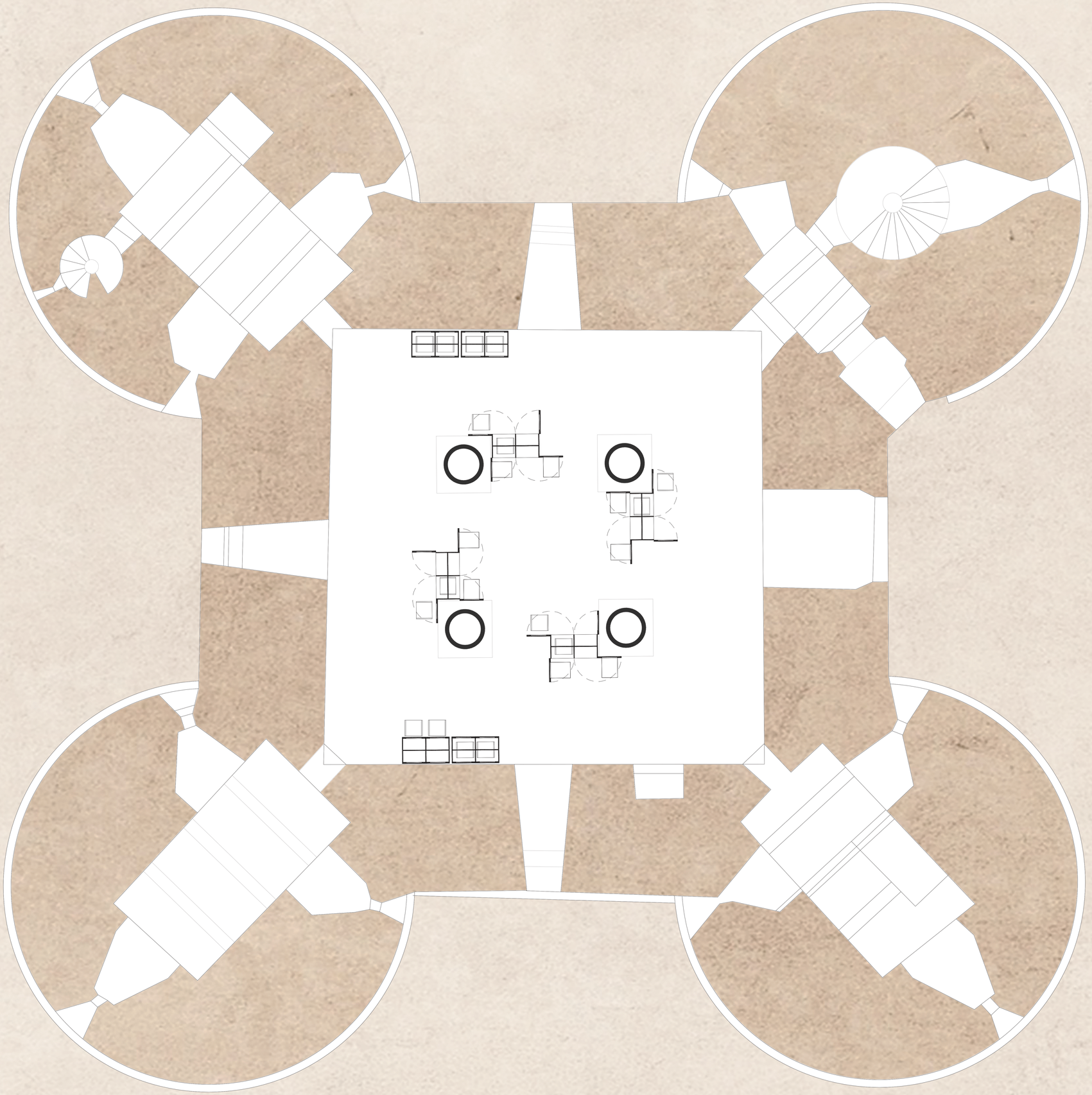


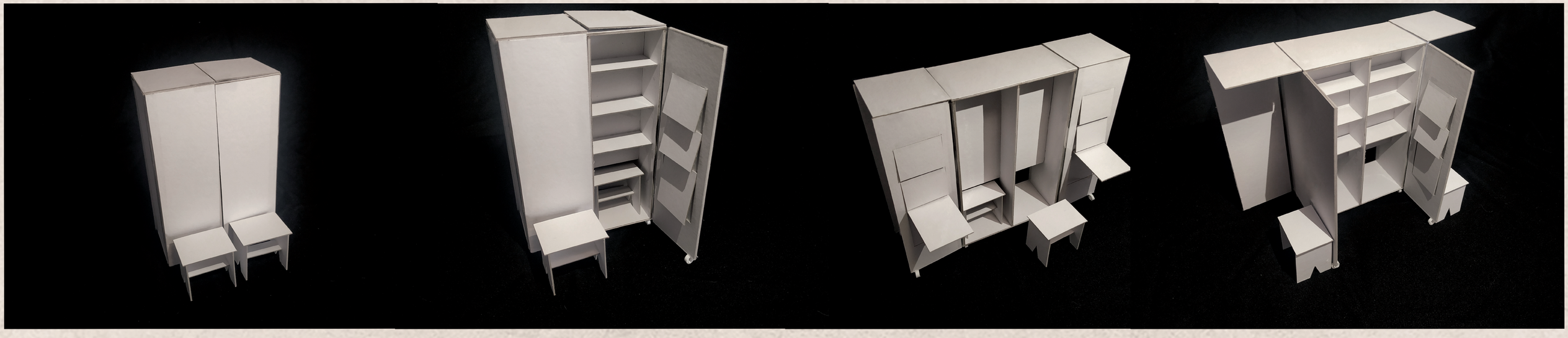

1,8


1,84
1,8

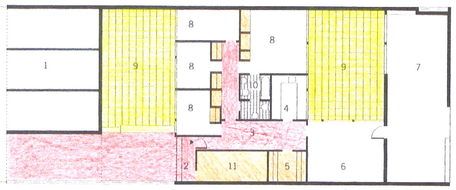

2,4


0,5
0,6



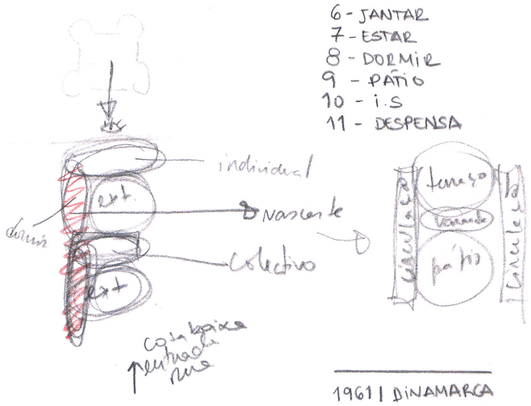






- CIRCULAÇÃO
- PÁTIO
- ARRUMAÇÃO

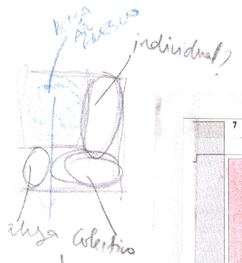
1 - ESTACIONAMENTO
2 - ENTRADA
3 - CORREDOR
4 - COZINHA
5 - ARMÁRIO
6 - JANTAR
7 - ESTAR
8 - DORMIR
9 - PÁTIO
10 - I.S
11 - DESPENSA

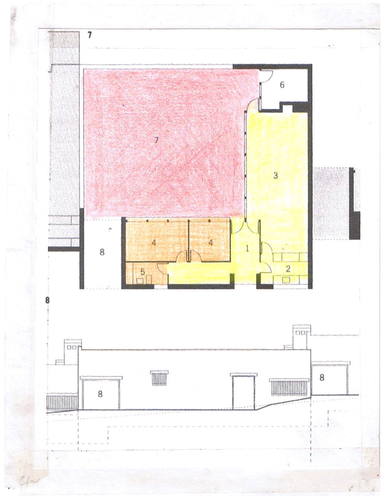


1961 | DINAMARCA
BELLEVUE BAY FLATS AND HOUSES
ARNE JACOBSEN

1:200 N

1963 | DINAMARCA
BAKKEDRAGET HOUSING
JØRN UTZON

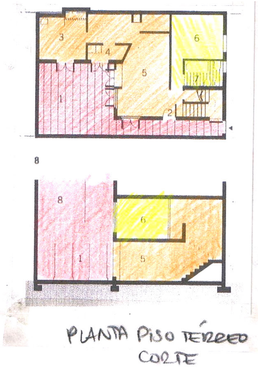




- PÁTIO
- INDIVIDUAL
- COLECTIVO

1 - ENTRADA
2 - COZINHA
3 - ESTAR
4 - DORMIR
5 - I.S
6 - ESTUDAR
7 - PÁTIO
8 - GARAGEM





PLANTA PISO TÉRREO
CORTE

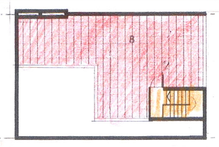
1 - PÁTIO
2 - ENTRADA
3 - COZINHA
4 - LAVANDARIA
5 - ESTAR
6 - DORMIR
7 - I.S
8 - TERRAÇO

- EXTERIOR
- COLECTIVO
- INDIVIDUAL

1977 | ÉVORA
QUINTA DA MALAGUEIRA
SIZA VIEIRA
TIPO B - PÁTIO P/ TRASEIRAS



3 VARIAÇÕES PISO 1



PISO TERRAÇO (PISO 2)

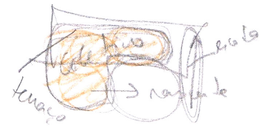


PLANTA PISO TÉRREO
CORTE

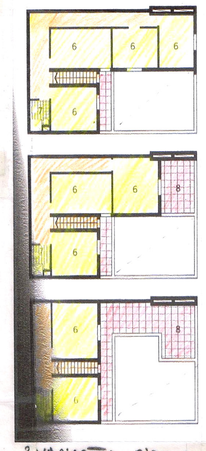
1 - PÁTIO
2 - ENTRADA
3 - COZINHA
4 - LAVANDARIA
5 - ESTAR
6 - DORMIR
7 - I.S
8 - TERRAÇO



- EXTERIOR
- COLECTIVO
- INDIVIDUAL



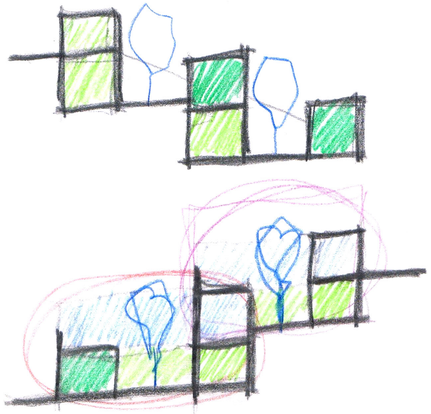
1977 | ÉVORA
QUINTA DA MALAGUEIRA
SIZA VIEIRA
TIPO A - PÁTIO À FRENTE

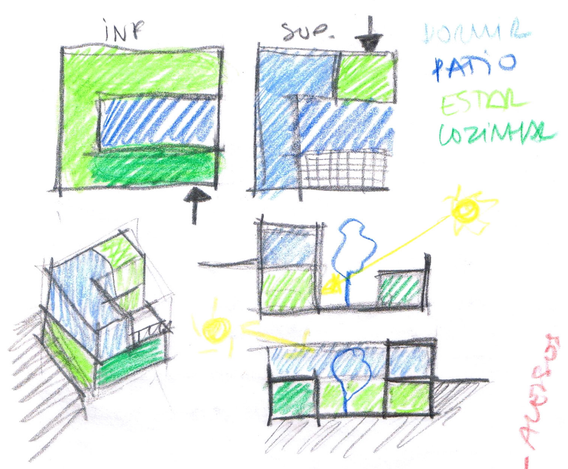


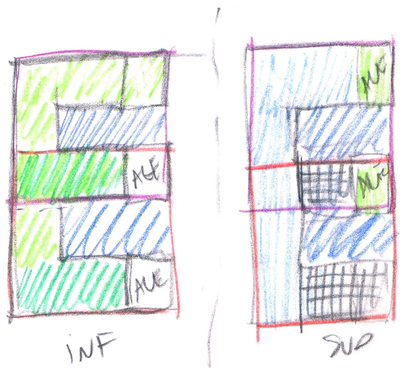
3 VARIAÇÕES PISO 1

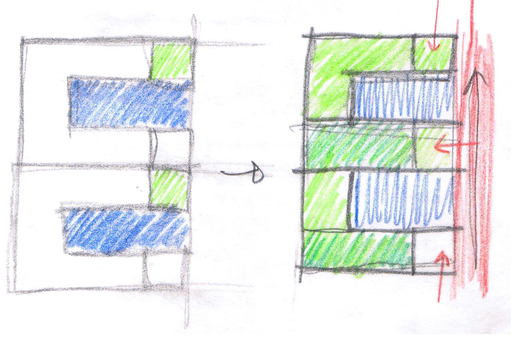


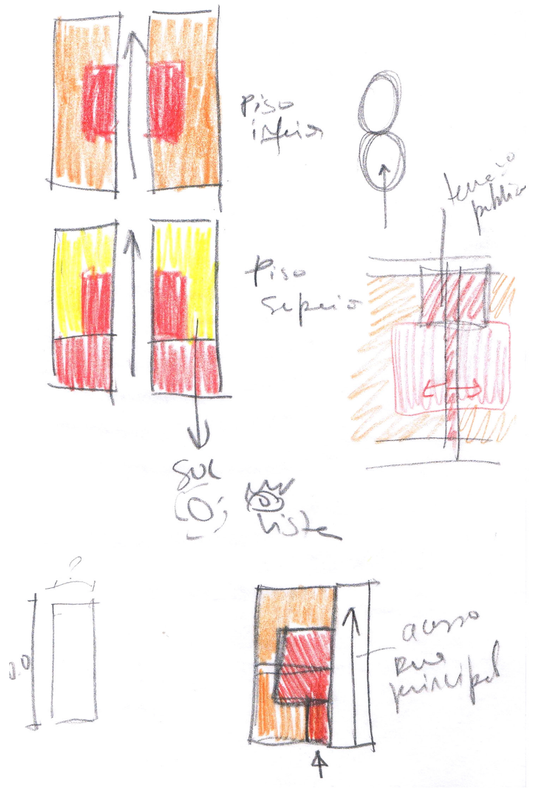
PISO TERRAÇO (PISO 2)

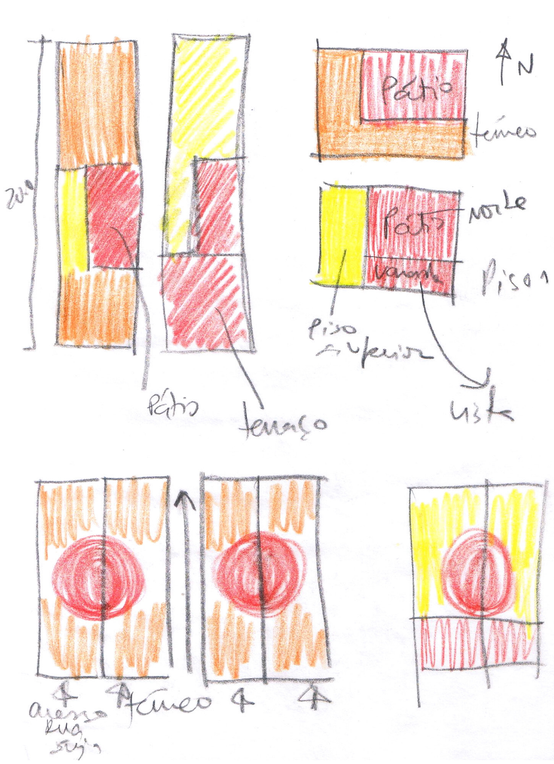


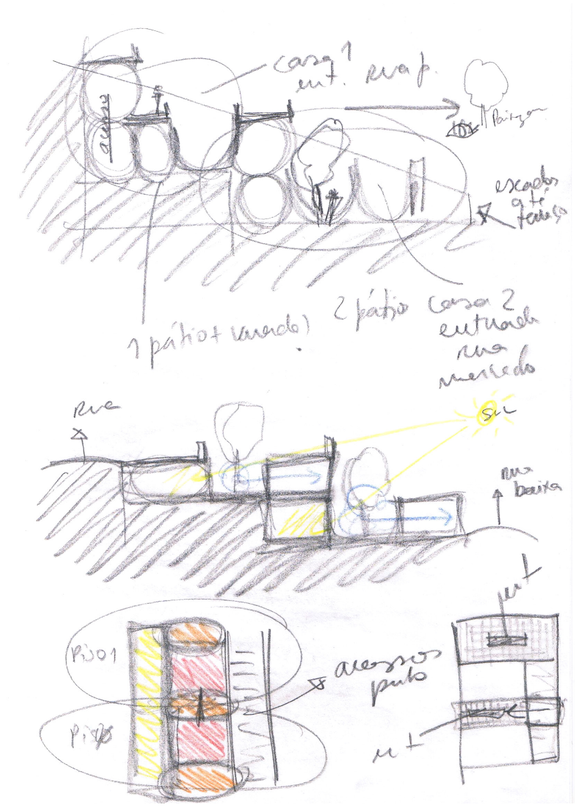


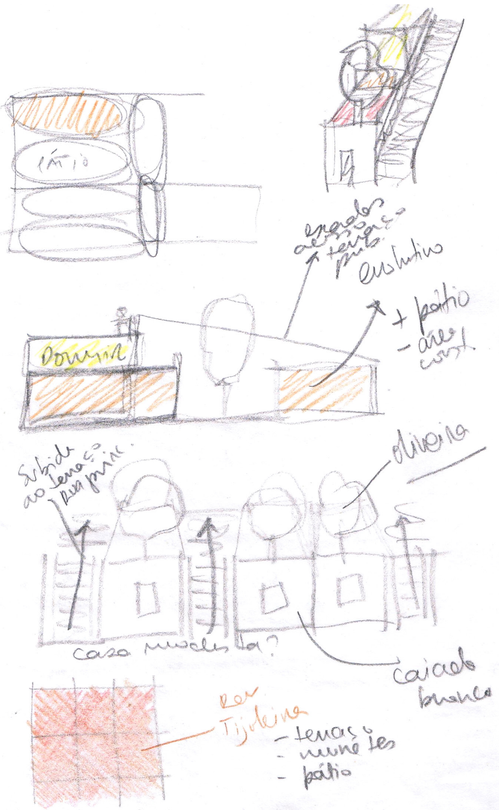


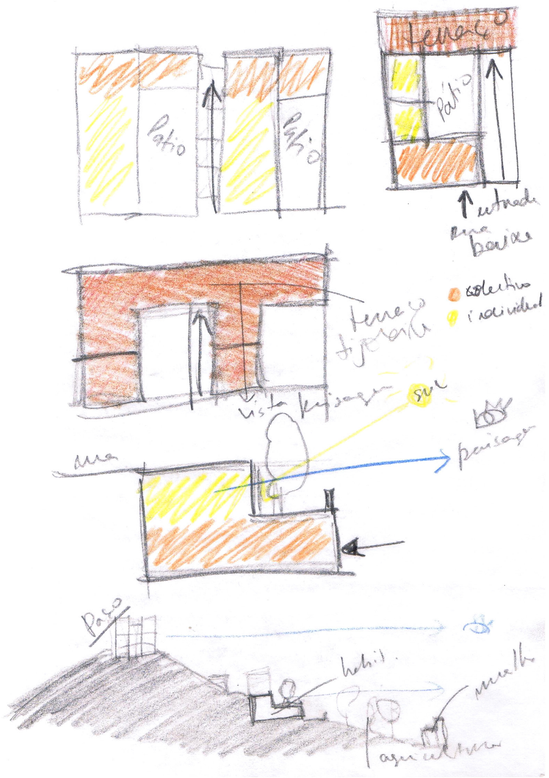


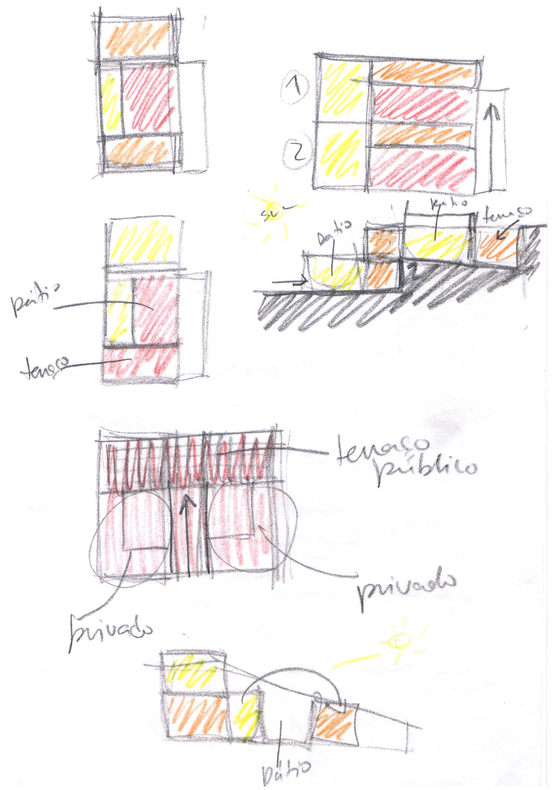


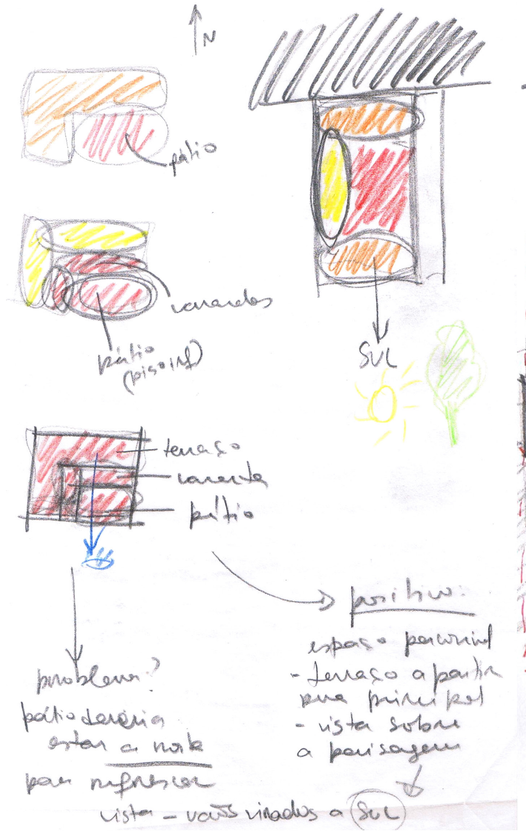


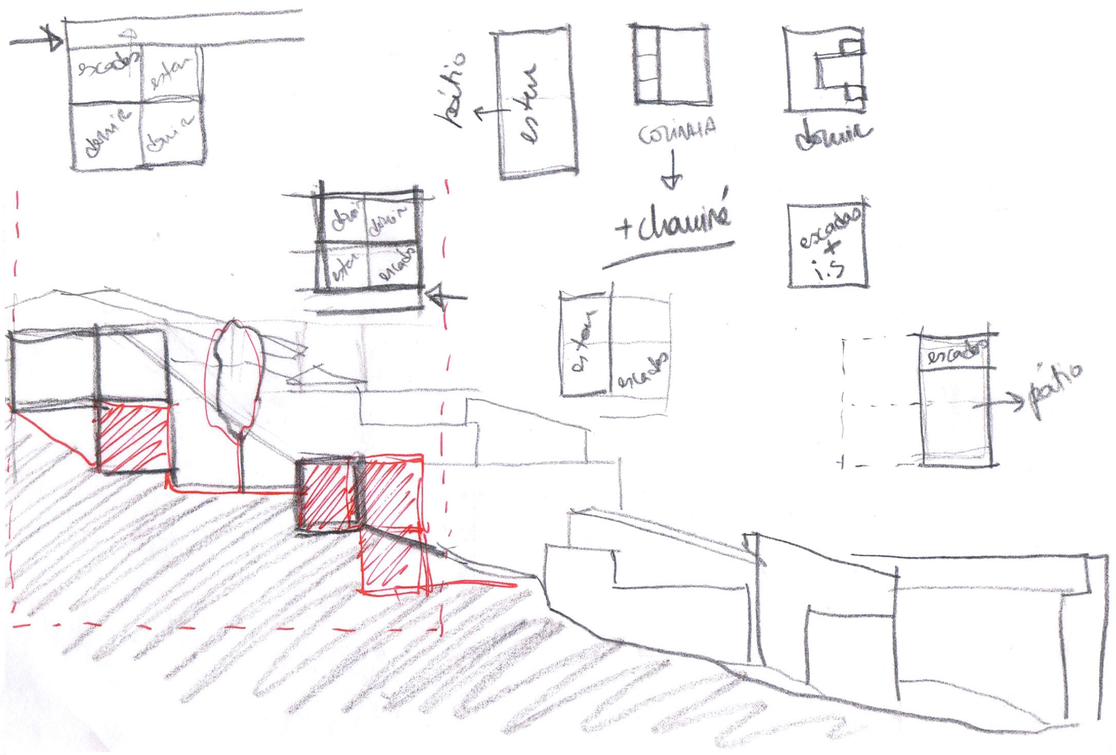

casa? ent? rua?
escadas
1 pátio (virado)
2 pátio
casa 2 entrada rua mercado
rua
sul
rua baixa
piso 1
piso 0
acesso pátio

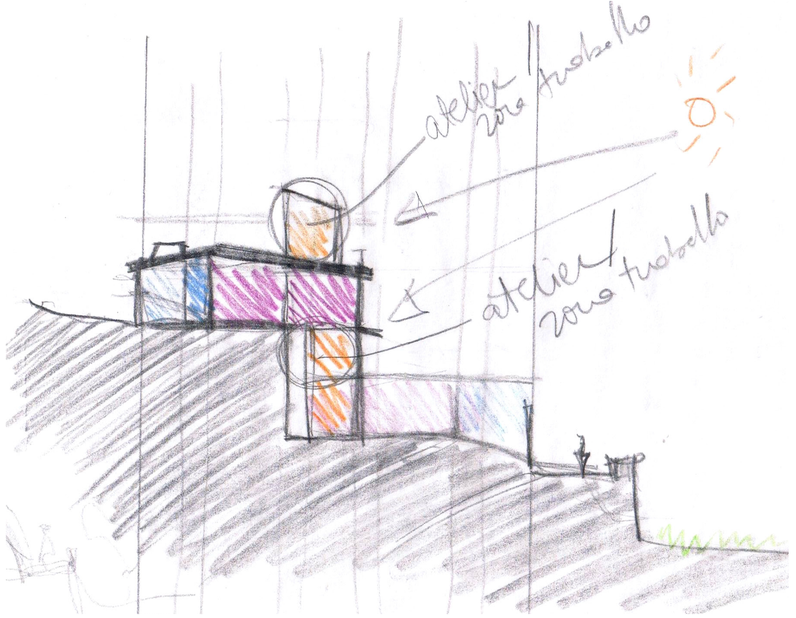

rua
escadas acesso terraço público
exclusivo
+ pátio
- área const.
domínio
salubridade terraços públicos
oliveira
casa muralha?
caixade branco
RAR
Tipologia
- terraços
- muralhas
- pátio

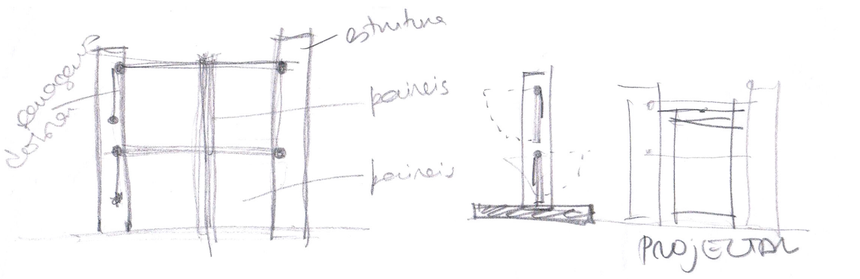

pátio
terraço
pátio
terraço tipologia
exclusivo
individual
vista paisagem
sul
rua
paisagem
passo
habit.
muralha
área cultivo


1
2
sul
pátio
terraço
pátio
terraço
terraço público
privados
privados
pátio

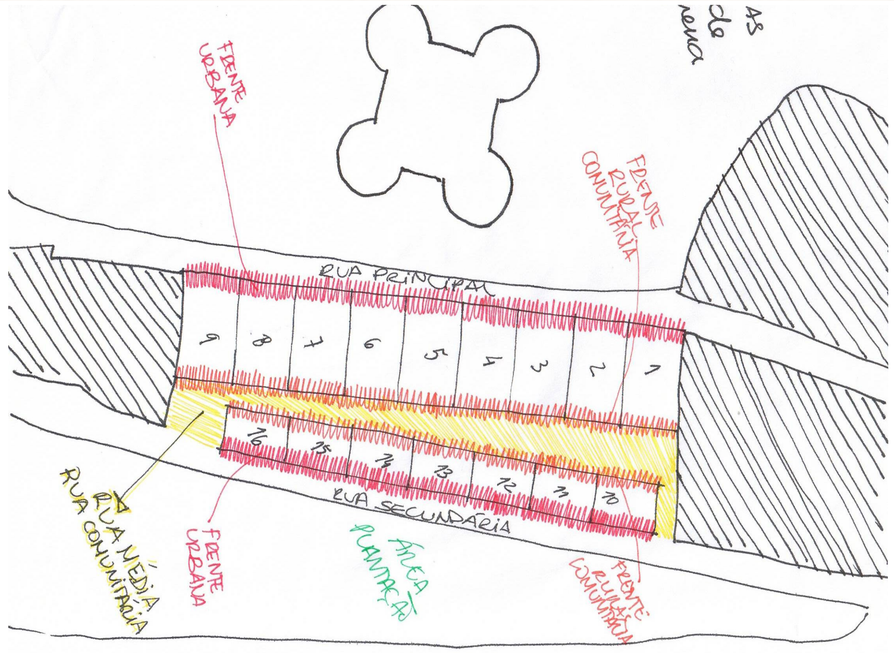

N
pátio
varandas
pátio (piso 1)
sul
terraço
varanda
pátio
problema?
pátio de cheia
estar a norte
para rentabilizar
vistas - vãos virados a sul
positivo:
espaço panorâmico
- terraço a partir
rua principal
- vista sobre
a paisagem

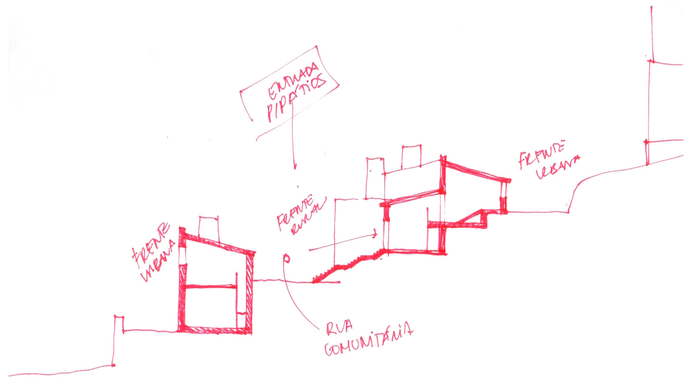

escadas
estar
dormir
dormir
pátio
estar
COZINHA
+ chaminé
dormir
escadas + i.s
dormir
estar
escadas
escadas
pátio

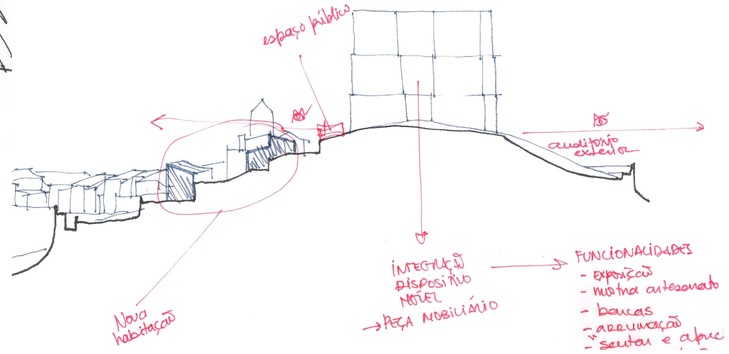

atelier zona trabalho
atelier zona trabalho

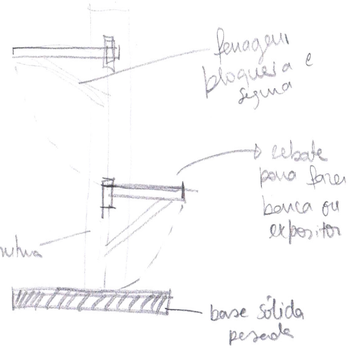


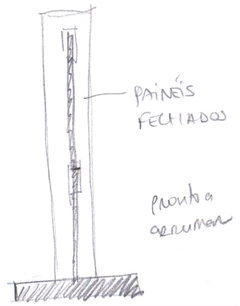


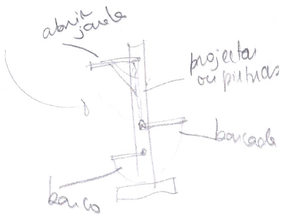




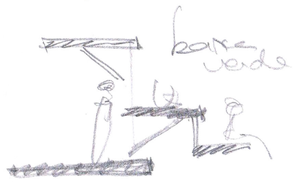




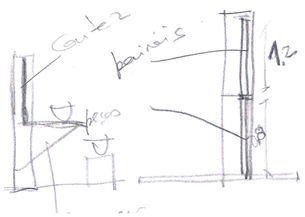


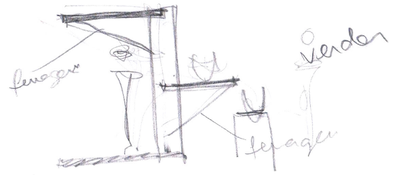


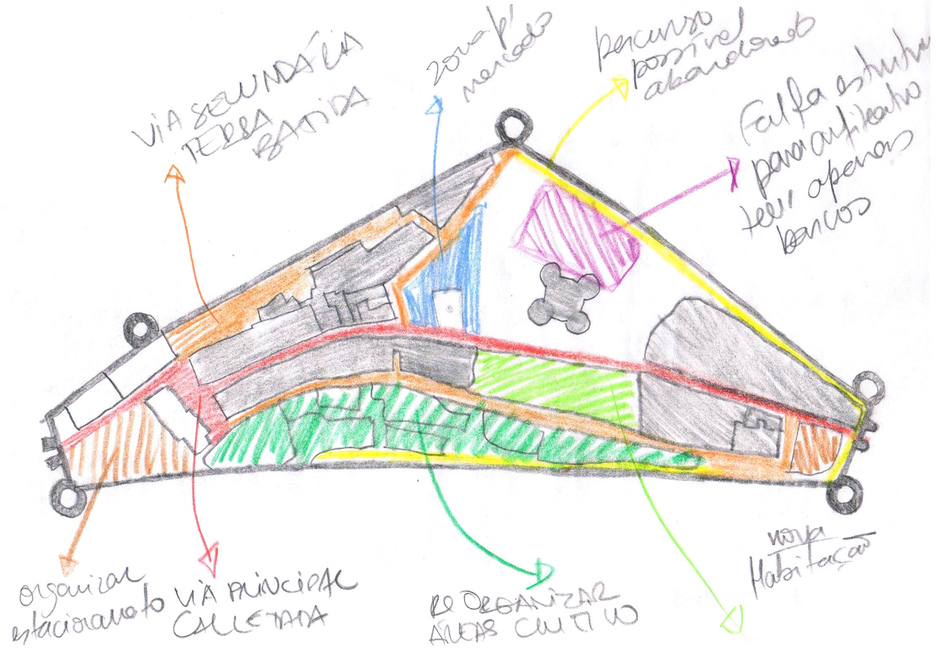
- venda de produtos (encerados / peças artesanato)
- expositor de peças - museu
- exposições de pintura
- projeções

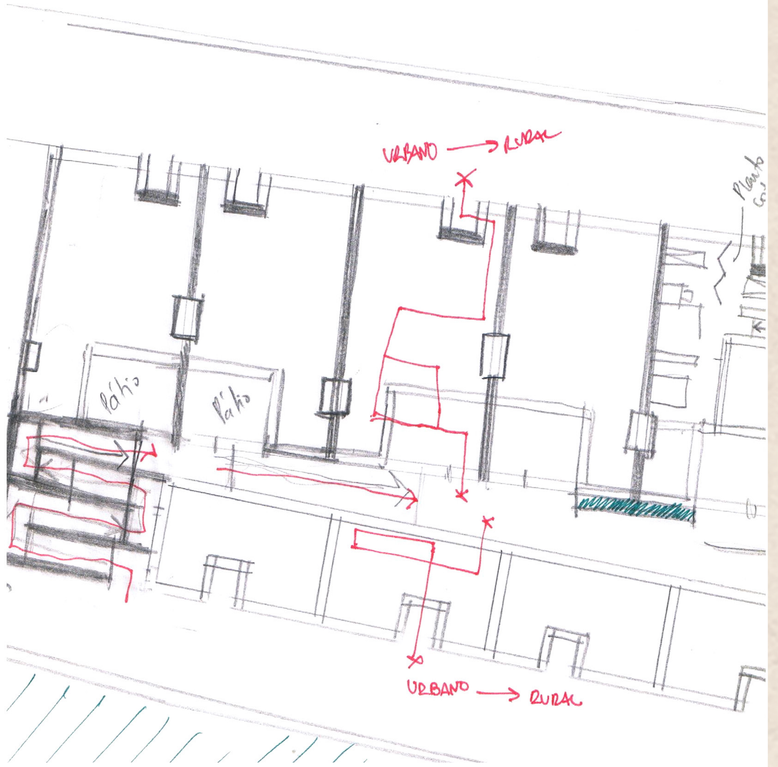




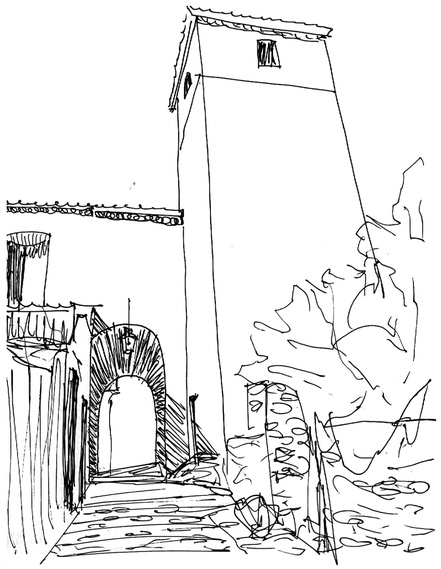








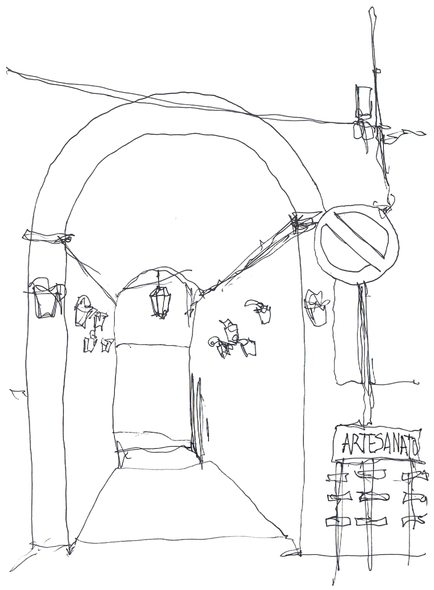











ARTESANATO







